

abehache

Revista da Associação Brasileira de Hispanistas

3 2012
2º semestre

Endereço eletrônico: revista.abh@gmail.com

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

abehache: revista da Associação Brasileira de Hispanistas – v. 1, n. 1 (2011) -
. – São Paulo: ABH, 2011-.

Semestral.

Versão eletrônica.

ISSN 2238-3026

1. Língua espanhola. 2. Literatura espanhola. 3. Literatura hispano-
americana. 4. Países de língua espanhola – cultura e história. I. Associação
Brasileira de Hispanistas.

CDD 460
860



abehache

Revista da Associação Brasileira de Hispanistas
ano 2 - nº 3 - 2º semestre 2012

Diretoria da ABH (2012-2014)

Presidente: Luciana Maria Almeida de Freitas (UFF)

Vice-presidente: Elzimar Goettenauer de Marins Costa (UFMG)

Primeiro Secretário: Renato Pazos Vazquez (UFRRJ)

Segunda Secretária: Graciela Alicia Foglia (Unifesp)

Primeiro Tesoureiro: Antonio Francisco de Andrade Júnior (UFRJ)

Segunda Tesoureira: Andrea Silva Ponte (UFS)

Conselho Editorial

| | |
|---------------------------|---|
| Ana Maria Camblong | Univ. Nacional de Misiones, Argentina |
| Azucena Palacios | U. Autónoma de Madrid, Espanha |
| Bernard Sicot | Université Paris X – Nanterre, França |
| Elisa Amorim | UFMG, Brasil |
| Enrique Foffani | Univ. Nacional de Rosario, Argentina |
| Heloísa Pezza Cintrão | USP, Brasil |
| Jens Andermann | Universität Zürich |
| Jorge Diaz Cintas | Imperial College London, Reino Unido |
| José Carlos Sebe Meihy | USP, Brasil |
| José Ribamar Bessa Freire | UERJ / UNIRIO, Brasil |
| Julio Pimentel Pinto | USP, Brasil |
| Julio Rodríguez Puértolas | U. Autónoma de Madrid, Espanha |
| María Elena Placencia | Birkbeck, University of London, Reino Unido |
| Mirta Groppi | USP, Brasil |
| Oscar Diaz Fouces | Universidad de Vigo, Espanha |
| Pablo Rocca | Univ. de la República, Uruguai |
| Pablo Vila | University of Temple, EUA |
| Patricia Willson | El Colegio de México, México |
| Raquel Macchiucci | Univ. Nac. de La Plata, Argentina |
| Silvia Cárcamo de Arcuri | UFRJ, Brasil |
| Silvina Montrul | Univ. de Illinois, EUA |
| Susana Romano Sued | Univ. Nacional de Córdoba, Argentina |
| Susana Zanetti | Univ. Nac. de La Plata / UBA, Argentina |
| Vera Sant'Anna | UERJ, Brasil |
| Virginia Unamuno | Conicet, Argentina |
| Viviana Gelado | UFF, Brasil |
| Walter Carlos Costa | UFSC, Brasil |

Comissão Editorial

Ana Cecilia Olmos (USP)
Angélica Karim Garcia Simão (UNESP / SJRP)
Elzimar Goettenauer Costa (UFMG)
Graciela Alicia Foglia (Unifesp)
Ivan Rodrigues Martin (UNIFESP)
Leticia Rebollo Couto (UFRJ)
María Teresa Celada (USP)
Mario M. González (Coordenador) (USP)
Pablo Gasparini (USP)
Paulo Antônio Pinheiro Correa (UFF)
Xoán Lagares (UFF)

Revisão: Leticia Carniello

Revisão de abstracts: Daniela Ioná Brianuzzi

Edição eletrônica: Helena Rodrigues

Sumário

Apresentação / Presentación 7

Dossiê: O ensino da Tradução Português/Espanhol

La enseñanza de la Traducción Portugués/Español

- Desafios ao Ensino da Tradução 13
Cristina Carneiro Rodrigues
- Alguns elementos para uma didática da tradução de conteúdos para a internet 25
Oscar Diaz Fouces
- Desempenho de bilíngues e estudantes: pistas sobre a tradução português < > espanhol e seu ensino 51
Heloísa Cintrão

Entrevistas

- Com Adriana Carina Camacho Álvarez 75
por Angélica Karim Garcia Simão
- Com Eduardo Brandão 79
por Angélica Karim Garcia Simão e Laura Janina Hosiasson
- Com Maria Franca Zucarello, presidente do Sindicato Nacional de Tradutores 87
por Angélica Karim Garcia Simão

Varia

- Los subtítulos y la subtitulación en la clase de lengua extranjera 95
Jorge Diaz Cintas
- Entre lenguas extranjeras: entre el hábito y la sospecha 115
Fabiola Fernández Adechedera
- *Portuñol*, sujeito e sentido: efeitos de uma política educacional em *Noite nu norte* 127
Sara dos Santos Mota
- O filme *Tropa de Elite* em espanhol: a questão da tradução dos palavrões 145
Marileide Dias Esqueda
- La representación del poder en el teatro de Pedro Calderón de la Barca 163
Julio Juan Ruiz
- El *software* libre en el sector de la traducción 177
José Manuel Manteca Merino

- Tecnologias da tradução no trabalho de tradutores jurídicos/juramentados:
estudo de caso 191
Bruna Macedo de Oliveira

Resenhas

- Oscar Diaz Fouces (editor): *Olhares & Miradas: reflexiones sobre la traducción portugués-español y su didáctica* 209
Paulo Antonio Pinheiro Correa
- Mempo Giardinelli: *Voltar a ler: propostas para ser uma nação de leitores* 215
Flávia Krauss
- Amparo Hurtado Albir: *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología* 219
Leila Cristina de Melo Darin
- Elisa Calvo Encinas et alii: *La traductología actual: nuevas vías de investigación* 223
en la disciplina
Érika Nogueira de Andrade Stupiello
- Covadonga Fouces González: *La traducción literaria y la globalización de los mercados culturales* 227
Lauro Maia Amorim
- Luizete Guimarães Barros; Eva Christina Orzechowski Dias: *Língua Espanhola V: Fonética e fonologia*. Luizete Guimarães Barros et alii: *Língua Espanhola VI* 231
Mônica Ferreira Mayrink O'Kuinghttons

Quarta capa

- “Traduzir-se”, poema de Ferreira Gullar. Tradutores: Alfredo Fresia,
Mario Cámara e Paloma Vidal 235

Apresentação

O terceiro número da Revista *abehache* propõe, predominantemente, um refletir em torno dos pressupostos que norteiam o ensino da Tradução, abrangendo as múltiplas facetas dessa disciplina. Considerando seu caráter interdisciplinar, procurou-se trazer à tona a complexidade inerente aos fenômenos culturais, literários, cognitivos e linguísticos relacionados à formação de tradutores e intérpretes. Os textos desta edição nos oferecem um panorama dos desafios que o ensino da Tradução impõe ao contexto de formação de profissionais, bem como as (im)possibilidades que a práxis tradutória coloca em vigor diariamente àqueles que a exercem como ofício. Nessa perspectiva, na seção “Dossiê” são postos em debate temas que ora retomam perspectivas historicamente recorrentes na esfera da tradução, como o tradicional antagonismo entre teoria e prática tradutórias, bem como a atual e presente contribuição das novas mídias e recursos informáticos para o campo da pesquisa e da atuação profissional. O texto de Cristina Carneiro Rodrigues salienta o importante papel que os tradutores e a tradução tiveram na história e que continuam tendo na contemporaneidade, embora nem sempre a sociedade o reconheça. A autora faz um histórico sobre os cursos para formar tradutores que se desenvolveram no Brasil, em nível de graduação e pós-graduação, e dos estudos científicos na área, apontando para a escassez de trabalhos voltados para o campo do ensino. No contexto peninsular, o trabalho de Oscar Diaz Fouces atenta para a expansão pela qual a configuração acadêmica dos cursos de Tradução passou no final do século XX e início do XXI. O autor enfatiza a possibilidade de se trabalhar aspectos formativos de natureza diversa a partir da internet, para lançar o que, segundo ele, pode conformar os conteúdos basilares para uma formação de tradutores voltada para a prática profissional. Já em contexto brasileiro, o último texto que integra o dossiê, de autoria de Heloísa Cintrão, retoma a perspectiva cognitiva e parte do desenvolvimento da competência tradutória para analisar dados relacionados tanto ao processo de elaboração como ao produto final dessa atividade, visando contribuir, assim, para uma melhor compreensão do processo de aprendizagem da Tradução e de suas implicações para o ensino. A autora demonstra como os estudos empíricos podem auxiliar o entendimento do processo tradutório e avançar no que concerne ao par linguístico português/espanhol.

Compõem também o presente número três entrevistas diretamente relacionadas com o tema do dossiê: “Do fascínio da tradução”, com a tradutora-intérprete Adriana Carina Camacho Álvarez, que trata, além de outros temas,

da satisfação e das implicações que a especificidade da tradução do par linguístico português/espanhol apresenta para este profissional; “De leitores e tradutores”, com o tradutor Eduardo Brandão, que revela sua perspectiva sobre os papéis que autores (criadores) e tradutores desempenham diante do texto original; e, por fim, “Tradução e mercado de trabalho”, com a atual presidente do SINTRA - Sindicato Nacional dos Tradutores, Maria Franca Zuccarello, que além de tratar das questões de mercado, aborda também aspectos da formação profissional. Na seção “Varia” apresentamos importantes contribuições de artigos relacionados não só ao campo da tradução, mas também dos estudos literários e linguísticos.

As resenhas que integram esta edição situam o leitor em um movimento retroativo com respeito aos Estudos da Tradução, ao atualizar a importância de clássicos contemporâneos da área, como o livro *Traducción y Traductología*, de Amparo Hurtado Albir, ao mesmo tempo em que amplia os novos horizontes de pesquisa e ensino da disciplina, incluindo os mercados globalizados e lançando olhares específicos para a didática da tradução do par linguístico português/espanhol. Também compõem a seção resenhas sobre obras que tratam de ensino e leitura. Fecham o número o poema *Traduzir-se*, de Ferreira Gullar, e sua versão em espanhol feita por Paloma Vidal; com o dizer da poesia retomamos os grandes dilemas da tarefa do tradutor.

Comissão Editorial

Presentación

El tercer número de la Revista *abehache* propone fundamentalmente una reflexión en torno a los presupuestos que orientan la enseñanza de la Traducción abarcando las múltiples facetas de la disciplina. Considerando su carácter interdisciplinario, se procuró traer a luz la complejidad inherente a los fenómenos culturales, literarios, cognitivos y lingüísticos relacionados con la formación de traductores e intérpretes. Los textos de esta edición nos ofrecen un panorama de los desafíos que la enseñanza de la Traducción impone al contexto de formación de profesionales, así como también de las (im)posibilidades que la praxis traductora activa diariamente en quienes la ejercen como oficio. En esta perspectiva, en la sección “Dossier” se ponen en debate temas que o bien retoman perspectivas históricamente recurrentes en la esfera de la traducción, como la tradicional oposición entre teoría y práctica traductoras, o bien se centran en la actual y presente contribución de los nuevos medios y recursos informáticos para el campo de la investigación y de la actuación profesional. El texto de Cristina Carneiro Rodrigues pone de relieve el importante papel que los traductores y la traducción tuvieron en la historia y que continúan teniendo en la contemporaneidad, aunque no siempre la sociedad lo reconozca. La autora hace un historial de las carreras de Traducción desarrolladas en Brasil, en los niveles de grado y posgrado, y de la producción científica en el área, señalando la escasez de trabajos específicos en el campo de la enseñanza. En el contexto peninsular, el trabajo de Oscar Diaz Fouces pone el foco en la expansión por la cual la configuración académica de las carreras de Traducción pasó a fines del siglo XX y principios del XXI. El autor destaca la posibilidad de trabajar aspectos formativos de diversa naturaleza a partir de la internet, para plantear lo que, según él, puede conformar los contenidos basilares para una formación de traductores volcada a la práctica profesional. Por su parte, en contexto brasileño, el último texto que integra el dossier, de autoría de Heloísa Cintrão, retoma la perspectiva cognitiva y parte del desarrollo de la competencia traductora para analizar datos relacionados tanto con el proceso de elaboración como con el producto final de esa actividad, procurando así contribuir a una mejor comprensión del proceso de aprendizaje de la Traducción y de sus implicaciones en la enseñanza. La autora muestra cómo los estudios empíricos pueden favorecer la comprensión del proceso traductor y avanzar en lo que concierne al par lingüístico portugués/español.

Componen también el presente número tres entrevistas directamente relacionadas con el tema del dossier: “*Do fascínio da tradução*”, con la traductora-

intérprete Adriana Carina Camacho Álvarez, quien trata, además de otros temas, la satisfacción y las implicaciones que la especificidad de la traducción del par lingüístico portugués/español presenta al profesional; “*De leitores e tradutores*”, con el traductor Eduardo Brandão, quien revela su perspectiva sobre los papeles que autores (creadores) y traductores desempeñan ante el texto original; y por último, “*Tradução e mercado de trabalho*”, con la actual presidente del SINTRA – *Sindicato Nacional dos Tradutores*, Maria Franca Zuccarello, que además de tratar las cuestiones de mercado, aborda también aspectos de la formación profesional. En la sección “Varia” presentamos importantes contribuciones de artículos relacionados no solo con el campo de la traducción sino también con los estudios literarios y lingüísticos.

Las reseñas que integran esta edición sitúan al lector en un movimiento retroactivo con respecto a los Estudios de la Traducción al actualizar la importancia de clásicos contemporáneos del área, como el libro *Traducción y Traductología*, de Amparo Hurtado Albir, al mismo tiempo en que amplía los nuevos horizontes de investigación y enseñanza de la disciplina, incluyendo los mercados globalizados y dirigiendo una mirada específica a la didáctica de la traducción del par lingüístico portugués/español. También componen la sección reseñas sobre obras que tratan de enseñanza y lectura. Cierran el número el poema *Traduzir-se*, de Ferreira Gullar, y su versión en español realizada por Paloma Vidal; con el decir de la poesía retomamos los grandes dilemas de la tarea del traductor.

Comisión Editorial

Dossiê

O ensino da tradução Português/Espanhol

La enseñanza de la traducción Portugués/Español

Desafios ao Ensino da Tradução

Cristina Carneiro Rodrigues¹

Resumo: O objetivo deste artigo é examinar desafios ao ensino da tradução, especialmente no contexto da disciplina teoria da tradução, iniciando pela crença em sua impossibilidade. Outros tópicos enfocados são o adágio italiano *traduttori, traditori*, a oposição entre teoria e prática, a noção de que o tradutor não deve interferir em seu trabalho e a sacralização do texto original.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; ensino da tradução; infidelidade; impossibilidade.

Abstract: This paper aims to examine some challenges to translation training, particularly in the context of the discipline of translation theory, starting with the belief in its impossibility. Other topics focused are the Italian adage *traduttori, traditori*, the opposition between theory and practice, the notion that the translator should not interfere in his/her work and the sacralization of the original text.

Keywords: Translation Studies; translation training; infidelity; impossibility.

A destruição da torre de Babel, com a instituição da diversidade linguística, tornou a tradução necessária. Seu papel relevante na construção das diversas culturas e sociedades pode ser confirmado apenas com a leitura do sumário do livro *Os tradutores na história* (DELISLE, J.; WOODSWORTH, J., 1998). Nele há a indicação de que tradutores se envolveram na criação de alfabetos e de dicionários, trabalharam para o desenvolvimento e estabelecimento de línguas vernáculas, contribuíram para a emergência de literaturas nacionais,

¹ Doutora – Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Unesp/ São José do Rio Preto. cristina@ibilce.unesp.br

ajudaram na disseminação do conhecimento pelo mundo, relacionaram-se com a difusão de várias religiões e com a transmissão de valores culturais. Tradutores foram censurados, mas também integraram estruturas de poder e vincularam-se a movimentos culturais, ideológicos e religiosos. No entanto, não é exatamente a ideia de que seja uma atividade social importante, ou uma tarefa intelectual, a que se dissemina pela sociedade. É comum escutarmos que poesia é o que se perde na tradução, que ler uma tradução é como beijar uma mulher através de um véu, ou olhar o avesso de um tapete, que a tradução é um mal necessário, que tradutores são infiéis, assim como outros tantos clichês inferiorizando a tradução. Instaure-se um paradoxo, especialmente em uma sociedade como a nossa, altamente dependente da tradução para o comércio, serviços e industrialização de bens, em que somos bombardeados pela tradução a cada dia.

A noção de que a tradução é uma atividade secundária talvez seja uma herança do século XVIII. O Romantismo, ao celebrar o individualismo e enfatizar o pensamento de que a força criativa é livre, concebe o autor como gênio criador e inferioriza qualquer atividade que toque em sua obra. E a tradução, por um lado, foi rebaixada ao nível de mera transmissão de informação, pois se um gênio único criou uma obra, um tradutor não poderia ombreá-lo, por outro lado, considerada esta uma atividade mecânica, exercida por qualquer um que soubesse línguas estrangeiras.²

Os conflitos mundiais da primeira metade do século XX tornaram a tradução mais necessária que nunca, tanto para fins bélicos, quanto para a manutenção de alianças e ampliação de mercados consumidores. Para atender à demanda, muito se investiu na tradução automática, mas também instaurou-se a preocupação com a formação de tradutores preparados para essa tarefa. No Brasil, ela se manifestou no final da década de 1960. O primeiro curso de graduação para a formação de tradutores foi criado na PUC-RJ, em 1968, depois foi o da UnB, o da Ibero-Americana em 1976, o da Unesp-Rio Preto em 1978 e outros tantos na década de 1980. A inserção acadêmica da tradução em cursos de graduação e a necessidade de titulação dos professores dos cursos de graduação, acabou por gerar demanda por formação de docentes. Em um primeiro mo-

² O Romantismo alemão, como descrito por Berman (1984), não adere às ideias que se disseminam nos demais países europeus. Esse autor analisou o pensamento alemão sobre tradução na Alemanha romântica e clássica e examinou como, em um contexto, coloca-se a ameaça do estrangeiro, porque pode significar a perda do próprio; em outro, a abertura ao estrangeiro como modo de acessar o próprio. Para Berman, os alemães baseavam-se na noção de que, quanto mais uma comunidade se abre ao outro, mais ela tem acesso a si mesma.

mento, nos anos 80, foram criados cursos de especialização. Em um segundo momento, instituiu-se a pós-graduação *stricto sensu*, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unicamp, em 1986, que tinha a tradução como área de concentração. Hoje vários programas de pós-graduação têm Estudos da Tradução como linha de pesquisa e há três programas em Estudos da Tradução, um na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), um na Universidade de São Paulo (USP) e um na Universidade Federal de Brasília (UnB).

A produção de teses e dissertações sobre tradução por pesquisadores vinculados a universidades brasileiras foi mapeada por Pagano e Vaconcellos (2003), tomando como base os resumos de trabalhos defendidos no Brasil e no exterior até o início de 2001, publicados em CD-ROM (PAGANO et al., 2001), registrando 93 defesas de mestrado e doutorado no período pesquisado (de 1987 a 2001). Ainda que eu avalie que foi apenas a partir de 2000 que a pesquisa em tradução efetivamente se institucionalizou nos programas de pós-graduação brasileiros, o número fornecido pelas autoras é significativo: havia pesquisa em tradução sendo amplamente desenvolvida no Brasil, em diversas instituições de ensino superior, pelo menos desde 1987.

No entanto, não se pode estender a afirmação para a pesquisa sobre o ensino da tradução, pois nenhum trabalho armazenado no CD-ROM (PAGANO et al., 2001) tem “ensino” como palavra-chave. O III Encontro Nacional de Tradutores, realizado em agosto de 1987 tinha como tema “O ensino da tradução”, e a conferência de abertura, proferida por Francis Henrik Aubert, da USP, intitulou-se “A pesquisa no ensino da tradução”. No texto publicado nos Anais do evento, o pesquisador aborda algumas “carências na área de formação de tradutores no Brasil” (AUBERT, 1989: 12) e, no final, pergunta: “e onde fica o título desta conferência?” (p. 15). Sua resposta conclama os pesquisadores vinculados aos cursos de tradução a refletir sobre a questão: “fica na evidência de que, apesar de suas limitações e de seus percalços, as instituições universitárias que abrigam cursos de tradução têm, neste conjunto de tarefas a ser executadas, um papel fundamental” (p. 15). No âmbito desses cursos deveria “ser desenvolvida a pesquisa pedagógica, ser produzidos os materiais de apoio e a investigação metodológica”. Trata-se de uma conclamação para um futuro, pois dos 31 textos publicados nos Anais do evento, apenas cinco, incluindo o de Aubert, abordavam especificamente o tema “ensino da tradução”.

O ensino não volta a ser o principal foco de Encontros Nacionais posteriores, mas os encontros de 1998, de 2004 e de 2009 contemplaram a formação do tradutor como áreas temáticas.³ Duas, das principais revistas da área dedi-

³ O tema do Encontro de 2004 foi Mídia, tradução e ensino, ou seja, seu papel foi secundário.

caram números especiais ao ensino da tradução: a *TradTerm*, em 1997, e a *Cadernos de Tradução*, em 2006. Aparentemente, temos, com esses dados, debates e material disponível sobre o tópico, como preconizado por Aubert (1989). Entretanto, não é o que efetivamente ocorre no cenário nacional. Se examinarmos a bibliografia selecionada por Pagano e Vasconcellos (2006) no final do número de *Cadernos de Tradução*, verificaremos que a maior parte das indicações é de autores do exterior: dos 57 itens selecionados, apenas sete são de pesquisadores que atuam no Brasil, alguns com contribuições em inglês. Além dessa grande quantidade de material circulando no exterior, há uma publicação específica sobre o assunto, a ITT, *The Interpreter and translator trainer* [O formador do intérprete e do tradutor], lançada em 2007 pela St. Jerome com o objetivo de disponibilizar para a comunidade de interessados na formação de tradutores um fórum de discussão. Outros periódicos, como *Meta* e *Translation and Interpreting Studies* [Estudos da Tradução e da Interpretação] ofereceram números especiais sobre o assunto. O próximo número de *Translation and Interpreting Studies* [Estudos da Tradução e da Interpretação], que circulará em 2013, tem como tema “New Trends in Translation and Interpreting Pedagogy” [Novas tendências para a pedagogia da tradução e da interpretação].

Podemos, é claro, nos nutrir das pesquisas e das experiências vindas do exterior. Mas é necessário ter em mente que a tradução é uma atividade contextualizada, assim como seu ensino. Temos, aqui, especificidades que não partilhamos com outros países. Por exemplo, quando Judith Woodsworth, da Universidade Mount Saint Vincent, Canadá, esteve no Brasil em 1998, ficou muito surpresa quando soube que nossos currículos incluíam ensino de língua portuguesa. Hans Vermeer, da Universidade de Heidelberg, estranhou trabalharmos em sala de aula com tradução de textos jornalísticos. Além disso, a implementação do Protocolo de Bolonha nas universidades europeias teve impacto na estruturação de cursos de tradução, como informa Presas (2012). Essas particularidades mantêm atuais as palavras de Aubert (1989: 13), ao rememorar a criação dos cursos de tradução no Brasil: “a busca de apoio na literatura estrangeira, razoavelmente alentada, esbarrou na constatação de que nossas peculiaridades socioculturais, de legislação etc., impediam uma transposição tranquila dos modelos que vingaram em outras latitudes”. O “acúmulo de vivências” e o compartilhamento de experiências geraram muito do que foi publicado e discutido nesses últimos anos, mas, com raras exceções, as contribuições sobre o ensino da tradução são esporádicas nas carreiras dos pesquisadores.

Tentou-se, em 1999, um estreitamento de laços entre cursos de graduação para a formação de tradutores no que se denominou I Reunião dos Cursos da Região Centro-Sul. Estiveram presentes docentes de nove universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, que discutiram, naquele primeiro momento, as

grades curriculares dos cursos.⁴ Não houve, entretanto, outro encontro. Grades curriculares e estratégias para as disciplinas de prática de tradução são os temas mais abordados na literatura sobre o ensino – pouco material há, publicado, sobre disciplinas teóricas nos cursos de tradução. O objetivo deste artigo é colocar esse tópico em pauta, depois de mais de vinte anos de docência de teoria(s) da tradução, não como uma receita a ser seguida, mas para chamar a atenção para alguns entraves ao ensino da tradução.

Na bibliografia fornecida por Pagano e Vasconcellos (2006) há apenas dois livros de pesquisadores nacionais, um escrito por Fábio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano (2000), outro por eles organizado (2005), que tentam associar conhecimentos teóricos ao ensino da tradução. Esse último, *Competência em tradução* (PAGANO et al., 2005), busca o desenvolvimento de um enfoque cognitivo-discursivo que seja aplicado na formação de tradutores e tem pesquisadores como público leitor. O primeiro, *Traduzir com autonomia*, volta-se tanto para o professor quanto para o aluno e funda-se na “ideia de levar o tradutor em formação a desenvolver estratégias de tradução”, para “conscientizá-lo da complexidade do processo tradutório e da necessidade de monitorar suas ações e examinar com cuidado as decisões tomadas ao longo do processo tradutório” (ALVES et al., 2000: 7). O primeiro item do livro é dedicado à discussão de cinco, das mais comuns “crenças sobre a tradução e o tradutor”. Algumas delas foram comentadas por Aubert (1989: 13), que as caracteriza como “crendices e preconceitos”, e como “obstáculos à nossa ação teórica, pedagógica e profissional, bem como à interação entre teóricos, professores e artesãos da tradução”.

Desde que *Traduzir com autonomia* foi lançado, em 2000, até 2009, eu apliquei a atividade sugerida no primeiro capítulo, pedindo aos alunos da disciplina Teorias da Tradução I, ministrada no segundo ano do curso do Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, para dizer se concordavam ou não com as crenças arroladas. Paradoxalmente, 10% dos alunos concordam que a tradução seja um dom, uma arte reservada a uns poucos; acrescentando os 5% que não têm opinião formada a respeito, há uma percentagem de 15% dos alunos que acreditam que o ensino da tradução é – ou pode ser – dispensável. Essa noção de que o tradutor é predestinado relaciona-se intimamente ao que alguns pensam que seja o papel

⁴ A reunião ocorreu durante o XLVII Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL), e a ela compareceram representantes da Unaerp (Ribeirão Preto), da Unip (Ribeirão Preto), da Unorp (São José do Rio Preto), da Universidade de Franca, da Universidade do Sagrado Coração (Bauru), da Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha (Marília), da PUC-Rio, da Universidade de Ribeirão Preto e da Unesp (São José do Rio Preto).

da teoria: fornecer macetes e dicas. Se eles já têm o dom, o conhecimento de certas técnicas apenas faria com que estivessem melhor instrumentalizados para exercer a profissão para a qual nasceram.

A questão da impossibilidade do ensino da tradução não é novidade junto à comunidade em geral, mas surpreende que ronde o discurso de muitos tradutores, professores e pesquisadores de muitas partes do mundo. Mark Shuttleworth (2001), da Universidade de Leeds, Reino Unido, resume esse discurso do senso comum, ao afirmar que, para muitos, “o tradutor nasce feito, não se forma [*translators are supposed to be born, not made*]” (p. 498). Hörster (1997), professora da Universidade de Coimbra, afirma, em artigo sobre o ensino da tradução, que “as primeiras perguntas que talvez se devam colocar são as seguintes: será que têm sentido cursos de tradução no quadro institucional de universidades? Será que é possível ensinar a traduzir?” (p.48-49). Por trás dessas duas questões, vejo outra: será que a inserção da tradução no contexto universitário é legítima?

Essa legitimidade não é contestada por pesquisadores nacionais da área, que já conta com três programas de pós-graduação. Mas pesquisadores de outras áreas recebem com certo estranhamento a informação de que minha linha de pesquisa é Estudos da Tradução. Certamente compartilham a crença de que tradução não se ensina, ou duvidam de sua validade enquanto objeto de pesquisa.

Outras concepções do senso comum também são aceitas acriticamente como verdadeiras pelos alunos do curso de tradução. Surpreendentemente muitos alunos concordam com a afirmação responsável por muito do descrédito com que a tradução é encarada: 29% dos alunos concordam que o tradutor é um traidor. A mesma porcentagem não tem opinião formada a respeito. Apenas 42% dos alunos discorda do adágio italiano *traduttori, traditori*. Em sua análise, Alves et al. (2000) consideram essa crença relacionada a teorias que disseminavam a ideia de que a tradução envolvia transposição automática de uma língua para outra e que haveria uma ideal, perfeita, mas que os estudos realizados a partir dos anos 80 têm contribuído para sua contestação. Para Aubert (1989), a transformação, ou a reinterpretação seria a própria justificativa da tradução, e o texto “original” já seria uma “traição” em relação à intenção comunicativa de seu emissor. No meu entender, “traição” está relacionada a culpa, a deslealdade, a dissimulação. Aparentemente, os alunos que concordam com essa crença não estão aplicando esses atributos a si mesmos – estão apontando como veem os outros, os tradutores dos livros que leem e dos filmes a que assistem. Em outras palavras, é como concebem os futuros colegas de profissão, demonstrando que, diferentemente do que Alves et al. (2000) apontam, a comunidade continua a desqualificar o tradutor.

Mas a crença que tem implicações mais danosas não está no livro nem é comentada por Aubert (1989): é o de que a teoria é um conjunto de regras que governam uma prática. Os alunos esperam que um curso de teoria da tradução forneça fórmulas para eles aplicarem nas aulas de prática. Os questionários que peço aos alunos responderem inclui uma pergunta sobre suas expectativas a respeito da disciplina. Grande parte das respostas gira em torno dos seguintes tópicos:

- a) fornecer regras de como a tradução deve ser feita;
- b) dar instruções sobre como proceder e como resolver problemas;
- c) esclarecer dúvidas;
- d) dizer o que a tradução realmente é e como deve ser feita;
- e) informar qual é o verdadeiro papel do tradutor.

Subjacente a essas expectativas está a ideia de que bastaria conhecer uma técnica e ter bons dicionários para se traduzir. Isso apenas retoma o discurso que rebaixa o tradutor a um mero aplicador de regras, seguidor de receitas, que embasa a baixa remuneração de seu trabalho. É um discurso que, sem se darem conta, os alunos endossam, quando esperam que a teoria da tradução forneça uma técnica de aplicação fácil e imediata em seu trabalho. Com isso, o que se perde é que o papel da teoria é estabelecer relações, é produzir um corpo de reflexões que permitam estabelecer os contornos de seu objeto.

E o mais divertido de estudar as teorias da tradução é justamente verificar como esse objeto muda de acordo com a época e com o ângulo pelo qual é observado. Um primeiro olhar para a história da tradução já permite vislumbrar a profusão de práticas que foram, ao longo do tempo, chamadas de “tradução”. Entre os romanos, por exemplo, traduzir fazia parte do processo de enriquecimento da literatura e da língua latinas. Como os tradutores estavam mais interessados em evidenciar, para leitores bilíngues, que a língua latina era tão expressiva quanto a grega, a qualidade de seu trabalho era julgada de acordo com sua habilidade em imitar o modelo grego. Nos séculos XV e XVI, recontar, adaptar, imitar, traduzir são os verbos utilizados por Kelly (1979) para descrever o que se fazia na época. Folena (1991) observa que a prática do período pode ser relacionada à emulação adotada pelos romanos, pois também significava trazer um texto de uma língua e uma cultura de prestígio – a latina – para línguas que buscam sua autonomia – as línguas vernáculas.

De acordo com Susan Bassnett (1980), no século XVI, a tradução foi considerada, na Inglaterra, parte da vida intelectual, e o tradutor era visto como um ativista revolucionário, não como servo de um autor ou de um texto origi-

nal. Os tradutores por ela mencionados buscavam causar impacto direto sobre os leitores contemporâneos, adotando uma prática domesticadora, nos termos de Venuti (1995, 2002). Trata-se de uma prática etnocêntrica, nos termos de Berman (1984), e praticada na França nos séculos XVII e XVIII, época em que os tradutores tendiam a apagar referências consideradas pouco condizentes com a sociedade francesa da época.

É ao estudar a prática da tradução no Romantismo que os alunos tomam contato com a sacralização do texto original promovida pelos seguidores desta escola e que perdura até hoje. A história pode ser uma entrada para a diversidade, para a abertura de horizontes e possibilidades. E para o abandono de expectativas de que a teoria forneça esquemas, métodos para governar a prática ou que forneça respostas definitivas sobre o que é traduzir.

Abre-se também um caminho para o questionamento da oposição entre teoria e prática, pois verifica-se que, ao longo da história, os tradutores agiam de acordo com o que a intelectualidade da época pensava. Essa dicotomia também aflora nas respostas dos alunos aos meus questionários. Para alguns, a teoria teria um caráter científico e objetivo, de difícil aprendizagem porque muito abstrata. Outros manifestaram desagrado diante de uma disciplina “teórica”, por esperarem algo chato, desagradável, complicado, enfim, “muita falação que não leva a nada”.

Quental (1995), em pesquisa que fez com alunos e professores de cursos de tradução brasileiros, também identificou a oposição entre teoria e prática, não só entre os alunos, mas também entre os professores de prática de tradução. Enquanto, para os alunos, a teoria da tradução seria algo “estranho e misterioso (um dos alunos refere-se aos outros cursos, em contraposição ao de teoria, como ‘aulas de tradução normais’)”, os professores fariam “questão de ressaltar o caráter ‘essencialmente prático’ da tradução e de relativizar o papel da teoria tanto no ensino quanto no exercício da profissão” (QUENTAL, 1995: 39). Na análise da autora, a oposição poderia levar ao extremo de se concluir que a prática não exige reflexão e que a teoria não se soluciona.

Como há um estreito vínculo entre as concepções de tradução veiculadas em sala de aula, a noção de saber e o papel do professor no processo de aprendizagem do aluno, o fato de professores de prática minimizarem o papel da teoria reforça a oposição, fortalecida também pela própria subdivisão das disciplinas nos currículos, muitas vezes ministradas por professores de diferentes departamentos. E, em geral, com concepções muito diferentes do que seja “tradução”. Essa diversidade de pressupostos, em minha avaliação, não é um entrave. Pelo contrário, apenas auxilia nas aulas teóricas, porque permite que os alunos entendam, “na prática”, o caráter plural das teorias da tradução e pode desencadear uma outra prática, a de fazer as traduções de acordo com as concepções dos diferentes professores, antecipando o que provavelmente te-

rão que fazer no futuro: direcionar seus trabalhos de acordo com as orientações dos clientes, ou com os objetivos da tarefa. Ou pode estimular um outro movimento, o de aprender a justificar suas escolhas.

Mas, o principal, no meu entender, é perceber que a lógica das dicotomias é uma lógica da repressão em que um dos termos é sempre colocado como exterior ou inferior ao outro. Questioná-la significa examinar como as oposições são redutoras e como não conseguem explicar as relações que se estabelecem entre os supostos polos das dicotomias. E isso acaba por envolver a análise da polarização entre texto original e tradução. Tradicionalmente, o texto original, ou o texto-fonte, como é chamado em alguns círculos, seria privilegiado, enquanto a tradução seria secundária e derivativa, quiçá impossível. A literatura sobre tradução, de modo geral, até o final dos anos 70, ou é prescritiva, ou marcada pelo signo da intraduzibilidade. De Dolet a Nida, passando por Tytler, encontramos séries de regras para se produzir uma boa tradução.

A literatura contemporânea sobre tradução subleva-se contra essas concepções redutoras e normativas, e contra a unidirecionalidade que orientava as análises de textos, evidenciando que há diálogo entre o texto de partida e o traduzido, que os valores vigentes na cultura que produz a tradução contaminam de várias formas a prática, ou seja, exercem importante papel na relação que o tradutor estabelece com o texto de partida e a tradução.

Traduzir é um processo complexo que envolve muitos desafios. Para concluir, vou retomar cinco, que se constituem, em minha avaliação, os maiores. Lidar com esses desafios à formação de tradutores é também questionar alguns pensamentos arraigados em nossa comunidade.

O primeiro deles é a sacralização do texto original, ou a “crendice” que Aubert (1989: 13) menciona de que “o primeiro dever de fidelidade é para com o original”. Esse autor observa que o original não é “obra ditada por alguma divindade” e, muitas vezes, apresenta erros ou inadequações de vários tipos. Mas nem é só esse o problema, pois essa crença vem sendo questionada por várias correntes teóricas de diferentes maneiras. Weininger (2009: xxi) resume as concepções dos funcionalistas alemães, afirmando que, para eles, desde os anos 70 “a função do texto traduzido determina as decisões tradutórias, decididamente ‘destronando’ o texto original da sua posição dominante”. Toury (1980) chega a afirmar que a tradução é questão relevante apenas para a cultura alvo. Nem todos os descritivistas endossam essa colocação, mas todos partilham a noção de que a tradução não é texto secundário, derivado, é parte da cultura que a produz, operando o deslocamento dos estudos dessa linha do chamado texto original para a cultura que produz a tradução. Como no caso das demais oposições, o que se coloca para o pensamento pós-moderno é que há uma passagem, uma relação entre os dois polos supostamente opostos, ou seja, nem o original seria uma fonte transparente que carregaria a plenitude de um sentido

intencional, nem a tradução seria inferior a ele, porque também sujeita a interpretação.

Uma segunda questão diz respeito ao sujeito tradutor. A tradição considera que “o tradutor é mero instrumento de transporte e de soluções, devendo ocultar-se, isto é, desaparecer para deixar transparecer o autor original” (MITTMANN, 2003: 33). Como analisa Arrojo (1986: 12-13), ao fazermos essa analogia, “assumiremos que sua função, meramente mecânica, se restringe a garantir que a carga chegue intacta ao seu destino”. Aceitar o papel de transportador significa eximi-lo de qualquer responsabilidade pelo que faz e justificar o baixo salário que recebe.

João Azenha Jr. (1997: 7), na “Apresentação” do número sobre ensino da revista *TradTerm* afirma que são grandes as “transformações ocorridas no ensino da tradução nesses últimos quinze anos”. Dois seriam os elementos que desencadearam essas transformações: a mudança da metodologia de ensino de língua estrangeira e a consciência da especificidade da tradução enquanto “trânsito entre culturas, através de línguas, *mediado por um sujeito*” (p.7, grifos meus). Stupiello (2006: 138) lembra que as soluções para as traduções “são motivadas pelo sujeito-tradutor, por suas pressuposições a respeito do texto que traduz”, concepção que confere autoconfiança ao aprendiz e que é importante para seu percurso em direção à “capacitação de um profissional consciente de seu papel e sem receio de assumir, com responsabilidade, sua função de recriador do texto traduzido”.

O terceiro desafio é enfrentar a relação entre teoria e prática. Considero que devemos preservar, na formação do aluno, um espaço para a reflexão – um espaço que trabalhe as relações entre a teoria e a prática não como dicotômicas, mas como complementares. Esse é o espaço para questionar o senso comum de que haveria uma prática sem uma teoria que a conduza e de que o real, o concreto, é a prática. Há sempre alguma teoria orientando a prática, não de fora ou de cima, mas de seu interior. A análise de uma tradução revela uma orientação teórica, uma concepção de tradução, uma delimitação do objeto. No entanto, Ottoni (1997: 131) alerta que “a dicotomia teoria e prática se concretiza e se fortalece uma vez que a tradução e o ensino de línguas partem de uma linguística que prevê a relação entre língua materna e a língua estrangeira enquanto um confronto”.

O quarto ponto é a pecha de infidelidade do tradutor. Como não há uma única leitura possível para cada texto, muitos consideram como erradas interpretações diferentes das suas quando oferecidas pelas traduções. Erro é uma categoria muito difícil de definir, tanto que Aubert (1993: 82) chega até a instituir duas categorias, “erros e falhas NA tradução” e “erros DE tradução”, mas alerta para a complexidade de estabelecer uma delimitação estável entre o aceitável e o inaceitável. É conveniente lembrar que “uma série recorrente de ‘er-

ros' apontam para um padrão que é a expressão de uma estratégia" (LEFEVERE, 1992: 97).

Por fim, retorno à tese da impossibilidade da tradução ou de seu ensino. Lemos, na tradução de um livro publicado originalmente em 1963, que "a atividade de tradução suscita um problema teórico para a linguística contemporânea" e que, se aceitarmos as teses correntes, "seremos levados a afirmar que a tradução deveria ser impossível" (MOUNIN, 1963, p. 19). No entanto, esse mesmo autor que chega a dizer que a existência da tradução "constitui o escândalo da linguística contemporânea" (p. 19), informa que seu ensino vem sendo praticado desde a "Escola de Toledo (século XII)" (p. 21).

Referências bibliográficas

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução*. São Paulo: Ática, 1986.

ALVES, Fábio et al. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

AUBERT, Francis Henrik. A pesquisa no ensino da tradução. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 3, 1987, Porto Alegre. O ensino da tradução: Anais do... Porto Alegre, UFRGS, 1989.

_____. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

AZENHA JR., João. Apresentação. *TradTerm*, v. 4, n.1, p. 7-9, 1997.

BASSNETT, Susan. *Translation studies*. London: Methuen, 1980.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

FOLENA, Gianfranco. *Volgarizzare e tradurre*. Torino: Giulio Einaudi, 1991.

HÖRSTER, Maria António Ferreira. A cadeira de tradução alemão-português I (língua comum): apontamentos didáticos. *TradTerm*, v. 4, n. 1, p. 47-68, 1997.

KELLY, Louis G. *The true interpreter: a history of translation theory and practice in the West*. New York: St. Martin's, 1979.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. London: Routledge, 1992.

- MITTMAN, Solange. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise de reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.
- OTTONI, Paulo Roberto. O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução. *TradTerm*, v. 4, n. 1, p. 125-139, 1997.
- QUENTAL, Raffaella de Filippis. A dicotomia tradicional teoria/prática no ensino de tradução. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 26, jan.-jul., p. 37-48, 1995.
- PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. *D.E.L.T.A.*, v. 19, n. esp., p. 1-25, 2003.
- _____; _____. Bibliografia selecionada. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 239-246, 2006.
- _____. et al. *Estudos da Tradução no Brasil / Translation Studies in Brazil*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2001. 1 CD-ROM.
- _____. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- PRESAS, Marisa. **Training translators in the European higher education area: a model for evaluating learning outcomes**. *The Interpreter and Translator Trainer (ITT)*, v. 6, n. 2, p. 138-69, 2012.
- SHUTTLEWORTH, Mark. The rôle of theory in translator training: some observations about syllabus design. *Meta*, v. 46, n. 3, p. 497-506, 2001.
- STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. O ideal e o real no ensino universitário da tradução. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 129-139, 2006.
- TOURY, Gideon. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: Porter Institute, 1980.
- VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.
- _____. *Os escândalos da tradução*. Trad. Valéria Biondo et al., Bauru: Edusc, 2002.
- WEININGER, Markus J. "Estrela guia ou utopia inalcançável: uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução". In: _____ et al. (Ed.). *A escola tradutológica de Leipzig*. Frankfurt: Peter Lang, 2009. p. xix-xxviii.

Alguns elementos para uma didática da tradução de conteúdos para a internet

Oscar Diaz Fouces¹

Resumo: O autor apresenta alguns conteúdos para “alimentar” a formação de tradutores/localizadores de páginas e *sites* da internet: língua-cultura, tecnologia e gestão de projetos.

Palavras-chave: localização, tradução, internet, *sites*, formação

Abstract: The author presents some content to feed the training of translators/localizers of webpages and websites: language-culture, technology and project management.

Keywords: localization; translation; Internet; sites; training.

“The medium is the message”
Marshall McLuhan

1. Introdução

A configuração acadêmica dos cursos relacionados com os Estudos sobre a Tradução experimentou, nos últimos anos do século XX e nestes primeiros anos do século XXI, uma extraordinária expansão. Podemos apontar dois responsáveis, com base em nossa experiência mais imediata. Diremos, por exemplo, que, na Espanha, antes contávamos com apenas dois centros que ofere-

¹ Doutor. Universidade de Vigo. fouces@uvigo.es

ciam cursos universitários de tradução do nível mais básico (*diplomaturas* de três anos) agora dispomos de mais de trinta centros de Ensino Superior com graduações (quatro anos), pós-graduações e mestrados (um ou dois anos) e doutoramentos nessa área. E diremos também que a base de dados BITRA da Universitat d'Alacant, compilou até 53 mil referências bibliográficas correspondentes a estudos no nosso campo – no âmbito internacional (http://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en). São dados que demonstram e que podem ser um bom indício do grau de maturidade que a área vem atingindo.

Não é por acaso que essa expansão está relacionada com o processo de globalização a que tem sido submetida a economia nos últimos tempos e que trouxe consigo a necessidade premente de incorporar nos processos e nos produtos um autêntico “exército” de fornecedores de serviços linguísticos. Por outro lado, as circunstâncias tecnológicas com que esse contingente de profissionais deve lidar agora têm muito a ver com os novos suportes para a informação, em que os formatos digitais são, certamente, hegemônicos. A formação de tradutores não ficou à margem desta realidade, e passou a incorporar, não apenas nos cursos mais específicos de pós-graduação, como também nas próprias graduações, as habilitações correspondentes.

Do nosso ponto de vista, a tradução de conteúdos para a internet (páginas e *sites*) é um âmbito especialmente fascinante para trabalhar de modo simultâneo com aspetos formativos de natureza diferente, embora todos eles estejam relacionados com a prática profissional. Nos próximos parágrafos tentaremos apresentar alguns dos elementos basilares para “alimentar” com conteúdos um programa de formação de tradutores nesta área.

2. Língua(s) e cultura(s)

É habitual designarmos a prática profissional que envolve a tradução de conteúdos digitais – *sites* da internet, programas informáticos (*softwares*), *videogames*... – bem como a adaptação cultural deles com o nome de *Localização* (do inglês *Localization*, abreviado habitualmente como L10N). Para a *Localization Industry Standards Association* (LISA)², “*Localization involves taking a product and making it linguistically and culturally appropriate to the target locale (country/region and language) where it will be used and sold.*”

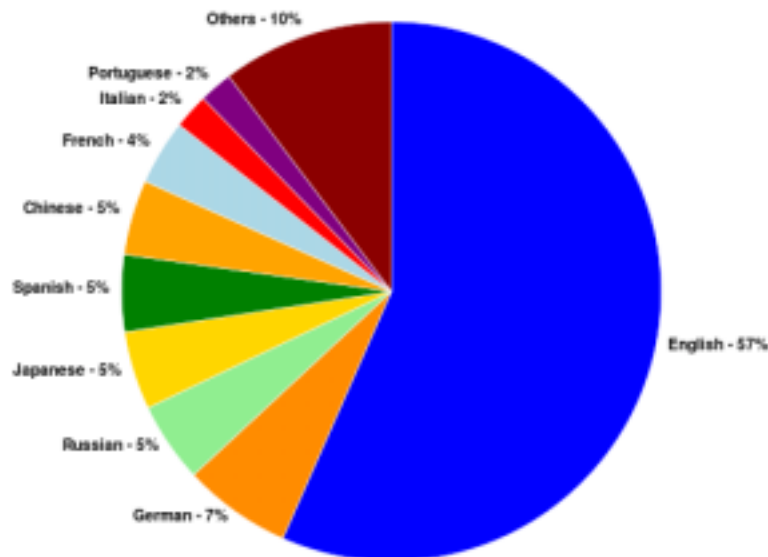
Mata Pastor (2005: 189) sintetiza com estas palavras os conteúdos que os processos de localização envolvem:

² Todas as citações de LISA foram retiradas de <http://www.aolti.com/helplocalization.asp>

(...) la traducción, entendida como trasvase interlingüístico e intercultural, constituye sólo un eslabón más de un proceso, el de la localización, extraordinariamente complejo, en el que se superponen a tareas de índole lingüística (traducción, gestión de terminología, elaboración de guías de estilo, etc.) otras propias de la programación y la ingeniería informática, el tratamiento y diseño gráfico o multimedia, la gestión de proyectos, el marketing o la venta, entre otras áreas.

Agora, diremos también que LISA definía a Internacionalização (sobre a qual depois voltaremos) deste modo: *“Internationalization is the process of generalizing a product so that it can handle multiple languages and cultural conventions without the need for re-design. Internationalization takes place at the level of program design and document development.”*

A dimensão mais óbvia da localização tem a ver com as línguas de trabalho envolvidas. Uma característica especialmente interessante da localização de conteúdos para a internet, que a distingue dos outros casos que antes citamos, é a dimensão multilíngue real que ela possui. Com efeito, enquanto a maior parte dos programas informáticos de propósito geral, bem como de *video games*, têm o inglês como língua de partida, a internet continua a ser linguisticamente plural, embora a presença do inglês seja também hegemônica. Segundo os dados para 2011 da *W3Techs.com* (http://w3techs.com/technologies/overview/content_language/all), a distribuição para 31 de maio de 2011 era esta:



Língua para os conteúdos da internet³

³ http://en.wikipedia.org/wiki/Languages_used_on_the_Internet#cite_note-UofCLBW-3

Por outro lado, como já indicamos em outro lugar (DIAZ FOUQUES, 2012; cf. também PIMIENTA; PRADO; BLANCO, 2009), será preciso levar em conta um fator essencial: o número de pessoas anglófonas com acesso à internet tem aumentado muito pouco nos últimos anos, mas o crescimento do volume das pessoas que falam chinês⁴, espanhol ou português, por exemplo, avançou significativamente, de modo que o número potencial de consumidores de conteúdos localizados não deixa de aumentar. A explicação justifica-se, nestes casos, pela incorporação progressiva ao *cibermundo* dos cidadãos da República Popular da China, bem como dos diferentes países de língua oficial espanhola e de língua oficial portuguesa da América e da África, à medida que as suas economias se desenvolvem. Portanto, a internet é, nestes momentos, um espaço multilíngue, e existem argumentos sólidos para prever que esta situação continuará nos próximos tempos, embora a hierarquia da demanda linguística seja essencialmente transitória. Em termos muito mais pragmáticos, podemos citar aqui os dados fornecidos por Michael Kingled, *Globalization Division Manager da Venturi's Globalization Division* (apud FOLARON 2006: 218), segundo os quais o negócio da localização de *sites* da internet passou de um mercado de 499 milhões de dólares USA em 2001, a 3,1 bilhões em 2007. É, com certeza, um volume mais do que interessante para sustentar um espaço profissional alician-te (note-se que o volume global para o mercado de tradução nesse último ano foi de 11,5 bilhões, segundo as mesmas fontes).

Que a atividade profissional que identificamos com a localização de *sites* envolve o trabalho com línguas é uma obviedade sobre a qual não vale a pena insistir. Ora, no texto de Mata que citamos anteriormente, o autor chama a atenção para esse fato, sobretudo, numa dimensão *intercultural*. Embora ela não deixe de estar presente, é claro, em todos os processos de mediação linguística, aqueles que têm a ver com diferentes dimensões semióticas resultam especialmente suscetíveis para esse *manuseamento intercultural*. A localização de páginas da internet envolve o trabalho com línguas, sim, mas também com as imagens fixas e em movimento, com os vídeos, com as cores, com a disposição dos elementos textuais para serem lidos (esquerda-direita ou direita-esquerda), com os tipos de letra, com a própria seleção de conteúdos e o modo como que eles são apresentados. Todos esses elementos, aparentemente “periféricos”, fazem parte da mensagem, informações, serviços ou produtos tangíveis que os *sites* da internet apresentam. No entanto, de que forma todos esses fatores “extralinguísticos” podem ser avaliados para depois ser tratados pelos localizadores profissionais?

⁴ É claro que a consideração de *uma* língua chinesa não deixa de ser uma abstração cientificamente insustentável. Segundo todos os indícios (<http://www.internetworldstats.com/stats17.htm>) as estatísticas apresentadas dizem respeito ao *mandarim*.

Nos últimos tempos, diversos investigadores já se debruçaram sobre esse tipo de assunto, de modo que contamos com um bom arsenal teórico-metodológico, que inclui pontos de vista mais genéricos (como WITTE, 2008, a propósito da dimensão cultural da tradução, *lato sensu*); outros diretamente relacionados com a criação e o *design* de *websites* otimizados para um público global (YUNKER, 2003) e que, portanto, combinam as categorias de adaptação cultural e aptidão para o uso (pelas palavras de BARBER; BADRE, [1998], a *culturabilidade* [*culturability*]); análises que partem de uma empresa-produto (WÜRTZ, 2005, sobre os *sites* da multinacional McDonalds); comparações da percepção das interfaces de usuário em diversos âmbitos culturais (CYR; TREVOR-SMITH, 2004); estudos tão específicos como o das traduções/localizações dos *sites* universitários na União Europeia que desenvolveu Fernández Costales (2010). Dadas as características deste trabalho, não vamos tentar compilar aqui uma bibliografia exaustiva, nem pretendemos mostrar todos os pormenores dessas investigações. Podemos sim apresentar aquilo que é, provavelmente, o núcleo teórico em que se alicerça boa parte delas, e que podemos sintetizar (embora a simplificação não faça justiça, claro é, à densidade da temática) nos modelos para a análise das diferenças culturais de Edward T. Hall e Geert Hofstede.

Devemos ao primeiro dos autores citados uma classificação de base antropológica, que parte das diversas formas de efetivarem-se as relações socio-profissionais. Hall (1976, HALL; HALL, 1990) salientava o valor nas interações comunicativas do *contexto*, entendido como a informação sobre um evento e que faz parte do significado dele. Na sua opinião, as diferentes culturas atribuem diferente valor à informação que as pessoas já possuem e àquela que está codificada linguisticamente. Assim, nas culturas de “contexto forte” (como no Japão, nos países árabes e nos países latinos), as pessoas já dispõem de muitas informações sobre a família, os colegas e os clientes, que é assumida como um *background* em que as informações explícitas — que podem ser mais “leves” — são processadas. No entanto, nas culturas de contexto fraco (Alemanha, países escandinavos, Estados Unidos da América) a transmissão das informações é muito explícita (ou, se quisermos utilizar a metáfora anterior, muito mais “pesada”).

Hall distinguia ainda dois tipos de comportamento diferentes, relativos à organização do tempo nas sociedades humanas, a que deu o nome de *policromismo* e *monocromismo*. Nas culturas *monocromáticas* as atividades são sequenciais (uma de cada vez), e essas circunstâncias fazem, por exemplo, com que exista um importante respeito pelos prazos estabelecidos nas agendas e muito pouca margem para para a distração externa aos caminhos operacionais que estão planificados (a cultura organizacional alemã seria o exemplo paradigmático). No caso das culturas *policromáticas*, contrariamente, existe

predisposição para simultanear as atividades, bem como uma grande abertura à flexibilidade (o exemplo seria neste caso, mais uma vez, o dos países latinos e árabes).

O segundo dos quadros teóricos a que nos referíamos é o que apresentou em 1991 Geert Hofstede⁵. Para este investigador social, que partiu de um trabalho de campo com operários da empresa IBM, as culturas podem ser classificadas a partir de quatro variáveis:

- **A Distância Hierárquica (DH) (Power Distance)**, que *“expresses the degree to which the less powerful members of a society accept and expect that power is distributed unequally. The fundamental issue here is how a society handles inequalities among people.”*
- **A dimensão Individualismo/Comunitarismo (IC) (Individualism versus Collectivism)**:
The high side of this dimension, called Individualism, can be defined as a preference for a loosely-knit social framework in which individuals are expected to take care of themselves and their immediate families only. Its opposite, Collectivism, represents a preference for a tightly-knit framework in society in which individuals can expect their relatives or members of a particular in-group to look after them in exchange for unquestioning loyalty.
- **A dimensão Masculino/Feminino (MF) (Masculinity versus Femininity)**:
The masculinity side of this dimension represents a preference in society for achievement, heroism, assertiveness and material reward for success. Society at large is more competitive. Its opposite, femininity, stands for a preference for cooperation, modesty, caring for the weak and quality of life. Society at large is more consensus-oriented.
- **A Aversão à Incerteza (AI) (Uncertainty Avoidance)**, que *“expresses the degree to which the members of a society feel uncomfortable with uncertainty and ambiguity.”*

⁵ V. Hofstede (1991) e <<http://geert-hofstede.com/national-culture.html>>. Todas as citações que seguem são tiradas deste último site (acesso em: 1 jun. 2012).

Posteriormente, o modelo ganhou ainda uma quinta variável⁶,

- **A orientação curto prazo/médio prazo (CM) (Long-Term Orientation)**

The long-term orientation dimension can be interpreted as dealing with society's search for virtue. Societies with a short-term orientation generally have a strong concern with establishing the absolute Truth. They are normative in their thinking. They exhibit great respect for traditions, a relatively small propensity to save for the future, and a focus on achieving quick results. In societies with a long-term orientation, people believe that truth depends very much on situation, context and time. They show an ability to adapt traditions to changed conditions, a strong propensity to save and invest, thriftiness, and perseverance in achieving results.

Tudo bem, mas afinal como é que estes diferentes padrões culturais se concretizam na estrutura e na organização dos conteúdos dos *sites*? Um dos estudos que parte da base teórica que apresentamos, o trabalho de Sing & Pereira (2005) atribui às diferentes marcas culturais diversas características que ficam refletidas no *design* dos *websites*:

- **Coletivismo:** presença de bate-papos, *newsletter*, utilização de temas familiares, existência de programas de fidelização dos clientes e usuários.
- **Individualismo:** prioridade à privacidade dos utilizadores, preferência pelos temas relacionados com a independência, apelo à exclusividade do produto ou serviço, dá hipótese a uma personalização (da estrutura dos conteúdos, da interface com o usuário).

⁶ De fato, até chegou a ser introduzida recentemente uma sexta variável, da qual não trataremos aqui. Também no próprio *site* do autor lemos um resumo bastante esclarecedor: "A fifth Dimension was added in 1991 based on research by Michael Bond who conducted an additional international study among students with a survey instrument that was developed together with Chinese employees and managers. That Dimension, based on Confucian dynamism, is Long-Term Orientation (LTO) and was applied to 23 countries. In 2010, research by Michael Minkov allowed to extend the number of country scores for this dimension to 93, using recent World Values Survey data from representative samples of national populations. In the 2010 edition of *Cultures and organizations*, a sixth dimension has been added, based on Michael Minkov's analysis of the World Values Survey data for 93 countries. This new dimension is called Indulgence versus Restraint."

- **Aversão à incerteza:** apresentam-se mecanismos de apoio ao cliente, listagem de perguntas mais frequentes (FAQ), são utilizados temas tradicionais, salienta-se a segurança (p.ex. nas transações econômicas, ou na gestão dos dados pessoais).
- **Distância hierárquica:** pode mostrar um mapa da organização, fotografias dos diretores (CEOs), referências sobre padrões internacionais e controle de qualidade (QA).
- **Masculinidade:** disponibiliza jogos, fornece *tips&ticks*, utiliza temas essencialmente realistas, informa sobre a eficácia dos produtos.
- **Curto prazo:** realiza promoções agressivas, oferece descontos, cupons e garantias de recompra, em termos de linguagem utiliza superlativos.
- **Contexto forte:** estilo indireto e delicado, linguagem requintada, destaque para o elemento emocional e afetivo dos produtos, e utiliza temas lúdicos para promovê-los.
- **Contexto fraco:** promoções agressivas, descontos e cupons, são colocadas em evidência as vantagens dos produtos com respeito aos da concorrência (com comparações diretas), uso de superlativos e expressões hiperbólicas (“o número um”, “o máximo”...), destaque para a importância da empresa, garantias de recompra e de todas as condições que envolvem a aquisição.

A partir dos dados compilados no trabalho de Hofstede, pode estabelecer-se, ainda, um “catálogo” de países-cultura, como este que reproduzimos, que sintetiza os valores para quatro dos indicadores propostos:

| | DH | IC | MF | AI |
|-----------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Brasil | 69 | 38 | 49 | 76 |
| China | 80 | 15 | 55 | 40 |
| Mundo Árabe | 80 | 38 | 52 | 68 |
| Espanha | 57 | 51 | 42 | 86 |
| Estados Unidos | 40 | 91 | 62 | 46 |
| Japão | 54 | 46 | 95 | 92 |
| Israel | 13 | 54 | 47 | 81 |
| Argentina | 49 | 46 | 56 | 86 |

É claro que este tipo de generalizações/compartimentações devem ser tomadas sempre com todas as precauções: não existem, por exemplo, culturas “masculinas puras”, “individualistas puras” ou “curtopracistas puras”. Contudo, as *tendências* observáveis são sempre um indicador muito útil. Por outro lado, falar em países-cultura envolve também, uma simplificação absurda. Num exemplo muito evidente, o dos Estados Unidos da América, a existência de duas comunidades linguístico-culturais e, portanto sociais, que apresentam perfis claramente diferentes, levou a IKEA, uma multinacional sueca do âmbito da mobília e decoração, a utilizar páginas principais diferentes no seu *site*, como se vê a seguir (todos os *screenshots* são de julho de 2011):



A primeira evidência será, claro, o uso de uma versão em língua diferente (espanhol para o coletivo hispânico e inglês para o anglo-saxônico). Vale a pena salientar também o emprego de algumas marcas textuais e pragmáticas diferentes. No texto inglês, o submenu da parte superior-esquerda da página abre-se a partir de indicações como “My account”, “My shopping cart” e “My list”, mas os “equivalentes” para o público hispânico não são simplesmente “Mi cuenta”, “Mi carro de compras” ou “Mi lista”, senão “Encuentra tu tienda IKEA”, “Únete a nuestra lista”, ou “Visita nuestro sitio móvil”. No texto inglês, o *protagonista* é o cliente. No texto espanhol, é o *site* que “dirige-se” a ele.

Por outro lado, o elemento afetivo mais óbvio, a imagem familiar, a que é dado destaque na página em espanhol, aparece “minimizada” na página em inglês (e ocupa o seu lugar uma cama vazia, com um cobertor cuja cor condiz com o quadro de texto à esquerda, que não é vermelha, mas sim cor-de-rosa). Certamente, as diferenças entre o perfil individualista/coletivista das duas comunidades terão alguma coisa a ver com isso. A dimensão forte/fraco resulta menos transparente numa sociedade como a americana. Em qualquer caso, será bastante óbvio que nem todo cidadão dos Estados Unidos da América responde a um mesmo padrão. Existem, aliás, alguns outros indicadores para além das classificações anteriores, que também o demonstram, e que entram nas dinâ-

micas mais puras do *marketing*. Assim, os elementos salientados na página “inglesa” têm a ver com o estilo próprio do cliente, e na página “hispanica” assume-se um perfil de cliente com família numerosa (“Comprar sin niños no tiene precio”) e com menor poder aquisitivo (a possibilidade de poupança, que no *site* em inglês aparece dissimulada, neste caso está claramente sobredimensionada: “Apúrate en llegar para ahorrar hasta un 20%.”)

Podemos ver um segundo exemplo para ilustrar, de um modo um pouco mais “extremo”, a dimensão cultural da localização. Neste caso, tirado da multinacional Kodak nos seus *sites* na China e no Brasil.



O recurso às imagens familiares é um lugar-comum nos *sites* orientados ao público chinês (como corresponde a uma cultura-alvo que é exemplo paradigmático da dimensão coletivista). Neste caso concreto, a estrutura geral da página (molduras e cores de fundo) segue o mesmo padrão para quase todos os *sites* da Kodak. A exceção mais evidente é a do *site* para o Brasil, em que o fundo não é preto, e sim branco, e portanto extremamente luminoso, deixando já de lado outras evidências como a composição multiétnica da imagem, ou a combinação de cores, a lembrar claramente a bandeira do país. Os dois *screenshots* foram tomados em julho de 2011. Nestes momentos (junho de 2012), os temas de todos os *sites* da Kodak já mudaram, mas o *background* do *site* do Brasil continua a ser significativamente branco (cf. www.kodak.com).

Permita-nos ainda um último exemplo, para ilustrar o grau de pormenor a que deve chegar a localização de um *site* para atingir de modo correto o público alvo visado.



A imagem da esquerda, na realidade, uma parte de uma pequena animação *Flash* (capturada em 08.06.2012) corresponde à campanha de Verão da rede de *shoppings* “El Corte Inglés”, de origem espanhola, que nos últimos anos abriu várias lojas em Portugal. Embora a imagem de fundo pareça idêntica, há um detalhe sutil que a torna diferente. Na União Europeia, as placas dos carros seguem um padrão semelhante: um retângulo branco com a numeração e um pequeno retângulo na parte esquerda de cor azul com o distintivo da UE (doze estrelas brancas em círculo) e a letra inicial do nome do país. No caso de Portugal, é acrescentado ainda um outro pequeno retângulo amarelo do lado direito, do mesmo tamanho que o azul da esquerda, com outras informações sobre a data de registro, que não existe no caso espanhol. Repare que os *designers* optaram por algumas estratégias de internacionalização interessantes: colocar o corpo da modelo cobrindo o lado esquerdo da matrícula (tapando um “eventual quadro amarelo”), utilizando um mapa de estradas da Espanha e de Portugal (na realidade “Espanña y Portugal”, o que só é possível observar se ampliarmos a imagem da versão espanhola). Também há uma alteração mínima para a localização: substituir o “E” de Espanha e por um “P” de Portugal. Já agora, as cores do cachecol que aparece pendurado do lado esquerdo do carro, por acaso os da bandeira da Espanha (vermelho-amarelo), perdem “protagonismo” com uma maior presença do verde na imagem “portuguesa” (as cores básicas da bandeira de Portugal são vermelho, verde e bastante amarelo).

3. Tecnologia, muita tecnologia

Este último exemplo permite intuir, de um modo bastante claro, que, para além dessa dimensão linguístico-cultural que acabamos de apresentar, a

localização de páginas e *sites* da Rede supõe ter de lidar com aspectos práticos, de base tecnológica. Vamos apresentar aqui, de um modo necessariamente introdutório (e, portanto, bastante “leve”) alguns desses aspectos. Partiremos, para isso, de duas perguntas fundamentais: quem é que decide como as páginas e os *sites* da internet “funcionam”? E de que matéria eles são “feitos”?

Muitas “regras do jogo” na Rede são estabelecidas pelo *World Wide Web Consortium* (W3C), organização internacional dedicada a desenvolver padrões de bom funcionamento (*standards*) para a internet. Dirigido por Timothy Berners-Lee, o “pai” do URL e das especificações HTTP, foi criado em 1994, a partir da *European Organization for Nuclear Research*, no *Massachusetts Institute of Technology* (com apoio da *Defense Advanced Research Projects Agency* e da Comissão Europeia). Conta com 369 membros (<http://www.w3.org/Consortium/Member/List>. Acesso em: 08 jun. 2012) e o seu protocolo de trabalho para elaborar Recomendações segue um rigoroso processo de cinco fases: *Working Draft*, *Last Call Working Draft*, *Call for implementation*, *Call for Review of a Proposed Recommendation*, *W3C Recommendation*.

Quanto aos materiais, diremos antes de tudo, que a internet que nós conhecemos se alicerça em três elementos fundamentais: um protocolo para implementar os saltos hipertextuais (o *HyperText Transfer Protocol*, HTTP); uma linguagem para representar os hipertextos, a estrutura deles, a formatação, os *hyperlinks* (o *HyperText Markup Language*, HTML); e diferentes aplicações-cliente para todas as plataformas, para acessarmos todas as informações armazenadas (dados, imagens, som, vídeo...), a partir de diversos protocolos (FTP, Gopher, o próprio HTTP, WAIS...). As versões 1 e 2 dos “tijolos” da Rede, o código HTML, foram desenvolvidas pela *Internet Engineering Task Force* (IETF), que depois se integraria ao W3C, inicialmente com um caráter estático (os utilizadores não podiam interagir com as páginas). As recomendações do HTML 4.0 (1997) introduziram as novidades que irão dar lugar ao DHTML (*Dynamic HTML*), que permite utilizar novas marcas e atributos que dão suporte às folhas de estilo em cascata (CSS), às linguagens de *script*, à possibilidade de incluir efeitos multimídia, etc. Os elementos HTML são tratados como objetos, de modo que o seu comportamento pode ser definido e programado, inclusive durante o acesso dos usuários às páginas (são objetos dinâmicos). Pela permissividade de HTML, juntamente com a rigidez das marcas, o W3C desenvolveu o XML (*Extensible Markup Language*). As primeiras recomendações são de 1997 e a primeira especificação é de 1998. Não pretende substituir o HTML, antes facilitar a interação das aplicações e os documentos. XML descreve a estrutura e o conteúdo dos documentos, e deixa a formatação para as folhas de estilo (em arquivos CSS). Como resultado das especificações XML 1.0 e HTML 4.1, o W3C lançou, em 2000, a recomendação XHTML (*Extensive HyperText Markup Language*) 1.0 (ou HTML extensível) que é, na realidade, uma reescrita de HTML como uma aplicação XML. De fato, XHTML não é mais do que HTML escrito com o rigor

sintático que exige XML. Atualmente (junho de 2012) existe um *working draft* do HTML 5, em elaboração pelo W3C (<http://www.w3.org/TR/html5/>).

Em termos mais práticos, e de modo muito sintético, diremos que um documento HTML não é mais do que um documento de texto simples, alojado num servidor com acesso à internet, que quando é interpretado por um *browser* exhibe as informações que pretendemos mostrar. Acrescentaremos ainda que os elementos que compõem um documento HTML representam-se mediante marcas (em inglês *tags*), com esta estrutura geral:

```
<nome_da_marca> TEXTO </nome_da_marca>
```

A estrutura básica de um documento HTML incluirá os seguintes elementos: HTML, HEAD e BODY.

- HTML: está representado pelas marcas <html> e </html>, que indicam, respetivamente, o início e o fim do documento. Estabelece que o documento está baseado nesta linguagem.
- HEAD: trata-se do cabeçalho do documento, que inclui informações ou metadados complementares (por exemplo, as palavras-chave que utilizam os motores de busca – como o Google – para indexar a nossa página). Representa-se pelas marcas <head> e </head>. Necessariamente (para estar bem formado) deve incluir o título do documento entre as marcas <title> e </title>.
- BODY: contém o corpo do documento. O seu conteúdo é o próprio documento (texto e marcas para formatar o texto), delimitado pelas marcas <body> e </body>.

A estrutura básica de um documento HTML fica então assim:

```
<html>
  <head>
    <title>Título do documento</title>
  </head>
  <body>
    Conteúdos do corpo do documento
  </body>
</html>
```

Um texto bem formatado deve incluir também o prólogo do documento, que indica a versão de HTML requerida, a partir de uma definição de tipo de documento (DTD) como, por exemplo, estas:

<!DOCTYPE PUBLIC "-//W3C/DTD HTML 4.01//EN"> – A versão mais rigorosa (*strict*). Estilos só em ficheiros de folha de estilo.

<!DOCTYPE PUBLIC "-//W3C/DTD HTML 4.01 Transitional//EN"> – Mais permissiva (*loose*) e mais utilizada, permite incluir elementos das versões anteriores

<!DOCTYPE PUBLIC "-//W3C/DTD HTML 4.01 Frameset//EN"> – Idem, com molduras.

Portanto, o código-fonte da nossa página poderia ficar assim:

```
<!DOCTYPE PUBLIC "-//W3C/DTD HTML 4.01 Transitional//EN">
<html>
  <head>
    <title>Título do documento</title>
  </head>
  <body>
    Conteúdos do corpo do documento
  </body>
</html>
```

Se escrevermos o texto anterior num editor simples (por exemplo o NotePad, no MSWindows, o Editor de Texto no MacOSX, ou Gedit em GNU/Linux), salvarmos com o nome “pagina.html” e depois abrirmos com um navegador, o resultado será semelhante a este:



Em termos muito básicos, localizar uma página da internet consistirá em substituir os trechos traduzíveis (quer dizer aqueles que ficam entre as marcas HTML) da língua origem pelos equivalentes numa (ou em várias) língua alvo. Assim, uma versão em espanhol do documento anterior ficaria deste modo:

```
<!DOCTYPE PUBLIC "-//W3C/DTD HTML 4.01 Transitional//EN">
<html>
  <head>
    <title>Título del documento</title>
  </head>
  <body>
    Contenidos del cuerpo del documento
  </body>
</html>
```

É claro que não existem muitas páginas reais com uma estrutura tão simples. O cabeçalho da página inicial da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 11.06.2012 é, por exemplo, este que segue (incluímos a numeração para facilitar alguns comentários posteriores). Já agora, se o leitor ainda não souber, esta será uma boa altura para lembrar que podemos observar o código fonte de qualquer *site* simplesmente com o nosso *browser* (clicando sobre a opção Exibir código-fonte do botão Exibir da Barra de menus ou do menu que aparece depois de apertar o botão direito do *mouse* em cima da página que estamos navegando).

1. <!DOCTYPE html PUBLIC "-//W3C//DTD XHTML 1.0 Transitional//EN" "http://www.w3.org/TR/xhtml1/DTD/xhtml1-transitional.dtd">
2. <html xmlns="http://www.w3.org/1999/xhtml">
3. <head>
4. <title>Universidade Federal do Rio de Janeiro</title>
5. <meta http-equiv="content-type" content="text/html; charset=UTF-8">
6. <!-- SEO -->
7. <meta name="description" content="Portal da instituição UFRJ, Informações institucionais, Acesso, Graduação, Pós Graduação, Rio de Janeiro, RJ.">
8. <meta Name="robots" content="index, follow">
9. <meta name="keywords" content="UFRJ, Portal, Graduacao, Pos, Pesquisa, Jornal, Olhar, Virtual, Vital, Webtv, Plano, Diretor, Imagem,">
10. <meta name="alexaVerifyID" content="ci57ndzOmKTgwiugChKwRoUEUPs" />
11. <meta name="Author" CONTENT="Thiago Caldeira de Lima, thiagolima@reitoria.ufrj.br">
12. <!-- /SEO -->
13. <script language="JavaScript" src="js/dhtml.js" type="text/JavaScript"></script>

```

14.     <script language="JavaScript" src="js/dhtml2.js" type="text/JavaScript"></script>
15.     <script language="JavaScript" src="js/jquery.js" type="text/JavaScript"></script>
16.     <script language="javascript" type="text/javascript" src="libraries/jquery.js"></script>
17.     <script language="JavaScript" src="js/linkVeiculos.js" type="text/JavaScript"></script>
18.
19.     <meta name="google-site-verification"
content="NrtTMdFz26bIOOfcbKYsD6r7opsoTC4yGcB7ejaM8DI" />
20.     <meta name="google-site-verification"
content="PwjYJa6JlCS3IRGqQxXk83sBUwz5XoSqxL7yYDD6Sos" />
21.     <link href="css/estilo.css" rel="stylesheet" type="text/css" />
22.
23.     <!-- TIC esteve aqui! -->
24.     <link href="inc/barraGoverno/barraGoverno.css" rel="stylesheet" type="text/css" />
25.
26.     <script type="text/javascript">
27.
28.         var _gaq = _gaq || [];
29.         _gaq.push(['_setAccount', 'UA-1327593-1']);
30.         _gaq.push(['_trackPageview']);
31.
32.         (function() {
33.             var ga = document.createElement('script'); ga.type = 'text/javascript'; ga.async = true;
34.             ga.src = ('https:' == document.location.protocol ? 'https://ssl' : 'http://www') + '.google-
analytics.com/ga.js';
35.             var s = document.getElementsByTagName('script')[0]; s.parentNode.insertBefore(ga, s);
36.             });
37.
38.         var _gaq = _gaq || [];
39.         _gaq.push(['_setAccount', 'UA-18182733-1']);
40.         _gaq.push(['_setDomainName', '.ufrj.br']);
41.         _gaq.push(['_trackPageview']);
42.
43.         (function() {
44.             var ga = document.createElement('script'); ga.type =
45. 'text/javascript'; ga.async = true;
46.             ga.src = ('https:' == document.location.protocol ? 'https://ssl' :
47. 'http://www') + '.google-analytics.com/ga.js';
48.             var s = document.getElementsByTagName('script')[0];
49.             s.parentNode.insertBefore(ga, s);
50.             });
51.
52.     </script>
53. </head>

```

Ainda nem entramos no corpo do documento (onde estão os conteúdos “sérios” do *site*) e já nos deparamos com um monte de situações novas. Vamos comentar algumas delas, como exemplo:

- Na linha 1 vemos que a DTD faz pensar que estamos perante um *site* dinâmico, e não estático (utiliza XHTML), em que as informações provavelmente são geradas a partir de um CMS (*Content Manager System*). Para além de outros problemas específicos, esta situação nos leva a

intuir, por exemplo, que o *site* tem atualizações bastante frequentes. Muito provavelmente só uma parte do *site* seria eventualmente localizada (por exemplo, informações genéricas em inglês, para estudantes estrangeiros).

- Nas linhas 7, 8 e 9 aparecem diversas marcas “META”. A primeira e a terceira delas incluem elementos que serão utilizados pelos *robôs* (ou também *spiders*), programas que utilizam os motores de busca da internet, como o Google, o Yahoo ou o Bing para indexar as páginas. Em termos de localização é habitual manter o texto original e acrescentar-lhe a versão traduzida (e não substituí-lo por ela), dado que a empresa ou instituição proprietária do *site* pretenderá, com toda certeza, ser encontrada nas buscas realizadas nas duas (ou mais) línguas.
- Os elementos que aparecem nas linhas 6 e 23 são comentários. O *designer* que criou o *site* deixou-os aí para simplificar o trabalho posterior, bem como para “documentar” a sua própria atividade. Não são visíveis para o público (os *browsers* nunca os exibem).
- O código entre as linhas 26 e 52 é um pequeno *script* criado na linguagem Javascript.

Um *script* é um pequeno programa desenvolvido numa linguagem de *scripting* (ou *de extensão*), como o próprio Javascript, PHP ou (em alguma medida), Python, que realiza algumas funções específicas (validar formulários, abrir janelas, fazer contagens de visitas, até pequenos jogos...) As mensagens que exibem esses *scripts* também devem ser traduzidas, quando existem, de modo que as operações de tradução não fiquem limitadas, como vemos, a simples código HTML (embora este material represente sempre o volume mais significativo).

Com esses pequenos exemplos (e sem sairmos do cabeçalho!) já dá para perceber que trabalhar com o código de uma página apresenta bastante complexidade. Porém, todo o código, mesmo que inclua *scripts*, continua a ser um simples documento de texto. Isso quer dizer que, pelo menos na teoria, seria possível resolver uma encomenda de localização de páginas da internet com um simples editor de textos. Claro que, profissionalmente, essa estratégia seria inviável. Um *site* moderadamente complexo pode conter centenas de páginas, com materiais em pastas diferentes. Por outro lado, essas mesmas páginas vão conter, para além do código traduzível, matérias a que antes fazíamos referência, como imagens ou vídeos digitais. Felizmente, existem ferramentas criadas *ad hoc* para resolver esse tipo de tarefa, ao exemplo do Aquino WebBudget (www.aquino.net). O WebBudget é um *software* criado para traduzir *sites* da internet, isolando o texto das marcas. Permite importar a estrutura completa de um *site*, fazer contagens de palavras (também de imagens) para orçamentos

e faturas, lidar com diversas linguagens de *script* ou até externalizar o texto traduzível. Interessa-nos salientar que esse *software* trabalha a partir de *memórias de tradução*. Para os leitores que ainda não estiverem familiarizados com esse tipo de ferramenta, diremos que se trata de repositórios de segmentos equivalentes em língua origem e língua alvo que são recuperados quando, no texto que se está traduzindo, aparecem segmentos semelhantes (*fuzzy matching*) ou idênticos (*full matching*), de modo a otimizar a atuação dos profissionais. Podemos nos referir ainda a uma outra ferramenta para observar objetivos semelhantes, embora muito mais modesta, mas por um preço muito mais reduzido: o *Catscradle* (<http://www.stormdance.net/software/catscradle/overview.htm>). Embora sua funcionalidade seja muito mais limitada, dá para traduzir razoavelmente bem pequenos projetos em modo *wysigyg* (*what you see is what you get*, quer dizer, vendo os resultados diretamente como eles vão aparecer quando forem exibidos num *browser*). Na página do desenvolvedor existem algumas outras aplicações interessantes, como o *Caterpillar*, que permite isolar o texto traduzível das páginas.

Para além destes *softwares* específicos, também é possível utilizar para este tipo de tarefa algumas outras ferramentas de tradução assistida, como por exemplo o SDL Trados, DejaVuX, StarTransit ou, se se tratar unicamente de trabalhar com linguagens de marcas e *sites* de uma complexidade muito pequena, o gestor de memórias de tradução livre OmegaT⁷.

O tratamento dos materiais “extralinguísticos” (imagens estáticas, imagens dinâmicas, áudio e vídeo digital) envolve uma complexidade (e uma diversidade de casos) que aqui nem podemos começar a tratar. Existe, por exemplo uma especificação baseada em XML, chamada SVG (*Scalable Vector Graphics*) que permite um tratamento tão simples como qualquer linguagem de marcas. Assim, o código a seguir

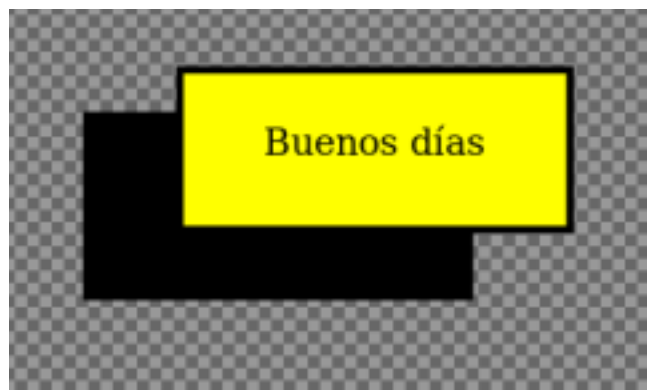
⁷ Há alguns anos um grupo de professores da Universidade de Vigo começamos a desenvolver um projeto de I+D para promover o uso do *software* livre entre os estudantes, professores e profissionais do campo da tradução, o projeto GETLT (<http://webs.uvigo.es/getlt>) Nesse âmbito, preparamos a *MinTrad*, uma distribuição GNU/Linux em forma de liveDVD (um DVD autoexecutável, que trabalha diretamente na RAM do computador), que inclui diversos *softwares* livres que podem ser utilizados na formação de tradutores. O endereço para fazer *download* é este: <ftp://ftp.uvigo.es/pub/asignaturas/GETLT/mintrad.iso>. Atualmente estamos trabalhando numa segunda versão atualizada. As pessoas mais interessadas em conhecer mais pormenores podem escrever para o autor deste trabalho.

```

<?xml version="1.0"?>
<svg width="640" height="480" xmlns="http://www.w3.org/2000/svg">
  <!-- Created with SVG-edit - http://svg-edit.googlecode.com/ -->
  <g>
    <title>Layer 1</title>
    <rect id="svg_4" height="119" width="251" y="178" x="135" stroke-width="5"
stroke="#000000" fill="#000000"/>
    <rect id="svg_5" height="105" width="256" y="148" x="196" stroke-width="5"
stroke="#000000" fill="#ffff00"/>
    <text xml:space="preserve" text-anchor="middle" font-family="serif" font-size="24"
id="svg_6" y="204" x="323" stroke-width="0" stroke="#000000" fill="#000000">Buenos días</
text>
  </g>
</svg>

```

consegue gerar esta imagem, gravada num arquivo de texto simples com a extensão SVG, que pode ser interpretado por um *browser*:



Para localizar esta imagem (em termos estritamente linguísticos, é claro) seria suficiente alterarmos no código o texto que nós destacamos em negrito (e escrever “Bom dia”, por exemplo). Um problema diferente seria tratar das formas, das combinações de cores, etc., mas isto também não representaria um problema importante. Existem bastantes *softwares* que conseguem lidar bem com o formato SVG. Nós queremos salienta aqui os extraordinários Gimp e o Inkscape, ambos livres. Para este exemplo utilizamos um editor SVG online, o SVG-Edit (<http://code.google.com/p/svg-edit/>).

Infelizmente, a situação anterior é pouco frequente. A rede está cheia de imagens em outros formatos, como JPG, TIFF, PNG, GIF (às vezes também animados), além de diversos formatos de vídeo (AVI, MOV...), entre os quais resul-

ta especialmente importante o *Macromedia Flash*. Em geral, a localização de imagens resulta relativamente simples quando o *designer* trabalhou com uma boa estratégia de localização, tendo, por exemplo, criado uma camada “transparente” com os textos, de modo a fazer com que seja possível isolá-los facilmente para tratar deles. Já na área das animações, conhecemos apenas um *software* específico para localizar aquelas que foram criadas em Flash, o Avral Tramigo (infelizmente desaparecido, embora ainda possa ser localizada alguma versão antiga na internet). Os leitores interessados nesse assunto vão encontrar um muito bom compêndio de informações nos trabalhos de Mata (2009a e 2009b).

À vista dos nossos comentários anteriores, resultará evidente que a localização de grandes *sites* não é habitualmente o resultado do trabalho de uma única pessoa. Quase sempre, a tradução/localização deste tipo de produtos envolve a participação de vários profissionais, para tratarem do texto, das imagens, dos vídeos. A localização de *sites* efetiva-se a partir de *projetos*, que devem ser geridos de um modo eficiente para levar até ao fim as solicitações do cliente.

4. Um bocado de gestão de projetos

Em termos práticos, embora muito sintéticos, o fluxo de trabalho nos processos de localização de *sites* da internet organiza-se de um modo semelhante a este que a seguir descrevemos. É habitual designarmos com o nome de gestor de projetos (*project manager*) a pessoa responsável por este tipo de tarefas:

1. Recepção do projeto.
2. Isolamento dos diferentes elementos (texto, imagens localizáveis...)
3. Geração de um orçamento, a partir de uma contagem prévia dos diferentes elementos e a cotação econômica deles. Já agora, resultará evidente que um orçamento para trabalhar com imagens fixas ou em movimento, por exemplo, não poderá responder aos mesmos padrões de contagem que a tradução de texto simples. Localizar uma imagem como acontecia no exemplo anterior (do “El Corte Inglés”) envolve um trabalho que ultrapassa claramente a simples substituição de uma letra por uma outra. Por outro lado, localizar texto numa imagem SVG bem internacionalizada não criará muitos obstáculos. É por isso que resulta difícil reduzir todos os casos a um único padrão de atuação. Haverá algumas ocasiões em que será absolutamente legítimo cobrar por ho-

ras de trabalho, por exemplo, e alguns outros em que a simplicidade do projeto permitirá uma redução de custos. É claro que neste tipo de decisão importam também outros fatores, como o nosso desejo de fidelizarmos os clientes, aplicando preços mais reduzidos (ou não).

4. Depois de ser aprovado o orçamento, distribuição entre os membros da equipe dos respectivos trabalhos e prazos dos mesmos. Eventualmente, nos casos de agências de tradução que não dispõem de pessoal suficiente para atender todas as solicitações de um projeto (quer seja pelo seu volume, quer pela especialização – por exemplo, pela existência de material gráfico), externalização (de parte) das tarefas. A distribuição do trabalho envolve, via de regra, algum tratamento prévio do material original: para além de uma “simples” extração de cadeias de texto, imagens, etc. Não raro os gestores devem, por exemplo, obter ou gerar guias de estilo ou glossários terminológicos para que os tradutores utilizem, ou transformar o material para formatos *standard* (v. embaixo).
5. Acompanhamento do projeto.
6. Compilação do material traduzido/localizado e controle de qualidade.
7. Entrega e acompanhamento de supervisão do cliente.
8. Faturação.
9. Compilação do material traduzido/localizado suscetível de reaproveitamento futuro e gestão de clientes (arquivo documental de dados, para eventuais projetos futuros). Gestão das memórias de tradução geradas, das bases de dados terminológicas, etc.

Esta última ação (o tratamento do material que resulta do processo, para o eventual reaproveitamento dele) pressupõe o uso por parte dos participantes do projeto de ferramentas de tradução assistida por computador, às que já antes nos referíamos. Contudo, o que acontece quando nem todos os participantes utilizam a mesma ferramenta? Essa pergunta está na base dos intuitos de diferentes agentes da indústria da localização, para gerar padrões de trabalho, *standards*, nomeadamente para os formatos de intercâmbio das memórias de tradução. Entre 1990 e 2011 a referência no setor foi a *Localization Industry Standards Association* (LISA), uma organização não governamental no campo da globalização e das indústrias associadas, cujo objetivo foi manter, desenvolver e certificar as normas relacionadas com a localização. Teve mais de quinhentos membros. Entre eles estavam grandes empresas na área de Tecnologia da Informação e Comunicações, IBM, HP, Nokia, Adobe, Novell, SDL, entre outras. Em fevereiro de 2011, a LISA entrou em falência e encerrou as atividades,

libertando os padrões desenvolvidos sob uma licença *Creative Commons*. Hoje, eles estão aos cuidados da GALA (*Globalization & Localization Association*, <http://www.gala-global.org/lisa-oscar-standards>). A LISA mantinha um boletim eletrônico, *The Globalization Insider*, que ainda é acessível em <http://www.lisa.org/globalizationinsider>. O *Open Standards for Container/Content Allowing Re-use* (OSCAR), um dos grupos de trabalho da LISA, tratou da criação de padrões livres e abertos para as indústrias da tradução e localização. Entre outros, desenvolveu as seguintes normas:

- TMX (Translation Memory eXchange) é um padrão aberto e independente, baseado no XML, criado em 1983 pelo OSCAR para facilitar o intercâmbio de memórias de tradução entre os diferentes fornecedores de serviços linguísticos e entre as diferentes ferramentas de tradução assistida.
- SRX (Segmentation Rules eXchange) é um segundo padrão, que visa estabelecer critérios para a segmentação dos trechos de que se “alimentam” as memórias de tradução. A versão 2.0 do SRX foi adotada como *standard* pelo OSCAR em 2008.
- O Term Base eXchange (TBX) é um formato para o intercâmbio de dados terminológicos, baseado em XML e gerado pela LISA em 2002, revisado e publicado como a norma ISO 30042:2008
- *XML Localization Interchange File Format* (XLIFF) é um padrão baseado em XML, para armazenagem dos dados linguísticos no processo de localização. XLIFF distingue as cadeias de texto traduzível do formato delas e do lugar que elas ocupam no texto original. Este segundo tipo de informação fica reservado num *skeleton*, de modo que depois seja possível reconstruir o documento alvo com a mesma estrutura do documento original. Algumas ferramentas de tradução assistida por computador como o *SwordFish* são especialmente aptas para trabalhar com o XLIFF.

Os *project managers* devem possuir um excelente conhecimento deste tipo de tecnologias que aqui apenas citamos. Também, claro, das técnicas de gestão de projetos num sentido mais alargado. Existem propostas interessantes de aplicação da norma de qualidade ISO 9001 na indústria da localização (v. DUNNE, 2006), sobre as quais não pudemos nos deter aqui, mas que apontam já num caminho certo para o futuro. Algumas dessas técnicas dizem respeito à gestão do tempo e dos recursos, materiais e humanos. Alguns pacotes informáticos, como o StarTransit NXT, dispõem de funcionalidades próprias dos gestores de projetos. E até existem *softwares* específicos nessa área, como o *Transla-*

tion Office 3000 (http://www.translation3000.com/Translators_Software/Accounting_Software.html) ou o TOM (*Translator's Office Manager*, <http://www.jovo-soft.de/>), que permitem manter também um controle eficaz de clientes e projetos. É claro que a própria decisão da escolha do *software* que deverá ser utilizado, bem como a gestão da comunicação, a gestão do risco, ou até o modelo global para o processo, fazem parte de um novo perfil profissional complexo, o do *project manager* das indústrias da localização. Numa monografia recente, cuja leitura recomendamos, a editada por Dunne & Dunne (2011), os leitores poderão encontrar bastantes referências e informações detalhadas sobre estes assuntos que aqui apenas apontamos.

5. E algumas sugestões didáticas

Os materiais que acabamos de apresentar podem lançar alguns alicerces para a criação de cursos de formação de localizadores de páginas e *sites* da internet. As três áreas que nós consideramos (língua-cultura, tecnologia e gestão) podem ser expressas em termos de diferentes competências que devem ser atingidas, os *outcomes* pretendidos para os processos formativos, como sugere Folaron (2006: 213-216). Seguimos a proposta desta autora para uma síntese final:

Competência 1: Gestão. Inclui, entre outros itens,

- a compreensão dos processos GILT (globalização, internacionalização, localização, tradução);
- a compreensão dos elementos e fases dos projetos de localização e de seus diferentes tipos;
- a capacidade de valorizar o grau de “localizabilidade” de um projeto;
- a capacidade de avaliar os resultados em termos de conteúdos e de funcionalidades;
- a capacidade de analisar, avaliar e priorizar os diferentes níveis de informação;
- a identificação das diferentes tarefas e dos problemas potenciais.

Competência 2: Tecnologia. Diz respeito

- à compreensão do conceito de “dado”, ao modo em que são criados, estruturados, organizados, armazenados e recuperados, bem como aos agrupamentos deles (em bases de dados);

- ao conceito de “documento” e o de “conteúdo”;
- às tecnologias utilizadas para criar conteúdos originais e às técnicas utilizadas para isolar os conteúdos dos elementos não localizáveis;
- à gestão das estruturas e aos fluxos de informação; às tecnologias que permitem analisar e avaliar os conteúdos originais;
- às tecnologias alternativas para suprir funcionalidades inexistentes nas ferramentas de tradução assistida disponíveis;
- às dinâmicas da interação homem-máquina e à ergonomia;
- às tecnologias utilizadas para localizar diferentes conteúdos para diferentes dispositivos;
- à criação e ao manuseamento de conteúdos baseados em *standards*, bem como ao trabalho com diferentes codificações;
- à capacidade de tomar em consideração variáveis como os formatos de data e hora, moedas, convenções locais e qualquer tipo de marca cultural, tanto do ponto de vista do trabalho prévio de internacionalização como da tradução;
- às tecnologias utilizadas na criação de *sites* da internet, em particular;
- às tecnologias utilizadas na tradução assistida, em geral.

Competência 3: Língua-Cultura. Tem a ver com

- os conhecimentos relativos à história da localização em termos do desenvolvimento da programação, bem como das especificidades do código para cada família linguística;
- a visão das línguas em termos de cultura e o contato com diversos grupos etnolinguísticos;
- a compreensão das dinâmicas da globalização, dos fluxos de informação que ela traz consigo e dos papéis que correspondem às diferentes instituições;
- as estruturas e as culturas baseadas em redes de comunicação (e a web 2.0);
- as linguagens *controladas* (linguagens criadas *ad hoc* para serem facilmente transferidas);
- a consultoria nas áreas da localização e da internacionalização;
- a implementação de diversos níveis de adaptação cultural.

Se calhar, uma das características mais óbvias da internet é o seu dinamismo. Um *site* criado em 1995 tem muito pouco em comum com um *site* criado em 2010. É previsível que as mudanças continuem, mesmo a curto prazo. Na prática, isso quer dizer que a formação de tradutores de conteúdos para a internet apresenta um perfil bastante diferente de outras especialidades mais suscetíveis de “estabilizarem-se”, em que as estratégias de trabalho mudam muito mais devagar, como pode ser o caso da tradução literária (mas também o da interpretação de conferência, apesar de possuir alguma base tecnológica). Os formadores deverão estar atentos a essa circunstância, como também devem estar sempre os profissionais. Portanto, e para sermos honestos, devemos advertir que os conteúdos deste texto (pelo menos uma parte deles), provavelmente vão deixar de ser úteis brevemente (se é que eles são úteis agora). Por outro lado, essa “instabilidade” do espaço profissional e, correlativamente, do espaço pedagógico, fazem com que esta especialidade resulte especialmente fascinante para algumas pessoas. Para o autor deste texto o é, com certeza.

Referências bibliográficas

BARBER, W.; BADRE, A. Culturability, the merging of culture and usability. In: PROCEEDINGS of the 4th Conference on Human Factors and the Web. NJ: Basking Ridge, 1998. Disponível em: <<http://research.microsoft.com/en-us/um/people/marycz/hfweb98/barber/>>. Acesso em: 1 jun. 2012.

CYR, D.; TREVOR-SMITH, H. Localization of Web Design: An Empirical Comparison of German, Japanese, and U.S. Website Characteristics. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 2004, p. 1199-1298 Disponível em: <www.dianne Cyr.com/docs/localization_of_webdesign.pdf>.

DIAZ FOUQUES, O. A localização de páginas da Internet na formação de tradutores. *Confluências. Revista de Tradução Científica e Técnica* 1:, 2004, p. 16-52

_____. Algumas considerações sobre a combinação linguística Português-Espanhol. In: _____. *Olhares & Miradas. Reflexiones sobre la traducción portugués-español y su didáctica*. Granada: Atrio, 2012, p. 119-135.

DUNNE, K. Putting the cart behind the horse. Rethinking localization quality management. In: _____. (ed.). *Perspectives on Localization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 95-117.

_____.; DUNNE, E.S. *Translation and Localization Project Management*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

FERNÁNDEZ COSTALES, A. *Traducción, localización e internacionalización. El caso de las páginas web universitarias*. Tese de doutoramento: Universidad de Oviedo, 2010.

FOLARON, D. A discipline coming of age in the digital age. In: DUNNE, K. (ed.). *Perspectives on Localization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 195-219.

HALL, E.T. *Beyond Culture*. Garden City: Doubleday, 1976.

_____.; HALL, M.R. *Understanding Cultural Differences*. Yarmouth: Intercultural Press, 1990.

HOFSTEDE, G. *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. London: McGraw-Hill, 1991.

MATA PASTOR, M. Localización y traducción de contenido web. In: REINEKE, D. (ed). *Traducción y localización. Mercado, gestión y tecnologías*. Las Palmas: Anroart, 2005, p. 187-252.

_____. Algunas pautas para el tratamiento de imágenes y contenido gráfico en proyectos de localización (I e II). *Entreculturas 1*, 2009. Disponible em: <<http://www.entreculturas.uma.es/n1pdf/articulo26.pdf>> e <<http://www.entreculturas.uma.es/n1pdf/articulo27.pdf>>.

PIMIENTA, D.; PRADO, D.; BLANCO, A. *Twelve years of measuring linguistic diversity in the Internet: balance and perspectives*. UNESCO Publications for the World Summit on the Information Society. Communication and Information Sector, 2009. Disponible em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001870/187016e.pdf>>.

PYM, A. *Localization, Training, and the Threat of Fragmentation*. Intercultural Studies Group, Universitat Rovira i Virgili. Tarragona, Spain. 2006. Disponible em: <http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/technology_2006/index.htm>

SINGH, N.; A. PEREIRA. *The Culturally Customized Web Site*. Oxford: Elsevier, 2005.

WITTE, H. *Traducción y percepción cultural*. Granada: Comares, 2008.

WÜRTZ, E. A Cross-Cultural Analysis of Web sites from High-Context Cultures and Low-Context Cultures. *Journal of Computer-Mediated Communication* 11(1), 2005. Disponible em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol11/issue1/wuertz.html>>.

YUNKER, J. *Beyond Borders: Web globalization Strategies*. Indianapolis: New Riders, 2003.

Desempenho de bilíngues e estudantes: pistas sobre a tradução português < > espanhol e seu ensino

Heloísa Cintrão¹

Resumo: Na linha dos estudos que procuram observar diferenças entre sujeitos mais e menos competentes em tradução, podendo contribuir assim para o conhecimento do processo de aprendizagem da tradução, este artigo apresenta e analisa dados de processo e produto num *corpus* de 21 traduções, realizadas da L2 para a L1 por sujeitos em dois pontos extremos do domínio do espanhol como língua estrangeira: por um lado, 15 universitários finalizando o nível básico dos estudos de espanhol num curso de Letras; por outro, 6 graduados em Letras-Espanhol que trabalham profissionalmente com o espanhol como língua estrangeira, todos tendo como língua materna o português do Brasil. Depois de sistematizados e analisados, os dados são discutidos em termos do que podem apontar de especificidades da tradução português < > espanhol e de possíveis implicações para seu ensino.

Palavras-chave: estudos empíricos, tradução espanhol < > português, ensino de tradução

Abstract: Following the line of studies on the differences in performance between “novices” and experienced translators, which have been providing clues for a better understanding of the translation learning process, this article presents and analyzes process and product data in a corpus of 21 translations from L2 to L1, performed by subjects in two extreme points in the mastery of Spanish as a foreign language: on the one side, 15 undergraduates finishing the basic level in Spanish studies; on the other side, 6 Spanish Language graduates, who worked

¹ Doutora. Universidade de São Paulo. helocint@usp.br. (Parte da pesquisa relacionada a este texto foi financiada por bolsa de pós-doutoramento da Capes)

professionally with Spanish as a foreign language, all of them native Brazilian Portuguese speakers. After being systematized and analyzed, these data are discussed in terms of what they can highlight in the specificities of Portuguese < > Spanish translation and the possible implications to its teaching.

Keywords: empirical studies, Spanish < > Portuguese translation, Translation training

Introdução

Em 1984, Gideon Toury² (apud KRINGS, 1986: 263) afirmava que a maioria dos estudos focados exclusivamente nos aspectos linguísticos da tradução não vinham fornecendo bases suficientes para o ensino da tradução. Para construir um conhecimento que atendesse às necessidades do planejamento da formação de tradutores haveria que pesquisar como se dá a aquisição da competência tradutória, dizia. Toury (1995) aborda esse processo de aprendizagem supondo que o bilinguismo não implica naturalmente a competência para traduzir. Daí que coloque os bilíngues no ponto de início, ao referir-se ao processo de aquisição da competência tradutória como aquele pelo qual um “falante bilíngue se torna um tradutor”, e propondo o “interlinguismo” como o diferencial do tradutor:

... mientras la predisposición misma para traducir sin duda ‘coincide con el bilingüismo’, su aparición como destreza ha de coincidir con la habilidad para establecer similitudes y diferencias entre lenguas, lo que podemos denominar “interlingüismo”. A su vez, la aparición de esa destreza gira sobre la presencia de un mecanismo de transferencia que hace que sea posible activar la capacidad interlingüística y aplicarla a expresiones en una lengua u otra. Parece razonable pensar que estas capacidades añadidas son diferentes en diferentes individuos, que son parte de estructuras mentales diferentes... (TOURY, 2004: 312, grifos do autor)

Que tipo de pesquisa contribuiria para conhecer melhor esse processo de aprendizagem? Para Toury (2004: 307), sua natureza seria empírica e descritiva. Nos termos de Holmes (1972), isso significaria *observar o fenômeno* tal

² TOURY, Gideon. The notion of “native translator” and translation teaching. In: WILSS, Wolfram; Thome, Gisela (ed.). *Translation Theory and its Implementation in the Teaching of Translating and Interpreting*. Tübingen: Gunter Narr, 1984, p. 186-195.

qual acontece no mundo, *descrevê-lo*, com vistas a buscar regularidades, procurar explicá-lo, chegar a ser capaz de prevê-lo. Ainda hoje, pareceria que essa almejada validação empírica de hipóteses sobre a natureza da competência tradutória e de seu processo de aquisição permanecem, como no momento daquelas discussões de Toury, “um *desideratum*” (2004: 307). Mas também parece que estamos alguns passos mais próximos. Avanços nessa direção vieram de certo tipo de estudos cujos resultados começaram a ser divulgados na década de 1980, e que procuravam observar supostos pontos iniciais e finais do processo de desenvolvimento da competência tradutória, para identificar diferenças entre suas fases iniciais e finais, estudos que observavam e comparavam o comportamento de aprendizes e tradutores, de pessoas que produziam traduções mais problemáticas com o comportamento de pessoas que produziam traduções mais bem-sucedidas. É comum a referência a esse tipo de estudo como estudos de processo tradutório de “novatos” e “profissionais”, embora nem sempre os profissionais observados tenham sido de fato profissionais (e sequer seja simples explicitar que tipo de pessoa pode ser considerada um tradutor profissional), e embora seja complexo dizer quem são os “novatos” nesse processo de aprendizagem: seriam bilíngues já com elevada proficiência na L2³? Como medir isso?

Num vídeo intitulado “Derivando competências tradutórias de estudos de processo”, Pym (2009) propõe uma síntese dos principais resultados daqueles estudos, na forma de resposta à pergunta “quanto mais experiência alguém tem em tradução, o que acontece?” As respostas seriam que os tradutores mais experientes (PYM, 2009)⁴:

1. Usam mais paráfrases e menos literalidade como estratégias (KUSSMAUL, 1995; LÖRSCHER, 1991; JENSEN, 1999).
2. Trabalham com unidades de tradução mais extensas (TOURY, 1986; LÖRSCHER, 1991; TIRKKONEN-CONDIT, 1992).
3. Passam mais tempo revisando seu trabalho após terminar uma primeira versão da tradução, mas fazem menos alterações do que pessoas

³ Ao longo do texto: L1=primeira língua, L2=segunda língua.

⁴ A versão em português é minha. As referências bibliográficas completas dos textos elencados por Pym não são dadas no vídeo. É provável que sejam os mesmos textos incluídos nas referências bibliográficas do seguinte artigo: PYM, Anthony. Training translators. In: MALMKJAER, Kirsten; Windle, Kevin (eds.). *The Oxford Handbook of Translation Studies*. Oxford, Oxford University Press, 2011, 475-489. Primeira versão disponível em: http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/training/2009_translator_training.pdf

sem experiência, nessa fase de revisão (JENSEN; JAKOBSEN, 2000; JAKOBSEN, 2002; ENGLUND DIMITROVA, 2005).

4. Têm leitura mais rápida e passam um tempo proporcionalmente maior olhando para o texto meta do que para o texto fonte (JAKOBSEN; JENSEN, 2008).

5. Realizam maior quantidade de processamento *top-down* (macroestratégias) e fazem mais referências à finalidade da tradução (FRASER, 1996; JONASSON, 1998; KÜNZLI, 2001, 2004; SÉGUINOT, 1989; TIRKKONEN-CONDIT, 1992; GÖPFERICH, 2009).

6. Valem-se mais intensamente do conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo (TIRKKONEN-CONDIT, 1989).

7. Expressam mais princípios de tradução e “teorias” pessoais (TIRKKONEN-CONDIT, 1989, 1997; JÄÄSKELÄINEN, 1999).

8. Incorporam o cliente aos parâmetros de tomada de decisão (KÜNZLI, 2004).

9. Automatizaram em maior quantidade tarefas repetitivas, automatizaram algumas tarefas complexas, mas também alternam mais intensamente entre as tarefas de rotina automatizadas e a resolução reflexiva e consciente nos problemas mais importantes (KRINGS, 1988; JÄÄSKELÄINEN; TIRKKONEN-CONDIT, 1991; ENGLUND DIMITROVA, 2005).

10. Têm atitudes mais realistas, confiantes e críticas nas tomadas de decisão (KÜNZLI, 2004).

Pym (2009) aponta ainda algumas características pouco observadas nas pesquisas a que se refere, mas que parecem destacar-se em seus próprios cursos: rapidez; capacidade de distribuir esforços em termos de risco⁵; uso mais criterioso de fontes de consulta (tanto escritas quanto humanas); papel chave da revisão; uso de novas tecnologias.

Nenhum dos estudos cujos resultados são acima sintetizados por Pym envolvia o par linguístico espanhol < > português. De acordo com a proposta do grupo PACTE sobre a competência tradutória, a combinação de línguas entre as quais se traduz é um dos fatores que pode fazer variar a configuração e a

⁵ Isso implica distinguir os trechos de “alto risco” (aqueles pontos do texto em que um erro ou uma falta de precisão afetariam mais dramaticamente a tradução), em contraste com pontos de “baixo risco”, não empregando esforço e tempo excessivos em pontos que não são “realmente importantes”.

interação dos componentes da competência tradutória (PACTE, 2001: 40): as subcompetências bilíngue, extralinguística, estratégica, instrumental, de conhecimentos sobre tradução e os componentes psicofisiológicos (PACTE, 2005). Neste artigo apresentamos resultados de estudos em que se observaram dados das 21 primeiras traduções espanhol > português de um *corpus* coletado entre outubro de 2004 e junho de 2005.

Foram traduções realizadas por sujeitos em dois pontos extremos do domínio do espanhol como língua estrangeira: por um lado, 15 universitários finalizando o nível básico dos estudos de espanhol num curso de Letras; por outro, 6 graduados em Letras-Espanhol, que trabalham profissionalmente com o espanhol como língua estrangeira, todos tendo como língua materna o português do Brasil. Ao longo do texto, esses diferentes sujeitos serão chamados, respectivamente, de estudantes e bilíngues.

O texto-fonte dessas traduções foi um conto infantil da escritora argentina María Elena Walsh, com extensão de 5.028 caracteres (entre 2 e 3 páginas digitadas) e traduzido na íntegra por cada sujeito. As traduções foram coletadas uma a uma, em situação de produção similar: individualmente, numa mesma sala e computador, sem pressão de tempo⁶, com os mesmos recursos de consulta disponíveis, basicamente, dicionários bilíngues e monolíngues e acesso à Internet.

Na primeira parte do artigo, o desempenho dos dois grupos será comparado considerando algumas medidas de tempo fornecidas pelo *Translog*, um programa que registra movimentos de teclado em tempo real, desenvolvido por Jakobsen (1999) com a finalidade de obter dados processuais para estudos da tradução. Num segundo momento, passaremos a algumas características de produto (das traduções em si), procurando colocá-las em relação com os dados processuais de uso do tempo pelos sujeitos. Nesse mesmo momento, consideraremos também aspectos da distância-proximidade entre o português e o espanhol envolvidos nessa tradução⁷. Em seguida mostraremos resultados de uma análise do *corpus* a partir de quatro das modalidades propostas por Aubert

⁶ Ou seja, os sujeitos ficavam à vontade para usar o tempo que achassem necessário para terminar a tradução. Cada sessão foi agendada com duração de 4 horas, tendo-se calculado previamente que esse tempo seria mais do que suficiente para concluir a tarefa. Será visto mais adiante que, de fato, nenhum dos participantes chegou a levar sequer 3 horas para finalizar a tradução.

⁷ Todos esses primeiros estudos foram realizados por Cintrão entre 2005 e 2010.

(1998): tradução literal, decalque, erro e adaptação⁸. Por fim, interpretaremos os resultados das análises em termos do que podem sugerir para a tradução entre o português e o espanhol e para o ensino da tradução nessa combinação linguística.

1. Tempo total

Os bilíngues terminaram a tradução numa média de 2h16min e os estudantes numa média de 2h19min. Em mais de 2 horas de tradução, a maior rapidez de 3 minutos em média pelos bilíngues pode ser considerada praticamente insignificante.

Além disso, se excluíssemos dos cálculos da média a estudante S10, que desviou consideravelmente do padrão dos demais estudantes, por demorar muito mais tempo do que os demais para concluir sua tradução, este grupo teria sido, em média, 10 minutos (ou 7,3%) *mais rápido* para terminar a tradução do que o grupo de bilíngues.

2. Tempos de produção e revisão

O tempo da chamada “fase de produção” é aquele que o sujeito levou até terminar uma primeira versão completa da tradução. Na observação dos dados fornecidos pelo *Translog*, é o tempo transcorrido entre o momento em que o tradutor digita a primeira letra até quando digita o ponto final do texto da tradução⁹. A partir daí, e até o momento em que o sujeito considera finalizada a tradução, fechando o editor de texto, conta-se o tempo da fase de revisão¹⁰.

⁸ Estudo realizado em equipe por Heloísa Cintrão (coleta do *corpus*, elaboração e orientação metodológica, tabulação de dados); Bruna Macedo de Oliveira (tabulação e análise das modalidades de tradução literal e decalque); Érika Cardoso dos Santos (tabulação e análise de erros); e Julia Helena da Rocha Urrutia (tabulação e análise da modalidade de adaptação).

⁹ As medidas das fases de orientação, produção e revisão são explicadas aqui de acordo com Jakobsen (2002).

¹⁰ Antes da fase de produção, é possível observar a *fase de orientação*, delimitada pelas medidas do *Translog* como aquela que vai desde o momento em que o sujeito aciona a visualização do texto fonte no computador, até o momento em que digita a primeira tecla de produção da tradução (JAKOBSEN, 2002). Supõe-se que, nesse intervalo de tempo, está fazendo uma primeira leitura do texto fonte, completa ou parcial, leitura a partir da qual toma algumas decisões iniciais sobre a tarefa de tradução.

Em *tempo absoluto*, os bilíngues terminaram uma primeira versão da tradução (*fase de produção*) na média de 1h23min. Os estudantes, numa média de 1h45min. Na *fase de revisão*, os bilíngues usaram em média 51 min, e os estudantes, 33 min.

Em *porcentagens de tempo total* – ou seja, considerando a parcela do tempo total da tarefa de tradução ocupada em cada fase –, a média de tempo dedicada à *fase de produção* foi de 61% para os bilíngues e de 76,1% para os estudantes. A média de tempo dedicada à *fase de revisão* foi de 37,5% para os bilíngues e de 23,4% para os estudantes.

TEMPO ABSOLUTO

| FASE DE PRODUÇÃO | FASE DE REVISÃO |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| BILÍNGUES: 1h23min (4969 s) | BILÍNGUES: 51 min (3053 s) |
| ESTUDANTES: 1h45min (6311 s) | ESTUDANTES: 33 min (1975 s) |
| DIFERENÇA: ~ 22 min | DIFERENÇA: ~ 18 min |
| BILÍNGUES 21,3 % MAIS RÁPIDOS | BILÍNGUES 35,3% MAIS LENTOS |

PORCENTAGENS DO TEMPO TOTAL

| FASE DE PRODUÇÃO | FASE DE REVISÃO |
|-------------------------------|-----------------------------|
| BILÍNGUES: 61 % | BILÍNGUES: 37,5 % |
| ESTUDANTES: 76,1 % | ESTUDANTES: 23,4 % |
| DIFERENÇA: ~ 15,1 % | DIFERENÇA: ~ 14,1 % |
| BILÍNGUES 19,8 % MENOS | BILÍNGUES 37,6% MAIS |

Assim, os estudantes ocuparam mais tempo do que os bilíngues produzindo uma primeira versão em português do conto (*fase de produção*), tanto em tempo absoluto quanto em porcentagem do tempo total. Contudo, usaram bem menos tempo na fase de revisão.

3. Relação entre proximidade linguística e facilitação na tarefa

Evidentemente, a diferença na distribuição de tempo entre as fases de produção e de revisão é um dos fatores que explica a coincidência no tempo total da tradução para os dois grupos. Ainda assim é preciso considerar a proximidade linguística entre o português e o espanhol para tentar explicar esses primeiros dados.

A velocidade equiparável no tempo total que cada grupo levou em média para realizar essa tarefa de tradução poderia não ser tão surpreendente se

estivéssemos comparando estudantes de tradução de último ano com tradutores profissionais, como num estudo similar que Jakobsen realizou em 2002. Naquele caso, era possível supor que todos os sujeitos tinham uma ótima proficiência na L2. No caso que estamos observando, ao contrário, a pouca diferença de tempo total para realização da tradução entre os dois grupos é um resultado inusitado, dado o nível de instrução ainda muito inicial em espanhol dos sujeitos do grupo de estudantes. Sua semelhança de velocidade em tempo total com os bilíngues professores de espanhol pareceria só ser possível por se tratar de uma tradução entre línguas próximas, com um grau de transparência que facilita significativamente a compreensão leitora (e considerando que a tradução foi feita para a língua materna, com consulta a dicionários).

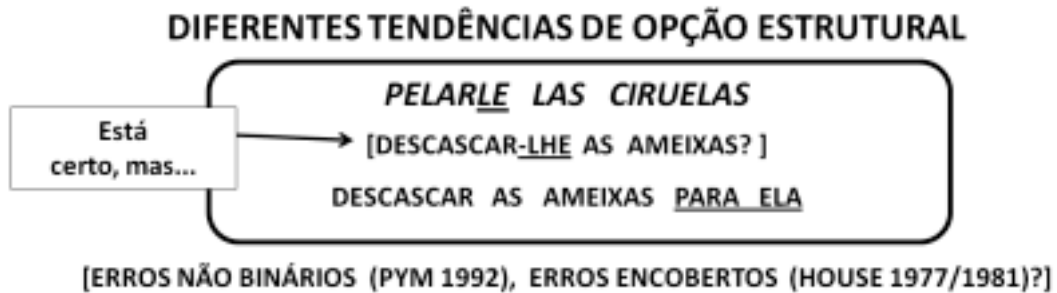
Um exemplo claro de facilitação dada pela proximidade linguística é o caso da oração “*ésta es la historia de una princesa*”, em relação com o português “esta é a história de uma princesa”. Um falante do português tende a compreender imediatamente essa oração, dada a semelhança lexical e a correspondência estrutural linear um a um.

Mas também há no conto casos de pouca transparência imediata nos dois níveis – lexical e sintático –, como no caso de “*en eso se asomó el emperador al balcón*”, que poderia ter como tradução “nisso o imperador saiu/apareceu na sacada”.



O conto tem relações de: falta de transparência lexical, como em “*alfombra*” > “tapete”; falsas transparências (falsos cognatos), como “*mariposa*” > “borboleta” (e não “mariposa”); de dificuldades de equivalência, como no caso de “*hacer mandados*”, que requereria uma explicação parafrástica em português para manter todos os componentes semânticos (o que talvez fosse funcionalmente desnecessário nessa tradução).

Estavam envolvidas nesse trabalho tendências a diferentes opções estruturais entre as duas línguas, que podem levar a *erros não binários* (PYM, 1992) ou *erros em dimensões situacionais* (HOUSE, 1981). Considerando, por exemplo, o caso de “*pelarle las ciruelas*”: o português brasileiro tem o pronome átono “*lhe*”, e “*descascar-lhe as ameixas*” seria uma estrutura gramaticalmente correta, mas de registro marcado como culto, mais literário e menos frequente, em comparação com o trecho em espanhol.



Por fim, temos para esta tarefa de tradução problemas que não são estritamente linguísticos, mas situacionais e estilísticos. Há diferenças culturais envolvidas, já que a protagonista fala usando um jogo de palavras infantil (*jeringozo*), cujo mecanismo não tem correspondência exata na cultura brasileira. Há trechos em prosa rimados que já não rimariam se traduzidos semanticamente.

Para os dois últimos tipos de problema mencionados, a melhor proficiência na língua estrangeira por si só não facilita nem torna mais rápida a solução para os bilíngues, pois as soluções demandam mobilizar a criatividade e valer-se de procedimentos como a compensação.

4. Desempenho funcional e distribuição das fases de produção e revisão

Para a próxima análise, vamos propor encarar os problemas culturais e estilísticos exemplificados acima como funcionais, por sua relação estreita com o tipo textual (literatura infantil) e o público alvo (crianças). Em tese de doutorado (CINTRÃO, 2006b) separei os dez trechos do conto que envolviam esse tipo de problema de tradução e apliquei um método para quantificar o desempenho na tradução deles em dois aspectos: (1) detecção do problema; (2) qualidade da solução proposta¹¹.

¹¹ Para o detalhamento dos critérios utilizados nessas avaliações, remetemos a Cintrão (2006: 462, 467).

As médias dos grupos mostraram superioridade de desempenho por parte dos bilíngues no tratamento desses problemas, problemas cuja solução parece depender pouco da proficiência na língua estrangeira.

| LINGUAGEM LÚDICA INFANTIL (<i>jeringozo</i> na fala da princesa) | |
|---|------------------------------|
| 1.1 — <i>Qué linda mariposapa.</i> | 1.2 — <i>Nopo puepedopo.</i> |
| 1.3 — <i>Eso tampocopo puepedopo.</i> | 1.4 — <i>Sípi.</i> |
| 1.5 ... <i>Japonpón</i> | |

| 2. FUNÇÃO POÉTICA (rimas - paralelismo) & NONSENSE | |
|---|--|
| 2.1 <i>Ni siquiera</i> ir a la <u>escuela</u> . <i>Ni siquiera</i> sonarse la <u>nariz</u> . <i>Ni siquiera</i> pelar una <u>ciruela</u> . <i>Ni siquiera</i> cazar una <u>lombriz</u> . | |
| 2.2 <i>Porque mi papá, el emperador, dice que si una princesa no se queda <u>quieta</u>, <u>quieta</u>, <u>quieta</u> como una <u>galleta</u>, en el imperio habrá una <u>pataleta</u>.</i> | |
| 2.3 — <i>La princesa está de <u>jarana</u> donde se le da la <u>gana</u>.</i> | |
| 2.4 <i>Los dos llegaron al templo en <u>monopatín</u> y luego dieron una fiesta en el <u>jardín</u>, una fiesta que duró diez días y un enorme <u>chupetín</u>.</i> | |
| 2.5 <i>Y así acaba, como <u>ves</u>, este cuento <u>japonés</u>.</i> | |

| MÉDIA DOS GRUPOS | | |
|------------------|--|--|
| | Detecção de problemas (máximo de 10 pontos) | Qualidade de soluções (máximo de 30 pontos) |
| BILÍNGUES | 7,0 | 14,67 |
| ESTUDANTES | 4,67 | 7,75 |
| | Bilíngues Desempenho 33,3 % superior | Bilíngues Desempenho 47,2% superior |

Por meio de diagramas de dispersão e do coeficiente de correlação de Pearson, procuramos observar se havia algum indício de relação (positiva ou negativa) entre o tempo dedicado a cada uma das duas fases de tradução observadas (produção e revisão) e as pontuações para o tratamento dos problemas funcionais selecionados.

Os diagramas de dispersão mostrados mais adiante combinam o tempo dedicado a cada uma das fases de tradução (dados de processo) com as pontuações para o tratamento dos problemas selecionados no estudo de doutorado (dados de produto).

Em cada bloco, os dois diagramas superiores mostrarão os sujeitos bilíngues; os dois logo abaixo deles, os estudantes. Os diagramas da primeira coluna terão os tempos absolutos em segundos; os da segunda coluna, os tempos da fase em termos de porcentagem de tempo total da tradução.

Abaixo de cada diagrama aparece o índice de correlação de Pearson para aqueles dados (introduzido por $p=$). Para a interpretação desse índice, a força de correlação é tanto maior quanto mais o valor do índice se aproximar de um ou menos um. O valor zero indicaria falta absoluta de correlação. O valor entre 0,1 e 0,3 é fraco, ou seja, sugere falta de correlação entre as variáveis observadas. Uma probabilidade média de correlação estaria entre 0,3 e 0,5. Os valores entre 0,5 e 1 sinalizam correlação forte. Isso vale para sinais negativos ou positivos dos índices. Por exemplo, nos gráficos a seguir há um índice $p= -0,473$ (de sinal negativo, portanto) para uma possível correlação entre a porcentagem de tempo que os estudantes usaram na fase de produção e a pontuação que obtiveram na qualidade de soluções. O valor 0,473 sugere força de correlação média. O sinal negativo indica que, para os sujeitos do grupo de estudantes, à medida que o tempo usado na fase de produção se eleva (é maior), a pontuação na qualidade de soluções cai (é menor): menor porcentagem de tempo total na produção pode se correlacionar com melhor desempenho na qualidade de traduções. As linhas que cruzam os gráficos ajudam a visualizar as tendências de aumento ou queda da pontuação conforme se utilizou mais tempo em cada uma das fases.

4.1 Fase de produção & solução dos problemas

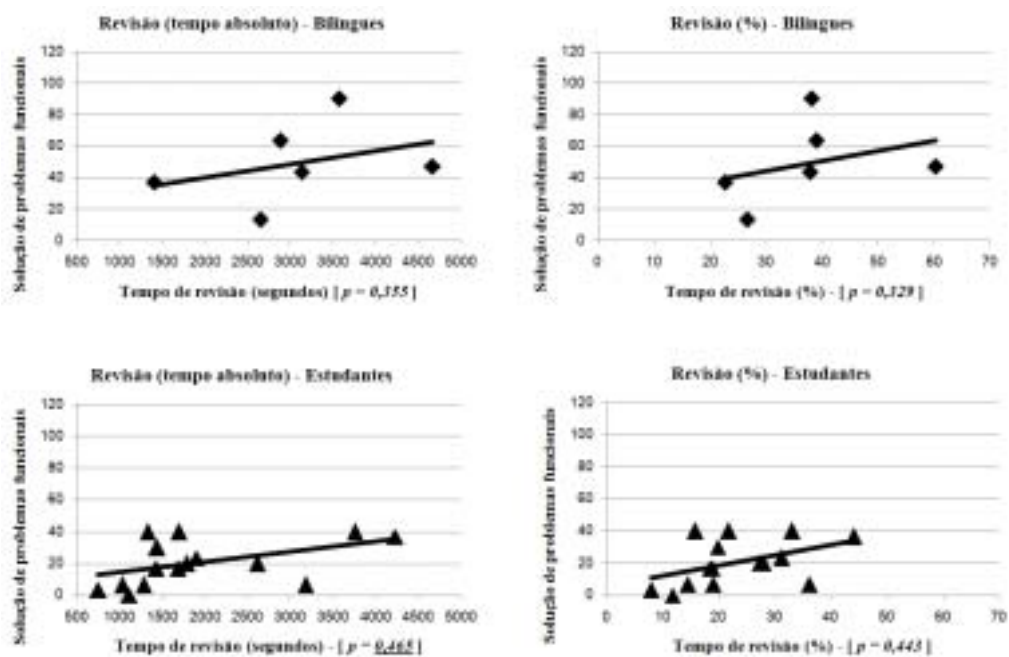


Figura 1: Fase de produção & solução dos problemas selecionados

Considerando a *fase de produção*, parece haver uma tendência a que os sujeitos que demoraram especialmente nessa fase tenham tido os piores desempenhos no tratamento dos problemas selecionados (Figura 1). No entanto, os índices de correlação são fracos para os dois grupos, quando se observa o tempo absoluto. Passam a médios quando se considera a porcentagem de tempo total. Mas ter usado menor porcentagem de tempo total na fase de produção também significa ter dedicado maior porcentagem à fase de revisão, que é a fase observada nos diagramas de dispersão da Figura 2.

4.2 Fase de revisão & solução dos problemas

Houve melhores desempenhos no tratamento dos problemas entre os que destinaram mais tempo à fase de revisão (Figura 2). Neste caso, todos os índices de correlação são médios e a força de correlação é maior para os estudantes.

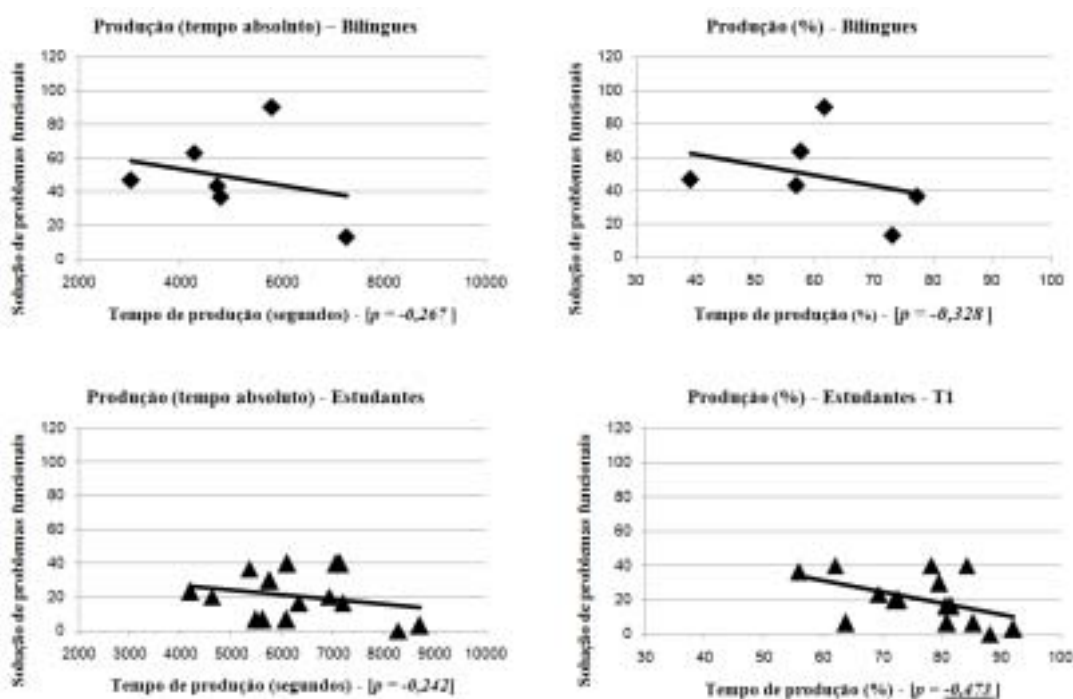


Figura 2: Fase de revisão & solução dos problemas selecionados

Portanto, esboça-se uma tendência a que, no interior dos dois grupos, os sujeitos que foram mais rápidos na fase de produção e se detiveram mais tempo na fase de revisão, tivessem os melhores desempenhos nas pontuações de adequação funcional obtidas a partir da avaliação dos problemas selecionados.

| | | | | |
|----------------------|---|---------------------|---|------------------------|
| TEMPO DE PRODUÇÃO | + | TEMPO DE REVISÃO | = | ADEQUAÇÃO FUNCIONAL |
|----------------------|---|---------------------|---|------------------------|

Nesse ponto, é importante fazer uma ressalva metodológica a tais tentativas de observação dos dados: o número de sujeitos é pequeno para estudos estatísticos, especialmente no caso do grupo de bilíngues¹². Portanto, é prudente relativizar os resultados. Seja como for, a tendência de correlação sugerida coincide com resultados de estudos de outros autores (ver PYM, 2009), alguns feitos a partir de outras técnicas de coletas de dados e metodologias, e que também indicaram que uma característica importante no desempenho de tradutores mais proficientes em comparação com novatos é o tratamento dado à revisão. Como tendência geral, por um lado, sujeitos mais proficientes na língua estrangeira usaram uma porcentagem de tempo maior na revisão; por outro, no interior dos dois grupos, sujeitos que dedicaram mais tempo à fase de revisão tenderam a pontuar melhor no tratamento de problemas menos relacionados à proficiência bilíngue e mais relacionados à percepção de questões culturais e de estilo, por sua vez vinculados ao tipo textual e ao público (conseguiram melhor qualidade nesse aspecto de adequação funcional do texto traduzido). Contudo, há maior concentração de bons desempenhos nos tempos médios, não nos extremos.

5. Ocorrências de tradução literal, interferências, adaptações e erros

Em 2008, essas mesmas traduções haviam sido estudadas em equipe aplicando um método de análise elaborado por Aubert (1998), para quantificar as distribuições percentuais do que esse autor chama de modalidades da tradução. Para o estudo de 2008, foram usados os dados de 12 entre os 15 estudantes, e observamos 4 entre as 13 modalidades, redefinindo e desdobrando algumas delas: tradução literal, decalque (adaptada para nos permitir observar

¹² Uma consulta posterior a estagiários de último ano do curso de Estatística, no Instituto de Estatística da USP, indicou que cada grupo deveria ter pelo menos 29 sujeitos, para viabilizar uma análise estatística dos dados. A coleta artesanal e demorada desse tipo de *corpus* dificulta bastante chegar a um número tão elevado de sujeitos por grupo. O que se mostra aqui, portanto, deve ser visto como apenas um ensaio metodológico e um estudo exploratório.

certo tipo de interferência), erro (ampliada para englobar erros não apenas de tradução), adaptação (ampliada para englobar o que foi chamado de “adaptação estilística”).

5.1 Ocorrências de tradução literal

A modalidade de tradução literal é definida por Aubert (1998: 106) como aquela que cumpre concomitantemente todas as seguintes condições: comparada com o segmento correspondente do texto fonte, a tradução tem (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) emprega as “mesmas” categorias gramaticais e (iv) contém as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser consideradas sinônimos interlinguísticos.

No que se refere ao ponto (iv), subdividimos a modalidade de tradução literal em opaca – ocorrências como “*abanico*” > “leque” – e transparente – ocorrências como “*emperador*” > “imperador”. Diferenciar entre as relações de transparência e opacidade nos sinônimos interlinguísticos nos parecia um parâmetro importante para observar as traduções feitas entre um par de línguas próximas, tendo em conta a observação feita por Cintrão (2006a: 85) a respeito do impacto que esse fator poderia ter para medições de proximidade e distância tradutória entre diferentes pares linguísticos, a que se propõe o método das modalidades de Aubert.

As médias de bilíngues e estudantes foram relativamente próximas no uso da modalidade de tradução literal (OLIVEIRA, 2008). Os bilíngues mostraram um uso sutilmente maior de literais opacas e menor de literais transparentes, ou seja, nas traduções literais, usaram um pouco mais de léxico interlinguisticamente não transparente.

| | Literal transparente | Literal opaca | TOTAL |
|-------------------|----------------------|---------------|---------|
| BILÍNGUES | 53,59 % | 15,87 % | 69,47 % |
| ESTUDANTES | 55,57 % | 14,98 % | 70,55 % |

5.2 Decalque e “interferência” em tradução

O decalque foi redefinido para designar um tipo de interferência da língua estrangeira sobre a língua materna que afeta a idiomática (a naturalidade da tradução em termos de maior ou menor probabilidade de uso da estru-

tura sintática ou do item lexical na língua meta) e/ou o registro na tradução, sem gerar propriamente um erro de tradução¹³.

Foi feita uma subdivisão em decalque lexical e decalque sintático para permitir observar a incidência da interferência da língua estrangeira sobre a materna em cada um dos níveis separadamente¹⁴. Um exemplo do que tabulamos como decalque sintático seria a tradução “*le*” > “*lhe*” no caso mencionado de “*pelarle las ciruelas*” > “descascar-*lhe* as ameixas”. Um exemplo do que quantificamos como decalque lexical seria a tradução de “*bailar*” por “bailar” (e não por “dançar”), no sintagma “*bailar con abanico*” (“dançar com leque”).

Considerando os dados de Oliveira (2008), no total, os estudantes fizeram mais do que o dobro de decalques, se comparados com os bilíngues. Fizeram quase duas vezes mais decalques sintáticos e três vezes mais decalques lexicais.

| | Decalque sintático | Decalque lexical | TOTAL |
|-------------------|--------------------|------------------|--------|
| BILÍNGUES | 1,18 % | 0,36 % | 1,54 % |
| ESTUDANTES | 2,21 % | 1,14 % | 3,35 % |

No interior dos grupos, tanto bilíngues quanto estudantes fizeram mais decalques sintáticos do que lexicais, numa distribuição diferente em cada grupo:

- 76,62% dos decalques feitos pelos bilíngues foram sintáticos
- 65,97% dos decalques feitos pelos estudantes foram sintáticos

5.3 Adaptação

Definimos a adaptação como sendo a aplicação de uma analogia cultural (adaptação cultural) ou uma manipulação semântica feita para recriar traços

¹³ O que, nas modalidades de tradução, se define como ‘erro’ coincidiria com a noção de *erro binário* (PYM, 1992) ou *erro patente* (*overt erroneous error*. HOUSE, 1981). Tal como o redefinimos, o “decalque” estaria próximo do *erro não binário* ou do *erro encoberto*, na proposta desses autores.

¹⁴ Havia interesse em verificar a hipótese levantada por Cintrão (2006a: 99-101) de que a ocorrência de interferência sintática poderia ser especialmente relevante na tradução entre o português e o espanhol.

estilísticos como rimas (adaptação estilística). Definida dessa forma, os trechos do conto que favoreciam o uso de adaptação eram fundamentalmente aqueles dez trechos selecionados por Cintrão em 2006, e que aparecem relacionados mais acima neste artigo.

Segundo os dados de Urrutia (2008), os bilíngues usaram em média quase quatro vezes mais adaptações que os estudantes, em porcentagem do uso de todas as modalidades no texto, e mais de cinco vezes mais adaptações do que os estudantes em números absolutos de palavras do texto.

| | Porcentagem (do total de palavras do texto) | Números absolutos |
|-------------------|--|--------------------------|
| BILÍNGUES | 1,78 % | 15,3 |
| ESTUDANTES | 0,49 % | 4,4 |

5.4 Erro

No estudo de Santos (2008), a conceituação de erro abrangeu não apenas os erros propriamente de tradução, mas também aqueles de uso da língua materna, como concordância, acentuação, ortografia, mesmo que pudessem ter decorrido de problemas de digitação. Com essa definição, o que foi quantificado como erro abrangeu os tipos considerados por House (1981) como “erros patentes”.

Os dados sistematizados por Santos (2008) mostraram uma média de erros para os estudantes quase três vezes maior que a dos bilíngues.

| | Porcentagem (do total de palavras do texto) | Números absolutos |
|-------------------|--|--------------------------|
| BILÍNGUES | 1,78 % | 15,7 |
| ESTUDANTES | 4,92 % | 42,9 |

6. Conclusões para a tradução português < > espanhol e seu ensino?

Vamos arriscar uma síntese e algumas interpretações a partir dessas análises. Diríamos que algumas das diferenças entre os bilíngues e os estudantes foram *pouco significativas*: as referentes ao tempo total de tradução e à porcentagem de tradução literal. No caso das porcentagens de tradução literal, no grupo dos bilíngues houve um pouco mais de uso da modalidade a que chamamos literal opaca, mas não muito mais.

As diferenças significativas parecem se mostrar em outros pontos. Primeiro, na distribuição do tempo entre as fases: os bilíngues dedicaram uma porcentagem maior do tempo total à revisão. Isso parece indicar um trabalho mais intenso de elaboração do texto meta como texto autônomo e pode ter sido decisivo para gerar melhores resultados de tradução. Como os bilíngues demoraram menos na fase de produção, pode-se supor também que sua maior proficiência em espanhol liberou tempo e esforço na etapa de compreensão do texto fonte, deixando recursos disponíveis para uma elaboração mais fina do texto meta: eles puderam concentrar esforços cognitivos sobre os problemas culturais e estilísticos do texto, como se vê na maior quantidade de adaptações que fizeram. Outra diferença foi que cometeram menos erros patentes: os de faltas de correspondência semântica evidente entre trechos do texto fonte e do texto traduzido, bem como erros de concordância, acentuação e ortografia na língua meta (sua língua materna). Mostraram menos interferência da língua estrangeira sobre a língua materna, o que sinaliza seu maior discernimento das diferenças entre ambas. Isso evitou “erros encobertos” que consistissem em discrepância entre o registro e a frequência de itens linguísticos usados para traduzir para o português e o registro e a frequência que os itens linguísticos do texto fonte têm em espanhol. Para ter controle sobre diferenças de registro e frequência de uso entre pares de unidades das duas línguas, foi preciso ter ido além de noções básicas da língua estrangeira. A superioridade da tradução produzida pelos bilíngues se marcou desde acentuação até adequação funcional.

Os bilíngues proficientes – o grupo que também (não surpreendentemente) mostrou melhor adequação funcional, menos interferências e menos erros patentes no produto final – não foram mais rápidos que os estudantes para terminar a tradução, e isso talvez não traga nada de substancialmente novo, no sentido de que já há estudos que colocam em xeque que qualidade em tradução tenha relação com velocidade e automatização (ROTHERNEVES, 2002; GONÇALVES, 2003). O que distingue o caso deste estudo é que o domínio da língua estrangeira por parte do grupo contrastado com o grupo de bilíngues era ainda muito inicial. Nesse sentido, a rapidez dos estudantes para terminar a tarefa ter se equiparado à velocidade dos bilíngues talvez seja característica deste par linguístico específico.

Ainda quanto ao perfil especial dos sujeitos observados, com relação a outros estudos deste tipo, é importante apontar que os bilíngues não eram tradutores profissionais conforme o que vem sendo considerado um tradutor profissional para fins de estudos empíricos de competência tradutória. O grupo PACTE, por exemplo, classifica como tradutores profissionais aqueles que tenham no mínimo seis anos de experiência continuada, ganhando a maior porcentagem de seu sustento (pelo menos 70%) com o trabalho de tradução (PACTE, 2005: 575). No caso de tradutores profissionais assim considerados, os resultados de tempo total da tradução neste estudo poderiam ter sido diferentes, já

que a realização mais sistemática – diária e regular – de traduções tem grandes probabilidades de favorecer o desenvolvimento de maior velocidade, o que é de fato, cada vez mais, uma característica relevante no mercado profissional.

Essa síntese de análise parece trazer pelo menos uma boa e uma má notícia, talvez menos óbvias.

A má notícia se relaciona com a discussão de se um bilíngue altamente proficiente poderia apresentar-se como tradutor profissional, já que a competência para traduzir não se restringe à competência bilíngue e por isso demandaria uma experiência específica com tradução, de modo que profissionais na área de Letras não estariam automaticamente capacitados como profissionais de tradução. No entanto, as características da tradução entre o espanhol e o português podem levar essa questão ainda mais longe: saber se alguém com vagas noções de espanhol – noções muito básicas mesmo, como as pessoas em nosso grupo de estudantes, ou até menos –, uma vez apoiadas na maior transparência da compreensão escrita entre as duas línguas, pode se encarregar de tarefas profissionais de tradução, até mesmo sem ter sequer uma formação afim, como a de Letras. Ou, num caso um pouco menos extremo, se um tradutor profissional em outro par linguístico pode transferir sua experiência para traduzir também entre esse par linguístico caracterizado como “próximo”, dado o grau mais elevado de transparência e facilitação, mesmo tendo pouca noção sobre (e experiência com) essa combinação de línguas-culturas.

No Brasil, parece que a proximidade linguística do português com o espanhol tem propiciado esse tipo de situação, que também se favorece da pouca profissionalização do trabalho de tradução. Preferiríamos não simplificar a resposta, já que temos sabido que há casos não desdenháveis de tradutores cujo conhecimento necessário da língua estrangeira foi buscado de forma autodidata, para aquela tradução específica, no momento em que se encarregaram de determinado trabalho, e isso não somente no par linguístico português < > espanhol (a dissertação de COBELO, 2009 sobre os tradutores do *Quixote* para o português tem informações interessantes a esse respeito). No entanto, casos desse tipo bem-sucedidos podem ser muito pontuais, enquanto que os dados de desempenho mostrados na exploração deste pequeno *corpus* parecem esboçar um quadro dos impactos desfavoráveis que tais situações podem ter para a qualidade das traduções entre esse par de línguas. O exemplo da tradução de quadrinhos (BURUNDARENA, 2003a, 2003b)¹⁵ que colocamos a seguir parece ser especialmente interessante porque foi de fato publicado.

¹⁵ Agradecemos o envio desse material à professora Neide Maia González, da USP.

Algunos de los prejuicios mas comunes respecto de las mujeres



Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres



O ponto que chama a atenção na tradução de "*ratos libres que me deja la facultad de biología*" (espanhol) como "*ratos que sobram na faculdade de biologia*" não é apenas um caso de erro evidente. Caçar um ou outro erro isolado talvez não seja o critério mais adequado para avaliação de qualidade de uma tradução em seu conjunto. Mesmo os melhores tradutores estão sujeitos a uma distração ou deslize aqui e ali, no fim das contas.

O que chama a atenção é a natureza do erro: normalmente um estudante de nível básico de espanhol já saberia que "*rato*" nesse texto significa algo como "*tempo*". E uma pessoa com um monitor alerta perceberia que a combinação "*ratos libres*" não facilita muito a interpretação como "*ratos que sobram*",

iria provavelmente dar uma olhadinha na palavra “rato” num dicionário. É a natureza do erro que sugere que a pessoa encarregada dessa tradução provavelmente tinha muito pouca familiaridade com o espanhol, mas, por outro lado, confiava na transparência entre o espanhol e o português o bastante para deixar desativado o “desconfiômetro”. Essa suposição se vê reforçada pelo fato de que, num texto curto, esteja tão próximo outro erro da mesma natureza: na falta de sentido que faz, em contexto, a tradução de “tarada” pelo falso cognato “tarada” (o que não aconteceu, no entanto, com “aburrida”).

Assim como esse caso de tradução publicada, acreditamos que os dados de comparação entre as características de produto nas traduções dos bilíngues e dos estudantes de nível básico podem dar pistas sobre fatores em jogo em traduções entre o espanhol e o português que transcendem a facilitação proporcionada por certo grau de transparência da compreensão escrita dos significados na superfície do texto. O que anunciávamos como possível má notícia é que, entre esse par linguístico, a transparência, assim como a equivocada sensação de transparência, pode levar alguém a traduzir a toda velocidade, mesmo com poucas noções da língua estrangeira, sem sequer “desconfiar” daquilo que não sabe sobre certas relações complexas de proximidade e distância. Como não desconfia, não ativa suficientemente a chamada “subcompetência estratégica”, que, segundo o modelo de competência tradutória do PACTE, serve, entre outras coisas, para detectar problemas de tradução e insuficiências nas outras subcompetências (como a bilíngue), e ativar mecanismos para compensar essas insuficiências (como abrir um dicionário para procurar o que se desconhece).

Por outro lado, a boa notícia a partir desses resultados parece ser que eles sugerem que a maior transparência na compreensão leitora – se comparada com a que (não) há entre pares linguísticos mais distantes –, favorece o início do trabalho com ensino de tradução, por exemplo, dentro de bacharelados em Letras, já no final do nível básico dos estudos de língua estrangeira, sem que isso implique submeter os estudantes a tarefas de compreensão exaustivamente demoradas, na dependência de infinitas consultas a dicionários.

Por fim, os dados de análise de produto talvez sugiram que a capacidade de não se prender demasiado às formas e estruturas do texto fonte, procurando maior correspondência nas dimensões situacionais e mais funcionalidade, pode surgir em parte como uma consequência natural do desenvolvimento da competência bilíngue e textual, o que faria não ser totalmente descabido considerar que pessoas formadas em Letras tenham de fato uma capacidade mais desenvolvida para traduzir. Mesmo não sendo exatamente tradutores profissionais, os bilíngues especializados em estudos linguísticos e literários em espanhol e português pareceram concentrar-se mais na elaboração do texto meta como texto autônomo, conseguir maior controle de interferência, além de ob-

ter melhor correção geral também no que dependia do domínio da língua materna e da habilidade de produção de textos nessa língua.

Referências bibliográficas

AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. In: *TradTerm*, 5 (1), p. 99-128, 1998.

BURUNDARENA, Maitena. *Mujeres Alteradas* 1. 1. ed. Buenos Aires: Sudamericana Lumen, 2003a, 7.

BURUNDARENA, Maitena. *Mulheres Alteradas* 1. Rio de Janeiro: Rocco, 2003b, 7.

CINTRÃO, Heloísa Pezza. Competência tradutória, línguas próximas, interferência: efeitos hipnóticos em tradução direta. In: *Tradterm* 12, p. 69-104, 2006a.

_____. *Colocar Lupas, Transcriar Mapas: iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em níveis básicos de espanhol como língua estrangeira*. São Paulo, 2006b. Tese (Doutorado em Letras – Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americana) – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-08082007-145636/>>.

COBELO, Sílvia Beatriz. *Historiografia das traduções do Quixote publicadas no Brasil - provérbios do Sancho Pança*. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americana) São Paulo, 2009 – Universidade de São Paulo.

GONÇALVES, José Luis Vila Real. *O desenvolvimento da Competência do Tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental*. Belo Horizonte, 2003. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

HOLMES, James S. The name and the nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence. (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, p. 172-185, 2000. (artigo de 1972).

HOUSE, Juliane. *A model for translation quality assessment*. 2. ed. rev. Tübingen: Gunter Narr, 1981. (1. ed. 1977).

JAKOBSEN, Arnt Lykke. Logging target text production with *Translog*. In: HANSEN, Gyde (ed.). *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999, p. 9-20.

_____. Orientation, segmentation, and revision in translation. In: HANSEN, Gide (ed.). *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002, p. 191-204.

KRINGS, Hans P. Translation problems and translation strategies of advanced German learners of French (L2). In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana (eds.). *Interlingual*

and Intercultural Communication. *Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*. Tübingen: Gunter Narr, 1986, p. 263-276.

OLIVEIRA, Bruna Macedo de. *Teste das modalidades de tradução literal e decalque como indicadores de desenvolvimento da competência tradutória em análise de corpus*. São Paulo, 2008. Monografia (Letras – Área de Espanhol) – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://dml.fflch.usp.br/node/523>>.

PACTE (Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y su Evaluación). La competencia traductora y su adquisición. In: *Quaderns. Revista de Traducción*, 6, p. 39-45, 2001.

_____. Primeros resultados de un experimento sobre la Competencia Traductora. In: *Actas del II Congreso Internacional de la AIETI (Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación) 'Información y documentación'*. Madrid: Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 2005, p. 573-587. CD-ROM. Disponível em: <http://grupsderecerca.uab.cat/pacte/sites/grupsderecerca.uab.cat/pacte/files/2005a_PACTE_Actas%20AIETI%20CD-ROM_0.pdf>. Acesso em: set. 2012.

PYM, Anthony. *Epistemological problems in translation and its teaching: a seminar for thinking students*. Teruel: Caminade, 1992.

_____. Deriving translation competencies from process research. Vídeo de conferência proferida no Monterey Institute of International Studies, em setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=B9wdDughFjc>>. Acesso em: set. 2012.

ROTHE-NEVES, Rui. *Características cognitivas e desempenho em tradução: investigação em tempo real*. Belo Horizonte, 2002. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTOS, Erika Cardoso dos. *Erro, proficiência bilíngue e competência tradutória: sua relação estudada em corpus de traduções*. São Paulo, 2008. Monografia (Letras – Área de Espanhol) – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://dml.fflch.usp.br/node/523>>.

TOURY, Gideon. A bilingual speaker becomes a translator: a tentative developmental model. In: *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 241-258, 1995.

_____. Cómo se convierte en traductor un hablante bilingüe. Aproximación a un modelo evolutivo. In: *Los Estudios Descriptivos de Traducción y más allá. Metodología de la investigación en Estudios de Traducción*. Trad. Rosa Rabadán; Raquel Merino. Madrid: Cátedra, 2004, p. 305-323.

URRUTIA, Julia Helena da Rocha. *A modalidade de adaptação como indicador de desenvolvimento da competência tradutória em análise de corpus: teste metodológico*. São Paulo, 2008. Monografia (Letras – Área de Espanhol) – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://dml.fflch.usp.br/node/5>>



Entrevistas

Do fascínio da tradução

Entrevista com a tradutora Adriana Carina Camacho Álvarez

Angélica Karim Garcia Simão¹

Adriana Carina Camacho Álvarez é tradutora nas áreas de ciências sociais, filosofia, literatura e medicina alternativa, além de atuar como tradutora-intérprete *freelancer* e realizar trabalhos na área de legendagem. Graduada pela Universidade da República (Montevidéu-Uruguai), Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Tradução – Língua Espanhola (Universidade Gama Filho), Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas (UFRGS). Atualmente, é professora de língua espanhola na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Convidada para responder às perguntas da revista *abehache* via correio eletrônico como tradutora de língua espanhola, Adriana fala de seu papel ao realizar a tradução como atividade cotidiana, das relações entre a teoria e a prática de tradução, das especificidades ao traduzir o par linguístico português/espanhol, dentre outras facetas da profissão, deixando transparecer nas entrelinhas o entusiasmo e o fascínio que os desafios da tradução lhe impõem diariamente.

O que significa para você ser tradutora da língua espanhola no Brasil?

Eu me sinto uma ponte, uma mediadora, entre duas «macroculturas» muito diversas e ricas, como são as culturas das comunidades hispanofalantes e as culturas do Brasil. O tradutor sempre está pensando em quem lerá sua tradução e sempre está construindo pontes para que a mensagem da língua de partida possa ser compreendida e assimilada pelo leitor. Para mim, tradução é, em primeiro lugar, (possibilidade de) comunicação.

¹ Doutora. UNESP/São José do Rio Preto. angelica@ibilce.unesp.br

Como é o seu cotidiano como tradutora?

Meu cotidiano como tradutora é de muito trabalho! Muitas vezes, tenho que trabalhar aos domingos e feriados também, pois, geralmente, o cliente tem muita pressa. Nós, tradutores, sempre lidamos com prazos muito curtos. É sempre um grande desafio produzir uma boa tradução nessas condições de trabalho, mas é um desafio que nos faz crescer continuamente. Traduzir é aprender todos os dias alguma coisa nova sobre as línguas com as que trabalhamos e sobre os assuntos dos textos que estamos traduzindo. Existe um ditado em espanhol que diz: “Nunca te acostarás sin saber algo más”. É isso o que nós vivenciamos na nossa profissão.

De que forma as teorias de tradução contribuem para a sua prática tradutória?

Acho que as teorias de tradução nos dão uma base importante de reflexão. Traduzir significa fazer muitas operações e ponderações e tomar muitas decisões em questão de segundos. Sem a prévia reflexão sobre determinadas questões, como a dos registros, a das variedades diatópicas, a da naturalidade, a da fidelidade, etc., o nosso trabalho, além de ser bem pobre, seria muito lento!

Ao longo de sua carreira, você acredita ter desenvolvido um método ou estratégias específicas de tradução?

Acho que o método tem se mantido desde que comecei a trabalhar com tradução, mas as estratégias vão melhorando. A gente aprende a pesquisar mais rapidamente e, com o acúmulo de experiências, muitas decisões são facilitadas, pois já nos deparamos com dilemas similares anteriormente. Acho que, no nosso trabalho, a experiência é muito, muito importante. Como disse certa vez Paulo Rónai, “a traduzir se aprende traduzindo”. Acho que a formação em tradução é muito importante para nos preparar para solucionar algumas questões (como as que mencionei acima), mas o ofício, bem como a enfrentar as condições do mercado de trabalho (que fazem parte dele), a gente aprende é na prática.

Você acha que a tradução do par linguístico espanhol/português possui especificidades/singularidades que a difere da tradução de outros idiomas? Quais são elas?

Com certeza, o par linguístico espanhol/português tem uma grande especificidade: as interferências entre as duas línguas ocorrem mais facilmente. Os tradutores que trabalham com esse par de línguas precisam exercer uma vigilância constante para não caírem em interferências. Nesse senti-

do, a formação universitária também é muito importante. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a presença do espanhol é grande por causa das fronteiras. Teoricamente, deveria ser fácil encontrar bons tradutores de espanhol. No entanto, isso parece dificultar as coisas muitas vezes, pois, por um lado, se temos muitas pessoas falantes nativas de espanhol e que moram há muitos anos aqui, são muito poucas as que têm consciência das suas interferências. Geralmente, essas pessoas cristalizam suas interferências e não conseguem se livrar delas, mesmo após estar cientes da sua existência. Então, produzem uma espécie de híbrido e, ao falarem em espanhol, mantêm as estruturas do português e só «trocam» as palavras por palavras do espanhol. Esse é um grande problema. As interferências mais comuns ocorrem no uso das preposições e também na tradução de unidades fraseológicas, mas também há interferências importantes no uso do gerúndio (diferente em espanhol e português), por exemplo. Também é frequente a “invenção” de neologismos. Como as línguas são muito parecidas, é comum transpor uma palavra de uma língua para a outra, mesmo que essa palavra não exista ou não se use com a mesma regularidade na língua de chegada.

Muitos percebem a proximidade entre as línguas portuguesa e espanhola como facilitadora da tradução entre elas. O que você pensa dessa proximidade?

Como expliquei na pergunta anterior, na minha opinião, é nessa proximidade que se esconde a maior cilada para a tradução entre as duas línguas. Como todo mundo acha que entende espanhol e português, acha que traduzir é muito fácil e cai em todas as armadilhas que mencionei acima.

Como você vê a tradução de legendagem da língua espanhola no Brasil atualmente?

Eu já vi bons trabalhos de legendagem do espanhol e já me deparei com péssimos trabalhos. Acho que é um mercado muito vasto, e eu não tenho condições de fazer uma avaliação global. Minha experiência com legendagem é a melhor possível. A produtora para a qual faço a maioria dos meus trabalhos de legendagem é muito séria e já tive ótimos *feedbacks* dos meus trabalhos que me ajudaram muito a melhorar.

Como você vê a formação universitária de tradutores?

Eu não tenho condições de avaliar o ensino universitário atual na área da tradução, pois me formei há muito tempo (e me formei no Uruguai). Faz alguns anos, porém, fiz uma especialização em Tradução pela Universidade Gama Filho que achei muito boa, pois o foco dessa formação era preparar o

aluno para o mercado de trabalho atual, no qual, muitas vezes, são requeridas ferramentas como memórias de tradução, programas de legendagem, etc. Espero que nos cursos de graduação também estejam sendo incorporadas essas práticas.

Você daria algum conselho para tradutores de espanhol que estejam em formação?

Em primeiro lugar, que duvidem de tudo e que não se deixem enganar pela suposta facilidade implicada pela proximidade entre as duas línguas. Em segundo lugar, que desenvolvam desde já o exercício constante da pesquisa. Pesquisa, quando se trata de línguas, envolve desde a leitura das obras clássicas da literatura até a leitura do jornal de hoje; desde a atenção na sala de aula até a conversa com os vizinhos. Sempre que esteja sendo falado o português ou o espanhol, eles devem ficar atentos, porque, certamente, em algum trabalho, vão usar essas palavras ou expressões que poderiam ter passado despercebidas e que, muitas vezes, não aparecem no dicionário. E, em terceiro lugar, que tenham paciência. Viver da tradução não é fácil, requer muita paciência. Ninguém nos contrata até termos certa experiência, e o mercado de trabalho é muito instável. Ao mesmo tempo, como já disse, os prazos são muito curtos e, se não estamos à disposição naquela hora em que o cliente liga, ele vai ter que ligar para outra pessoa, pois ele sempre tem pressa. Mas vale muito a pena esperar, pois nosso trabalho é maravilhoso!

Conte como é a sua experiência com a crítica realizada sobre seu trabalho como tradutora?

Uma das fontes de formação mais importantes, na minha opinião, é o diálogo com os clientes. Sempre recebi ótimos *feedbacks* dos lugares para os quais trabalho, sejam agências, editora ou produtora, e também dos meus clientes particulares, pois muitos são professores mestres e doutores e são bastante exigentes na hora de avaliar as versões ou traduções feitas (geralmente, eles têm algum conhecimento de espanhol). Cada cliente tem seus critérios e sua forma de organização, e a gente vai aprendendo com todos eles. Nesse sentido, quando o relacionamento com o cliente é bom, gera-se uma verdadeira parceria de trabalho que beneficia todas as partes.

Quanto às críticas, felizmente os clientes sempre têm ficado satisfeitos com meu trabalho, mas é claro que ele já foi revisado e, graças a essas revisões, tenho melhorado muito e espero continuar melhorando sempre, pois a gente nunca pode se sentir “seguro” em matéria de tradução. Isso é muito perigoso, pois, como sabemos, as línguas estão em constante mudança e, por isso, devemos nos atualizar todos os dias.

De leitores e tradutores

Entrevista com o tradutor Eduardo Brandão

Angélica Karim Garcia Simão¹

Laura Janina Hosiasson²

O carioca Eduardo Brandão traduz obras literárias infantojuvenis e textos da área de ciências humanas, filosofia e história desde a década de 1970. Trabalha principalmente com as línguas espanhola e francesa, e é responsável pelas traduções de grandes nomes das literaturas espanhola e hispano-americana contemporâneas, como Javier Marías e Roberto Bolaño.

Na entrevista concedida via correio eletrônico para o terceiro número da *abehache* sobre tradução, Eduardo fala do que, para ele, diferencia o papel do tradutor do papel do autor, dos “tiques” de tradutores, da invisibilidade deste “profissional das sombras” – nas palavras do próprio tradutor –, das dificuldades ao se traduzir as diferentes variantes espanholas; além de expressar sua já conhecida paixão pelo escritor chileno Roberto Bolaño na forma de “síndrome de abstinência antecipada”.

O que significa para você ser tradutor da língua espanhola no Brasil?

Flaubert escreve a certa altura d’*A educação sentimental*: “Há homens que têm como única missão entre os outros homens servir de intermediário; passa-se por eles como por uma ponte, e vai-se mais longe.” Encaro assim a tradução, uma ponte entre povos, culturas, que possibilita ir mais longe no

¹ Doutora. UNESP/São José do Rio Preto.angelica@ibilce.unesp.br

² Doutora. USP. lhosiass@uol.com.br

entendimento fraterno entre eles. Contribuir para essa obra de arte (assim os engenheiros chamam as pontes) que reforça nosso laço com os povos de língua espanhola – é esse o significado maior do nosso trabalho.

Você acredita que um grande tradutor é também um grande escritor?

Sim e não. Sim, do ponto de vista da arte da escrita, já que para ser um bom tradutor é preciso escrever bem; um tradutor, desse ponto de vista, também é escritor. E não, porque o escritor, enquanto autor, é um criador, a obra é fruto do seu engenho, não só da sua arte; cabe ao tradutor a tarefa de tornar a obra criada pelo autor acessível a leitores de outros idiomas, transcrevendo-a do idioma original.

Não é só do ponto de vista criação/transcrição que o trabalho de ambos difere: os processos de criação e de tradução da obra são distintos, os mecanismos que eles põem em movimento são diferentes. O autor inventa, constrói, desenvolve ideias, imagens, enredos... Elege seu vocabulário, amalgaма os diversos elementos da ficção com seu estilo. O trabalho do tradutor é um trabalho de associação de ideias, de busca de correspondências, de reprodução de imagens, estilo, vocabulário. O ponto comum entre os dois é a ferramenta que empregam: a escrita.

Ao longo de sua carreira, você acredita ter desenvolvido um método ou estratégias específicas de tradução?

Método, estratégia me parecem termos excessivos, em se tratando do trabalho de tradução, na medida em que impliquem uma ideia de organização sistemática para alcançar determinado resultado. Ora, o resultado é a obra, que já é entregue pronta ao tradutor, sua organização já está dada; este a toma da primeira palavra e a segue até o ponto final, com a maior fidelidade possível à letra e ao espírito dessa. Não creio que exista um método para alcançar esse resultado, limito-me a acompanhar o autor. O melhor método, se despirmos esse termo do seu inevitável conteúdo cartesiano, é usar o bom senso, que Descartes logo no início do seu *Discurso* dizia ser “a coisa mais bem distribuída do mundo”.

Pode-se falar, sem dúvida, de maneiras de trabalhar, mais modestamente ainda: dos “tiques” de cada tradutor. Assim, por exemplo, há tradutores que sempre leem a obra antes de traduzi-la, que reveem o que traduziram no fim do dia ou do parágrafo etc. Se alguém tiver curiosidade sobre como procedo nesses itens, eis alguns dos meus cacoetes, sobre os quais costumam me indagar. Sempre que o prazo permite, deixo a tradução dormir um pouco no micro, antes de revê-la: esse distanciamento temporal ajuda a rever com olhos repousados as dificuldades e dilemas encontrados no caminho. Raramente

costumo ler a obra antes de traduzi-la. Uma dessas raras exceções foi o primeiro livro de Bolaño que traduzi: *Noturno do Chile*. A novela vai de um só jato ininterrupto, parece escrita de um só fôlego. Como o meu não é tão grande quanto o do Bolaño, lá pela vigésima página temi me afogar no meio do caminho: parei a tradução, li de um fôlego só (para isso o meu bastou), depois retomei, não sem antes reler o que havia traduzido. Não é preciso acrescentar que no mais das vezes procedo a um vaivém entre o que está sendo e o que já foi traduzido, conforme o desenrolar do texto exija.

Um dos aspectos que chamam bastante atenção na produção de Roberto Bolaño, e que parece representar um desafio maior para a tradução de suas obras, é uma espécie de ubiquidade linguístico-idiomática construída em torno das diferentes variantes do idioma espanhol. Em *Nocturno de Chile*, por exemplo, tanto a fala, como as gírias e as expressões idiomáticas pertencem à variante chilena; em *Los detectives salvajes* tal fato se transfere ao léxico mexicano. O mesmo ocorre em *Dos cuentos católicos*, de *El gaucho insufrible*, no qual Bolaño flerta com o Sul de Borges. Essas questões parecem ter sido pensadas pelo autor com objetivos claros e parecem se relacionar às concepções políticas que ele tem da diversidade e da falsa homogeneidade da língua espanhola, tanto na América, quanto na Espanha. Como você lida com esse fenômeno ao traduzir a obra desse autor?

Este problema das variações da língua não me parece ter solução ideal. Mas não é de uma obra a outra que ele se manifesta: nesse caso, trata-se apenas de traduzir as gírias, as expressões etc. Traduzir *Noturno do Chile* e os *Detectives selvagens* não difere de, por exemplo, traduzir uma obra de Bolaño e uma de Marías. O problema existe quando essas variações se dão dentro de uma mesma obra, como é o caso dos *Detectives selvagens*. Aí, Bolaño brinca com os diversos falares latino-americanos: o mexicanês predomina, mas há também personagens peruanos, argentinos, a uruguaia Lacouture, que reaparece em *Amuleto*, espanhóis, galegos, catalães... Qual a solução? Como já disse, creio que não há: só mesmo o leitor hispanoparlante pode apreciar plenamente essa brincadeira com as variantes da língua espanhola. Assim como só o lusófono pode ler autores portugueses, brasileiros, angolanos, moçambicanos... e desfrutar as diferenças entre seu escrever. Não costumo fazer a diferenciação, não vejo como.

De qualquer modo, não me parece ser uma característica importante da obra de Bolaño realçar as diversidades, mesmo que ele brinque com isso: Bolaño as transcende, seus personagens das diversas hispanidades protagonizam a seu modo, em diversos níveis (político, poético...) o drama, ou tragédia, dos hispano-americanos, como se vê bem em *Amuleto*, sua obra supera, pois, no sentido dialético do termo, essa diversidade elevando-a ao plano superior

da comunhão de destinos. E, aliás, não só hispano-americanos. Em *Detetives selvagens* intervêm personagens de outras origens: europeus variados, judeus... O mesmo drama, ou tragédia, une toda uma geração acima de fronteiras e línguas. Mas aqui já estou saindo do terreno da tradução.

Você realiza algum processo de pesquisa ao traduzir uma obra (consulta sobre o estilo do autor, sobre o texto, tendências literárias etc.)?

Não costumo fazer esse gênero de pesquisas. Em particular, nunca leio as críticas e resenhas sobre a obra que vou traduzir; quando os editores me pedem para traduzi-las, só o faço depois de terminada a tradução da obra. Prefiro ir descobrindo a obra à medida que vou trabalhando nela e enxergá-la com meus olhos, sem a intervenção de olhos alheios. Mesmo quando um romance ou conto dialoga com o conjunto da obra ou com outros escritos do mesmo autor, ela tem sua individualidade, e assim o tradutor deve encará-la. Um exemplo desse diálogo constante é dado por dois autores que venho traduzindo: Javier Marías e Roberto Bolaño. Levo sempre em conta essa integração, claro, porque, tanto em Marías (sobretudo) como em Bolaño, ela se dá não só ecoando cenas, personagens, temas, mas inclusive reproduzindo trechos inteiros, às vezes literalmente. Acrescento que não costumo me interessar muito pelo autor, quero dizer, por sua história pessoal, suas características e idiossincrasias. Geralmente, sei deles muito pouco. Obra(s) e (pessoa do) autor são entidades distintas: uma vez que o autor dá seu livro ao prelo, este passa a ter vida própria, independente, e assim toda a sua obra.

Minhas pesquisas se concentram em elementos da obra, como referências históricas, a personagens reais, a elementos locais, culturais, localidades etc. Graças ao recurso dos mapas do Google, pude descobrir que de fato existe no México uma localidade chamada Santa Teresa, que seria a recriação fictícia de Ciudad Juárez, em *2666* de Bolaño: é um povoadozinho minúsculo, de um punhado de habitantes (se bem me lembro não chegam a uma dúzia!), perdido no meio do nada. Gosto de imaginar que ele tenha passado por lá: acho muito mais divertido pensar assim do que o mesmo nome ser pura coincidência. Com esse recurso passei também a acompanhar as andanças dos personagens, por curiosidade, mas também para maior precisão tradutória. No penúltimo romance da trilogia de Javier Marías *Seu rosto amanhã*, o narrador segue um personagem pelas ruas de Madri; esconde-se atrás de uma árvore para vê-lo entrar em seu prédio; descreve o portão. Graças a esse recurso, encontrei a árvore, vi o portão e pude descrevê-lo com maior fidelidade.

Você acredita que a língua espanhola contenha algum elemento que seja especificamente mais resistente à tradução?

Não creio. Todas as línguas têm suas peculiaridades e suas dificuldades. Apresentam necessariamente idiotismos sem tradução exata. Um exemplo? As blasfêmias, tão comuns em várias línguas, praticamente inexistem em português. Se, como cantava Noel, “o samba não tem tradução no idioma francês”, *me cago en Diós*, não a tem no idioma português. Há que adaptar conforme o contexto.

Muitos percebem a proximidade entre as línguas portuguesa e espanhola como facilitadora da tradução entre elas. O que você pensa dessa proximidade?

Essa proximidade não ajuda nem atrapalha. O que conta mesmo para “facilitar” a tradução é o fato de praticar, traduzir constantemente de uma língua. Não vejo diferença notável entre traduzir do espanhol e do francês, as duas línguas com que trabalho regularmente. Também não creio que essa proximidade atrapalhe: os famosos falsos cognatos são uma armadilha para o tradutor de qualquer idioma. O tradutor tem sempre de estar atento para não cair nelas, o que pode acontecer à menor distração.

Você já traduziu algumas obras importantes da literatura espanhola e hispano-americana. Existe uma responsabilidade maior ao se traduzir um autor mundialmente reconhecido?

Não sinto isso. Para mim, há sim diferença – e grande – ao traduzir um autor com que me identifico, de quem gosto especialmente. É o caso do Bolaño. Como não restam quase mais obras dele a traduzir, começo a sentir uma espécie de síndrome de abstinência antecipada. Não gosto nem de pensar em como vai ser no dia em que não tiver mais nenhum título dele para traduzir... Já são quase dez anos de convívio apaixonado.

Roberto Bolaño e Ricardo Piglia nunca chegaram a se conhecer pessoalmente, mas existe uma conversa por internet, auspiciada pelo jornal espanhol *El País*³, na qual os dois autores “passeiam” por variados assuntos, conferem predileções etc. Em determinado momento, entram diretamente no tema da tradução e dos tradutores. Para Bolaño, um grande tradutor pode ser considerado

³ *El País*, Cuaderno Babelia, 3/3/2001 (<http://www.sololiteratura.com/bol/bolaentrpiglia.htm>).

um grande autor invisível. Piglia, completamente de acordo, confessa seu fascínio por esses “escuros personagens extraordinários, escritores assalariados que escrevem a tantos centavos por palavra”. Pensando nessa mútua admiração pela tradução, a pergunta que faria é se você concorda com isso? Será que são justamente os escritores aqueles que melhor conseguem entender o ofício de um tradutor?

Acho que quem melhor entende os tradutores são eles próprios – e os bons editores. O Piglia talvez até os entenda melhor que eles próprios por estar nas duas pontas, a autoria e a tradução. Bolaño toca num ponto que considero crucial e que me esforço em ter como bússola: a invisibilidade da tradução, a mão invisível do tradutor. (Quanto a este também ser um autor, já respondi em outra oportunidade⁴.) A tradução ideal seria aquela que fosse como uma xerox do original, isto é, que fosse capaz de reproduzir tudo, em seus mais ínfimos detalhes, o que o autor pôs no original, suprimindo a barreira entre a obra e sua tradução. Mas aí seria a própria obra original, e não sua tradução! Mas como essa barreira é inevitável, por ser impossível reproduzir plenamente um autor, trata-se de torná-la o mais baixa e transparente possível, uma barreira de vidro bem fininho já seria um bom resultado. Como se faz isso? Procurando ser o mais fiel possível ao universo, à atmosfera, ao estilo, reproduzir as sutilezas e nuances, ou seja, renunciar a qualquer veleidade autoral, a tomar liberdades indevidas com a obra que traduz.

Nesse mesmo sentido, é interessante observar que Piglia tem levado adiante essa fascinação pelo tema, a ponto de ter anunciado um estudo dedicado à literatura e à tradução.⁵ Segundo ele, o melhor leitor de um romance é o seu tradutor já que é o único que lê palavra por palavra, e que está à espreita de cada vocábulo, cada vírgula, cada eventual ‘equivoco’ produto de alguma eventual formulação errática. Essa mesma concepção pode ser observada em Borges, quando afirmava que o seu tradutor conhecia o seu texto melhor do que ele próprio, que só o escrevera uma única vez e tratara de esquecer-lo. Além disso, é o tradutor quem vai escolhendo entre os vários sentidos, a fim de selecionar dentre eles o que melhor se adequa à tradução para a outra língua. O que você pensa sobre isso?

⁴ O tradutor se refere à entrevista concedida ao blog da Companhia em 13/10/2010, disponível em <http://www.blogdacompanhia.com.br/2010/10/traduzindo-bolano/>

⁵ Conferência proferida por Ricardo Piglia em São Paulo, em 26/07/2011, por ocasião dos 25 anos da Editora Cia. das Letras.

O Borges tem razão: o tradutor conhece a fundo a obra do autor, cada vocábulo, cada vírgula, cada equívoco, como foi dito. Por isso mesmo, a leitura do tradutor é uma leitura diferente da do leitor puro e simples. Não só em como ela se dá, mas no objetivo também. O leitor tem como objetivo o prazer, saboreia o estilo, divaga com uma formulação que o toca, interage com o personagem; o tradutor lê por ofício, para em cada vírgula, em cada..., seu objetivo não é o prazer da leitura, mesmo que traduzir lhe dê prazer (mas aí o prazer é, não da leitura, mas da tradução); faz uma espécie de leitura microscópica, o leitor, macroscópica. O tradutor se preocupa em como vai passar certa imagem para a sua língua; o leitor não pensa nisso, no máximo pode se dizer: pena que os que não leem esta língua não vão poder usufruir desta passagem tão bela em toda a sua plenitude. O leitor que topa com esta maravilha escrita por Horacio Ferrer: *me pondré por los hombros, de abrigo, toda el alba*, se extasia com a beleza da imagem, procura sentir o calor do sol nascente em seu corpo. O tradutor: como vou transmiti-la: porei em meus ombros (nos ombros), de (como?) agasalho, toda a alvorada; jogarei nos (em meus?) ombros..., porei (jogarei) nos/em meus ombros, para me agasalar, toda a alvorada? E tome quebrar a cabeça com cada vocábulo, cada vírgula, cada equívoco... Já a cabeça do leitor sai incólume, sem nem sequer um arranhãozinho.

Que obra você gostou mais de traduzir? Por quê?

As obras do Bolaño, todas, mesmo as que alguns dizem menores, pelas razões acima. Gostei muito também do último Marías, *Os enamoramentos*, uma de suas melhores obras, sem exagero uma obra-prima.

Como gosto muito do meu trabalho, não teria exagerado se houvesse respondido simplesmente: a obra que mais gostei de traduzir foi a última. Ainda que o texto não fosse lá essas coisas...

Você é um leitor de traduções? Há alguma tradução que gostaria de ter feito?

As línguas que domino prefiro ler no original. Já os japoneses, russos...

Gostaria muito de ter traduzido qualquer obra de Carlos Fuentes, se não fosse querer demais, toda ela. Inclusive seus textos não literários. É uma das cabeças mais notáveis da América Latina. À parte isso, uma obra que me frustrou não ter traduzido foi *Los siete locos*, do argentino Roberto Arlt. Eu a li num momento conturbado da minha vida, tenho por isso uma relação afetiva toda especial com ela. Propus a uma ou outra editora, já não lembro quais, mas não deu certo. Foi lançada mais tarde pela Francisco Alves. Quem sabe numa futura reedição me convidam para retraduzi-la...

Gostaria também de poder traduzir Horacio Ferrer, grande poeta, figura exponencial do tango. Bem que tentei, não gostei do resultado. Desisti. Decididamente, tradução de poesia não é minha praia.

Conte como é a sua experiência com a crítica realizada sobre seu trabalho como tradutor.

Geralmente, as resenhas ou críticas não costumam falar da tradução. Acho que fazem muito bem, pois criticar uma tradução suporia cotejar o texto traduzido com o original, o que raramente é feito, talvez até porque não tenha maior interesse para o público leitor: afinal, quando o leitor compra um romance do Bolaño é para ler esse autor, não seu tradutor, e é a esse anseio que a resenha ou crítica acertadamente respondem. Quando falam em boa ou má tradução, portanto, na verdade estão se referindo ao texto mais ou menos feliz do tradutor.

Você daria algum conselho para tradutores de espanhol que estejam em formação?

Só um: ler, ler, ler. Em espanhol e em português. Sem isso não haverá boa tradução. E acaso haverá boas obras a traduzir, se não forem os escritores assíduos leitores?

Tradução e mercado de trabalho

Entrevista com Maria Franca Zucarello, presidente do
Sindicato Nacional de Tradutores

Angélica Karim Garcia Simão¹

Para o número sobre tradução da revista *abehache*, julgamos pertinente realizar uma entrevista com Maria Franca Zucarello, presidente do SINTRA – Sindicato Nacional de Tradutores², entidade originada no início dos anos setenta na cidade do Rio de Janeiro e com sede na mesma cidade até os dias atuais.

Maria Franca Zucarello é formada em Letras, mestre em Letras Modernas e doutora em Letras Neolatinas. Desde 1981 é professora de língua, cultura e literatura italiana dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e atua como presidente do sindicato desde 2011.

As perguntas que motivaram a entrevista, realizada por e-mail, buscaram trazer à discussão, básica e fundamentalmente, as relações entre o sindicato e o mercado de trabalho para tradutores, envolvendo desde o campo de atuação política dessa instituição, sua visão sobre as transformações ocorridas no mercado de trabalho nos últimos anos, sua posição frente à regulamentação da profissão e à formação dos profissionais da área.

Também procuramos abordar a visão sindical sobre as possibilidades de acordo ou organização das atividades relacionadas à tradução envolvendo os países do MERCOSUL, além das três principais vertentes que o SINTRA afirma se dedicar: a busca pela remuneração profissional digna, a luta pelo recebimento de direitos autorais pelos tradutores, reconhecidos como coautores dos livros que traduzem, e o apoio à categoria na realização de seus serviços.

¹ Doutora.UNESP/São José do Rio Preto.angelica@ibilce.unesp.br

² O site do SINTRA pode ser acessado em www.sintra.org.br

As respostas enviadas pela presidente do sindicato são apresentadas integralmente e promovem novas reflexões e questionamentos sobre a atual situação do tradutor inserido no mercado de trabalho brasileiro.

Em um mercado tão pulverizado como o de tradução, como é possível entendermos a união de tradutores via ação sindical ou a comunicação entre o sindicato e os tradutores?

O Sindicato de tradutores nasceu nos anos setenta, formado por um grupo de tradutores. A primeira conquista obtida pelo SINTRA, em 1988, foi o reconhecimento, pelo Ministério do Trabalho, da categoria como profissão liberal. Desde então o SINTRA luta para que a categoria tenha os benefícios que seus filiados buscam e para unir cada vez mais a classe. Os tradutores filiados e os não filiados mantêm um contato constante com o Sindicato, seja através de e-mail ou de presença, seja durante as assembleias. O SINTRA objetiva a melhoria de seus filiados quanto à valorização do trabalho do tradutor e do tradutor-intérprete. Queremos aqui informar que os tradutores nem sempre são filiados ao SINTRA ou a qualquer outra entidade representativa da categoria, pois a filiação sindical é de livre escolha do profissional.

Na condição de professora universitária e, ao mesmo tempo, dirigente de uma instituição cuja ação volta-se para o campo político, como você encara o papel das universidades, especificamente daquelas que possuem cursos de graduação em Letras- Tradução, ou disciplinas voltadas para essa especialidade, na formação de tradutores?

Como dirigente do SINTRA, devemos dizer que hoje há uma verdadeira invasão do mercado de tradução por pessoas que não vivem somente da tradução. Isso, porém não quer dizer que entre os que traduzem sem ter a chamada qualificação não estejam os capacitados para fazerem bons trabalhos, e nesse caso sua atuação não acarretaria a desvalorização da tradução. Quanto aos vários cursos que invadem o mercado, devemos dizer que são bastante seguidos. Por outro lado, gostaríamos de dizer que as Universidades estão sentindo, cada vez mais, o dever de, em seus cursos de graduação e/ou especialização, implementar disciplinas voltadas para a preparação dos jovens para que sejam os bons tradutores de amanhã. De fato, ao ensinar nas Universidades estamos conscientizando os nossos alunos sobre a responsabilidade que têm ao se tornarem tradutores, isto é, bons tradutores. Essa conscientização é importante porque lhes desperta, além do desafio constante de encontrarem o termo (ou a frase) mais correto para a tradução que

estão fazendo, o prazer e o orgulho pelo trabalho que realizam. E tudo isso os leva a valorizar e defender a profissão que estão aprendendo.

Então nós professores sentimos-nos os condutores desses jovens e mais uma vez ressignificamos o verbo “Traduzir”, do latim *traducere*, isto é, conduzir alguém para o outro lado, para o acesso aos conhecimentos linguísticos e à cultura da língua para a qual estão traduzindo.

Para tanto, ao transmitir aos jovens os segredos da profissão e, principalmente, o prazer de traduzir, as universidades e os professores estão sempre mais envolvidos na criação de bons cursos de tradução, cujo ensino baseia-se, além do estudo dos teóricos mais famosos mundialmente, na troca de opiniões e debate que acontecem durante as aulas e que mais enriquecem o estudo da tradução e conscientizam de que não existe uma única tradução correta de uma palavra, de uma frase, de um texto, mas que cada um tem sua solução, sempre que esta seja, a seu ver, a melhor.

Que avaliação você faz do campo de atuação política do SINTRA, considerando a proporção entre o número de filiados ao sindicato e os profissionais inseridos no mercado de trabalho atualmente?

O SINTRA é um Sindicato apolítico e a única “política” que adota é a de defender os direitos da classe. Quanto ao número de seus filiados, podemos, sem dúvida, dizer não ser expressivo, pois, como já dissemos, o número de filiados não corresponde ao de profissionais que trabalham nesta área, e mais uma vez, demonstra ser esta uma profissão liberal.

Nos últimos anos, em função do desenvolvimento tecnológico e do aumento de indústrias *offshore*, dentre outros fatores, o mercado de tradução mudou bastante. Que análise o SINTRA faz dessa transformação?

Sim, o desenvolvimento tecnológico tem dado passos de gigante e, portanto, o mercado da tradução está em contínuo aumento. Gostaríamos de acrescentar que, nem sempre, porém, o desenvolvimento tecnológico traz a qualidade, uma vez que os trabalhos, com o suporte informático, podem ser realizados de forma mais corrida de modo que a qualidade dos trabalhos pode deixar a desejar, e isso pode levar a um empobrecimento quanto à excelência das traduções.

Desde 1988 a profissão de tradutor passou a ser reconhecida, mas ainda não é regulamentada. Como o SINTRA se posiciona diante da possibilidade de regulamentação da profissão de tradutor e intérprete e da criação de conselhos (federais e estaduais) de Tradução e Interpretação?

Como já dissemos, existem duas vertentes: uma daqueles que desejam a regulamentação da profissão e outra daqueles que não a querem. A vertente que não quer regulamentação acha que não há necessidade de tê-la, uma vez que o próprio mercado é regulado pela qualificação do profissional, e esta é confirmada pela qualidade de seus trabalhos. O posicionamento do SINTRA é que uma coisa é consequência da outra, pois, não havendo regulamentação, não haverá como se criarem conselhos. Devemos, porém, dizer que o SINTRA está buscando saber se é melhor ter ou não a regulamentação, uma vez que, como já dissemos, muitos são os tradutores a favor, assim como muitos são os contrários. Quanto à criação de Conselhos, acreditamos possa ser um excelente passo à frente para que estejamos cada vez mais unidos e lutemos pelos nossos direitos. Estamos acompanhando as discussões a respeito.

Sabemos que no mercado de trabalho os preços praticados pelos tradutores sofrem muita variação e que a base para estabelecer a tabela de valores sugeridos pelo sindicato é feita a partir de profissionais bem remunerados. O SINTRA tem alguma referência de como os profissionais da área lidam com essa questão?

O SINTRA não estabelece tabela de valores a ser cobrados e os preços sugeridos são fornecidos pelos próprios tradutores que, reunidos em assembleia, chegam a um valor de referência, mero norte para eles mesmos e para as empresas que procuram seus serviços. Confirmamos que os preços praticados pelos tradutores não são uniformes, devendo ser acordado entre estes e os que solicitam os trabalhos de tradução.

Quais são as conquistas do SINTRA referentes ao recebimento de direitos autorais por parte de tradutores de livro?

O SINTRA vem acompanhando os debates em torno da Lei dos Direitos Autorais, que vem progredindo lentamente, mas com boas perspectivas. Até o momento, porém, persiste a prática de os tradutores de livros receberem a remuneração pela tradução como se fosse uma venda de seus direitos autorais. Todavia, o direito à autoria da obra é invendável e o nome do tradutor deve sempre aparecer claramente na obra publicada, mesmo que em edições sucessivas.

Além de filiarem-se ao sindicato e associarem-se a ABRATES, quais recursos os tradutores poderiam adotar para aumentar sua visibilidade enquanto profissionais inseridos no mercado de trabalho brasileiro? Existe alguma postura que possa favorecer a articulação desses profissionais que são, em muitos casos, profissionais autônomos ou liberais?

Cada tradutor e cada intérprete tem meios próprios para aumentar a sua visibilidade enquanto profissional, e os recursos, nessa profissão, são pessoais e englobam seu *marketing* e sua ética profissional. É claro que a melhor propaganda é a qualidade do trabalho, assim como a pontualidade na entrega deste.

O SINTRA tem feito o possível para atender às necessidades de seus filiados, ao mesmo tempo em que está sempre em busca de novos benefícios para o bem-estar profissional deles e para que se sintam bem representados.

Existe alguma proposta de acordo ou regulamentação linguística entre os sindicatos ou associações que direcione a organização das atividades relacionadas à esfera da tradução envolvendo os países do MERCOSUL?

O SINTRA se mantém em contato com os tradutores do bloco e seus representantes. É membro do CRAL – Centro Regional América Latina, órgão fundado em colaboração com a, então, Presidente do SINTRA, durante a sua gestão (2004-2005), e que representa a FIT – Federação Internacional de Tradutores, na América Latina. O CRAL, ao qual atualmente não somos filiados, é a entidade que se encarrega dessas discussões e decerto participará de qualquer acordo que vier a ser feito. Por enquanto, as discussões têm-se ligado à verdadeira necessidade de tradução/ interpretação entre o português e o espanhol, em vez de se confiar em um “portunhol” impreciso.

Que objetivos se estabelecem como meta para fomentar o crescimento e fortalecimento do SINTRA? De que forma os profissionais da área podem contribuir para isso?

Os profissionais podem contribuir para o fortalecimento do SINTRA filiando-se e levando até o mesmo as problemáticas que enfrentam no decorrer de suas jornadas. Somente desta forma, unidos, teremos um Sindicato forte e em constate crescimento.



Varia

Los subtítulos y la subtitulación en la clase de lengua extranjera

Jorge Díaz Cintas¹

Resumen: Este artículo se abre con una panorámica del papel que la traducción audiovisual juega en la didáctica de idiomas: introduce variedad, da cabida a los elementos no-verbales de la comunicación y, lo más importante, permite a los estudiantes ver el tipo de interacción que se establece entre lengua y cultura en un contexto real. Tras presentar una clasificación de los distintos tipos de subtítulos que existen en la enseñanza de idiomas, el artículo considera los pros y los contras de usar vídeos subtitulados para aprender idiomas. Con el fin de superar la posible pasividad que se deriva de ver vídeos subtitulados, el autor propone una aproximación más activa para explotar este material, que consiste en enseñar a los alumnos a crear sus propios subtítulos. El artículo finaliza con un análisis de las ventajas de esta actividad relativamente novedosa en el campo de la enseñanza de idiomas y presenta un listado de las principales consideraciones lingüísticas y técnicas que caracterizan la subtitulación para que los profesores que estén interesados puedan familiarizarse con ellas.

Palabras clave: subtítulos, subtitulación, vídeos, aprendizaje de lenguas extranjeras, traducción audiovisual

Abstract: This paper presents an overview of the role played by audiovisual translation in the foreign language classroom, which has been a common resource since it introduces variety, provides exposure to nonverbal cultural elements and, most importantly, presents linguistic and cultural aspects of communication in their context. After presenting the different types of subtitles available, it then discusses the advantages and disadvantages of using subtitled videos for language learning purposes. To do away with the potential passivity of watching subtitled material, it proposes a more active approach to exploit this material by teaching students how to create subtitles. The pros of this novel approach to

¹ Doctor. Imperial College London. j.diaz-cintas@imperial.ac.uk

foreign language learning are presented as well as the main technical and linguistic considerations that characterised subtitling, so that tutors can familiarised themselves with them.

Keywords: subtitles, subtitling, videos, foreign language learning, audiovisual translation

1. Introducción

La traducción, que antaño se enseñaba únicamente como una actividad más dentro de la clase de idiomas extranjeros, ahora, en una visión mucho más realista y acorde con la realidad laboral, ocupa un lugar propio dentro de los estudios universitarios. Aun así, y como se postula en este artículo, la traducción tiene un potencial educativo enorme en la enseñanza de idiomas, por lo que ambas disciplinas siguen estrechamente relacionadas.

En el contexto del aprendizaje de idiomas, la traducción se empezó a utilizar según enfoques puramente lingüísticos, en lo que yo llamaría «traducción académica», a través de ejercicios encaminados a evaluar los conocimientos léxicos y gramaticales de los estudiantes con respecto al texto original. La posterior evolución en la enseñanza de idiomas hacia nuevos paradigmas educativos marcadamente comunicativos y centrados en el uso casi exclusivo de la lengua extranjera (L2) en clase, trajo consigo la gradual desaparición de actividades traductoras en la enseñanza de idiomas. Algunos de los motivos que justificarían esta evolución son pedagógicos, pues la traducción se ve como una actividad aburrida y desmotivadora, y cognitivos, ya que se considera que trabajar con la lengua materna (L1) es una barrera para la buena adquisición y procesamiento de la L2. En este nuevo contexto, pues, el empleo de tareas traductoras como actividades docentes se convierte en anatema dado que, obviamente, es necesario recurrir al uso de la L1 de los estudiantes.

La percepción de que el uso de la L1 en la clase, y por ende de la traducción, es un obstáculo para la enseñanza y aprendizaje de lenguas extranjeras es una idea que está todavía relativamente arraigada en ciertos entornos educativos. El énfasis que algunas instituciones han otorgado al enfoque comunicativo, basado en el uso casi único y exclusivo de la lengua extranjera, ha supuesto en muchos casos el destierro de la lengua materna del aula (Zabalbeascoa Terrán, 1990: 75). Aunque en tiempos recientes el péndulo parece haberse desplazado en favor de una mayor presencia de la lengua materna en el aula de idiomas, la realidad es que la traducción sigue ocupando un lugar relativamente marginal, aun a pesar de su gran potencial docente. Como

bien apunta Duff (1989: 5): «translation has been generally out of favour with the language teaching community. (Almost, we might say, 'sent to Siberia'!)».

Algunas de las características más llamativas del enfoque comunicativo son el uso de materiales didácticos auténticos, la promoción de actividades de comprensión auditiva, la motivación a los estudiantes a interactuar en clase, y la recreación en el aula de actividades que tienen un potencial comunicativo real. Para alcanzar estos objetivos, algunos profesores han desarrollado actividades que simulan, en la medida de lo posible, situaciones y conversaciones que tienen lugar en la vida real y, para ello, han estimado apropiado recurrir al uso de materiales de vídeo en el programa curricular. Cuando los niños aprenden su primer idioma, lo suelen hacer escuchando a personas y repitiendo lo escuchado. En estos primeros estadios de aprendizaje de la lengua, los niños consiguen descubrir e internalizar las reglas fonológicas, morfológicas, sintácticas y pragmáticas del idioma en cuestión. En este sentido, del mismo modo que escuchar el idioma materno está considerado como uno de los pilares convencionales de su enseñanza, también la comprensión auditiva se ve como una de las bases primordiales en la enseñanza y aprendizaje de la L2.

Partiendo de estas premisas, el objetivo principal del presente artículo es subrayar el potencial educativo de la subtitulación en el aprendizaje de idiomas, desde una perspectiva tanto activa como pasiva. Esta práctica traductora, que rara vez se emplea en la didáctica de lenguas modernas, está recibiendo un interés cada vez mayor por parte de profesores de idiomas, que la ven como una forma lúdica y entretenida de acercarse a la lengua extranjera.

2. El uso de vídeos en la clase de lengua

Los vídeos se pueden explotar de muchas maneras a la hora de mejorar el proceso de adquisición de una lengua (no sólo) extranjera y pueden servir de complemento a los tradicionales libros de texto o alzarse como el principal material didáctico usado en clase. Para los estudiantes, los vídeos son importantes no sólo porque les permiten ver y apreciar la manera en la que los nativos de otra lengua interactúan entre sí, sino también porque les ofrecen pistas comunicativas tanto lingüísticas (acentos regionales, entonación) como paralingüísticas (gestos, movimientos corporales). Es decir, este material les permite ver cómo la L2 se usa de modo real en ciertos contextos socio-culturales. Para King (2002), el uso de materiales audiovisuales en el aprendizaje le otorga vida al lenguaje y consigue sumergir al estudiante en escenarios creíbles y realistas a través de una actividad cotidiana y lúdica.

Se han llevado a cabo numerosos experimentos y estudios para analizar hasta qué punto el uso de material audiovisual ayuda a mejorar y desarrollar diferentes habilidades de comprensión auditiva, y en qué etapas del aprendizaje.

Según un trabajo de Rubin (1990), en el caso de estudiantes principiantes de español como lengua extranjera, el uso de material audiovisual les ayudó a mejorar substancialmente sus habilidades de comprensión auditiva, por delante de otros estudiantes en el mismo nivel educativo que no habían sido expuestos a este tipo de material en clase; mientras que Herron y Hanley (1992) concluyen en su estudio que el uso de vídeos en la enseñanza de L2 en la escuela primaria favorece la retención de referentes culturales. En resumen, estos estudios demuestran que los estudiantes que aprenden la L2 con el uso extensivo de materiales audiovisuales mejoran sus habilidades de comprensión auditiva más rápidamente y de manera más sólida que los estudiantes que no se apoyan en estos materiales didácticos. Aparte de estudios de esta naturaleza, que se centran únicamente en las habilidades de comprensión auditiva, existen otros trabajos, como el de Herron *et al.* (1995), que demuestran que el uso de material audiovisual mejora la comprensión auditiva de los alumnos sin afectar negativamente el desarrollo de las otras habilidades de aprendizaje como el habla, la lectura, el aprendizaje de gramática, o la escritura.

A continuación, paso a enumerar los principios más importantes que sustentan el uso de materiales audiovisuales en el aula de lengua extranjera. Un principio teórico de gran utilidad en el terreno del aprendizaje de la L2 es la hipótesis de información de entrada (*input hypothesis*) postulada por Krashen (1987). Según esta hipótesis, un aspecto muy importante a la hora de aprender una L2 es que la información de entrada que reciben los estudiantes ha de ser comprensible, entendiéndose por «*input* comprensible» toda aquella información que supera ligeramente el nivel de competencia del estudiante. Es ésta una manera de estimular las ganas de aprender, pero siempre teniendo en cuenta que los estudiantes deberían centrarse en el significado y no en la forma del mensaje. La premisa que subyace a esta hipótesis es que los estudiantes sólo aprenden la lengua que son capaces de comprender y, por lo tanto, para comprender expresiones o vocabulario que están por encima de su nivel de competencia se ayudan de pistas extralingüísticas que acompañan el mensaje original, así como de su propio conocimiento enciclopédico del mundo. En el caso que nos ocupa, se observa una clara relación entre esta hipótesis y el uso de material audiovisual en el aula, dado que los vídeos ofrecen al estudiante una gran cantidad no sólo de información comprensible (imágenes, sonidos), sino también de pistas paralingüísticas que le pueden ayudar a discernir el mensaje original (entonación, ritmo, gestos, movimiento, etc.). Según este autor, uno de los valores añadidos de este enfoque radica en el hecho de que la información de entrega comprensible ayuda al estudiante a desarrollar su competencia de habla en el idioma extranjero pues, en sus palabras, «we acquire spoken fluency not by practising talking but by understanding input, by listening and reading» (*ibid.*: 60).

Otro de los conceptos postulados por Krashen (1987) es lo que se conoce como la «hipótesis del filtro afectivo», según la cual cuanto más bajo es el filtro afectivo del estudiante, mayor será su predisposición para adquirir nuevo vocabulario. El filtro hace referencia a los diversos factores afectivos que pueden influir de modo positivo o negativo en el desarrollo de la comprensión auditiva, como el nivel de ansiedad, la motivación o la autoestima que una tarea en concreto puede tener en el estudiante. Por ejemplo, si una actividad produce ansiedad en el estudiante (filtro afectivo alto) es muy probable que la perciba como una actividad de poco valor educativo y que los resultados de su participación sean poco alentadores. Por el contrario, si el grado de motivación del estudiante es alto, entre otras razones porque el nivel de ansiedad es bajo (filtro afectivo bajo), su actuación será normalmente más positiva y conducente a un mayor y mejor aprendizaje de la lengua extranjera. En este sentido, si la elección de los programas audiovisuales es idónea y su visionado se presenta al estudiante como una actividad atractiva, se puede conseguir bajar el filtro afectivo y facilitar el aprendizaje.

Además de estos principios que sustentan el uso de materiales audiovisuales en el aula de lengua extranjera, existen otras maneras de explotar este material y fomentar el aprendizaje del estudiante, particularmente con el apoyo de los subtítulos. En el siguiente apartado se presentan los distintos tipos de subtítulos que existen, al que sigue una sección en la que se justifica su idoneidad en la enseñanza de lenguas extranjeras.

3. Tipos de subtítulos

Son varias las posibles combinaciones lingüísticas que se pueden establecer entre la pista sonora y el texto de los subtítulos. Desde esta perspectiva, podemos hablar de los siguientes cinco tipos de subtítulos:

1. Subtítulos interlingüísticos estándar
2. Subtítulos interlingüísticos inversos
3. Subtítulos intralingüísticos en L1
4. Subtítulos intralingüísticos en L2
5. Subtítulos bilingües

Subtítulos interlingüísticos estándar: son aquellos en los que se produce el trasvase de información de una lengua a otra ya que la pista sonora está en la L2 y los subtítulos en la L1. Es la combinación más comúnmente utilizada cuando una película o programa audiovisual se distribuye en un país de habla diferente. En cuanto a su validez en la didáctica de lenguas extranjeras, los subtítulos estándar funcionan como un apoyo a la comprensión de los diálogos originales

que «es mayor incluso que el de los subtítulos bimodales porque la presencia de la L1 permite al alumno realizar conexiones entre los dos sistemas lingüísticos por medio de la traducción, así como con sus propios conocimientos previos» (Talaván Zanón, 2009); razón por la cual se aconseja su uso en los estadios iniciales para que los alumnos puedan entrar en contacto con material auténtico desde el principio de su proceso de aprendizaje.

Subtítulos interlingüísticos inversos: son aquellos en los que el audio está en la L1 y los subtítulos aparecen en la L2. Al contrario que los subtítulos anteriores, que se pueden encontrar fácilmente de manera natural en el cine o la televisión, esta otra combinación no es tan común y su uso se ciñe casi exclusivamente al aprendizaje de lenguas. Uno de los aspectos negativos de estos subtítulos es que al no poder escuchar la lengua original, la habilidad de comprensión auditiva se resiente, mientras que otros autores consideran que esta combinación de idiomas es útil sobre todo a la hora de ayudar al alumnado a ampliar su léxico en la lengua extranjera (Lambert, 1981; Danan, 1992).

Subtítulos intralingüísticos en L1: en esta subtitulación no tiene lugar ningún cambio de lengua y tanto los diálogos como los subtítulos se encuentran codificados en la lengua materna. Originalmente, se crearon para beneficiar a los espectadores sordos y con discapacidad auditiva, aunque, dado su gran potencial educativo también son usados por personas con conocimientos limitados de la lengua del país donde residen para comprender mejor las emisiones de televisión en una lengua para ellos extranjera: emigrantes, estudiantes de otros países, etc. (Vanderplank, 1988; Parks, 1994). Este tipo de subtítulo se conoce en inglés como *captioning* y, gracias a la presión de organizaciones que velan por los intereses de personas con discapacidad auditiva, en ciertos países las cadenas de televisión están obligadas por ley a transmitir un porcentaje dado de programas con este tipo de subtítulos. La cadena británica BBC es sin duda una de las más avanzadas a nivel mundial en este terreno, y en países como España, Portugal y Brasil son ya varios los canales que transmiten parte de su programación con subtítulos para sordos (SpS) y personas con discapacidad auditiva. También se está empezando a trabajar en la sistematización de estos subtítulos a través de normas como la española, centrada en el *Subtitulado para personas sordas y personas con discapacidad auditiva. Subtitulado a través de teletexto* (AENOR, 2003) o la brasileña, titulada *Acessibilidade em comunicação na televisão: Accessibility in tv captions* (ABNT, 2005). En cuanto a sus aspectos formales, estos subtítulos dan cabida a una transcripción editada de los diálogos que intercambian los actores, a toda información paralingüística que tiene un impacto directo en la comprensión del argumento o la actuación de los personajes (entonación, acentos, ritmo, prosodia), a los efectos sonoros y otros elementos discursivos transmitidos a través de la pista sonora, como las canciones y la música. También se recurre a otras convenciones como al posicionamiento o la asignación de colores para diferenciar a los distintos

actores, flechas que indican quién habla cuando los actores están fuera de pantalla, subtítulos entre paréntesis para denotar que los actores están hablando con voz muy baja, etc. (Neves, 2005). Otros tipos de subtítulo intralingüístico son los karaokes que se usan normalmente con canciones o películas musicales, y los subtítulos que se emplean en películas y programas para dar cuenta de los diálogos de actores o personas en pantalla cuyo acento es difícil de comprender para una audiencia que, en principio, comparte su misma lengua.

Subtítulos intralingüísticos en L2: también conocidos como subtítulos bimodales. En esta categoría, tanto la pista de audio como los subtítulos están en la lengua extranjera, y se vienen utilizando desde hace años para el aprendizaje de lenguas extranjeras. Al contrario que los subtítulos anteriores, éstos son concebidos con un valor pedagógico y son los que en estas páginas se conocen como subtítulos didácticos *per se* (véase sección 4). Aunque su potencial para el aprendizaje de la lengua extranjera está documentado con buenos resultados tanto en términos de comprensión oral y escrita como de ampliación de vocabulario (Caimi, 2006), su uso con alumnos principiantes puede ser problemático ya que éstos aún no tienen una velocidad de lectura suficiente en L2.

Subtítulos bilingües: son aquellos en los que la pista sonora está en un idioma, y en los subtítulos se dan cita dos lenguas distintas. Este tipo de subtitulación se observa con frecuencia en festivales internacionales de cine así como en ciertos países multilingües. Los subtítulos pueden llegar a contar hasta de cuatro líneas y en países como Finlandia o Bélgica, los espectadores pueden encontrarse con subtítulos donde las dos primeras líneas son en un idioma (finés/flamenco) y las otras dos líneas en el otro idioma oficial del país (sueco/francés). La implantación del DVD ha traído consigo uno de los mayores cambios en el consumo de programas audiovisuales, ofreciendo al consumidor posibilidades hasta entonces desconocidas y, algunas, insospechadas. Una de éstas es que con ciertos programas de reproducción de vídeos, como PowerDVD, el usuario puede activar dos pistas de subtítulos en los idiomas que quiera, una en la parte superior de la pantalla y otra en la parte inferior, para establecer comparaciones entre los distintos idiomas. Hasta la fecha, el valor educacional y pedagógico de esta combinación está todavía a la espera de ser objeto de estudio.

4. Los vídeos subtítulos en la clase de lengua y fuera de ella

Para algunos profesores, el uso de material subtulado a la hora de aprender un idioma extranjero puede dispersar la atención del estudiante y ralentizar la mejora de la comprensión auditiva; una opinión que parece ser independiente de que los subtítulos sean intralingüísticos (codificados en la misma lengua que la que se escucha en la pista sonora) o interlingüísticos (en una lengua distinta

a la escuchada en la pista sonora). Esta percepción negativa del uso de subtítulos parece ser más pronunciada en países donde hay poca tradición subtítuladora. Según Danan (2004: 67): «In countries where viewers rarely watch subtitled programs, for example in the United States, language students often experience feelings of guilt or annoyance when first exposed to subtitles, while language teachers themselves tend to be openly hostile to their use». La razón que de alguna manera justifica esta percepción es el hecho de que los subtítulos crean una especie de dependencia que potencia la pasividad del estudiante, ya que éste tiende a leer los subtítulos en pantalla e ignorar el mensaje que se transmite por el canal auditivo. El estudiante se relaja más de la cuenta, y tras un período de tiempo deja de concentrarse y prestar atención a la pista sonora original.

Sin embargo, son muchas las voces que se alzan en contra de esta valoración negativa de los subtítulos como herramienta de aprendizaje. Autores como Dollerup (1974), por ejemplo, comentan que muchos ciudadanos de Dinamarca, donde la mayoría de la programación televisiva se transmite subtitulada a partir del inglés, demuestran un alto conocimiento de la lengua inglesa, que parecen haber adquirido tanto en la escuela como fuera de la misma, escuchando y viendo a diario películas y series televisivas con subtítulos. Más allá de estas apreciaciones, que podrían considerarse en cierto modo anecdóticas, uno de los primeros autores en comprobar el potencial de los subtítulos es Vanderplank (1988: 272), quien defiende el carácter beneficioso de los subtítulos y mantiene que «far from being a distraction and a source of laziness, [they] might have a potential value in helping the learning acquisition process by providing learners with the key to massive quantities of authentic and comprehensible language input». A día de hoy, son varios ya los autores que han demostrado empíricamente la realidad de estas afirmaciones y el valor positivo que los subtítulos tienen en el aprendizaje de un idioma extranjero (Caimi, 2002; Bravo, 2008; Talaván Zanón, 2009; Incalcaterra *et al.*, 2011). Más concretamente, Talaván Zanón (2009: 164) ensalza las virtudes de los subtítulos en los siguientes términos:

Mientras que el material audiovisual auténtico sin subtítular tiende a crear un alto nivel de ansiedad e inseguridad en el alumnado, diversos experimentos han demostrado que la incorporación de subtítulos a este material proporciona una respuesta instantánea y, por tanto, un refuerzo positivo que contribuye a crear una sensación de seguridad en los alumnos y les ayuda a sentirse preparados para enfrentarse (más adelante) a este tipo de material audiovisual auténtico sin apoyo textual.

A otro nivel social, los subtítulos no solamente ayudan a comprender los diálogos en una lengua que se (semi)desconoce, sino que en su variante intralingüística también cumplen la función de afianzar el conocimiento del idioma materno del espectador. El uso de subtítulos intralingüísticos en televisión y otros medios como los DVD e internet, originalmente diseñados para personas sordas y con discapacidad auditiva, también cumplen una función educativa, pues muchos emigrantes parecen usarlos para familiarizarse y aprender la lengua del país que los acoge. La alfabetización en el propio idioma es otro de los valores añadidos de los subtítulos intralingüísticos, que pueden también fomentar el hábito de la lectura, de una forma lúdica, entre los niños. En este sentido, el proyecto de subtitulación llevado a cabo en la India por Kothari *et al.* (2004) es paradigmático y ha conducido al lanzamiento de BookBox (www.bookbox.com), un portal web de libros digitales acompañados de vídeos subtitulados, y cuyo objetivo principal es ayudar a los niños a que relacionen los sonidos que escuchan con los subtítulos que aparecen escritos en pantalla, con el fin de acelerar el desarrollo de su habilidad lectora. En ciertas comunidades españolas, como Cataluña o Euskadi, donde la lengua autóctona ha sido históricamente relegada, los subtítulos (al igual que el doblaje) son un elemento crucial en la revitalización y enseñanza del idioma así como en su normalización lingüística. Por otra parte, tanto los subtítulos interlingüísticos como los intralingüísticos parecen también tener la ventaja de motivar a leer a las personas que no tienen una costumbre lectora, a través de productos típicos de la cultura popular, como son las películas y las series de televisión. Leer se convierte de este modo en una especie de reflejo automático al que el espectador se enfrenta a diario, lo que conduce así a fomentar el hábito de la lectura en un entorno natural e inmediato.

Volviendo al potencial de los subtítulos en la enseñanza de idiomas, de una presentación lineal de los contenidos, típica de la televisión tradicional, sobre la que el espectador no tenía poder alguno, hemos pasado a una situación comunicativa caracterizada por una mayor interactividad. Productos multimedia como los DVD, en los que tienen cabida varias pistas de audio y de subtítulos, ofrecen al estudiante un mayor grado de control sobre la experiencia de aprendizaje, ya que éste puede elegir la combinación lingüística que más le interesa explotar y activar, por ejemplo, la versión doblada en un idioma, con subtítulos en ese mismo idioma o en otro diferente. Así mismo, tiene la oportunidad de manipular el programa audiovisual a su antojo, pudiendo detener el visionado, avanzar o retroceder las imágenes y visualizar cualquier escena tantas veces como considere oportuno y necesario. Como ya he comentado, ciertos programas de reproducción de vídeos permiten activar dos pistas de subtítulos para establecer comparaciones entre los idiomas. Más importante si cabe es el hecho de que este material se presta a promover sustancialmente el aprendizaje autónomo o autodidactismo, ya que el estudiante puede llevar a

cabo estas tareas de visionado, lectura y escucha tanto en el espacio escolar como en otros espacios que él prefiera y en los momentos que más le apetezcan. Si se consigue que el estudiante llegue a valorar los subtítulos como una herramienta útil en su aprendizaje, le estaremos abriendo las puertas a un aprendizaje que se puede perpetuar a lo largo de su vida.

Como ya he comentado con anterioridad, se han llevado a cabo numerosos experimentos con el objetivo de demostrar empíricamente el valor que el visionado de subtítulos puede tener en el aprendizaje de idiomas extranjeros (Vanderplank, 1988; Danan, 1992; Van de Poel y d'Ydewalle, 2001; Bravo, 2008; Araújo, 2008) y todos parecen coincidir en que consumir programas audiovisuales en una lengua diferente a la materna, que vienen acompañados de subtítulos (en el mismo u otro idioma), ayuda a activar conocimientos lingüísticos aprendidos con anterioridad a la vez que sirve para practicar, ampliar y mantener ese caudal lingüístico. Algunas compañías y distribuidoras de cine han sabido reconocer este potencial educativo y han lanzado sus propias iniciativas comerciales. Columbia Tristar Home Videos, por ejemplo, fue una de las primeras distribuidoras que ya en los años noventa lanzó una colección de vídeos, llamada *SpeakUp* (1985-2009), que consistía en películas en versión original inglesa con subtítulos literales también en inglés. De este modo, los espectadores podían leer en pantalla los diálogos originales de los actores y contrastar esa información con lo que escuchaban de la pista sonora. El periódico español *El País* también se sumó a estas nuevas iniciativas y, en colaboración con Disney, ofreció a sus lectores la colección *Diviértete con el inglés* que se podía adquirir a lo largo de varios meses de 2002. Las películas infantiles de esta colección estaban en versión original inglesa con subtítulos en la misma lengua para que los niños se familiarizaran con la lengua sajona de una forma entretenida y lúdica.

Aunque la gran mayoría de películas y programas audiovisuales que se distribuyen con estos subtítulos intralingüísticos, que bien podemos denominar «didácticos» ya que cumplen una función marcadamente educativa desde su origen, son en inglés, otros idiomas e instituciones parecen estar despertando a esta realidad y empiezan a reconocer el atractivo que estos materiales tienen para exportar sus idiomas y culturas. Un ejemplo que ilustra este proceder es el caso del canal francés de ámbito internacional, France 5, que lleva años ofreciendo parte de su programación en francés con subtítulos abiertos también en francés con el fin de promover el aprendizaje de su idioma. Desgraciadamente, idiomas como el español o el portugués, aún andan a la zaga en este tipo de proyección comunicativa, lo cual no deja de ser sorprendente ya que el coste adicional de este apoyo lingüístico es relativamente nimio.

La llegada del DVD en la última década del milenio anterior, con su enorme capacidad de almacenaje, supuso un paso de gigante en la distribución y consolidación de los subtítulos didácticos, en el mismo idioma que los diálogos,

como una pista de subtítulos independiente y distinta de los subtítulos para sordos y con discapacidad auditiva que hasta entonces se habían usado por algunos con fines educativos. Estos subtítulos no se limitan a servir de ayuda a personas interesadas en aprender un idioma extranjero, sino que también se verguen como apoyo lingüístico para niños que están en proceso de consolidar su propia lengua materna y que cada vez se decantan más por aprender en entornos digitales y audiovisuales que a través de la tradicional página de papel. Grandes multinacionales del mundo audiovisual, como Buena Vista y Paramount, llevan tiempo distribuyendo muchos de sus DVD con dos pistas de subtítulos en inglés: una que contiene información paralingüística, para los espectadores sordos e hipoacúsicos, y la otra que es una transcripción literal de los diálogos para fines educativos. Una vez más, la lengua inglesa parece ser la única que se beneficia de este tipo de subtítulo intralingüístico que encontramos en algunos DVD.

5. Un paso adelante: practicar la subtitulación en la clase de idiomas

Si bien es cierto que en la últimas décadas ha habido una gran actividad académica interesada en el estudio del valor pedagógico que los subtítulos tienen en la enseñanza y aprendizaje de la L2 (Díaz Cintas y Fernández Cruz, 2008; Talaván Zanón, 2009: 185-202), tampoco es menos cierto que los enfoques han sido poco ambiciosos y, con salvas excepciones, se han limitado a afrontar la subtitulación desde una perspectiva pasiva. Así, la mayoría de los estudios se ha centrado en la lectura de subtítulos, en diferentes idiomas y en relación directa con los diálogos de la pista sonora, por parte de los estudiantes que simplemente visionan el programa y leen.

Mucho más recientemente, y gracias a la aparición de programas gratuitos de subtítulo como Subtitle Workshop (www.urusoft.net/downloads.php?lang=1), Aegisub (www.aegisub.org) o Subtitle Edit (www.nikse.dk/SubtitleEdit) por mencionar tan solo algunos, se ha empezado a potenciar el uso de la subtitulación como tarea activa en la que los estudiantes han de ir más allá del visionado y la lectura para pasar a elaborar y editar sus propios subtítulos. Autores como Talaván Zanón (2009, 2011) e Incalcaterra McLoughlin y Letorla (2011) han llevado a cabo experimentos que satisfactoriamente demuestran las virtudes de este enfoque. Uno de los elementos más llamativos parece ser el gran atractivo que ejerce entre los estudiantes, en parte por lo que tiene de novedoso y atípico. Para los alumnos se trata de una tarea muy motivadora por su naturaleza práctica, que imita una actividad profesional dentro de un entorno multimedia y familiar. En palabras de Neves (2004: 138):

The magical enchantment of the moving image, the attraction of working with computers and electronic equipment and, above all, the fun element, makes tiresome tasks light and makes language learning pleasurable. Experience has shown that, while learning how to subtitle, students gain a greater command of language usage, in the broadest of senses and above all, find pleasure in manipulating text to achieve the best possible results.

Además de contrarrestar la pasividad que caracteriza el visionado de programas audiovisuales subtítulos, la práctica de la subtítulos se puede utilizar para enriquecer el vocabulario, mejorar la comprensión auditiva, fomentar la habilidad escritora, contextualizar la lengua en situaciones pragmáticas, familiarizarse con conductas sociales de la cultura foránea, así como con su uso del lenguaje gestual y corporal, etc. Aun dentro del marco de la enseñanza de lenguas, esta práctica también fomenta una serie de destrezas transferibles y transversales de gran prestancia en el ámbito educativo actual, como pueden ser la familiaridad con aplicaciones informáticas, el manejo de editores de vídeo y la manipulación de archivos audiovisuales y de texto.

Evidencia del interés que esta aproximación a la subtítulos ha despertado a varios niveles es el proyecto LeViS (Learning via Subtiling, <http://levis.cti.gr>), subvencionado por la Unión Europea dentro del marco del Programa Sócrates/Lingua 2 (Desarrollo de herramientas y materiales lingüísticos) de la Dirección General para la Educación y la Cultura de la Comisión Europea, en el que participaron siete instituciones de seis países europeos diferentes, y que se llevó a cabo entre 2006 y 2008. Con el fin de potenciar el aprendizaje activo de lenguas extranjeras mediante la subtítulos de clips de vídeo, sus dos objetivos principales eran, por un lado, el desarrollo de un software de subtítulos llamado (LvS) y, por el otro, la creación de material educativo para ser utilizado por todos aquellos interesados en estas actividades. Mediante esta herramienta y las actividades específicas creadas por el profesor, el estudiante puede agregar los subtítulos a un clip de vídeo y participar así en tareas activas de escritura y de comprensión oral. Tanto el programa como el manual de uso, junto con una biblioteca con varios vídeos, ejercicios y actividades educativas se pueden descargar gratuitamente del sitio web. El programa integra el uso de materiales audiovisuales auténticos, el uso de vídeo, el uso de ordenador y el uso de subtítulos, además de incorporar otros elementos más tradicionales del aprendizaje de lenguas como son un espacio para los materiales didácticos escritos por los docentes y un bloc de notas para los alumnos. Información más detallada sobre este proyecto y sobre el funcionamiento del programa de subtítulos, así como la explotación detallada de una actividad, se pueden encontrar en los artículos de Romero *et al.* (2011) y Sokoli *et al.* (2011).

ClipFlair (Foreign Language Learning through Interactive Captioning and Revoicing of Clips, <http://clipflair.net>) es otro proyecto que cuenta con financiación de la Unión Europea dentro del marco del programa Lifelong Learning, Transversal Programme: KA2 – Languages Multilateral Projects, para el período de 2011 a 2014. Este proyecto, en el que participan diez centros educativos de toda Europa, es continuación y fruto del éxito conseguido por LeViS, pues tal y como se recoge en su portal: «According to the evaluation report for LeViS, learners did not only consolidate and improve their linguistic skills, they were also very enthusiastic because of the innovative nature of the subtitling activities». En este sentido, aunque la filosofía de base es la misma, y la idea principal es fomentar una metodología de aprendizaje de lenguas extranjeras a través de actividades novedosas y dinámicas como la subtitulación, en las que intervienen texto (escrito y hablado), imágenes y sonido, ClipFlair supone un salto cualitativo y va más allá, en tanto en cuanto explota otras modalidades de traducción audiovisual que hasta la fecha no han tenido eco alguno en la clase de idiomas, como son el doblaje, el voiceover, el subtitulado para sordos y personas con discapacidad auditiva, y la audiodescripción para ciegos y personas con discapacidad visual. Los resultados que se esperan del proyecto se resumen en su página web de este modo:

develop educational materials for [Foreign Language] learning by covering the four skills (reading, listening, writing and speaking) and reinforcing cultural awareness. These materials include: (a) a web platform containing the user interface in 15 languages, (b) the library of resources (audiovisual files or clips), i.e. audiovisuals with activities for all CEFR levels of the target languages, accompanied by (c) corresponding lesson plans as well as (d) metadata and (e) guidelines for activity creation and evaluation criteria.

Los profesores tendrán la oportunidad de crear sus propias actividades, si así lo desean, o usar las que ya están disponibles en el portal. Otro hecho novedoso de este proyecto es su dimensión de red social, con la creación de una comunidad virtual, con recursos de la web 2.0, que permitirá a los estudiantes y los profesores colaborar con otras personas interesadas en el aprendizaje de idiomas.

En el siguiente apartado se presentan, de forma muy resumida, los rasgos propios de la subtitulación interlingüística estándar, la más común, con el fin de ayudar al lector a comprender mejor dicha modalidad de traducción audiovisual. Aquellos interesados en un estudio más detallado de esta práctica traductora pueden consultar Díaz Cintas (2012), Díaz Cintas y Remael (2007) o Ivarsson and Carroll (1998). Un conocimiento más detallado de esta modalidad de traducción puede servir de acicate para profesores de lengua extranjera que

encuentran esta aproximación innovadora pero que tienen un recelo inicial a emplearla en su clase por desconocer las entretelas de su funcionamiento. Las obras de Díaz Cintas y Remael (2007) y Díaz Cintas (2008) contienen actividades de explotación didáctica del subtítulado, desde el punto de vista del profesorado.

6. La naturaleza del subtítulado

El subtítulado se puede definir como una práctica lingüística que consiste en ofrecer, generalmente en la parte inferior de la pantalla, un texto escrito que traduce los diálogos de los actores, así como de aquellos elementos discursivos que forman parte de la fotografía (cartas, pintadas, leyendas, pancartas, etc.) o de la pista sonora (canciones, voces en *off*, etc.) y que están codificados en otra lengua. El subtítulado se caracteriza por una serie de limitaciones mediales que le son propias y que el estudiante ha de conocer con el fin de llevar a buen puerto la transferencia lingüística de un idioma a otro.

Todo programa audiovisual subtítulado se articula, pues, en torno a tres componentes principales: la palabra oral, la imagen y los subtítulos. La integración de estos tres componentes, junto con la capacidad de lectura del espectador, determinan las características básicas de esta práctica traductora. Los subtítulos han de estar sincronizados con la imagen y los diálogos, deben ofrecer un recuento semántico adecuado de los mismos y permanecer en pantalla el tiempo suficiente para que los espectadores puedan leerlos.

A continuación, paso a enumerar, de manera concisa, las características fundamentales del subtítulado desde las perspectivas espacial, temporal, de convenciones ortotipográficas y lingüísticas.

6.1. Consideraciones espaciales

La práctica profesional tiende a variar de país a país, e incluso de empresa a empresa, y las indicaciones que aquí se presentan son el resultado de un intento por aunar las que más comúnmente se implementan:

- a) Los subtítulos se colocan en la parte inferior de la pantalla, aunque esta posición se puede alterar cuando información visual imprescindible tiene lugar en esta parte de la pantalla;
- b) un subtítulo no debe extenderse más allá de las dos líneas;
- c) para indicar que dos personajes hablan en un mismo subtítulo, una de las líneas se reserva para cada uno de los personajes;

- d) generalmente, cada una de las líneas cuenta con entre 28 y 40 caracteres, y el número más frecuente suele ser de unos 37 caracteres por línea;
- e) en el cómputo de los caracteres cada consonante o vocal cuenta un espacio al igual que los diferentes signos ortográficos (exclamaciones, interrogaciones, comas...).

6.2. Consideraciones temporales

Las siguientes son las más significativas:

- f) Todo subtítulo debería entrar y salir de pantalla en sincronía con el diálogo de los actores, aunque en ocasiones se permite un cierto grado de asincronía y que el subtítulo entre o salga unos fotogramas antes o después, especialmente cuando se trabaja con un gran caudal léxico;
- g) un subtítulo de una línea se deja en pantalla unos tres segundos, y el subtítulo de dos líneas no debería mantenerse más de seis segundos;
- h) la duración mínima de un subtítulo en pantalla ha de ser de un segundo para que el espectador tenga tiempo suficiente para registrar su contenido;
- i) la duración máxima de un subtítulo en pantalla es de seis segundos para que el espectador no caiga en la relectura.

6.3. Consideraciones ortotipográficas

La presentación en pantalla de los subtítulos no es aleatoria, sino que se ajusta a una serie de convenciones formales en cuanto a tipografía y ortografía. A pesar de la falta de armonización en este terreno, las que a continuación se presentan gozan de un alto nivel de aceptación:

- j) Para indicar que un subtítulo ha acabado, se emplea el punto;
- k) es incorrecto, y por lo tanto desaconsejable, deshacerse de signos de puntuación que son inherentes a la naturaleza de un idioma, como pueden ser la apertura de exclamaciones (¡) e interrogaciones (¿) en español;
- l) los puntos suspensivos se usan para indicar una pausa, omisión o interrupción en el discurso oral del personaje;

- m) la intervención en el mismo subtítulo de dos personajes se indica con la anteposición de un guión (-) al principio de la segunda línea, que es el aserto que corresponde al segundo personaje;
- n) las mayúsculas sólo se usan para traducir el título del programa y para dar cuenta de texto que aparece escrito en mayúsculas en el original: titulares de periódicos, pancartas, etc.;
- o) la cursiva da cuenta de las voces procedentes de un televisor o una radio, de los asertos de personajes que están fuera de pantalla, de los títulos de películas o libros, de las letras de las canciones y de términos en un idioma extranjero;
- p) las comillas que más se emplean son las dobles (“”), y no las angulares («»), y su cometido es indicar citas y resaltar el valor de ciertas palabras o expresiones como apodos, incorrecciones gramaticales, o juegos de palabras.

6.4. Consideraciones lingüísticas

Como colofón a este compendio, en modo alguno exhaustivo, de los presupuestos básicos del subtulado, recordemos algunas de las cuestiones lingüísticas más importantes:

- q) Es pertinente y permisible el uso de abreviaturas y símbolos conocidos por los espectadores;
- r) los números se escriben del uno al nueve en letras y, a partir del diez, en dígitos;
- s) no es necesario hacer uso de todos los espacios de una línea antes de pasar a la siguiente y lo óptimo es que la segmentación del texto, de línea a línea y de proyección a proyección, respete las unidades gramaticales para facilitar la comprensión del mensaje;
- t) dado que la recepción de la palabra hablada es mucho más rápida que la de la lectura de la palabra escrita, la reducción se alza como una de las características propias de la subtulación y hay que saber seleccionar lo importante del contenido, sin olvidar el tono y el registro lingüístico del original;
- u) se debe perseguir la máxima adecuación con respeto a los matices idiomáticos y las referencias culturales del original;
- v) tanto los textos que aparecen escritos en la imagen (pancartas, epístolas, recortes de periódicos...) como las canciones deben ser subtulados;

- w) es primordial que lo que se cuenta con palabras no contradiga lo que se ve en las imágenes;
- x) debe haber una correlación entre los diálogos de la película y el contenido del subtítulo, de manera que los dos idiomas estén lo más sincronizados posible.

En mi opinión, el conocimiento básico de las consideraciones técnicas y lingüísticas propias de la práctica subtituladora y aquí desbrozadas sirve para animar a los profesores de lengua extranjera a que consideren la inclusión de la creación de subtítulos en el aula, como una actividad lúdica y atractiva, y a que comiencen a pensar en las diferentes actividades que podrían realizar. La subtitulación es una práctica que se puede explotar de muchas maneras y, en este sentido, se pueden llevar a cabo ejercicios de comprensión auditiva, de transcripción, de traducción, de documentación socio-cultural, de escritura en la L1 o la L2, etc. Este abanico de posibilidades ayuda a fomentar no solamente competencias lingüísticas, sino también competencias tecnológicas, interculturales, estratégicas e instrumentales que hacen que la experiencia de aprendizaje sea más enriquecedora.

7. A guisa de conclusión

En sociedades como las nuestras, sumergidas en el intercambio mediático de información y conocimiento, el uso de medios audiovisuales con fines docentes es de gran interés. En el aprendizaje de idiomas, en particular, los subtítulos ofrecen un gran potencial didáctico reconocido por algunos aunque todavía relativamente ignorado por otros. La explotación tradicional de este recurso se ha limitado al visionado por parte del alumno de material audiovisual subtitulado y, aunque los resultados alcanzados por muchos estudios empíricos demuestran su validez en el aprendizaje de la lengua extranjera por los motivos aducidos en las páginas anteriores, una de sus desventajas podría ser la pasividad inherente a esta actividad. Además, y crucialmente, este tipo de enfoque sólo explota el material audiovisual de un modo limitado e ignora su mayor potencial didáctico.

El salto a la web 2.0 ha traído consigo la aparición de programas gratuitos de subtitulación y ha hecho que trabajar con material audiovisual sea mucho más fácil. Todo ello ha abierto nuevas posibilidades didácticas, más activas y dinámicas, como es la subtitulación de un programa audiovisual a otro idioma. Por su novedad, este tipo de actividad presenta aspectos marcadamente positivos que se ven reforzados por su eminente enfoque lúdico, lo que a su vez funciona como un poderoso aliciente en la motivación y participación del alumnado. Además, también se insta al alumno a participar en una actividad tan común y

práctica como es la traducción, con el valor añadido de que se trata de una manifestación traductora con la que los alumnos se enfrentan, con una mayor o menor frecuencia, fuera del contexto educativo (en la televisión, en el cine o través de internet). Desde esta óptica, es indiscutible que un mejor conocimiento de esta modalidad traductora, propiciado por su experiencia empírica, estimulará su interés en esta técnica y les hará disfrutar de otra manera de las películas y demás programas audiovisuales subtítulos.

Agradecimientos

Quiero dar las gracias a la Dra. Beatriz Cerezo Merchán por su lectura crítica y, sobre todo, constructiva de este artículo.

Bibliografía

- ABNT. 2005. *Acessibilidade em comunicação na televisão: Accessibility in tv captions*. NBR 15290. Río de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas.
- AENOR. 2003. *Subtitulado para personas sordas y personas con discapacidad auditiva. Subtitulado a través de teletexto*. UNE 153010, Madrid: AENOR.
- Araújo, Vera Lúcia Santiago. 2008. «The educational use of subtitled films in EFL teaching», en Jorge Díaz Cintas (ed.) *The Didactics of Audiovisual Translation*. Ámsterdam: John Benjamins, 227-238.
- Bravo, Conceição. 2008. *Putting the Reader in the Picture: Screen Translation and Foreign-Language Learning*. Tarragona: University Rovira i Virgili. Tesis doctoral.
- Caimi, Annamaria (ed.). 2002. *Cinema: Paradiso delle lingue. I sottotitoli nell'apprendimento linguistico*. Special issue of *Rassegna Italiana di Linguistica Applicata* 34(1).
- Danan, Martine. 1992. «Reversed subtitling and dual coding theory: New directions for foreign language instruction». *Language Learning* 42(4), 497-527.
- Díaz Cintas, Jorge. 2012. «Subtitling: theory, practice and research», en Carmen Millán y Francesca Bartrina (eds) *The Routledge Handbook of Translation Studies*. Londres: Routledge, 285-299.
- Díaz Cintas, Jorge. 2008. «Teaching and learning to subtitle in an academic environment», en Jorge Díaz Cintas (ed.) *The Didactics of Audiovisual Translation*. Ámsterdam: John Benjamins, 89-103.

- Díaz Cintas, Jorge y Aline Remael. 2007. *Audiovisual Translation: Subtitling*. Mánchester: St Jerome.
- Díaz Cintas, Jorge y Marco Fernández Cruz. 2008. «Using subtitled video materials for foreign language instruction», en Jorge Díaz Cintas (ed.) *The Didactics of Audiovisual Translation*. Ámsterdam: John Benjamins, 201-214.
- Duff, Alan. 1989. *Translation*. Oxford: Oxford University Press.
- Herron, Carol A. y Julia Hanley. 1992. «Using video to introduce children to a foreign culture». *Foreign Language Annals* 25(5): 419–426.
- Herron, Carol, Matthew Morris, Teresa Secules y Lisa Curtis. 1995. «A comparison study of the effects of video-based versus text-based instruction in the foreign language classroom». *The French Review* 68(5): 775–795.
- Incalcaterra McLoughlin, Laura y Jennifer Lertola. 2011. «Learn through subtitling: subtitling as an aid to language learning», en Laura Incalcaterra McLoughlin, Marie Biscio y Máire Áine Ní Mhainnín (eds) *Audiovisual Translation: Subtitles and Subtitling. Theory and Practice*. Oxford: Peter Lang, 243-263.
- Incalcaterra McLoughlin, Laura, Marie Biscio y Máire Áine Ní Mhainnín (eds). 2011. *Audiovisual Translation: Subtitles and Subtitling. Theory and Practice*. Oxford: Peter Lang.
- Ivarsson, Jan y Mary Carroll. 1998. *Subtitling*. Simrishamn: TransEdit.
- King, Jane. 2002. «Using DVD feature films in the EFL classroom». *Computer Assisted Language Learning* 15(5): 509-523
- Kothari, Brij, Avinash Pandey y Amita R. Chudgar. 2004. «Reading out of the ‘idiot box’: Same-language subtitling on television in India». *Information Technologies and International Development* 2(1): 23–44.
- www.glp.net/c/document_library/get_file?folderId=12858&name=DLFE-1046.pdf
- Krashen, Stephen D. 1987. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Londres: Prentice-Hall International.
- Lambert, W. E. 1981. «Choosing the languages of subtitles and spoken dialogues for media presentations: Implications for second language education». *Applied Psycholinguistics* 2(2): 133-148.
- Neves, Josélia. 2004. «Language awareness through training in subtitling», en Pilar Orero (ed.) *Topics in Audiovisual Translation*. Ámsterdam: John Benjamins, 127-140.
- Neves, Josélia. 2005. *Audiovisual Translation: Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing*. Londres: Roehampton University. Tesis doctoral.
- Parks, Carolyn. 1994. «Closed captioned TV: A resource for ESL literacy education». *ERIC Digest*, ED 372 662. www.ericdigests.org/1995-1/tv.htm

-
- Romero, Lupe, Olga Torres-Hostench y Stavroula Sokoli. 2011. «La subtitulación al servicio del aprendizaje de lenguas: el entorno LvS». *Babel* 57(3): 305-323.
- Rubin, Joan. 1990. "Improving foreign language listening comprehension", en James E. Alatis (ed.) *Linguistics, Language Teaching and Language Acquisition: The Interdependence of Theory, Practice and Research*. Washington, DC: Georgetown University Press, 309–316.
- Sokoli, Stavroula, Patrick Zabalbeascoa y Maria Fountana. 2011. «Subtitling activities for foreign language learning: what learners and teachers think», en Laura Incalcaterra McLoughlin, Marie Biscio y Máire Áine Ní Mhainnín (eds) *Audiovisual Translation: Subtitles and Subtitling. Theory and Practice*. Oxford: Peter Lang, 219-242.
- Talaván Zanón, Noa. 2009. *Aplicaciones de la traducción audiovisual para mejorar la comprensión del inglés*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia. Tesis doctoral.
- Talaván Zanón, Noa. 2011. «A quasi-experimental research project on subtitling and foreign language acquisition», en Laura Incalcaterra McLoughlin, Marie Biscio y Máire Áine Ní Mhainnín (eds) *Audiovisual Translation: Subtitles and Subtitling. Theory and Practice*. Oxford: Peter Lang, 197-217.
- Van de Poel, Marijke y Géry d'Ydewalle. 2001. «Incidental foreign-language acquisition by children watching subtitled television programs», en Yves Gambier y Henrik Gottlieb (eds), *(Multi)Media Translation: Concepts, Practices and Research*. Ámsterdam: John Benjamins, 259-274.
- Vanderplank, Robert. 1988. «The value of teletext sub-titles in language learning». *ELT Journal* 42(4): 272-281.
- Zabalbeascoa Terrán, Patrick. 1990. «Aplicaciones de la traducción a la enseñanza de lenguas extranjeras». *Sintagma* 2: 75–86. www.raco.cat/index.php/Sintagma/article/viewFile/60403/85516

Entre lenguas extranjeras: entre el hábito y la sospecha

Fabiola Fernández Adechedera¹

Resumen: a partir del análisis de una muestra poética y ensayística de Fabio Morábito (1995-), proponemos una reflexión sobre la figura del escritor que escribe en una lengua extranjera, utilizada, además, como herramienta para la reconstrucción de su memoria personal. Sus dislocaciones geográficas (Egipto, Italia, México) y lingüísticas (el árabe, el italiano y el español) nos permiten situarlo dentro del ámbito de escritor extraterritorial, de acuerdo con la teoría propuesta por George Steiner, y, de esa forma, desarrollar una lectura que evidencia las problemáticas que, por su condición de extranjería, se presentan y que, a su vez, posibilitan su propio proceso de escritura.

Palabras clave: lengua *extranjera*, lengua *materna*, identidad, desarraigo, escritura.

Abstract: based on analyzing samples of poetry and essays by Fabio Morábito (1955-), we propose a reflection about the author's figure who writes in a foreign language, that is besides used as a tool to gather all the personal memories. His various geographic dislocations (Egypt, Italy and Mexico) as well as linguistic ones (Arab, Italian and Spanish) enables us to approach him and his work from the condition of extraterritoriality, according to George Steiner's theory. Therefore, we suggest a reading that brings to light the conflicts arisen from the feeling of being a foreigner but that makes possible the writing process itself nevertheless.

Keywords: *foreign language, mother tongue, identity, rootlessness, writing*

Ser bilingüe es hablar sabiendo que lo que se dice

¹ Licenciada en Letras por la Universidad Católica Andrés Bello, Caracas, Venezuela. Estudiante de la Maestría de Literaturas Españolas e Hispano-americanas, en la Universidad de São Paulo. Contacto: fadechedera@gmail.com

*está siempre siendo dicho en otro lado,
en muchos lados.*
Sylvia Molloy

Nacido en Alejandría, Egipto, en el seno de una familia italiana. Al poco tiempo, un viaje de regreso a Milán: la infancia y la adolescencia en el suelo *materno*. A los 14 años, otro viaje familiar: México y hasta hoy la lengua de la escritura, el español. Relato de viajes y de lenguas del escritor Fabio Morábito (1955-), poeta, narrador y ensayista. Extranjero, expatriado, extraviado, cabe decir, extraterritorializado. Externo a la patria, a la lengua, al origen: el nómada, el deshabituado. Buena parte de su producción literaria, la poesía y algunos de sus ensayos y crónicas, evidencia este “[...] combate / de lenguas y de orígenes” (LB: 9)², en el seno del cual se produce su escritura y que, por consiguiente, se torna también claro objeto de sus reflexiones.

La inquietud que nos conduce se revela en el hecho de encontrar en Morábito la figura del escritor que escribe en una lengua extranjera, la que además utiliza como herramienta para hablar de sí. En este sentido, es importante resaltar que parte de nuestra propuesta de lectura se fundamenta en la consideración de la obra de este autor dentro del ámbito de las literaturas con marcas autobiográficas. Propuesta que se nutre con reflexiones presentes en algunos de sus textos de índole ensayística y periodística, acerca de su propia condición y de su proceso de escritura, las cuales nos permiten una lectura dialógica con sus textos poéticos, a la vez que iluminadora, y nos conducen a través de sus tránsitos lingüísticos y espaciales que parecen encontrar en la casa de la escritura un cierto lugar de asentamiento.

Partimos del ensayo “El escritor en busca de una lengua” (1993), el cual inicia con un comentario del autor en relación a las reiteradas veces que ha tenido que contestar a la pregunta acerca de lo que significa escribir en español, que no es su lengua *materna* y que además aprendió durante su adolescencia. Dice haber dado múltiples respuestas, pero que esta vez contesta con algo distinto, “algo que nunca he dicho: inseguridad por un lado y alivio por otro” (MORÁBITO, 1993: 22). Tal respuesta nos lleva a suponer un estado de escritura que subsiste gracias a la tensión entre la incomodidad y, al mismo tiempo, la levedad que su condición de extranjero le proporciona. Por tanto, nuestro objetivo será pensar sobre estas “sensaciones” y entender cómo operan en la configuración de la lengua literaria, en donde, nos dice en sus poemas, “[...] encuentro al fin mi lengua desértica de nómada / mi suelo verdadero” (LB: 14).

² A lo largo de este trabajo voy a usar las siguientes siglas: LB: *Lotes baldíos* (1984); DLTA: *De lunes todo el año* (1992) y ADL: *Alguien de Lava* (2003), para referirme a los tres poemarios propuestos reunidos todos en la antología titulada *La ola que regresa* (2006).

Sólo los extranjeros aprenden una lengua

Charles Melman afirma que *“saber uma língua é muito diferente de conhecê-la”* (MELMAN, 1992: 15), lo cual nos permite distinguir dos niveles diferentes de relación con ésta. En la primera, podríamos identificar la posición del hablante “nativo” y, en la otra, la del hablante “extranjero”. Los extranjeros sólo pueden conocer otro idioma, “manosearlo” y aprehenderlo utilizando diversos mecanismos, pero, y de acuerdo con Morábito, nunca podrán realmente saberlo, ya que “la lengua materna se inhala o se absorbe junto con el alimento y los gestos de los padres” (MORÁBITO, 1993: 22). La adquisición de esa lengua llamada “materna” implica un proceso de asimilación y uso que parece ocurrir de forma automática y natural, sin aparentes esfuerzos, como si fuese la lengua quien se apropia del sujeto y no al contrario, es decir: *“saber uma língua quer dizer ser falado por ela”* (MELMAN, 1992: 15). En este punto radicaría la primera cuestión con la que el hablante de la lengua *otra* se encuentra; nunca podrá poseerla del todo o, más claramente, éste nunca será poseído por ella y, en consecuencia, siempre quedará al margen de la carga identitaria que ésta porta y representa.

En diversos momentos de la poesía de Morábito nos encontramos con un “YO” lírico que declara: “Un día mi padre dijo / nos vamos, y tú eras / la meta: otra lengua” (LB: 23); “me acostumbré a la altura / y no escribo en mi lengua” (LB: 13); “Yo que no tengo oficio / excepto traducir, que más que un oficio es una astucia” (DLTA: 75). Claramente vemos un “YO” que se posiciona como hablante de una lengua extranjera, como un “astuto” decodificador de códigos. Esto es: la traducción que implica el proceso de traslación de ideas y realidades de una lengua a otra. Lo que George Steiner define como el tránsito de “[...] un mensaje proveniente de una lengua-fuente que pasa a través de una lengua-receptora, luego de haber sufrido un proceso de transformación [...]” (STEINER, 1988: 44), con el único fin de permitir la comunicación y apelar al común entendimiento. Entonces, tendríamos al hablante extranjero como un sujeto que instrumentaliza la lengua para comunicarse e insertarse dentro del contexto que se lo demanda. A este respecto, y en el ya mencionado ensayo, Morábito dice:

Precisamente el vago rechazo que probamos al oír nuestro idioma estropeado por un acento foráneo es el rechazo a la traducción que se adivina detrás de la pronunciación imperfecta, traducción que implica reducir la palabra de nuestro idioma a una función exclusivamente comunicativa, a un uso puramente instrumental [...] (MORÁBITO, 1993: 22).

De allí, entonces, la incomodidad que puede representar cotidianamente “el habla” del extranjero, lo cual podría, incluso, llegar a constituirse como una ofensa, un cierto agravio hacia los *otros*, para quienes su lengua *madre* es mucho más que un instrumento, ya que “es una contraseña y un vínculo que [los] constituye como unos hombres concretos e inconfundibles” (MORÁBITO, 1993: 22).

En este aspecto, nos parece pertinente establecer la conexión con Vilém Flusser, otro escritor signado por una fuerte experiencia de dislocación geográfica y lingüística, para quien también la lengua opera como un valor fundante de la identidad, del sentido de patria y de pertenencia que el extranjero no tiene y que nunca tendrá. Sostiene el autor, en *Língua e realidade* (1963), que cada lengua tiene una personalidad que le es propia, lo cual le proporciona al intelecto “*um clima específico de realidade*”, por lo que el paso de una lengua otra dejaría al descubierto la relatividad de esa realidad y, por consiguiente, de esos valores identitarios que aquellas representarían. En otras palabras, cada sujeto mantiene una relación personal y definitiva con su lengua, marcada por un sentido de exclusividad y de diferenciación. Aceptar que el *otro* la hable “correctamente”, sería reconocer que ese *otro* también podría acceder a aquella esencia indefinible con la que *mi* lengua me arropa y me hace parte de un determinado universo, de una determinada forma de experimentar y conocer el mundo. Es por eso que el hablante extranjero se torna blanco de recelo y de sospecha, porque, continua Flusser, “[...] *Aquele que não fala a “língua da gente”, ou fala mais de uma língua, é suspeito. Com razão, pois perdeu o fundamento firme da realidade, que é justamente “a língua da gente”* (FLUSSER, 1993: 48).

El ser objeto de ciertas reprobaciones coloca al extranjero en una relación sigilosa y esforzada con la lengua. Nos dice el poeta: “Puesto que escribo en una lengua / que aprendí, / tengo que despertar cuando los otros duermen. [...] / Escribo antes que amanezca, / cuando soy el único despierto / y puedo equivocarme en la lengua que aprendí” (ADL: 130). Esta imagen del escritor que madruga para conseguir adelantarse a los otros, para alcanzar las palabras a las cuales llegó tarde, además de hermosa, revela el esfuerzo que implica para aquel que escribe y habla en la lengua extranjera, su conquista cotidiana.

Podríamos decir que es ésta una cuestión reincidente en la obra de Morábito. Hacemos referencia a otro de sus textos, esta vez narrativo, el libro de crónicas-relatos *También Berlín se olvida*. Aquí nos encontramos nuevamente con un YO narrador-extranjero que nos habla de la ciudad de Berlín; ciudad en donde vivió becado por un año, junto con su esposa e hijo. Este relato resulta interesante, entre otras cosas, porque en él encontramos una serie de reflexiones en torno al proceso de aprendizaje del idioma alemán, puesto que “estudiar intensivamente alemán sirvió para destrabar, por así decirlo, mis otros idiomas” (MORÁBITO, 2006: 75), y también sobre su propio proceso de escritura. Es allí

donde nos encontramos, una vez más, con la imagen del “escritor madrugador”, que nos dice:

Salí a caminar a las 5:40 am. [...] Lo hice tanto en invierno, mucho antes de que saliera el sol, a ocho o diez grados bajo cero [...]. Me producía un intenso placer caminar en medio de ese silencio, mientras la inmensa mayoría de la gente seguía metida en su cama. Ahora veo que esas caminatas eran una forma de despertar a fondo, o sea de empezar a escribir, de calentar la pluma (MORÁBITO, 2006: 71).

Por otra parte, retomemos aquí la idea del “equivoco”, la posibilidad del error al que claramente el extranjero está expuesto, bien sea por exceso o por omisión, pero siempre funcionando como una marca reconocible de ajenidad con la lengua. Los hablantes nativos nunca están equivocados, incluso hablando con menor corrección que el *otro*; en este caso el error representaría un sentido de propiedad e inmersión en la lengua, a la que el extranjero es periférico. Dice Morábito: “Y si al hablar cometo / los errores de todos, / me digo: soy de aquí, / no me ensuciaste en vano” (LB: 24). A este respecto es interesante pensar que el error del extranjero no corresponde a un desvío natural, es también un traspie intencional, una ganancia del proceso de adquisición consciente de la lengua, una evidencia de su dominio impuro. Valdría retomar aquello que Flusser dice en relación a que “*Os códigos secretos das pátrias não foram tecidos a partir de regras conscientes mas sim, e quase sempre, por hábitos inconscientes. O que caracteriza o hábito é o fato de que não se tem consciência deles [...]*” (FLUSSER, 2007: 227). Entonces, si la relación que el hablante nativo tiene con su lengua materna se sustenta y solidifica en la base de esos hábitos cotidianos, el extranjero no puede ser visto menos que como un sospechoso del atentado contra el hábito y una evidente amenaza para la identidad.

Ahora bien, si por una parte este sujeto tiene que convivir con la marginación de una lengua; la adquirida, también tiene que hacerlo con la consciencia de su des pertenencia a la otra; la abandonada, con lo cual se encontraría en lo que Morábito reconoce como la sensación de vivir “lingüísticamente en un estado precario” (MORÁBITO, 1993: 24). De esta forma cada victoria en el *español* implicaría una pérdida en el *italiano* que “después de casi veinte años”, nos dice en uno de sus poemas, “se evade de mis manos, ya no se adhiere a las paredes como antes,” y continúa:

Y yo,
que siempre vi ese vaso
lleno,
inextinguible,

plantado en mí
como un gran árbol,
como una segunda casa
en todas partes,
una certeza, un nudo
que nadie desataría
(un coto inaccesible,
un refugio),
descubro una verdad
que por demás
siempre he sabido:
el que conquista
se descuida siempre
y por la espalda y la memoria
cojean los nómadas
y los advenedizos
[...] (DLTA, 101).

Podríamos decir que estos versos resultan ilustrativos en cuanto a la relación *definitoria* que el sujeto tiene con su lengua *materna*: se trataría de algo prácticamente ancestral “como un gran árbol” que articula lo que somos más allá de nuestra consciencia. Sin embargo, este poema nos coloca en el lugar de la ruptura, del quiebre y la pérdida que ha sufrido este YO “nómada y advenedizo”, que no ha podido preservar en su memoria las ramas de su lengua, siendo que, paradójicamente, es a través de su pérdida, que ha logrado tener algún acceso a ella.

Más adelante, en el ensayo, Morábito de alguna forma explica que su asimilación del español se vio facilitada por el hecho de ser un italiano, nacido en Egipto, por lo cual siempre experimentó su italianidad “como raquítica y dudosa” (MORÁBITO, 1993: 23). Tal vez podríamos entender este italiano, que va paulatinamente desgajándose, acalabrado y frágil, como una lengua de contrabando, de acuerdo con la teoría de Jaques Hassoum, que opera como la materia secreta a partir de cuya progresiva y consciente erosión se fortalecen los cimientos que sustentan el español y lo erigen como un *muro*, por el cual, dice el poeta: “[...] desciendo verso a verso como quien / recoge idioma de los

muros / y llego tan abajo a veces, tan hermoso, / que puedo permitirme, como un lujo / algún recuerdo” (ADL: 131). Por tanto, lo que impide el olvido definitivo del italiano sería la solidificación de la lengua extranjera, que le devuelve, aunque en su condición de fantasma, el recuerdo de su primera lengua.

Todo lo que se ha descrito configuraría ese espacio de precariedad lingüística que el extranjero habita y que lógicamente explica “la inseguridad” de la que Morábito habla al comienzo del ensayo. Aun así, parte fundamental de la conquista del escritor que escribe en una lengua *extranjera* radicaría, precisamente, en la posibilidad de asentarse en el centro de las desavenencias, desde donde se propone explorar alguna nueva posibilidad de sentido; una resignificación de la experiencia.

Nadie tiene tanto estilo como un extranjero

En distintos poemas de Morábito nos encontramos con el itinerario de sus tierras y sus lenguas, el poeta nos dice: “Yo nací lejos / de mi patria [...]” (LB: 19); “Yo nací en una playa / de África, mis padres / me llevaron al norte, / a una ciudad febril, / hoy vivo en las montañas” (LB: 13). Situamos, así, sus pasajes: Alejandría, Milán y México, también sus lenguas: *el árabe* “que la familia usaba / en muchas expresiones / de júbilo y de broma, / ya casi no se escucha / en nuestras sobremesas” (ADL: 22). *El italiano*: “como un músculo que se atrofia / por falta de ejercicio / o que ya tarda / en responder,” (LB: 100). El español: “Un día mi padre dijo / nos vamos / y tú eras / la meta: otra lengua” (LB: 23). Calzaría perfectamente a Morábito aquella afirmación de Flusser, quien dice: “*Eu tenho experiênciã com pátrias e com a perda dessas pátrias*” (60) y, también, para ambos, con la pérdida de las lenguas.

Toda esta dislocación geográfica y lingüística, que claramente se identifica en la escritura de Morábito, nos permite situarlo dentro de la categoría de “extraterritorialidad” propuesta por Steiner, entendida, desde el punto de vista de Pablo Gasparini,

[...] [Ya] no a través de la figura del exiliado cosmopolita sino a través de la del migrante desposeído [*lo cual*] supondrá no tan sólo otro corpus de autores sino también el análisis de un tipo de relación identitaria particular con la lengua del país anfitrión y, fundamentalmente, otra serie de connotaciones para el concepto de extraterritorialidad construido en verdad sobre la figura del extranjero políglota consciente de la valía de su diferencia cultural y lingüística (GASPARINI, 108).

Nos interesa fundamentalmente esta idea de la desposesión y la pérdida y cómo, a través de la consciencia de las mismas, este sujeto “extraterritorializado” se inserta en el seno de su propia des pertenencia, habitando y, por lo tanto, resignificando su propia experiencia de apatridad. Lo que literalmente Flusser menciona como “*habitar a casa na apatridade*”, que implicaría asumir la circunstancia de la migración y el exilio – indiscutiblemente dolorosas – en su dimensión creativa y como posibilitadores de un nuevo y definitivo arraigo; el arraigo literario.

Escritores como Morábito o Flusser, desarraigados de la patria y la lengua, encuentran en la escritura una forma de repatriación. En palabras de Rainer Guildin, y en referencia a Flusser: “[...] *trata-se de, paradoxalmente, instalar-se na apatridade, isto é, superar o desenraizamento, ao transformá-lo em uma pátria de segundo grau*” (2010: 8). Por tanto, no nos referimos al uso de escritura como un medio para, de alguna forma, reinsertarse dentro de los valores culturales o identitarios de las *patrias dejadas*. Morábito no pretende reconquistar la italianidad perdida, por ejemplo. Se trata más bien de hacer de la escritura un espacio para reencontrarse con lo perdido en su condición de perdido y, sobre todo, de habitarla como única casa posible en el extranjero. Dice el poeta: “[...] yo me arraigué a los libros / y comencé a escribir, / que es como dar por hecho / que nada es reversible,” (DLTA: 87).

Por tanto, toda experiencia de desplazamiento, voluntario o no, implica un desprendimiento y, al mismo tiempo, una liberación, de acuerdo con Flusser, siendo justamente esa libertad que gana el sujeto desarraigado la que le permite, de alguna forma, refundar estas cuestiones, rencontrarlas, en el nuevo espacio sólo que con la consciencia de su contingencia, incluso, de su funcionalidad. Apunta Edward Said que “*Ver ‘o mundo inteiro como uma terra estrangeira possibilita a originalidade da visão*” (2003: 59), lo que significaría una ganancia en cuanto a la percepción del mundo y en la vivencia de todas las experiencias que éste pueda proporcionar.

A partir de estas consideraciones podríamos asumir que ese “cierto alivio”, que Morábito reconoce como parte del escribir en una lengua *extranjera*, se corresponde con ese desprendimiento al que Flusser hace alusión. Desde el punto de vista teórico, Charles Melman afirma que “*pode-se falar uma língua estrangeira com mais facilidade do que sua própria língua*” (MELMAN, 1992: 23), siendo que “*falar uma língua estrangeira implica uma verdadeira despersonalização*” (MELMAN, 1992: 34), cuestión que resultaría claramente favorable al ejercicio literario. A este respecto, Morábito considera que “el idioma no materno no se encuentra lastrado por la voz, las órdenes y las dudas de nuestros padres, no arrastra antiguas deudas, no denota nuestros acentos más íntimos” (MORÁBITO, 1993: 23), con lo cual se devela la apertura de esta lengua para su propia reinvención.

Dando continuidad a su ensayo, Morábito introduce una propuesta fundamental, que sería el reconocimiento y la importancia del estilo como elemento articulador y pacificador de la lucha entre el escritor y esa lengua *otra* que utiliza como herramienta literaria. De cierta manera, la ansiedad del hablante/escritor que pretende, y no logra, abarcar la totalidad de la *otra* lengua, ni mucho menos superar su eventual extrañamiento frente a ésta, se apacigua con la conquista de un estilo, que según nuestro autor:

[...] [Es] producto de nuestra torpeza, de las repeticiones y aproximaciones nebulosas a las que nos obliga nuestra torpeza, y en este sentido *nadie tiene tanto "estilo" como un extranjero*, con sus deficiencias verbales a la vista. Y precisamente por esta propiedad del estilo de convertir las insuficiencias en resorte de una comunicación más intensa, por esta cualidad suya de magnificar la pobreza expresiva que todos padecemos en mayor o menor medida, aquel que proviene de otra lengua se encuentra paradójicamente más apto para una conquista estilística, para la aprehensión de una expresividad original porque su extrañamiento de la lengua, sin cierta dosis del cual el estilo no existe, es algo connatural en él (MORÁBITO, 1993: 23, *cursivas nuestras*).

Nos parece interesante la idea de la torpeza como herramienta y como factor que posibilita la configuración de un estilo. En uno de sus poemas nos encontramos con lo siguiente: “Nos mudamos un día / para ir lejos, irse / tan lejos como herirse, / salió de su aturdida / calma mi lengua torpe, / nadó de otra manera [...]” (LB, 25). Estos versos hacen referencia a la mudanza y al consecuente cambio de lengua que trajo consigo; “mi lengua torpe”, que en otros momentos también llama “mi lengua impura”, es decir, una lengua que se reconoce deficiente y que, en este sentido, nos permite pensar, por una parte, en el italiano – al que ya llamó raquítico y dudoso – y, por la otra, en el español que se fue fortaleciendo a partir de las flaquezas del primero pero que, sin embargo, sólo se perfiló, “nadó de otra manera”, resolviéndose y hallándose a sí mismo a través del ejercicio literario. Concluye Morábito diciendo que quien escribe en otra lengua genera una franca dependencia de la expresión escrita, ya que es allí en donde encuentra “la casa de su propio estilo, con la cual ha estilado su propio rostro” (MORÁBITO, 1993: 23).

En una de las entrevistas que se le han hecho al autor, asertivamente titulada “la importancia del estilo”, Morábito responde a la pregunta de por qué decidió escribir en español diciendo que encontró en esta práctica una forma de sentirse menos solo, menos extranjero después de establecido en México. Valdría la pena pensar que de allí la dependencia, la aflicción y la ganancia de escribir en una lengua extranjera que permite participar del universo de los

otros, incluso, sin pertenecer del todo. En el “Escritor en busca de su lengua”, Morábito comenta acerca del estilo del mexicano, y nos dice que:

Cuando habla o escribe el mexicano se engalana con el lenguaje y no le gusta dar pasos atrás para remendar esas descosaduras que todos cometemos al comunicarnos, así que prefiere sopesar las palabras, a costa de pecar de acartonado. Siente que su integridad personal depende en gran medida de su integridad lingüística, ocultándose detrás de las palabras que usa (1993, 23).

Nos llama la atención esta apreciación ya que nos lleva a cuestionar hasta qué punto esa pulcritud y la cierta discreción que Morábito reconoce en el *estilo* esencialmente mexicano, no es el mismo *estilo* que determina su literatura. Resulta bastante evidente que la escritura de Morábito coquetea con esta solemnidad. Un uso del lenguaje que se pretende íntegro, pulido y certero: “[...] y [que] hace silencio / con [sus] versos pero / son versos que hablan del ruido” (DLTA, 62), y que lo disimula, mientras lo muestra, en el esfuerzo por escribir del tal forma que nadie lo vea.

Para Octavio Paz, la noción de estilo está directamente vinculada a un período histórico, es decir, no pertenece al poeta sino a su tiempo (18). En ese caso, el estilo de nuestro autor más que condicionado a una circunstancia histórica, lo estaría por una circunstancia cultural en medio de la cual, cotidianamente, se siente en minusvalía, haciendo de la escritura un medio para equilibrarse y, en ella, “estila su rostro” porque “[...] quien habla mejor / es quien lastima más / el que mejor se esconde” (LB: 26).

Notas sobre la traducción

No podríamos dejar de mencionar, así sea someramente, el peso y la importancia constitutiva que tiene la traducción dentro del universo literario de nuestro autor. Durante un período, Morábito se dedicó a la intensiva traducción de importantes escritores italianos, entre ellos Cesare Pavese y Eugenio Montale, siendo el principal traductor al español de éste último y responsable de la edición de su poesía completa, publicada por la conocida editorial Galaxia Gutenberg, con lo cual, la traducción además de ser una astucia, es realmente un oficio y, como tal, otro blanco de sus discusiones.

Enfoquemos la cuestión de la traducción desde la perspectiva de Benjamin, es decir, entendiéndola como la tarea o responsabilidad que el traductor tiene de restituir un sentido que fue *dado*. De acuerdo con la lectura que Derrida propone sobre el texto de Benjamin “La tarea del traductor”, se afirma que: “*O tradutor é endividado, ele se apresenta como tradutor na situação da dívida*”

[...]” (DERRIDA, 2006: 27). Nos resulta ilustrativa esta idea de que quien asume la labor de traducir asume consigo una deuda a ser saldada para pensar el caso de Morábito, quien abiertamente ha declarado que, de alguna manera, el ejercicio de traducción de los poetas italianos fue producto de “[...] la necesidad de pagar algún tributo antes de asumir mi segundo idioma como aquel en el que habría de expresarme” (MORÁBITO, 1993: 23). Podríamos entender entonces la traducción en una doble vertiente, por un lado como acción que restituye al texto un sentido abarcador, permitiendo una inmersión en el universo de la lengua y en lo que ella representa, pero al mismo tiempo, significaría también el acto de su abandono, su renuncia: “Conforme traducía la poesía de mi lengua al nuevo idioma que me rodeaba, recuperaba mi lengua de un modo más maduro y consciente y al mismo tiempo me despedía de ella” (MORÁBITO, 1993, 23).

Conjuntamente, otro de los problemas vinculados con la traducción sobre el que Morábito se pronuncia, sería la relatividad de los términos “copia” y “original”. En otro de sus ensayos, titulado “Poesía y Traducción I: olvidar el original (2010)”, inicia diciendo que “traducir, en cierto modo, es trazar un círculo perfecto, entregando en un idioma el equivalente exacto de un concepto perteneciente a otro” (MORÁBITO, 2010: 1). Sin embargo, el resultado no sería una mera copia de un círculo “original”, porque dar con éste implicaría una cadena al infinito en la búsqueda de ese referente primero. La traducción, tal como Morábito la entiende, renuncia a la fidelidad, la asume y la entiende imposible. Se trataría, en su lugar, de un acto de inspiración, en el cual ocurre, quizás, algo como una momentánea pérdida de la consciencia que implicaría un relativo olvido de aquello que se traduce, “el suficiente para que la traducción parezca fruto de un recuerdo más que de un cotejo, o sea un descubrimiento más que una reproducción” (MORÁBITO, 2010: 2). Por tanto, la eficacia de una traducción, su veracidad, radicaría más que en la exactitud, pues en el grado de arrebató, en el alcance de la violenta sacudida – en palabras de Benjamín – que el traductor le permite a la lengua extranjera y en la experiencia de asumir su *tarea* como un posible “recomienzo”.

Ahora bien, desde el punto de vista de Benjamin, podríamos pensar que ese estado de “trance” que mueve la mano del traductor que pretende “encontrar en la lengua que se traduce una actitud que pueda despertar en dicha lengua un eco del original [...]” (BENJAMIN, 1967:83) – o lo que Morábito llamaría, un recuerdo – devela el verdadero fundamento de su función, de su anhelo: “[...] la integración de las muchas lenguas en un sola lengua verdadera [...]” (BENJAMIN, 1967: 83), lo que sería realmente lo que inspira y conduce su *tarea*.

Tal cuestión nos remite nuevamente, y a modo de conclusión, al ensayo “El escritor en busca de una lengua”, en donde el autor finaliza afirmando que el bilingüismo no representa ninguna ventaja artística; ser bilingüe sería una

condición, pero nunca un estado de inspiración. Para él, “la inspiración sería el estado más profundo del monolingüismo” (MORÁBITO, 1993: 24). Nos preguntamos, entonces, no sería éste también el estado más puro y propicio para el traductor; su búsqueda incansable.

Referencias bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Ensayos escogidos*. Buenos Aires: Editorial Sur, 1967.
- DERRIDA Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- DOCUMENTO recuperado. Disponible em: <<http://www.babab.com/no14/morabito.htm>>.
- FLUSSER, Vilém. *Bodenlos. Una autobiografía filosófica*. São Paulo: Anna Blume, 2007.
- _____. *Língua e realidade*. São Paulo: Anna Blume, 1963.
- GASPARINI, Pablo. La extraterritorialidad del pobre. In: HOCHMAN, Nicolas (ed.-org.). *Pensar el afuera*. Mar de Plata: Kakak Ediciones, 2010.
- GUILDIM, Rainer. *Pensar entre línguas. A teoria da tradução de Vilém Flusser*. São Paulo: Anna Blume, 2010.
- HASSOUM, Jacques. *Los contrabandistas de la memoria*. Buenos Aires: Ediciones de la flor, 1996.
- MELMAN, Charles. *Imigrantes. Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.
- MOCTEZUMA QUSITIAN, Ollin Tecandi. La importancia del estilo. Entrevista a Fabio Morábito. *Biblioteca Babab*, n. 14, mayo 2002.
- MOLLOY Sylvia; SISKIND, Mariano. *Poéticas de la distancia. Adentro y afuera de la literatura argentina*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2006.
- MORÁBITO, Fabio. El escritor en busca de una lengua. *Vuelta*, n. 125. México, 1993.
- _____. *La ola que regresa*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- _____. Poesía y traducción I, olvidar el original. *Periódico de Poesía*, n. 38. México: UNAM, 2010. Disponible em: <http://www.periodicodepoesia.unam.mx/index.php?option=com_content&task=view&id=1591&Itemid=130>.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- STEINER, George. *Después de Babel*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- _____. *Extraterritorial. A literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

Portuñol, sujeito e sentido: efeitos de uma política educacional em Noite nu Norte

Sara dos Santos Mota¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão inserida na pesquisa que estamos desenvolvendo em nossa tese de doutorado, em que nos voltamos para o portunhol e sua materialização no domínio da escrita recortando textos impressos na língua. A perspectiva que adotamos propõe tratar dessa prática linguística por um viés dos estudos da linguagem, mais especificamente, da Semântica da Enunciação (GUIMARÃES, 2005; STURZA, 2006). O portunhol que trazemos para este artigo é uma prática linguística enunciada na fronteira uruguaio-brasileira, designado mais recentemente nas pesquisas de cunho sociolinguístico dedicadas a descrever a situação das línguas na região como uma variedade do português uruguaio falada em Artigas (BEHARES, 2010). Ao abordar o portunhol, buscamos trabalhá-lo intrinsecamente relacionado a uma reflexão conceitual sobre a fronteira e o modo como esta constitui o funcionamento enunciativo da língua. Para tal, tomaremos alguns recortes de poemas do escritor artiguense Fabián Severo publicados no livro *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (SEVERO, 2010), procurando analisar como certas políticas educacionais e seus efeitos projetam sentidos movimentados nos enunciados, que significam uma determinada relação língua-sujeito vivida no espaço fronteiro.

Palavras-chave: portuñol; enunciação; sentidos; política educacional; fronteira.

Abstract: This work presents a reflection set in the research we have been developing in our doctoral's thesis, in which we address *Portunhol* and its materialization in writing using printed texts for this purpose. We have adopted a perspective which proposes to deal with this linguistic practice by means of the Semantics of Enunciation (GUIMARÃES, 2005; STURZA, 2006). The *Portunhol* we bring to this paper is a linguistic practice seen in the border Brazil-Uruguay, more recently designated in sociolinguistic researches which describe the situation of the languages in the region as a variety of Uruguayan

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria e professora assistente na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Portuguese spoken in Artigas (BEHARES, 2010). In addressing *Portunhol*, we aim to work it related to a conceptual reflection on the border and the way it constitutes the functioning of the language. We have taken some fragments of the poem by Fabián Severo, a Uruguayan poet, from the book *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (SEVERO, 2010). We have analyzed how certain educational policies and their effects project senses in the utterances, which mean a language-subject relationship lived in the border.

Keywords: *Portuñol*; utterance; senses; educational policy; border.

Introdução

Este trabalho propõe uma reflexão inserida na pesquisa que estamos desenvolvendo em nossa tese de doutorado, em que nos voltamos para o portunhol e sua materialização no domínio da escrita por meio de recortes de textos impressos nessa língua. Com o objetivo de tratar sobre uma escrita para o portunhol, contemplamos algumas publicações impressas, considerando quatro publicações.

Para o presente texto, apresentamos um recorte de nossa tese doutoral, centrando-nos no portunhol enunciado na fronteira uruguaio-brasileira, a partir da publicação *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, do escritor uruguaio Fabián Severo. Este portunhol tem sido designado mais recentemente em pesquisas de cunho sociolinguístico dedicadas a descrever a situação das línguas na região como uma variedade do português uruguaio falada em Artigas (BEHARES, 2010). Para tal, nos inscrevemos em uma perspectiva teórica dos estudos da linguagem, mais especificamente, da Semântica da Enunciação, a qual vem sendo delineada por Guimarães (2005; 2006; 2011), Sturza (2006), entre outros pesquisadores. Ao mesmo tempo, dados o espaço em que o portunhol é enunciado e as condições sócio-históricas que o afetam, bem como os sujeitos que o praticam, ao abordá-lo, o tomamos intrinsecamente relacionado a uma reflexão conceitual sobre fronteira e ao modo como esta constitui o funcionamento enunciativo da língua.

No tocante às discussões sobre a fronteira, esta tem sido debatida em diversas dimensões, especialmente, no que diz respeito às políticas linguísticas e sua relação com as políticas educacionais (OLIVEIRA; STURZA, 2012; DALINGHAUS *et al.* 2010; URUGUAI, 2008). Conforme apontam Sturza e Irala (2012), faz-se necessário que a fronteira seja enfocada não apenas em termos geopolíticos, mas também a partir de outras possibilidades. Pensá-la do ponto de vista de “situações de fronteira” configura-se como um modo alternativo de abordagem, pois é preciso considerar que “cada fronteira se configura de um modo distinto e suas condições sócio-históricas e políticas estão determinadas

por dinâmicas diversas, que vão desde sua relação com as políticas do estado nacional até suas práticas locais” (STURZA; IRALA, 2012:1).

Assim, buscando contribuir com a discussão sobre a fronteira, à luz dos estudos da linguagem, procuramos compreender o espaço fronteiriço interessando-nos pelo modo de significar do portunhol enquanto materialidade afetada por condições histórico-sociais específicas, em que políticas educacionais são planejadas e implementadas, incidindo sobre as relações imaginárias entre sujeitos e línguas. Para tal, tomamos alguns recortes de textos publicados em *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, analisando os sentidos constituídos nos enunciados, que significam a relação língua-sujeito vivida na fronteira.

1 “*Nós falemobrasileiro*” ou portunhol?

Dada a multiplicidade de realidades linguísticas a que a designação portunhol pode referir, é importante pontuar que a prática linguística originada do contato do espanhol e do português em áreas de fronteira tem sido foco da atenção de diferentes pesquisadores nas últimas seis décadas, principalmente quando nos referimos ao portunhol falado na região fronteiriça uruguaio-brasileira. Esse portunhol tem sido descrito e nomeado diferentemente por tais estudiosos. Quanto aos trabalhos realizados nas últimas seis décadas, muitos foram desenvolvidos por estudiosos vinculados a instituições de ensino superior como a *Universidad de la República* (UdelaR), localizada na cidade de Montevideu (Uruguai). Entre os mais destacados estão o pioneiro trabalho de Rona ([1959]1965), que identificou a presença de um *dialecto fronterizo* de base portuguesa no território uruguaio, e especialmente os estudos de Elizaincín e Behares (1981) e Elizaincín, Behares e Barrios (1987), que encontraram na designação DPU (*Dialectos Portugueses del Uruguay*) o modo de nomear as variedades de contato identificadas no país, designação amplamente difundida no meio acadêmico e fora dele².

A obra *Nos falemobrasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*, de 1987, expõe situações linguísticas que até o momento careciam de descrições e precisões terminológicas do ponto de vista acadêmico-científico. Os autores, vinculados à UdelaR, por meio de trabalhos cujos métodos apoiavam-se na

² Os trabalhos aos quais fazemos referencia são: RONA, José Pedro [1959]. *El dialecto Fronterizo Del Norte Del Uruguay*. Montevideu: Librería Adolfo Linardi, 1965; ELIZAINCÍN Adolfo; BEHARES, Luis. Variabilidad morfosintáctica de los dialectos portugueses del Uruguay. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile XXXI*, 1, Santiago de Chile, p. 401-417, 1981; e ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis H.; BARRIOS, Graciela (1987).

sociolinguística variacionista, colocaram em evidência a existência de variedades dialetais do português na região fronteira do Uruguai com o Brasil, os assim denominados “*Dialectos portugueses del Uruguay*” (DPU).

A descrição dessas variedades colaborou para questionar o imaginário do Uruguai como país monolíngue em espanhol, difundido por discursos oficiais nacionalistas no decorrer do século XX. De acordo com Milán *et al.* (1996), o aparecimento dos DPU deve-se ao contato do espanhol com o português a partir do final do século XIX, em razão da entrada formal do espanhol nas escolas uruguaias, pois, historicamente, na região de fronteira com o Brasil, principalmente no norte e nordeste, predominavam sujeitos monolíngues em língua portuguesa.

É na tese de Carvalho, publicada em 1998, que se propõe pela primeira vez a expressão “português uruguaio”, adotada em trabalhos posteriores da autora³. Mais recentemente, em pesquisas atuais e em textos oficiais tem predominado a designação “português do Uruguai” (BEHARES, 2010; URUGUAI, 2008). Além dos modos de designar aqui elencados, registram-se outros, utilizados principalmente quando os próprios falantes nomeiam a língua que falam. Ao fazê-lo, utilizam expressões como “*fronterizo*”, “*bayano*”, “*brasileiro*”, “*mezcla*” ou “*portuñol*” (MILÁN *et al.*, 1996:140). Conforme Behares (2010a), nas áreas uruguaias tem-se

uma sociedade bilíngue de falantes de espanhol como língua materna em conjunto com importantes grupos de falantes de português como língua materna. Ou seja: essas regiões uruguaias têm duas línguas: o espanhol, majoritário no Uruguai e considerado como a língua do Estado (ainda que não a língua oficial), e o português (em sua variante uruguaia, chamado na bibliografia acadêmica e nos documentos oficiais, atualmente, de “português do Uruguai”) (BEHARES, 2010a:63).

O português do Uruguai (que neste trabalho tratamos como *portunhol*) é, então, uma das línguas constitutivas dos sujeitos que compõem a sociedade que habita a fronteira uruguaio-brasileira, isto é, aquelas regiões que formam parte dos departamentos de Artigas, Rivera e Cerro Largo e do extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. É interessante destacar que como característica desse espaço geopolítico, encontram-se as denominadas cidades gêmeas, pares de localidades fronteiriças que se estabeleceram uma adjacente à outra (por exemplo, Rivera-Santana do Livramento, RíoBranco-Jaguarão, Aceguá-Acegua,

³ Por exemplo, cf. Carvalho (2003).

Chuy-Chuí⁴). Quanto às cidades uruguaias, algumas foram fundadas ainda como vilas na metade do século XIX, como parte de uma política nacional que visava conter o avanço luso-brasileiro no território do país. No que se refere à atual distribuição territorial do português do Uruguai, apresenta a seguinte distribuição segundo a *Administración Nacional de Educación Pública* (2008:337) (Ver Mapa 1).

Como uma língua não gramatizada⁵, historicamente, o portunhol que circula na fronteira uruguaio-brasileira circunscreve-se mais amplamente ao domínio da oralidade na sociedade fronteiriça, ao mesmo tempo em que sua enunciação encontra lugar em situações de familiaridade e/ou afetividade por parte de seus falantes. No entanto, registram-se também textos redigidos em portunhol, como as letras de canções do compositor riverense Chito de Mello, reunidas na publicação intitulada “rompidioma”, ou o livro de poemas *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (2010), de autoria do escritor Fabián Severo, obra na qual nos focamos para análise da materialidade linguística do portunhol no domínio da escrita.



Mapa 1 – Distribuição atual do português do Uruguai no território uruguaio (URUGUAI, 2008:337)

⁴ Convém pontuar que na fronteira Chuy-Chuí, a cidade uruguaia localizada no departamento de Rocha não se inclui na área de presença do português uruguaio (URUGUAI, 2008; BEHARES, 2010a). No entanto, dada a contiguidade de ambas as cidades e a coexistência das duas línguas, é comum que palavras e construções em português e em espanhol constituam a enunciação de seus falantes, prática linguística que também costuma ser referida como ‘portunhol’ (ver AMARAL, 2008).

1.1 Voiscrevélaslebransa pra no isquesé: Noite nu Norte. Poemas en Portuñol

Lançada em sua primeira edição no ano de 2010, na cidade uruguaia de Artigas, a obra reúne cinquenta e sete poemas escritos em *portuñol*, conforme nomeia seu autor (Figura 1). De acordo com Behares (2010:10), no prólogo que faz a obra de Severo, o poeta apresenta uma interessante tentativa de escrita do que para esse pesquisador seria uma “*variedad ágrafa del portugués con mayor o menor influencia del español*” utilizada no cotidiano de sujeitos que residem em Artigas. Para Behares (2010), o que ocorre é um processo de “transliteração”, que a transforma em uma “entidade” totalmente distinta, mas que continua remetendo à sua existência na fala. Conforme apontamos anteriormente, Behares define essa “variedade” de um ponto de vista teórico da sociolinguística, situando-a como uma das línguas que caracteriza a situação linguística da região fronteira uruguaio-brasileira, cuja área uruguaia caracteriza-se por apresentar uma sociedade bilíngue em espanhol e portunhol.

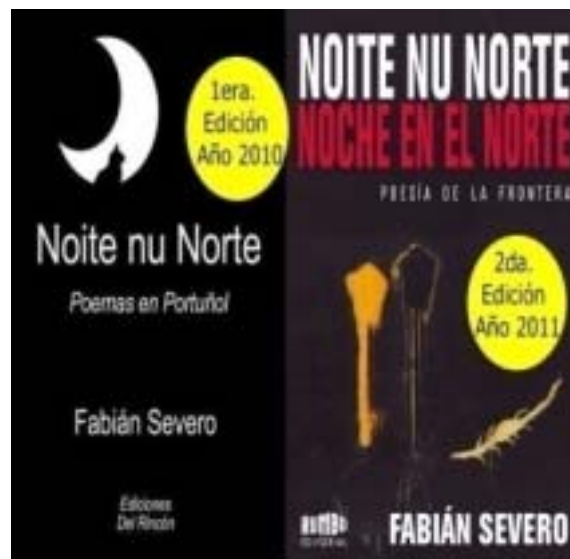


Figura 1- Capa de *Noite nu Norte*, 1ª e 2ª ed.

Desse modo, o que sociolinguistas como Behares (2010) e Carvalho (2007) referem como uma “variedade do português uruguaio” é designada como *portuñol* por Severo (2010) em *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, cuja publicação apon-

⁵ Aqui utilizamos o termo “gramatizada” a partir da noção de gramatização proposta por Auroux (1992). O portunhol é não gramatizado na medida em que carece de instrumentalização, isto é, não está ‘fixado’ em instrumentos linguísticos (gramáticas e/ou dicionários).

ta para a literatura como um espaço de circulação desse portunhol, na medida em que se configura como uma produção inscrita (e escrita) na língua.

É, então, de uma perspectiva teórica enunciativa (GUIMARÃES, 2005; 2006; 2011; STURZA, 2006) que lançamos nosso olhar teórico para o portunhol, tomando dois poemas de Severo (2010). Através da seleção de alguns enunciados, analisaremos a constituição de sentidos que se produz no espaço de enunciação fronteiriço, considerando as condições histórico-sociais da fronteira uruguaio-brasileira, principalmente no que diz respeito à constituição de políticas educacionais e seus efeitos sobre a relação sujeito-língua evidenciada nesse espaço de línguas e falantes.

2 O portunhol de uma perspectiva da Semântica da Enunciação

Tratar da fronteira de uma abordagem enunciativa constitui-se em um modo de pensá-la e de compreendê-la a partir das relações imaginárias entre os sujeitos que aí vivem e as línguas que circulam no espaço fronteiriço. Ao nos voltarmos para constituição de sentidos que se produzem em um nível enunciativo da maneira como estamos propondo, consideramos a dimensão histórica e social da fronteira, e o funcionamento do político nas relações que nela se estabelecem (GUIMARÃES 2005; 2006; 2011; STURZA, 2006).

Tomamos de Guimarães (2005:11) a noção de enunciação, definindo-se como um acontecimento no qual sujeito e língua relacionam-se, acontecimento determinado pelo político, sendo este o fundamento de todas as relações sociais, “algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem”. Tal divisão é consequência da relação da língua com os falantes e estabelece-se hierarquicamente, distribuindo-a de forma díspar, segundo as relações de importância que as constituem.

Na fronteira, o político organiza as relações entre sujeitos e línguas no “espaço de enunciação fronteiriço” (STURZA 2006), que pode incluir ao mesmo tempo as línguas nacionais de cada país (Brasil e Uruguai), o português e o espanhol, bem como outras práticas linguísticas como o portunhol. Acerca do funcionamento desse espaço, Sturza expõe:

O sujeito enunciativo de práticas linguísticas fronteiriças funciona como figura política que se move entre o eu e o outro. Ou seja, um falante de uma língua nacional frente ao falante de outra língua nacional é afetado pelo imaginário da fronteira como limite entre dois mundos, onde começam, mas também terminam, os domínios de uma outra prática linguística, nem sempre de outra língua nacional (STURZA 2006: 60).

Para nós, entender como se estruturam as relações entre línguas e falantes é fundamental, pois o modo de distribuição que é projetado no espaço de enunciação fronteiriço é regulado por um jogo de poder e de domínio determinado pelo político, configurando-se como um espaço de disputa que se configura também como uma disputa de sentidos. Para tal, é necessário considerar na abordagem que propomos para o que aqui compreendemos como portunhol, uma imbricada reflexão conceitual sobre a fronteira, essencial para compreender o modo como esta constitui o funcionamento enunciativo da língua.

A fronteira tem sido objeto de numerosas abordagens conceituais e assume muitos significados na literatura acadêmico-científica. Neste trabalho, iniciamos enfocando a fronteira e sua relação com o espaço, na medida em que pode ser ela, alternadamente, limite entre territórios e “espaço vivido”. Existem múltiplas maneiras como os sujeitos experimentam as relações com o espaço, seja aquele territorialmente demarcado por limites fixos ou o delineado historicamente pelos fluxos cotidianos. Tais relações os constituem e constituem também as línguas que praticam e sua distribuição na enunciação, afetando sua significação.

Considerar a fronteira como espaço vivido coloca em evidência sua dimensão dinâmica, isto é, aquela que se constrói através dos fluxos, que direcionam as interações de ordem econômica, comercial, cultural e política. Por exemplo, a prática do contrabando é característica da fronteira do Uruguai com o Brasil e orienta o movimento daqueles que *cruzan la línea* frequentemente para adquirir produtos mais baratos do ‘outro lado’. Bentancor (2010) afirma que o contrabando é visto pelos habitantes da fronteira naturalmente, como um processo arraigado nesse contexto social⁶. Do mesmo modo, o comércio legal de produtos importados nos *freeshops*⁷ atrai pessoas de outras lo-

⁶ Costuma-se diferenciar o contrabando que consiste em comprar do outro lado da linha para garantir o consumo diário, amplamente aprovado pela população, do grande contrabando, organizado e de grande escala, apontado como fonte de lucro. Também se destaca o chamado “contrabando formiga”, realizado por aqueles que adquirem uma quantidade média de produtos para comercializá-los em uma área próxima à linha de fronteira, atividade que, na maioria das vezes, é desempenhada como forma de sobrevivência. O contrabando habitualmente aparece como uma prática ilegítima do ponto de vista do Estado, porém – de acordo com observações de Albuquerque (2011) – é legitimada pelas relações sociais que se desenvolvem em nível local.

⁷ Lojas autorizadas a comercializar produtos importados livres de impostos. Na fronteira do Uruguai com o Brasil, essas lojas situam-se em cidades gêmeas, do ‘lado’ uruguaio, como, por exemplo, as que existem nas localidades de Rivera, Río Branco e Chuy.

calidades, que passam a circular frequente ou esporadicamente nas cidades fronteiriças incitadas pelo favorecimento das cotações cambiais.

Esse tipo de dinâmicas que chamamos de *fluxos* mobilizam sujeitos também em relação às línguas. Os sujeitos movem-se entre “línguas de fronteira” (STURZA 2006) – sejam estas línguas nacionais ou práticas linguísticas reconhecidas localmente, como o portunhol – da mesma forma como atravessam a fronteira constantemente. Enfocá-la em uma perspectiva voltada para os fluxos permite-nos ampliar sua compreensão e vislumbrar outras possibilidades de pensá-la. Nessa linha, podemos pensar também em “fronteiras *lato sensu*” quando as concebemos como “fronteiras em movimento”, as quais podem ser estendidas e/ou modificadas (BENTO 2011). Nesse sentido, o portunhol da fronteira uruguaio-brasileira constitui-se como uma “língua-movimento”, já que se configura na travessia entre línguas nacionais, no ir e vir entre o espanhol e o português, e significa a própria fronteira, suas dinâmicas e tensões.

Considerando os fenômenos que caracterizam a situação social e singular⁸ que identifica a fronteira uruguaio-brasileira, é necessário ter em conta que esse portunhol do qual estamos tratando surge historicamente nisso que definimos como espaço de enunciação como consequência de uma política educacional de caráter nacionalista que tem efeito sobre as línguas portuguesa e espanhola.

4. Uma Política Educacional: uma Política Linguística

A partir da segunda metade do século XIX, uma importante parte das propriedades rurais localizadas no norte do Uruguai pertencia a brasileiros que compunham a elite da fronteira do Rio Grande do sul e também possuíam estâncias do outro lado da linha divisória: “Em algumas partes do norte uruguaio, brasileiros chegavam a possuir a maioria das estâncias” (CHASTEEN, 2003: 68). A presença massiva de brasileiros no norte do país passou a constituir-se uma preocupação para as elites intelectuais e políticas de Montevideú a partir de 1860, pois a influência exercida pelos brasileiros manifestava-se em diferentes âmbitos, sendo a língua mais utilizada nessa parte do território oriental o português (SOUZA E PRADO, 2004).

Nessa época, o Uruguai passava por um momento de afirmação política e social que se efetivava, entre outras ações, através da criação de projetos governamentais que buscavam “neutralizar” a presença de brasileiros na re-

⁸ Tomamos a expressão de Albuquerque (2011: 42), segundo a qual “Não existe a fronteira em abstrato, o que existem são situações sociais e singulares de fronteiras”.

gião norte e “orientalizá-la” segundo o imaginário de nação construído por seus dirigentes após a independência. Uma das mais importantes políticas do período foi a reforma educacional iniciada nos anos 70 do século XIX, idealizada por José Pedro Varela, que foi sumamente relevante para promover a pretendida *nacionalização* do território uruguaio, atingindo amplamente a zona fronteira, sobretudo as áreas rurais, um dos seus principais focos (CHASTEEN 2003).

Com a instituição do *Decreto-Ley Reglamento de Instrucción Primaria*, aprovado em 1877, fundamentado na *Ley de Educación Común*, de forte ideal nacionalista, tornou-se obrigatória a educação primária em língua espanhola em todo o país, provocando uma entrada progressiva do espanhol no norte uruguaio. No artigo 38 do documento, de 24 de agosto do referido ano, lê-se: “*En todas las escuelas públicas la enseñanza se dará en el Idioma Nacional*” (apud BEHARES; BROVETTO; 2009: 96). Essa política educacional⁹ implantada por Varela, que ignorou a pluralidade de línguas existente, resultou no surgimento de uma sociedade monolíngue no território nacional e, bilíngue na zona fronteira, pois, até então, a população residente no norte do país era predominantemente lusofalante (BARRIOS; GABBIANI; BEHARES, 1993). Segundo Bertolottiet *al.* (2005:18), o espanhol começa a avançar gradativamente sobre a base linguística portuguesa, originando os chamados DPUs.

Como consequência da referida política educacional, houve modificações no panorama linguístico da região, já que a entrada de uma língua através da educação formal – o espanhol – e seu contato com o português promoveu o aparecimento de outra, o portunhol¹⁰. Nesse sentido, podemos afirmar que, embora não tenha sido especificamente formulada como tal, a política educacional valeriana teve efeitos de uma política de planejamento linguístico (cf. CALVET 2007), alterando a “ecologia das línguas” (cf. LAGARES, 2010) no espaço de enunciação fronteira: “*A finales del siglo XIX el portugués retrocede frente al español como resultado de una política de planificación lingüística que se traduce en el Reglamento de la Instrucción Pública de 1877*” (TORANZA; TRISANT, 2008: 13).

Já ao longo do século XX, registra-se uma escassez de políticas, do ponto de vista do planejamento linguístico, explicitadas em âmbito legal ou jurídico,

⁹ “*Una política educativa no es una sucesión de actuaciones o de decisiones inconexas, ni una lista de cosas concretas a hacer; sino que supone que unas y otras se adoptan con la coherencia de un programa político. El programa político, significa la adopción de unos valores y opciones ideológicas concretas, más que, necesariamente, realizaciones prácticas que un partido concreto en el gobierno espera producir*” (BARBOZA NORBIS, 2007: 12).

¹⁰ Reforçamos nossa opção por designar a língua resultante do contato do português com o espanhol na região fronteira uruguaio-brasileira como *portunhol*.

geridas no sistema estatal. É importante mencionar que o *status* conferido à língua espanhola como língua oficial, isto é, a única língua reconhecida e utilizada pelo estado, não está claramente definido na constituição uruguaia. No entanto, é a única amplamente contemplada em diversos âmbitos, como no educativo quando inserida nos desenhos curriculares de instituições de ensino primário e secundário. (TORANZA; TRISTÁN, 2008; URUGUAI, 2008).

É apenas mais recentemente, na primeira década do presente século, que se constitui a *Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública*, vinculada à *Administración Nacional de Educación Pública* (URUGUAI)¹¹, integrada por uma equipe de especialistas encarregada de traçar políticas linguísticas específicas que contemplem, no sistema educativo, a complexa situação linguística presente no território uruguaio, incluindo a região fronteiriça com o Brasil. (TORANZA; TRISTANT, 2008; URUGUAI, 2008).

Nos documentos publicados por essa comissão, a sociedade fronteiriça é caracterizada como bilíngue e diglósica, em que as línguas não funcionam do mesmo modo para o falante em todos os contextos: o portunhol é a língua enunciada em âmbitos familiares, domésticos e coloquiais; enquanto que o espanhol é enunciado em ambientes públicos, como escritórios, estabelecimentos comerciais, meios de comunicação e instituições educativas (URUGUAI, 2008). Desse modo, a distribuição das línguas e dos falantes pelas línguas no espaço de enunciação é desigual, instalando-se uma divisão que é própria desse espaço de enunciar enquanto espaço político.

Assim, a partir do exposto, interessa-nos analisar os sentidos que são atribuídos na enunciação para o portunhol em alguns textos de *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, isto é, os sentidos que se constituem na língua e sobre a língua como efeitos da política educacional sustentada pelo estado uruguaio e promovida nos discursos e práticas pedagógicas de suas instituições de ensino.

5. Efeitos de uma Política Educacional em *Noite nu Norte*

Para efetuar a análise, tomamos os poemas “*Treis*” e “*Trintidós*” (ver Anexo) do livro *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (SEVERO, 2010), selecionando alguns de seus enunciados para analisar o modo como o portunhol está significado. De acordo com a perspectiva teórico-metodológica enunciativa a que nos filiamos (GUIMARÃES, 2005; 2011), referimo-nos às sequências linguísticas analisadas como enunciados, e não como versos; embora reconhe-

¹¹ Na República Oriental do Uruguai, a ANEP, órgão autônomo e desvinculado do Ministério da Educação e Cultura, é a instância responsável por administrar o ensino público e privado, com exceção do ensino superior (SILVEIRA; QUEIROLO, 1998).

çamos o caráter literário da composição, a tomamos como uma textualidade produzida pela enunciação.

Iniciamos por um fragmento do poema “*Treis*” e a análise dos enunciados E1 e E2:

(...)Los Se ninguém,
como eu,
semo da frontera,
neimdaquíneimdalí,
[E1] *no esnoso u suelo que pisamo*
[E2] *neim a língua que falemo* (SEVERO, 2010: 25).

Observamos que o nome “*língua*” aparece em E2. Este se coordena ao enunciado anterior pelo marcador “*neim*”, introduzido pelo negativo “*no*”. Ou seja, o marcador “*neim*” aparece enlaçando ambos enunciados e marca uma relação aditiva entre eles. Podemos dizer que o “*neim*” do segundo enunciado pode ser parafraseado por “*também não*”. Desse modo, a negação estabelecida por “*no*” no primeiro enunciado soma-se a outra negação introduzida por “*neim*” no segundo, o que nos permite afirmar que o sintagma “*esnoso*” afeta também o fragmento “*a língua que falemo*”. Assim, é como se tivéssemos “*neim [esnosa] a língua que falemo*”.

Ainda, acerca dos dois enunciados, voltamo-nos para os sintagmas “*u suelo*” e “*a língua*”, antecidos pelos determinantes “*u*” e “*a*”, que atribuem sentido aos nomes no sintagma por determinação. Ou seja, não é a qualquer “*língua*” ou a qualquer “*suelo*” a que se faz referência, mas sim, uma “*língua*” e um “*suelo*” específicos.

É também importante destacar a relação de predicação instaurada pelas expressões “*que falemo*” e “*que pisamo*”, que constituem o sentido de “*língua*” e de “*suelo*”. Esses sintagmas poderiam ser reescritos, por exemplo, pelas expressões “*falado por nós*” e “*pisado por nós*”. Essa articulação contribui para definir o sentido de língua, pois se trata de uma língua que é falada pelo Locutor (cf. GUIMARÃES, 2005; 2011) e por outros sujeitos do/no espaço a partir do qual se enuncia, uma língua que faz parte da experiência do sujeito em uma coletividade, inscrito nos enunciados pelo possessivo “*noso*” e pelas formas verbais de primeira pessoa “*falemo*” e “*pisamo*”.

Assim, ao mesmo tempo em que o possessivo “*noso*” instaura um sentido de pertencimento da língua em relação ao sujeito-locutor, relação que se mostra pela articulação com “*es*”, os elementos de negação significam a natureza contraditória dessa relação. Pois, embora o sujeito da enunciação, falante de portunhol, seja constantemente atravessado pela língua que fala, marca a

impossibilidade de estabelecer uma relação de pertencimento com essa língua, o que se estende paralelamente a “*suelo*”, pelos procedimentos aqui descritos. Tal negação do pertencimento na relação língua-sujeito remete às relações imaginárias ideológicas e institucionais estabelecidas e ao não reconhecimento social e político do portunhol como língua nacional do Uruguai, que surgem como efeito da política educacional valeriana e da ausência de outras políticas linguísticas no decorrer do século XX, pois o portunhol está significado como uma língua que *no* serve para estabelecer uma identificação do falante como membro da nação uruguaia.

Reproduzimos a seguir um fragmento do outro texto selecionado, “*Trintidós*”:

[E1] *Yo no quiría ir mas en la escuela*
 [E2] *porque la maestra Rita, de primer año*
 [E3] *cada ves que yo ablava*
 [E4] *pidíapra que yo repitiera y disía*
 [E5] *vieron el cantito na vos del, asín no se debe hablar*
 Y todos se rían de mim,
 Como eyapidía que yo repitiera
 yorepitía y eyos volvían se ri.(...) (SEVERO, 2010:60).

Primeiramente, destacamos os indicadores de subjetividade que assinalam a inscrição do sujeito falante de portunhol na língua pela enunciação (“*Yo*”, “*quiría*”, “*yo*”, “*ablava*”, “*mim*”, “*repitiera*”, “*repitía*”). Quanto à relação do sujeito com a língua que o constitui, em [E1], o marcador de negação “*no*”, antecede as formas verbais “*quiría ir*”, trazendo o sentido do conflito, do *rechazo* para essa relação quando tem lugar no contexto institucional de ensino.

Já no segundo enunciado [E2], temos o sintagma nominal “*la maestra Rita*” que introduz na enunciação outro sujeito, um sujeito de quem se fala e mobiliza sentido à “*escuela*”, já que é referido no enunciado como fazendo parte do universo escolar. O sintagma nominal “*de primer año*” surge em relação a este sujeito em uma operação de determinação e atualiza no enunciado sentidos que remetem a uma memória do falante enquanto sujeito submetido a um processo de alfabetização formal promovido no ambiente escolar, momento de contato e apropriação da língua também em sua modalidade escrita.

No terceiro enunciado [E3], a língua do sujeito enunciator – o portunhol – define-se por metonímia, pois sua relação com o sujeito é referida em relação ao domínio da modalidade oral. Ao mesmo tempo, a interdição dessa língua no entorno escolar é dita em [E5] pela introdução da voz da *maestra Rita*, pelo operador negativo “*no*” e pela forma verbal imperativa “*debe*”, que atribuem

sentido à *maestra* e à escola como lugar de regulação da língua, da prescrição, em que se pode estabelecer como se deve ou não falar e, mais do que isso, que língua se deve ou não falar. Por outro lado, é importante observar como o próprio texto do poema contrapõe-se como *válvula de escape* para o portunhol, pois trata da interdição da língua ao mesmo tempo em que está escrito em portunhol. Assim, o portunhol irrompe no enunciado, mesmo quando se introduz a voz da *maestra Rita*, instalando-se uma contradição que é própria desse espaço de enunciar, já que a figura da *maestra* significa o gesto de controle e imposição do espanhol como língua legítima da escola como instituição vinculada ao estado.

5 Considerações finais

Neste trabalho, tratamos do portunhol encontrado na obra *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* a partir de uma inscrição teórico-metodológica na Semântica da Enunciação (GUIMARÃES, 2005; 2006; 2011). Dessa perspectiva, tomamos o portunhol enquanto língua presente no espaço de enunciação fronteiro e afetado no seu funcionamento por condições sócio-históricas específicas e pelo político, fatores estes que determinam o modo como os sentidos são mobilizados. Ao mesmo tempo, propusemos uma reflexão conceitual sobre a fronteira, a qual pretendeu, ainda que de forma incipiente, ampliar a compreensão sobre o fenômeno fronteiro e o modo como se apresenta na região uruguaio-brasileira enquanto “situação social” de fronteira e, como tal, um espaço permeado por dinâmicas específicas. No que diz respeito às línguas, a política educacional valeriana implementada no Uruguai no século XIX acabou surtindo o efeito de uma política linguística que afetou as relações imaginárias e institucionais dos sujeitos com as línguas na fronteira, instaurando o político nessas relações e fomentando o surgimento do portunhol na região.

A partir da análise de alguns enunciados de dois textos contidos em *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, vimos como a política do estado nacional uruguaio, iniciada no século XIX e perpetuada durante o seguinte século, afetou as práticas locais, pois nos enunciados analisados constituem-se sentidos que surgem como efeitos do político no espaço de enunciação, pois a divisão que afeta materialmente o real – que é como Guimarães define o político¹² – afeta também as línguas e sua significação. Assim, o espaço escolar aparece significado nos textos como um espaço permeado pelo conflito, em que o portunhol é interdito, não havendo espaço para sua prática na escola, pois aí se impõe a *língua nacional*, o espanhol.

¹² A concepção de político formulada por Guimarães desenvolve-se a partir das posições de Rancière e Orlandi a respeito do *político* e da *política* (cf. GUIMARÃES, 2005).

Anexos

TREIS

Noum sei como será nas terrasivilisada,
masein Artigas
viven los que tienen apeyido,
Los Se ninguéim,
como eu,
semo da frontera,
neim daqui neim Dalí,
no es nosso u suelo que pisamo
neim a língua que falemo.
(SEVERO, 2010: 25)

TRINTIDÓS

Yo no quiría ir mas en la escuela
purque la maestra Rita, de primer año,
cada ves que yo ablava
pidíapra que yo repitiera y disía,
vieron el cantito na vos del, asín no se debe hablar
y todos se rían de mim,
comoeyapidía que yo repitiera,
yorepitía y ellos volvían se ri.

Otras ves disíaeya,
en su casa no le lavan la túnica,
no dicen que tiene que cuidarla y tenerla limpita.
Yo no me animavadesirpraeya
que la túnica era del Caio
y que ele me imprestavapurquesinó yo no tiña pra ir.

Yo no podía ir en los paseo porque nunca tiña ropa.
Una vuelta nos iva ir a Beya Unión
prauncampionato de fubol,
yojugava muy bien y mis amigo quirían que fuera
mas como no tiña ni ropa ni campeón,
me vendé el brazo y dise que me avía lastimado
y que puriso no pudíaviayar.
Yo no quiría ir más naiscuela
purquetudo el mundo sabía
que los que ivannel comedor eran los pobre.

Tocava la campana y todos se ivan
y nos se mitfana fila
y todos nos mirava.
Yo tiña vergoña.

Asvés creo que eu so así,
meio tímido, meiovergonsoso,
porque yo sempre era el pobre.
Mi madre dis que vergoña es robar,
y que cuando eyaivana escuela,
tambiéniva en el comedor
y que semprentava se meter dos ves na fila
pra poder agarrar pan y yevapras casa,
y me dis,
acá me ves sana y gorda,
asín que no sintavergüensa mijo.

(SEVERO, 2010: 60-61)

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.

AMARAL, Tatiana Ribeiro do. *Una comunidad de habla, dos comunidades de lengua: la alternancia de códigos como signo de identidad en la frontera brasileño-uruguay*. Madrid, 2008. Tese (Doutorado) – FFL/UAM.

AUROUX, Silvayn. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BARBOZA NORBIS, Lidia. Políticas educativas en formato de “Programas”. *Educarnos 2*, 2007. Disponível em: <http://www.anep.edu.uy/educarnos/educarnos_02/index.html>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BARRIOS, Graciela; GABBIANI, Beatriz; BEHARES, Luis E. Planificación y políticas lingüísticas en Uruguay. *Iztapalapa*. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades. Políticas del Lenguaje en América Latina. Jan-Jun. Universidad Autónoma Metropolitana, ano 13, n. 29, p.177-190, 1993.

BEHARES, Luis Ernesto. Transliteraciones fronterizas. In: SEVERO, F. *Noite nu Norte. Poemas en Portuguol*. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010, p. 9-16.

_____. Apresentação. *Pro-posições*, Campinas, v. 21, n.3 (63), p.17-24, set./dez. 2010a.

BEHARES, Luis Ernesto; BROVETTO, Claudia. Referencias al lenguaje en las leyes de educación de Uruguay. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS. NÚCLEO DE EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO. ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTÉVIDEU, IV, 2009, Santa Maria. Santa Maria: Sociedade Vicente Pallotti, 2009, p. 95-101.

BENTANCOR, Gladys. Una frontera singular: la vida cotidiana en ciudades gemelas: Rivera (Uruguay) y Sant'Ana do Livramento (Brasil). In: NUÑES, A.; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). *Dilemas y diálogos platinos: fronteiras*. Dourados: Ed. UFGD, 2010, p. 73-106.

BENTO, Fábio Régio. Fronteiras: significado e valor. In: BENTO, F. R. (Org.). *Fronteiras em movimento*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 13-30.

BERTOLOTI, Virginia; CAVIGLIA, Serrana; COLL, Magdalena; FERNÁNDEZ, Marianela. *Documentos para la historia del portugués en el Uruguay*. Montevideo: UDELAR, 2005.

CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. Florianópolis; São Paulo: Ipol/Parábola, 2007.

CARVALHO, Ana Maria. *The social distribution of Uruguayan Portuguese in a bilingual bordertown*. Berkeley, 1998. Tese (Doutorado) – University California.

_____. Rumo a uma definição do português Uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Ibero-americana* 2, p. 125-150, 2003.

CARVALHO, Ana Maria; BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier. Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: PORTUGUÉS del Uruguay y educación bilingüe. Montevideo: Administración Nacional de Educación Pública, 2007, p. 44-96.

CHASTEEN, John C. *Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Trad. Rafael Augustos Sêga, Thelma Belmonte, Elvio Funck. Porto Alegre: Movimento, 2003.

DALINGHAUS, Ione Vier; CENTURIÃO, Eleidinéia; PEREIRA, Maria Ceres. Ensinar português para alunos brasiguaios: um desafio para os professores da fronteira Brasil/Paraguai. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA PLATINA, III, 2010, Campo Grande. . "Identidade, diversidade e linguagens do território platino". *Fronteira e relações de vizinhança*. Campo Grande: UFMG, 2010, p. 1-9.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis H.; BARRIOS, Graciela. *Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Editorial Amesur, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. Enunciação e Política de Línguas no Brasil. *Revista Letras. Espaços de Circulação da Linguagem*, n. 27, p. 47-53, jul./dez. 2006.

_____. *Análise de texto: Procedimentos, Análises, Ensino*. Campinas: Editora RG, 2011.

LAGARES, Xoán Carlos. A situación do galego na perspectiva internacional: a nosa lingua e “os da banda d’alá”. In: SEMINARIO SOBRE LÍNGUA, SOCIEDADE E POLÍTICA EN GALICIA, 2010, p. 1-14. Disponível em: <http://bretemas.blogaliza.org/files/2010/06/Texto_Xoan_Lagares.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2012.

MILÁN, José G.; SAWARIS, Gerri; WELTER, Milton L. El camino recorrido: Lingüistas y Educadores en la Frontera Brasil Uruguay. In: TRINDADE, A. e BEHARES, L. E. (Org.). *Fronteras, Educação, Integração*. Santa Maria: Palotti, 1996, p. 121-195.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de; STURZA, Eliana Rosa. “La cor de mi perro es vermelho”: Mapeamento das situações linguísticas nas fronteiras. In: STURZA, E. R.; FERNANDES, I. C. S.; IRALA, V. B. (Org.). *Português e Espanhol: Esboços, Percepções e Entremeios*. Santa Maria: Editora PPGL/UFSM, 2011, p. 129-150.

SEVERO, F. *Noite nu Norte: Poemas en Portuñol*. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010.

SILVEIRA, Pablo da; QUEIROLO, Rosario. Análisis organizacional: cómo funciona la educación pública en Uruguay. *Ceres Estudios* 6, 1998. Disponível em: <http://www.ceres-uy.org/investigacion/estudios/006_analisis_organizacional.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

SOUZA, Susana Bleil; PRADO, Fabrício Pereira. Brasileiros na fronteira uruguaia: economia e política no século XIX. In: GRIJÓ, L. A.; KUHN, F.; GUAZELLI, C. A. B. e NEUMANN, E. S. *Capítulos da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de Fronteira e Política de Línguas. Uma História das Ideias Linguísticas*. Campinas, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

_____; IRALA, Valesca Brasil. Políticas Linguísticas e Educacionais para e nas fronteiras: pesquisas e experiências. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM. POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: IDENTIDADES, DIÁLOGOS E FRONTEIRAS, I, 2012, Cascavel. *Resumos...* Cascavel: Unioeste, 2012. Disponível em: <http://www.snel.tmp.br/home/wp-content/uploads/2012/03/Simp%C3%B3sios_resumos.pdf>. Acesso em: 05 maio 2012.

TORANZA, Karina. Nossar; TRISTANT, Virginia Solana. *Entre la norma y la descripción: Un didáctica para el Idioma Español en el respeto de los Derechos Lingüísticos en cuanto Derechos Humanos*. Informe final. Fondos concursables. Montevideo: ANEP-CODICEN-DFPD, 2008.

URUGUAI. ANEP. Consejo Directivo Central. *Documentos de la Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública*, Montevideo, 2008.

O filme *Tropa de Elite* em espanhol: A questão da tradução dos palavrões

Marileide Dias Esqueda¹

Resumo: Tem havido, a partir dos anos de 1990, um indiscutível incremento da oferta e demanda por produtos audiovisuais, devido a fatores como a multiplicação de redes de televisão em nível internacional e nacional, a diversidade das plataformas digitais e televisivas, a diversificação dos meios a cabo e via satélite etc. O Brasil, seguindo tal tendência, tem aumentado suas produções fílmicas, principalmente na área cinematográfica, cujos conteúdos são traduzidos para vários idiomas, almejando-se expansão da cultura nacional para outros países. Porém, um dos desafios dos tradutores de filmes brasileiros (e também estrangeiros) reside no linguajar popular. Neste nível, a língua pode, por assim dizer, vulgarizar-se, com uso de palavrões que são variações socioculturais do léxico de uma língua, diretamente ligadas aos seus elementos afetivos e expressivos. Neste sentido, o objetivo principal deste trabalho é analisar os palavrões contidos no filme *Tropa de Elite*, em sua versão para o DVD, e suas respectivas traduções para o espanhol. Trata-se de uma pesquisa comparativista e de análise textual, que busca coletar os principais palavrões presentes na primeira hora do filme, com vistas a verificar quais estratégias tradutórias foram utilizadas. Tais estratégias serão analisadas por meio da classificação de Gambier (2003).

Palavras-chave: Tradução; Legendagem; *Tropa de Elite*; Palavrões.

Abstract: Since 1990 there has been a definite increase in supply and demand for audiovisual products, due to factors such as the proliferation of television networks taken at international and national levels, the diversity of digital and television platforms, the diversification of cable and satellite television, etc. Brazil, following this trend, has increased its filmic productions, mainly involving cinema, of which contents are translated into several languages, aiming to disseminate the national culture to other countries. However, one of the challenges of Brazilian film translators (and also of other countries) lies in simple language. On the simple language level, the language can reach a vulgar degree,

¹ Doutora - Universidade Federal de Uberlândia/ Minas Gerais.
marileide_esqueda@ileel.ufu.br

using swearwords that are socio-cultural variations of the lexicon of a language directly related to their affective and expressive elements. In this sense, the main objective of this study is to analyze the swearwords used in the Brazilian movie *Tropa de Elite 1*, in its DVD version, and their respective translations into Spanish. This is a comparative study and textual analysis, which seeks to collect swearwords presented in the first hour of the film, in order to determine which strategies were used by the translator. Such strategies will be analyzed according to Gambier's (2003) classification.

Keywords: Translation; Subtitling; Tropa de Elite; Swearwords.

1. Introdução e síntese da bibliografia fundamental

O linguajar vulgar faz parte do vocabulário ativo da maioria das pessoas de quaisquer nacionalidades, sendo pronunciado em momentos de raiva, alegria, ansiedade, medo, entre outros. Seu uso é, às vezes, até mais comum do que se imagina, tornando difícil sabermos quando de fato estamos pronunciando um palavrão ou simplesmente uma gíria tabu, tendo sua ordem classificatória, nas palavras de Augras (1989), se diluído em desordem, e as mensagens contraditórias convivem no mesmo espaço.

Dino Preti (1984:39) argumenta que “o principal problema para a classificação da linguagem grosseira ou obscena estaria, pois, em definir o que é grosseria e obscenidade, porquanto tais conceitos são variáveis no tempo e espaço”.

Segundo o autor, é o contexto que definirá se a palavra poderá ser considerada ou não obscena:

É a situação (condições extraverbais que cercam o ato de fala) que nos permitirá caracterizar o que vulgarmente costuma chamar-se de ‘palavrão’, empregado como blasfêmia ou injúria. E, nesse caso, podemos falar de um vocabulário obsceno propriamente dito, composto de um rol de vocábulos mais ou menos fixos através dos tempos e que, por constituírem tabu linguístico, vêm mantendo-se quase sem alteração (PRETI, 1984: 41).

Os palavrões são, portanto, variações socioculturais do léxico de uma língua, diretamente ligadas aos seus elementos afetivos e expressivos, sendo difícil definir seus limites, pois este problema está relacionado aos aspectos histórico-sociais de determinado povo e época, aos seus valores morais, à va-

riação dos costumes, a tal ponto que o que era considerado um “termo proibido” ontem, hoje pode ser adotado por um grupo social, fazendo parte do vocabulário usual e familiar, ou seja, pode deixar de ser proibido devido ao uso frequente de determinado grupo.

Preti (1984) ainda afirma que o linguajar vulgar sempre esteve relacionado às classes mais baixas da sociedade ou de menor renda. Para o autor, este tipo de vocabulário seria uma forma de expressar certo “índice de inconformismo na sociedade”, como uma válvula de escape que serviria para evitar uma explosão mais intensa. Esta é a função social do palavrão, uma vez que seu significado sempre trará ideias revestidas de humor trágico, agressividade e metáforas amargas.

Mas, atualmente, outras classes sociais incorporaram o palavrão em seu discurso. O palavrão vem conquistando seu espaço por meio da divulgação, ao preencher, com a grosseria de imagens, a ênfase que a linguagem sentimental precisa, perdendo assim sua capacidade de ferir ao ganhar conotações afetivas e até carinhosas, chegando até mesmo a virar moda pela boca dos jovens que começam a usá-lo em lugares em que antes o palavrão não seria admissível (PRETI, 2003).

Várias palavras proibidas passaram a se incorporar a letras musicais e, por meio destas, alcançaram seu sucesso ao apimentar roteiros de TV, vocabulário de radialistas, ao se estabelecerem de vez nos palcos teatrais (mesmo que no teatro já existisse a linguagem vanguardista que quebrava tabus) e ao substituírem as reticências ou expressões modalizadas e eufemismos nas legendas de filmes. Os palavrões tornaram-se parte até mesmo da literatura contemporânea, incursionando-se nos domínios do linguajar vulgar, revelando eficiência na transposição de ideologias, de violência e agressividade urbanas, por meio das falas de narradores e personagens.

Palavrões, atitudes agressivas e violência urbana não faltam no atual e polêmico filme *Tropa de Elite*. Neste filme, os palavrões não são apenas pronunciados pelos traficantes de drogas e membros de classes mais baixas. Em várias passagens do filme, os palavrões são ditos pelos membros do batalhão da Tropa de Elite, pelos diretores dos presídios, pelos governantes, por outros cidadãos ditos comuns e também por aqueles de classes mais abastadas que estão representados no filme.

Mas, ao se traduzir este ou outros filmes para línguas diferentes, os palavrões podem aparecer literalmente nas legendas?

Mello (2005) afirma existirem regras para o uso de palavrões nas legendas, e menciona que estas subordinam-se ao critério estabelecido pelos estúdios de legendagem, distribuidoras, produtoras e diretores dos filmes. A respeito da permissão do uso do palavrão na legenda, a autora expõe que:

[...] variam e dependem do julgamento de uma certa comunidade, no caso, dependem das resoluções dos laboratórios de legendagem e dos distribuidores dos filmes. Assim, cada reduto em uma dada circunstância ditará as regras que vão guiar a tradução/legendagem de um filme (MELLO, 2005:57).

A pesquisadora também aponta a preocupação de outros autores, como Ivarsson e Carroll, em relação aos palavrões presentes nas legendas. Para estes autores, a presença deste tipo de linguajar parece ter maior impacto na escrita do que na fala original, ainda mais se a tradução for literal.

Outra dificuldade mencionada por Mello (2005) seria determinar exatamente o lugar para “encaixar” essas palavras em uma escala de termos rudes a brandos, ou seja, encontrar um grau de ofensa do palavrão. Ivarsson e Carroll, dão o exemplo de “*motherfucker*”: como este palavrão está muito presente em filmes de língua inglesa, sua força de expressão se diluiu (apud MELLO, 2005).

Assim, a partir do exposto, o objetivo principal deste trabalho é analisar os palavrões contidos no filme *Tropa de Elite*, em sua versão para o DVD, e suas respectivas traduções para o espanhol.

Parte-se do pressuposto de que a dificuldade de se traduzir palavrões reside no fato de que os tradutores, em geral, buscam a erudição na produção de suas traduções, valorizando, sempre que possível, os idiomas com os quais trabalham. Para Golá (2006), a linguagem vulgar aos poucos vem ganhando importância para os tradutores, porque penetra cada vez mais nos trabalhos que realizam, seja na literatura ou nas produções fílmicas.

2. Descrição do material e da metodologia

O filme *Tropa de Elite: Missão dada é missão cumprida*, baseado no *bestseller Elite da Tropa*, escrito pelo antropólogo Luiz Eduardo Soares em parceria com os oficiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais da cidade do Rio de Janeiro (BOPE), André Batista e Rodrigo Pimentel, foi produzido por José Padilha, cineasta, documentarista e produtor cinematográfico brasileiro premiado por vários documentários e filmes.

Tropa de Elite estreou nos cinemas em 12 de outubro de 2007 e foi lançado em DVD em 27 de fevereiro de 2008. Pirateado quase dois meses antes da estreia, ganhou grande repercussão e estima-se que 11 milhões de pessoas tenham visto o DVD pirata, segundo o site <http://noticias.terra.com.br>². Nos ci-

² (<http://noticias.terra.com.br/retrospectiva2007/interna/0,,OI2011632-EI10678,00.html> acesso em 28 julho 2012)

nemas, o filme conquistou o maior número de espectadores no *ranking* nacional³.

O filme conta a história de Nascimento, interpretado por Wagner Moura, capitão da Tropa de Elite do Rio de Janeiro, que é designado para chefiar uma das equipes que têm como missão apaziguar o Morro do Turano, por um motivo que ele considera insensato. Ele tem que cumprir as ordens enquanto procura por um substituto. Sua mulher, que está no final da gravidez do primeiro filho do casal, pede-lhe todos os dias para que ele saia da linha de frente do batalhão. Pressionado, Nascimento sente os efeitos do estresse.

Surgem os aspirantes Neto e Matias, interpretados respectivamente por Caio Junqueira e André Ramiro, que vão modificar as ações do BOPE. No curso chefiado pelo Capitão Nascimento, Neto destaca-se pela coragem e Matias pela inteligência. Se ele pudesse reunir as duas qualidades num homem só, já teria encontrado seu substituto.

É um filme chocante que mostra a realidade e os efeitos do tráfico de drogas no Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro.

O elenco reúne os vilões Capitão Fábio, interpretado por Milhem Cortaz, que está envolvido com cafetões e prostitutas e vê seus esquemas corruptos serem tomados por outro capitão logo no início da trama, e Baiano, interpretado por Fábio Lago, que representa o vilão-mor do filme por ser o principal traficante do morro dos Prazeres.

Apesar de ter sido considerado muito violento, em 15 de fevereiro de 2008, o filme ganhou o Urso de Ouro no Festival de Berlim, na Alemanha.

Em 08 de outubro de 2010, foi lançado o segundo filme da série *Tropa de Elite: O inimigo agora é outro*, que igualmente recebeu considerável atenção da mídia, críticas favoráveis, tornando-se, no mesmo ano, o filme mais visto da história do cinema brasileiro, com mais de 10 milhões de espectadores.

Apenas o primeiro filme *Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida* será objeto de estudo desta pesquisa, pois possui legendas em português e espanhol e áudio em português 5.1 Dolby Digital. O filme *Tropa de Elite: o inimigo agora é outro*, em DVD, não possui legendas em língua estrangeira e tem áudio em português, estando disponível em outras línguas apenas em versão Blu-Ray.

Com o intuito de constatar a finalidade das legendas em espanhol presentes no DVD, isto é, para quem foram destinadas (ALBIR, 2007), implementou-

³ Agradecemos à ex-aluna Débora Cantro Rodrigueiro pela coleta de algumas informações sobre este e outros filmes brasileiros traduzidos para outras línguas.

se pesquisa junto à distribuidora do filme e também à rede mundial de computadores. Não há registros claros que mostrem para quem foram feitas as legendas, se foram produzidas para atender ao mercado europeu, da América Latina ou outros. Também não foi possível constatar se a tradução foi elaborada por brasileiros ou por hispanoparlantes. Registra-se o fato de que há legendas em espanhol da Argentina disponíveis na *web*, muito provavelmente produzidas por fãs. Diante da ausência de informações mais precisas⁴, presume-se que a tradução para o espanhol de *Tropa de Elite* busca atingir um público mais abrangente do espanhol, já que os estúdios de legendagem e as distribuidoras se limitam a fornecer apenas as informações que já constam nas capas dos DVDs.

Apesar de os dizeres no DVD registrarem apenas que o material tem legendas em espanhol, indaga-se, em primeiro lugar, como foram traduzidos os palavrões em *Tropa de Elite*, uma vez que estes pontuam sobretudo o discurso de personagens rudes e grosseiros (não necessariamente de classes mais baixas), que se mostram indignados com a realidade que vivem, e se a tradução desses palavrões inclui variantes da língua espanhola.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa comparativista e de análise textual, que buscou coletar os principais palavrões presentes na primeira hora do filme *Tropa de Elite* (em sua versão para o DVD) e suas respectivas traduções para o espanhol, com vistas a verificar quais estratégias tradutórias foram utilizadas. Tais estratégias são analisadas por meio da classificação de Gambier (2003).

Segundo o autor, algumas estratégias de tradução específicas para os meios audiovisuais são utilizadas com o intuito de direcionar e compensar as relações entre a linguagem verbal e não verbal, especialmente em se tratando de variações de registro e estilo, sendo as principais: a redução (em número de palavras ou em conteúdo); omissão (cortes drásticos); neutralização (adequação ao conteúdo com uso de expressões anômalas); expansão (comunicação de referências culturais) e equivalência ou imitação (uso de expressões idênticas).

Sobre esta última, de acordo com Araújo (2001: 140-141), o conceito de equivalência, por causar muita controvérsia, tem sido substituído pelo de norma nas pesquisas em tradução que adotam os Estudos Descritivos como referencial teórico. Segundo a autora:

Norma é um conceito sociológico introduzido nos Estudos de Tradução por Toury (1980). Adotar uma determinada norma em tradução não significa seguir uma regra prescrita por uma entidade superior, nem tomar decisões du-

⁴ Diante de semelhante dificuldade, outros autores com estudos dedicados à prática da tradução audiovisual têm limitado suas pesquisas a dados mais quantitativos que qualitativos. (LUYKEN, 1991; GOTTLIEB, 1992; 1998; GAMBIER, 2003; COLLET, 2012)

rante o processo tradutório com base apenas na experiência do tradutor. A norma é ditada pelo contexto sociocultural em que se realiza o ato tradutório, fazendo com que o tradutor tenha um certo tipo de comportamento no que diz respeito à tradução.

Embora Gambier (2003) utilize a classificação equivalência ou imitação, tais termos não se referem, em sua perspectiva, e tampouco na da presente pesquisa, à manutenção de fidelidade ao texto original. No meio audiovisual, ao utilizarem a nomenclatura estratégias tradutórias, seja relacionando-as à neutralização, omissão, redução, equivalência ou imitação, os autores estão mais próximos do conceito de norma explicitado por Araújo. Ou seja, de que o processo tradutório está atrelado a inúmeros condicionantes que o influenciam, tais como aspectos linguísticos, sincronismo entre som e imagem, quantidade de texto, tradutores, distribuidores de filmes, estúdios de legendagem e dublagem, técnicos, dentre outros.

Neste prisma, buscou-se responder aos seguintes questionamentos: como foram traduzidos para a língua espanhola os palavrões presentes no filme *Tropa de Elite*? Quais estratégias foram utilizadas para a tradução dos palavrões?

Para operacionalizar as respostas a estas perguntas de pesquisa, foram traçados os seguintes objetivos específicos: coletar os palavrões que constam na primeira hora do filme *Tropa de Elite*; enumerar os palavrões mais recorrentes e suas respectivas traduções para o espanhol; classificar e analisar as traduções para o espanhol segundo a classificação de Gambier (2003).

Cabe ressaltar que se concebe “palavrão” por aquelas lexias erótico-obsenas ou grosseiras não aceitas pelas convenções sociais, principalmente as relacionadas ao sexo, e que são utilizadas para expressar insulto ou manifestar sentimentos (ORSI, 2011).

3. Resultados e discussão

Durante a primeira hora do filme foram coletados 83 palavrões. Na coluna à esquerda da Tabela 1 encontra-se o palavrão coletado e na coluna à direita o número de ocorrências de cada um deles.

| Palavrões coletados | Número de ocorrências |
|--|-----------------------|
| Porra | 22 |
| Caralho | 17 |
| Foda | 14 |
| (e variações foder, fode, fodido, fodendo) | |
| Merda | 14 |
| Filho da puta | 13 |
| Putaquepariu | 5 |

Tabela 1: Ocorrência de palavrões

Abaixo, na Tabela 2, encontram-se as estratégias de tradução mais comumente identificadas no material legendado em estudo. À esquerda, encontra-se a estratégia de tradução de acordo com Gambier (2003) e à direita o número de vezes em que foi adotada, não tendo sido encontradas estratégias de redução e expansão.

| Estratégias tradutórias | Número de ocorrências |
|--------------------------|-----------------------|
| Omissão | 45 |
| Neutralização | 30 |
| Equivalência ou Imitação | 1 |

Tabela 1: Estratégias de tradução identificadas

Nos quadros a seguir são apresentadas cinco colunas, contendo o tempo em que ocorrem os palavrões no original, uma breve descrição da cena, a fala em português, a legenda em espanhol e a estratégia adotada. Para as análises dos palavrões em português e espanhol foram utilizados o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) (doravante DHLP) e o *Dicionário da Real Academia Española* (1992) (doravante DRAE), com o intuito de se verificar o significado ou outras informações a respeito do palavrão escolhido. Também foram utilizados os *Diccionario de uso del español* Maria Moliner (2008) (doravante DUE), *Diccionario integral del español de la Argentina* (2008) (doravante DIAR) e a versão online do *Diccionario del Español de México* (doravante DEM), uma vez que não é intenção deste trabalho adotar um espanhol padrão ou uma perspectiva eurocêntrica de discussão sobre os palavrões, e sim de verificar se houve alguma tentativa de contemplar diferentes variantes do espanhol.

Apesar de terem sido coletados 83 palavrões, por questões de espaço, serão citados e analisados, a título de ilustração, apenas alguns exemplos de cada um dos palavrões contidos na Tabela 1, em um total de oito quadros. A contextualização da cena antecede cada quadro, seguida das análises.

3.1 Os palavrões e as estratégias de tradução adotadas

A cena abaixo refere-se à fuga de Neto e Matias enquanto ocorre a troca de tiros entre os policiais e os traficantes. O palavrão “caralho” foi traduzido por “*diablos*” na legenda em espanhol.

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | Estratégia de Tradução |
|-------|---|-------------------|----------------------|------------------------|
| 05:10 | Continuação da cena anterior, a fuga de Neto e Matias enquanto ocorre uma troca de tiros entre os policiais e os traficantes. | “Caralho!” | “¡ <i>Diablos!</i> ” | Neutralização |

Quadro 1: Cena 05:10

De acordo com o DHLP (2001: 617), o palavrão “caralho” refere-se não apenas vulgarmente ao órgão sexual masculino, mas expressa medo, indignação ou surpresa. Para a tradução deste palavrão utilizou-se a interjeição “*diablos*”, que, segundo a perspectiva de Gambier (2003), configura-se em uma estratégia de neutralização, isto é, não houve uma tradução literal do palavrão. De acordo com o DRAE (1992: 742), “*diablos*” significa: “*interj. fam. con que se denota extrañeza, sorpresa, o disgusto*”. Também no DUE (2008), DIAR (2008) e DEM (2008) a interjeição “*diablos*” é registrada como interjeição coloquial que denota estranheza, surpresa, admiração ou desgosto.

Apesar de ser uma possível tradução para caralho, a expressão *diablos* é uma interjeição familiar que remete à impaciência ou também admiração do falante, não sendo, porém, considerada um palavrão. Neste caso, os palavrões *coño* ou *carajo* foram investigados: “*coño: m. parte externa del aparato genital de la hembra. Es voz malsonante*” (DRAE 1992: 564). No DUE (2008) e no DIAR (2008), a expressão *coño* é uma interjeição vulgar que expressa surpresa. O DEM (2008) não registra *coño*, mas “*chocho*”, que embora seja considerada uma expressão grosseira que se refere ao órgão sexual feminino, não é considerada interjeição.

No caso de *carajo*, o DRAE (1992:407) explica: “*m. pene miembro viril. Es voz malsonante. [...] Irse al carajo. Echarse algo a perder, tener mal fin. Mandar alguien al carajo*”. De acordo com DEM (2008), “*carajo*” é uma interjeição que manifesta “*enojo, sorpresa, admiración o alegría*”, sendo que o DUE (2008) e o DIAR (2008) registram “*carajo*” como interjeição vulgar que “*se emplea generalmente para expresar enfado*”.

A opção por *diablos*, portanto, mostra-se mais neutra que *coño*, por exemplo, embora *carajo* apareça como expressão vulgar nos quatro dicionários consultados.

Não se trata de criticar as opções do tradutor ou tampouco afirmar qual seria a tradução correta para cada palavrão, mas de refletir sobre seu grau de agressividade e rudeza no filme e sobre a opção pela neutralização.

Na próxima cena, Neto está procurando pelo capitão Fábio. O palavrão “caralho” também foi pronunciado no momento em que Neto e Matias fugiam dos traficantes. A expressão, como na anterior, refere-se à insatisfação, indignação ou a algo que tenha saído errado. Para a tradução deste palavrão foi utilizada, desta vez, a interjeição “*maldición*”.

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | Estratégia de Tradução |
|-------|---------------------------------------|-------------------|---------------------|------------------------|
| 05:15 | Neto está procurando o capitão Fábio. | “Que caralho!” | “¡Maldición!” | Neutralização |

Quadro 2: Cena 05:15

Conforme o DRAE (1992:1297), “*maldición*” significa: “*imprecación que se dirige contra alguien o contra algo, manifestando enojo y aversión hacia él o hacia ello, y muy particularmente deseo de que le venga algún daño*”.

A interjeição *maldición* também remete à insatisfação ou reprovação, porém não é considerada um palavrão, isto é, não é “*malsonante*”, embora considerada grosseira e ofensiva de acordo com o DUE (2008), DIAR (2008) e DEM (2008).

Gambier (2003) explica que as estratégias de neutralização ou omissão são utilizadas com o intuito de propiciar ao telespectador uma linguagem padronizada ou abrangente. Os tradutores, segundo o autor, necessitam conhecer e saber lidar com tais estratégias predominantemente utilizadas no campo da tradução audiovisual, com o intuito de assegurar o impacto pretendido pelo filme.

Além do defendido por Gambier (2003), pode-se inferir que as traduções se mostram neutras talvez, também, como garantia de proteção psíquico-social, para que possam ser mais bem aceitas de um modo geral. Nas palavras de Orsi (2011: 345), “proferir uma obscenidade pode ser censurado por apresentar algo não recomendável”.

Na cena a seguir, o Capitão Nascimento refere-se implicitamente à palavra “morro”. Seu personagem está subindo o morro para perseguir traficantes. Ao usar a expressão “subiu a porra?”, o capitão implicitamente pergunta a outro policial: “você já subiu o morro?”

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | Estratégia de Tradução |
|-------|--|-------------------|----------------------|------------------------|
| 06:02 | Capitão Nascimento está subindo o morro junto de outros policiais. | “Subiu a porra?” | “¡ <i>Diablos!</i> ” | Neutralização |

Quadro 3: Cena 06:20

O palavrão “porra”, de acordo com o DHLP (2001: 2265), refere-se a algo ruim e também pode ser usado para expressar aborrecimento ou indignação perante determinada situação.

Este linguajar obsceno representa todo o descontentamento do capitão em estar em uma ação policial que ele não acha prudente. O palavrão porra, além de representar uma linguagem vulgar, chula, também representa a insatisfação do capitão e a ênfase em uma operação que será malsucedida. A tradução de “porra” para “*diablos*” em espanhol suaviza o descontentamento do capitão. O uso da interjeição “*diablos*” parece referir-se a uma situação isolada, ao passo que o uso do palavrão “porra” diz respeito a toda a situação anteriormente vivida pelo personagem. Para este contexto, foram verificadas as entra-

das *porra* ou *porras* em espanhol. De acordo com o DRAE (1992:1642): “*porra, o porras: 1. utilizado para expresar disgusto o enfado; 2. Cosa que se ofrece en sacrificio. 3. f. vulg. malson. mala ~*”.

O DUE (2008), DIAR (2008) e DEM (2008) registram “*porra(s)*” como uma expressão informal e não vulgar: “*exclamación con que se manifiesta enfado o disgusto o se deniega una petición*”.

Mesmo o DRAE tendo registrado a expressão como vulgar ou grosseira, “*porra(s)*” nos demais dicionários igualmente não se apresenta como palavrão, portanto a tradução literal do palavrão tampouco retrataria o “índice de inconformismo e insatisfação social”, nas concepções de Preti (1984; 2003) e McEnery (2006). Como já mencionado, todo e qualquer palavrão é utilizado para compensar essa inconformidade, como uma válvula de escape para a revolta. Como explicam os autores, esta é a função social do palavrão, uma vez que seu significado sempre trará ideias revestidas de humor trágico, agressividade e metáforas amargas.

Muito embora tais ideias não sejam diretamente retratadas na tradução de *Tropa de Elite* quando os palavrões são neutralizados, parece haver certo cuidado por parte do tradutor em não adotar um palavrão ou uma expressão cujo teor ofensivo poderia variar de acordo com a comunidade de fala espanhola.

Na cena seguinte, verifica-se o uso de dois palavrões: “Filho da puta! Caralho!”.

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | em | Estratégia de Tradução |
|-------|--|---------------------------|--------------------------|-----------|-------------------------|
| 06:13 | Capitão Nascimento ainda está subindo o morro. | “Filho da puta! Caralho!” | “ <i>¡Con demonio!</i> ” | <i>un</i> | neutralização e omissão |

Quadro 4: Cena 06:13

O Capitão Nascimento ainda está subindo o morro e trocando tiros com os traficantes. O primeiro palavrão parece ter sido traduzido por “*demonio*”, sendo o segundo palavrão omitido. “*Demonio*”, conforme o DRAE (1992: 678), significa: “*1. diablo (ángel rebelado). 2. m. diablo (príncipe de los ángeles rebelados). El demonio. 3. m. En la doctrina cristiana, uno de los tres enemigos del alma. 4. m. Espíritu que incita al mal. 5. m. Sentimiento u obsesión persistente y torturadora*”. De acordo com o DUE (2008) a expressão remete a “interjección de sorpresa o enfado”. O DIAR (2008) e o DEM (2008) registram a expressão como interjeição informal utilizada para manifestar “*enojo, admiración o extrañeza*”.

O palavrão “filho da puta”, segundo DHLP (2001), remete a uma pessoa desonesta, traiçoeira e em quem não se pode confiar. Neste caso, *hijo de puta, hijo de perra, hijo de madre mala* foram verificados nos quatro dicionários.

O DRAE (1992), DUE (2008), DIAR (2008) e DEM (2008) registram “*hijo de puta*”, “*hijo de perra*” e “*hijo de la chingada*” como expressões grosseiras utilizadas para insultar ou ofender alguém. O DUE (2008) registra o eufemismo como insulto violento. No DEM (2008), não há entrada para *hijo de puta*, mas tal expressão aparece na entrada “*perra*”.

Como nos exemplos anteriores, a ênfase dada ao uso excessivo de palavras em *Tropa de Elite* demonstra, além da linguagem vulgar utilizada pelos policiais e traficantes do cenário carioca, a linguagem do pânico, do constrangimento, da adrenalina e do medo, segundo McEnery (2006), linguagem esta que se mostra suavizada na tradução para a língua espanhola.

A expressão adotada como tradução de “Filho da puta! Caralho!” foi “*Con un demonio*”, interjeição, de origem da doutrina cristã, que revela um sentimento de obsessão persistente e torturadora. Nos quatro dicionários pesquisados a interjeição é informal ou coloquial, podendo revelar, mais uma vez, que as estratégias de tradução de neutralização e omissão dos palavrões são adotadas com o intuito de buscar maior abrangência de público do material legendado.

Na cena seguinte, as balas da arma de Neto estão acabando e ele se desespera. Pode-se notar o uso do palavrão “fodeu” que, segundo DHLP (2001: 1363), pode ser usado para expressar alguma causa perdida, sem solução, com resultados fora do controle, sendo também usado para referir-se a pessoas que se desgraçaram, se arruinaram ou se saíram mal de alguma situação. Em sua versão para o espanhol, a expressão “*diablos*” foi novamente utilizada.

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | Estratégia de Tradução |
|-------|--|---|---|------------------------|
| 06:26 | Durante o tiroteio, as balas da arma de Neto estão acabando. | “Fodeu, mané!” “Nós vamo morrer cara!” | “¡ <i>Diablos!</i> ” “¡ <i>Estamos rodeados!</i> ” | neutralização |

Quadro 5: Cena 06:26

Nota-se que a estratégia utilizada foi a de neutralização. Neste caso, foram verificadas as seguintes expressões: *hostia* e *joder*. Segundo o DRAE (1992: 1127), “*hostia*” significa: “*hostia: (Del lat. host-a). f. Cosa que se ofrece en sacrificio. f. vulg. malson. Golpe, trastazo, bofetada. mala ~. f. vulg. malson. Mala intención. A toda ~. loc. adv. vulg. malson. Denotan sorpresa, asombro, admiración, etc.*”. O DUE (2008) registra: “*hostia [u hostias] vulg. Exclamación de asombro o disgusto. 1 Ostras. 2*Asombrar. *Disgustar*”, embora o DIAR (2008) e o DEM (2008) não registrem esta expressão como palavrão.

No caso de *joder*, o DRAE (1992) e o DUE (2008) registram a expressão como vulgar, utilizada para “*enfado, sorpresa, admiración, etc.*”. O DIAR (2008) e o DEM (2008) não registram a expressão como interjeição.

Como mencionado anteriormente, a expressão *diablos* se mostra como uma interjeição mais neutra, ao passo que *hostia* e *joder*, por exemplo, revelam divergências de significado e grau de ofensa nos quatro dicionários pesquisados.

Na cena seguinte, o Capitão Nascimento tem que organizar o BOPE em uma missão ao morro, com o intuito de escoltar a comitiva que acompanhará a vinda do Papa João Paulo II ao Rio de Janeiro.

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | Estratégia de Tradução |
|-------|--|--------------------------------|---|------------------------|
| 26:07 | Capitão Nascimento expressa sua preocupação em relação à missão do morro para proteger o Papa que visitará o Rio de Janeiro. | “Já avisei que vai dar merda.” | “ <i>Ya le dije que es una muy mala idea.</i> ” | Neutralização |

Quadro 6: Cena 26:07

Em sua versão para o espanhol, as palavras “*muy mala idea*” foram utilizadas como tradução de “merda”. Nota-se que a estratégia utilizada foi a de neutralizar o palavrão. Neste caso, optou-se por pesquisar *mierda*, que, segundo o DRAE, significa: “*mierda: exclam. vulg. de contrariedad o indignación*”. (DRAE 1992:1371). O DUE (2008) e o DIAR (2008) igualmente registram a expressão como vulgar ou grosseira, e o DEM (2008) apenas a registra como interjeição.

Segundo Orsi (2011: 345), “existe um temor veemente de adotar certas lexias, seja pelo que possam atrair na memória ou pelo medo da imitação, seja pelo pudor social”. Parece haver este temor na tradução para produção das legendas em espanhol de *Tropa de Elite*, uma necessidade de ser mais prudente e de abrandar a linguagem, mais uma vez almejando-se um público maior.

Na próxima cena, o Capitão Fábio se preocupa com o plano de Neto, temendo que se descubra o que querem fazer. A frase “Vocês estão querendo me foder” é pronunciada. O palavrão “foder”, de acordo com o DHLP (2001), remete vulgarmente ao ato sexual e também ao fato de se tentar arruinar alguém ou colocá-lo em uma situação complicada. Em sua versão para o espanhol constata-se ter havido a neutralização do palavrão, adotando-se a opção “*quieren acabarme*”.

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | Estratégia de Tradução |
|-------|--|----------------------------------|--|------------------------|
| 50:20 | Capitão Fábio se preocupa com o plano de Neto, temendo que descubram o que quer fazer. | “Vocês estão querendo me foder.” | “ <i>Son ustedes los que quieren acabarme.</i> ” | Neutralização |

Quadro 7: Cena 50:20

| Tempo | Descrição da cena | Fala em português | Legenda em espanhol | Estratégia de Tradução |
|-------|--|--------------------------------------|---------------------|-----------------------------------|
| 51:46 | Capitão Fábio está conversando ao telefone com o Coronel Otávio. | “Puta que pariu! Que filho da puta!” | “¡Hijo de perra!” | Omissão/ Equivalência ou Imitação |

Quadro 8: Cena 51:46

Como visto anteriormente, no caso de *joder(me)*, o DRAE (1992) e o DUE (2008) registram a expressão como vulgar, utilizada para “*enfado, sorpresa, admiración, etc.*” O DIAR (2008) e o DEM (2008) não registram a expressão como interjeição. Mais uma vez registra-se a discrepância entre as entradas nos quatro dicionários investigados, o que poderia explicar a adoção pela expressão neutra “*quieren acabarme*”.

Na cena seguinte, o Coronel Otávio (interpretado por Marcello Escorel) está conversando ao telefone com Capitão Fábio. Ele fica frustrado quando percebe que seus esquemas de corrupção não deram certo e diz “filho da puta”, que foi traduzido por “*hijo de perra*”, observando-se que a estratégia aplicada pelo tradutor foi a de equivalência ou imitação.

Gambier (2003) coloca que o uso de uma expressão que imita ou que é equivalente ao texto original alude de maneira mais pontual à intenção do contexto original. Porém, segundo Gottlieb (1992), esta estratégia é utilizada em apenas 1% dos casos de análises tradutórias de materiais audiovisuais.

Outro palavrão usado pelo ator foi “puta que pariu”, que segundo o DHLPL (2001), pode ser usado para expressar raiva ou frustração.

Optou-se por investigar a expressão *puta madre que lo parió*, que, segundo o DRAE (1992: 1288), significa: “*madre. la ~ que te, lo, os, etc., parió. 1. exprs. vulgs. U. para expresar gran enfado súbito con alguien.*”. No DUE (2008) e no DIAR (2008), a expressão é considerada vulgar ou grosseira. Para o DEM (2008), não há registro de que a expressão seja vulgar ou grosseira. O palavrão não foi traduzido na legenda em espanhol, dada a discrepância entre o grau de ofensa da interjeição em espanhol.

4. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo principal coletar os palavrões mais recorrentes contidos na primeira hora do filme *Tropa de Elite* e suas respectivas traduções para o espanhol, buscando-se classificá-las segundo a categorização de estratégias de tradução de Gambier (2003). Foram coletados 83 palavrões, e as estratégias tradutórias mais utilizadas foram a neutralização e a omissão. Também se nota a ocorrência de apenas uma equivalência ou imitação, não havendo portanto tentativa de contemplar variantes do espanhol.

Os palavrões em *Tropa de Elite* revelam traços característicos de grupos sociais específicos presentes no filme, grandemente afetados por uma situação de descontentamento, irritação e pânico.

Pôde-se observar que as estratégias adotadas na tradução para o espanhol, no caso do filme *Tropa de Elite*, foram estratégias que neutralizaram as características dos personagens, neutralizando também todo o conflito vivido por eles. A opção de se omitir ou neutralizar os palavrões depende da finalidade da tradução e do público alvo que se quer atingir. Se a omissão e neutralização se mostram em evidência, constata-se a tentativa de buscar um público mais abrangente, embora tal estratégia amenize a rudeza, por exemplo, do Capitão Nascimento, sua severidade e rispidez na busca por seu substituto, sua indignação perante as autoridades e o sistema como um todo, além de deixar de reafirmar a linguagem do pânico e da irritação.

Não se trata, no entanto, de proclamar o uso massivo de palavrões nas traduções (POSSENTI 2008 *apud* ORSI 2011), mas de verificar a que remete seu conteúdo. Não se trata, também, como já mencionado, de criticar o trabalho realizado pelo tradutor, mas de discutir, quiçá em pesquisas futuras e também em cursos de formação de tradutores, qual poderá ser o tratamento dado para esse tipo de linguagem considerando o público alvo em prospecção. Se a ocorrência deste linguajar é grande em materiais audiovisuais ou em quaisquer outros tipos de materiais, então faz parte da agenda do tradutor decidir como traduzi-lo. O que fazer cada vez que um palavrão é pronunciado?

De acordo com Mello (2005: 72):

O tradutor de legendas é o especialista que tem como obrigação colocar em palavras os sentidos que ele viu e ouviu no filme. Sua leitura é o que lemos nas legendas, e é a partir delas, também, que construímos os nossos sentidos do filme. No entanto, para a crítica especializada e para o público em geral, o que lemos nas legendas seria idealmente o que o autor “quis dizer”. A problemática da tradução, que inclui também a tradução para legendas, gira em torno de entender os sentidos, como eles se dão e como se constroem.

Cabe ao tradutor, portanto, pressupor o significado de cada palavrão, seu conteúdo, para posteriormente reescrevê-lo em outra língua, buscando entender os elementos implícitos neles contidos. “O tradutor, assim, se apropria do texto que traduz à medida que o transforma em um texto, em outra língua, que precisa ser reescrito para ser entendido e apreciado.” (MELLO 2005: 74).

A linguagem blasfêmica, injuriosa ou xingatória necessita ser estudada como um fenômeno social complexo; seu uso está atrelado a variáveis como sexo, estado emocional, idade, classe social, crenças religiosas e nível de esco-

laridade. A linguagem ultrajante em *Tropa de Elite* evidencia, além da rudeza e agressividade dos personagens, seu estado emocional perante o contexto no qual estão inseridos. Embora haja restrições dos laboratórios de legendagem dentro e fora do Brasil, como aponta Mello (2005), ressalta-se, a partir desta pesquisa, o fato de que a tradução de palavras mostra-se tão instigadora como a tradução de quaisquer outros tipos de discurso.

Por fim, destaca-se, ainda, como dado de pesquisa, a escassez de estudos sobre esta temática nos Estudos da Tradução.

Referências bibliográficas

ALBIR, Amparo Hurtado. *Traducción y Traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra, 2007.

AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ARAÚJO, V. L. S. Por que não são naturais algumas traduções de clichês produzidas para o meio audiovisual? *Tradução e Comunicação*, São Paulo, v. 10, p. 139-152, 2001.

COLLET, T. *Procedimentos tradutórios na legendagem de House: análise da terminologia médica referente a exames e aparelhos*. Santa Catarina, 2012. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Santa Catarina.

DICCIONARIO DEL ESPAÑOL DE MÉXICO. El Colegio de México, A.C. Disponível em: <<http://dem.colmex.mx>>. Acesso em: 10 set. 2012.

DICCIONÁRIO DE USO DEL ESPAÑOL MARÍA MOLINER. Madrid: Editorial Gredos, 2008. CD-ROM.

DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Real Academia Española. Disponível em: <<http://rae.es/drae>>. Acesso em: 10 set. 2012.

GAMBIER, Y. Screen Transadaptation: Perception and Reception. *The Translator: Studies in Intercultural communication*. Manchester, v. 9, n. 2, p. 171-189, 2003. Special Issue. Screen Translation.

GOLÁN, J. Swearwords in Translation. M. A. Major Thesis. Department of English and American Studies. Masaryk University, Brno: Czech Republic, 2006. Disponível em: <http://is.muni.cz/th/53045/ff_m/Swearwords.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2012.

GOTTLIEB, H. Subtitling – A New University Discipline. In: DALLERUP, Cay; LODDEGAARD, Anne (Ed.). *Teaching Translation and Interpreting*. Training, talent and experience. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992, p. 161-169.

_____. Subtitling. In: BAKER, M. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres: Routledge, 1998. p. 244-248.

- HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LUYKEN, G. M. et al. *Overcoming Language Barriers in Television*. Dubbing and Subtitling for the European Audience. Manchester: The European Institute for the Media, 1991.
- MELLO, G. G. *O Tradutor de Legendas como Produtor de Significados*. Campinas, 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.
- McENERY, T. *Swearing in English: Tad language, purity and power from 1586 to the present*. [S.l.]: Editora Routledge, 2006.
- ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011, p. 334-348.
- PLAGER, F. (Coord.) *Diccionario integral del español de la Argentina*. 1. ed. Buenos Aires: Voz Activa, 2008.
- PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984.
- _____. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanistas, 2003.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 21. ed. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1992.
- SOARES, L. PIMENTEL, R. BATISTA, André. *Elite da Tropa*. São Paulo: Objetiva, 2006.
- TOSCHI, H. A tradução para o cinema e televisão. In: PORTINHO, W. M. *A tradução técnica e seus problemas*. Rio de Janeiro: Álamo, 1984.
- TROPA DE ELITE. Direção: José Padilha. Roteiro: Rodrigo Pimentel, Bráulio Mantovani e José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Desenho de produção: Tulé Peak. Edição: Daniel Rezende. Elenco: 21 atores principais. 2007. 1 filme (118 min). Distribuído nacionalmente.

La representación del poder en el teatro de Pedro Calderón de la Barca

Julio Juan Ruiz¹

Resumen: en los albores de la modernidad, Pedro Calderón de la Barca tuvo conciencia de la importancia que desempeña la teatralidad en el fenómeno político. Esta conciencia se manifestó plenamente en el auto sacramental *El Gran Teatro del Mundo*. En efecto, en este texto se expresa claramente que el poder al que todos los hombres aspiran no es más que una mera representación. De este modo, toda sociedad en la escena teatral, aunque en forma idealizada, puede ver representado el sistema político imperante. En este sentido, en el teatro del dramaturgo español, se manifestaron cosmovisiones políticas diferentes, como el realismo maquiavélico y el estoicismo. La primera, bregó por una emancipación de la política, tanto de la moral como de la religión, mientras que la estoica predicó una ética austera. Esta yuxtaposición de sistemas diferentes torna imposible la realización de una interpretación monolítica de la obra del dramaturgo. Por esta razón, en el presente artículo nos proponemos analizar la presencia de doctrinas contrapuestas. En última instancia, su presencia evidencia las paradojas y contradicciones del siglo XVII, época en la que se manifestó una modernidad en estado naciente.

Palabras claves: teatro, Calderón, España, poder, modernidad.

Abstract: at the dawn of modernity, Pedro Calderón de la Barca was aware of the important role played by theatricality in the political phenomenon. This awareness was fully revealed in the auto sacramental *The Great Theatre of the World*. Indeed, it is clearly expressed there that the power to which all men aspire is just a mere representation. Similarly, though in an idealized form, every society may see the prevailing political system represented on stage. In this respect, different political worldviews such as Machiavellian realism and stoicism were exposed in the theatre of the Spanish dramatist. The first one struggled for an emancipation of the politics of morality and religion, while the stoic worldview preached an austere ethic. Owing to this juxtaposition of different systems, to make a monolithic interpretation of his work becomes impossible. For this reason, in this article we intend to analyze the presence of opposing

¹ Docente e investigador de la Universidad Nacional de Mar del Plata.
Mail: juliojro7@yahoo.com.ar

doctrines. Ultimately, their presences expose the paradoxes and contradictions of the XVII century, a time when modernity in its nascent state became evident.

Keywords: theatre, Calderón, Spain, power, modernity.

Introducción: Calderón y la modernidad política

Trabajos críticos que realizaron un estudio global de la obra de Calderón, como el de Evangelina Rodríguez Cuadros (2002) o el de Antonio Regalado (1995), señalan la imposibilidad de una lectura monolítica de la obra del dramaturgo español. En efecto, al analizar sus textos nos encontramos con sistemas contrapuestos que desdibujan su perfil de escritor ortodoxo forjado durante muchas décadas. En este sentido, debemos observar que el teatro barroco fue el medio más idóneo para la manifestación de cosmovisiones opuestas. Esta heterogeneidad puede ser constatada al analizar el tema del poder. Así, por ejemplo, en el drama *Saber del mal y del bien* se pueden leer los postulados morales del estoicismo de Séneca, mientras que en *La Hija del Aire* sobresalen los lineamientos del realismo político sustentado por Nicolás Maquiavelo. Sin embargo, esta heterogeneidad no fue más que una manifestación genuina de una incipiente modernidad.

No es casual que el crítico norteamericano Marshall Berman (2008), en su ensayo *Todo lo sólido se desvanece en el aire*, señale como primera fase de la modernidad los comienzos del siglo XVI y finales del XVIII, pues este segmento temporal se caracterizó por ser una etapa en la que los hombres se debatían entre los postulados del medioevo y los de la modernidad. En el plano político, esta realidad se manifestó con la emergencia del Estado, nueva forma de organización política que manifestó la inviabilidad de un imperio cristiano, tal como fue sustentado en la Edad Media. Por esta razón, podemos constatar que en 1513, en *El Príncipe*, Nicolás Maquiavelo enuncia el término “Stato”, para referirse a la nueva forma de organización y en 1576, J. Bodin (1997), en sus *Seis Libros de la República*, formula los postulados de la teoría de la soberanía, para legitimar la autoridad de su señor, Francisco I de Valois, ante el papa y el emperador en el exterior, y ante los señores feudales en el interior. A su vez, conjuntamente con el Estado, emergió una nueva concepción sobre la política, que la independizó tanto de la moral como de la religión.

En la España del siglo XVII, la polémica que produjo la recepción de la doctrina de Nicolás Maquiavelo suplantó a la controversia que produjo el descubrimiento y la conquista de América. De este modo, teólogos, filósofos y escritores tuvieron a Maquiavelo como interlocutor privilegiado. Si bien hace tiempo se reconoció que la conducta de los monarcas distaba mucho de la

esbozada por los *Espejo de Príncipes* de la Edad Media, todavía se consideraba que la política debía estar subordinada a la teología, porque si la razón de Estado podía indicar los medios para fortalecer y conservar el poder, no podía dictaminar sobre el bien y el mal. Por otra parte, debemos tener en cuenta que lo que más rechazaron los teólogos y filósofos españoles de la doctrina del filósofo italiano no fue su defensa de la autonomía de la política, sino el uso instrumental de la religión que propuso en los *Discursos sobre la primera década de Tito Livio*. De este modo, como oposición a la razón de Estado esbozada por Maquiavelo y Botero, surgió una razón católica de Estado, cuyo principal objetivo fue el de entrelazar las estrategias propiciadas por el realismo político moderno para afianzar el poder del gobernante en sus territorios con los principios de la moral católica; es decir, bregaron por una razón de Estado subordinada a la religión, o, por lo menos, respetuosa de sus límites. Asimismo, esta razón católica de Estado sustentó dos postulados principales: Dios es quien da y quita los Estados, y los príncipes y la virtud cristiana es el mejor camino para afianzarse en el poder.

De un modo heterogéneo, en el teatro de Pedro Calderón de la Barca coexisten los lineamientos de la razón de Estado con los presupuestos de la filosofía neoescolástica, profundamente imbuida por los presupuestos y principios de la teología medieval y de la filosofía antigua. Para constatar la presencia de cosmovisiones contrapuestas, que desdibujan la tan ponderada ortodoxia calderoniana, nos proponemos analizar tres textos dramáticos del escritor que dialogan con una modernidad incipiente y que tienen a Nicolás Maquiavelo como interlocutor privilegiado.

Representación y poder

Ningún texto de Calderón refleja con mayor lucidez la concepción de la modernidad sobre el poder que el auto sacramental *El Gran Teatro del Mundo*. En efecto, al analizarlo constatamos la presencia de dos planos de significados opuestos, el filosófico-teológico, al que podíamos denominar trascendente, y el profano, que presenta la concepción de la modernidad sobre el poder.

Si comenzamos por el trascendente, constatamos que en éste se entrelazan la filosofía estoica con la ortodoxia católica. Esta fusión fue posible porque ambas concepciones tienen a la virtud moral como común denominador y al perfeccionamiento moral del hombre como meta principal. En este sentido, no debemos olvidar que en los albores del cristianismo, la afinidad de los padres de la Iglesia con el filósofo romano llegó a ser tan profunda que Tertuliano llamó al filósofo romano *Séneca saepe noster* (FRAILE, 1971). En el auto sacramental, esta afinidad se manifiesta en la ponderación de la virtud como sumo bien y claramente expresada en el estribillo que enfáticamente predica: “obrad

bien, que Dios es Dios". A pesar de la presencia de esta impronta estoica, lo que predomina en el auto sacramental es el mensaje teológico. Como puede verse, ya desde el comienzo del texto se define a la creación y a la existencia como un milagro de Dios, tal como lo expresa el mundo, el teatro donde los hombres representan la comedia: "aunque no es mía/ la obra el milagro es tuyo" (CALDERÓN, 1969: 42). A su vez, esta representación se desarrolla en un instante, el de la vida humana, efímera dimensión para Dios, cuya dimensión temporal es la eternidad. En este instante eterno, el Creador invita al mundo a que: "Seremos, yo el Autor, en un instante,/ tu el teatro, y el hombre el recitante" (CALDERÓN, 1969: 42). Sin embargo, lo que da sentido a esta representación es el final:

la comedia acabada
ha de cenar a mi lado
el que haya representado,
sin haber errado en nada (CALDERÓN, 1969: 53).

A la vida eterna, pues, se accede por el mérito de las obras. Por esta razón, como un constante *ritornello*, a los personajes se los exhorta a un buen comportamiento mediante el ya mencionado estribillo: "obrad bien, que Dios es Dios". De esta forma, se evidencia el sesgo antiprottestante del auto que alcanza su plenitud agonal en la apología del libre albedrío que hace el autor/ Dios:

yo, bien pudiera enmendar
los yerros que viendo estoy;
pero por eso les di
albedrío superior
a las personas humanas,
por no quitarles la acción (CALDERÓN, 1969: 70).

Como podemos observar, la defensa del libre albedrío se opone a la doctrina de la predestinación predicada por Lutero.

Si en un plano trascendente sobresalen los lineamientos del dogma católico, en el profano, como ya lo señaláramos, se manifiesta la concepción moderna sobre el poder. Así, después de repartir a cada actor su papel, el autor/ Dios observó que:

todos quisieran hacer
el de mandar y regir,
sin mirar, sin advertir,

que en acto tan singular
 aquello es representar,
 aunque piensen que es vivir (CALDERÓN, 1969: 50).

Si el poder es representación, debemos tener en cuenta que, en el absolutismo monárquico, representar no era escuchar la voz de los representados, tal como lo postula la democracia moderna, sino que este término aludía a la representación que el soberano realizaba ante sus súbditos. Cuando mayor era el esplendor de ésta, mayor era el poder del soberano en el imaginario colectivo. A esta teatralización del poder, el filósofo J. Habermas (1981) la denominó “publicidad representativa”. Según el teórico alemán, este fenómeno se originó en el feudalismo medieval. El señor feudal tuvo plena conciencia de su jerarquía social. Su *status* era “neutral frente a los criterios público y privado; pero el poseedor de ese *status* lo representa públicamente: se muestra, se representa como la corporeización de un poder siempre elevado” (HABERMAS, 1981: 46). Durante el absolutismo monárquico, la “publicidad representativa” tuvo en la corte un escenario privilegiado. En este ámbito, los señores feudales, cuyo linaje provenía de los antiguos guerreros, se transformaron en cortesanos. De las maneras exquisitas de la corte nació lo que posteriormente se denominaría “buenas costumbres”. Al declinar el absolutismo, las exquisitas maneras cortesanas fueron signo distintivo de la personalidad del noble. Fundamentalmente, sirvieron para diferenciarlo del burgués, tal como lo constatamos en una carta de la novela *Wilhelm Meister* de Goethe, en la que el héroe, luego de comparar los dos tipos sociales, concluye: “el noble es lo que representa; el burgués lo que produce” (HABERMAS, 1981: 52).

Como hemos podido comprobar, en el plano del significado, en el texto se entrelazan la ortodoxia católica del Concilio de Trento con la concepción moderna sobre el poder. La presencia de esta concepción, nos permite inferir que en la modernidad se tuvo conciencia de la relación entre el fenómeno político y la teatralidad. En este sentido, se consideró que la representación teatral era el medio más idóneo para construir la imagen que el poder intentaba implantar en la imaginación colectiva, por ser la mayoría de la población iletrada. De este modo, el teatro conjuntamente con el sermón eclesiástico fueron los medios de comunicación de masas de la modernidad naciente. Así, por ejemplo, en la España barroca, tanto en la escena teatral como en los sermones eclesiásticos, se construyó la figura del rey como un “hijo de la Iglesia”. A través de esta imagen se intentó persuadir a la población que el accionar político de la corona estaba subordinado a este fin. Con esta operatoria, también comprobamos que la relación entre los medios de comunicación de masas y el poder en la construcción de la efigie de los gobernantes no es un patrimonio exclusivo de nuestra época. Esta semejanza es señalada por el historiador inglés Peter Burke (2003) cuando traza en su ensayo *La Fabricación de Luis XIV* un paralelismo

entre Luis XIV y los líderes de nuestro tiempo como R. Nixon y M. Thatcher, quienes confiaban la fabricación de su imagen a agencias de publicidad, tal como en el barroco lo hizo el Rey Sol con los artistas y escritores de su corte.

Desde una perspectiva filosófica, podemos señalar que en *El Gran Teatro del Mundo* coexiste la ortodoxia católica, cuyos fundamentos fueron cons-truidos por la escolástica medieval, conjuntamente con la concepción moderna sobre el poder que lo consideraba, por sobre todo, una representación, cuyo escenario privilegiado fue la corte de las monarquías modernas.

La fortuna

El estoicismo de Séneca abogó por la supremacía moral del sabio. En efecto, jamás el hombre egregio se abatirá ante la mala fortuna, porque “¿qué cosa hay que pueda estar encima de aquel que está sobre la fortuna?” (SÉNECA, 1961: 35). De este modo, a la fortuna adversa se le opuso, en lo moral, la fuerza del alma.

Estos postulados se manifiestan en el drama calderoniano *Saber del mal y del bien*, donde se aborda la caída del poderoso conde Pedro de Lara, privado del rey Alfonso VII de Castilla. Este noble coronó al rey en su niñez y encarceló a su madre, la famosa doña Urraca, por sus intrigas. Desde el comienzo de la obra, el valido del rey presiente su desgracia, pues en la corte está presente la envidia, “monstruo infame, / disimulado en lisonjas/ como entre flores de áspid” (CALDERÓN, 1969: 222). Fundamentalmente, el privado sabe que la deidad que rige el destino de los hombres arremete con más fuerza en las cumbres, “porque el rayo y la fortuna/ su mayor efecto hacen/ en la eminencia del monte/ que en la humildad de los valles” (CALDERÓN, 1969: 223). En la soledad del poder, el conde encuentra un amigo en Álvaro de Viseo, noble portugués víctima de la fortuna, hombre tan desdichado que “la cara no conoce / del bien” (CALDERÓN, 1969: 216). Él es un espejo del poderoso, quien es consciente de esta realidad: “quiero tener hoy en vos/ un espejo en que mirarme” (CALDERÓN, 1969: 224).

El conde no es un político sin escrúpulos, sino un leal servidor del rey, víctimas de las rivalidades de la corte. Por esta razón, cuando cae en desgracia esgrime como defensa su pasado ejemplar:

(...) en ausencia
vuestra, a ser más atrevido,
quisieron hacerme Rey;
y, quizá, Señor, los mismos
que hoy quieren hacerme nada (CALDERÓN 1969: 233).

En la caída del valido podemos observar que se entrelazan la moral estoica con las enseñanzas del *Libro de Job*, texto bíblico que narra los sufrimientos del justo.

Ante las intrigas de los cortesanos envidiosos, el conde decide partir al destierro, camino amargo, donde sólo encuentra amparo en Álvaro de Viseo, quien atinadamente lo consuela: "(...) mientras más bajéis, más fuerzas/ cobráis, mas valor, más brío/ para levantaros solo" (CALDERÓN, 1969: 234). Como podemos observar, el conde frente a la adversidad exterior se repliega en su interioridad, tal como lo predicán, como ya lo señaláramos, los postulados de la ética estoica. Ante este repliegue, la fortuna devuelve al noble caído el favor del rey, tal como Dios premió a Job por soportar heroicamente las tribulaciones. Ante tantos avatares injustos, Álvaro de Viseo anhela la paz retirada del sabio estoico, que ha firmado la paz con la terrible deidad:

(...) y es, pues que estoy
contigo en paz desde hoy,
de mi memoria el olvido;
démame en aqueste estado,
ni envidioso
donde ni aflija al dichoso
ni consuele al desdichado (CALDERÓN, 1969: 236).

Al recuperar la gracia real, el conde manifiesta su sabiduría acrisolada por el sufrimiento:

(...) y me quedaré a servir
con mayores esperanzas
de que sabré, pues ya supe
del bien y del mal (CALDERÓN 1969: 242).

Para la filosofía estoica, saber del mal y del bien es poder resistir a los embates de la fortuna adversa. Es, por sobre todo, adquirir libertad interior del sabio.

El pensamiento de Nicolás Maquiavelo discrepa diametralmente con lo enseñado por el estoicismo grecolatino. En efecto, el filósofo florentino opuso la acción a la fortaleza interior. Según él, la audacia y la determinación son los atributos esenciales en la lucha contra los avatares de la fortuna, pues ésta es artífice de sólo la mitad de las acciones que construyen nuestro destino. Así, mediante la metáfora de la mujer, de marcado sesgo misógino, el autor de *El Príncipe*, como ya lo mencionamos, apela a la acción, a la audacia, porque: "(...) es mejor ser impetuoso que precavido, porque la fortuna es mujer, y si se quiere

tenerla sumisa, resulta necesario castigarla y golpearla” (MAQUIAVELO, 2008: 202).

Como hemos podido observar, en los albores de la modernidad, coexistieron dos concepciones opuestas sobre la fortuna. Esta oposición está presente en el célebre soliloquio del acto tercero de *Hamlet*, donde el sufrido príncipe medita sobre su destino desdichado:

Ser, o no ser: he ahí el problema:
¿Será más noble sufrir en silencio
los dardos y flechas de la atroz fortuna,
o levantarse en armas contra un mar de infortunios? (SHAKESPEARE, 2007: 71).

Debemos tener en cuenta que la pregunta de Hamlet es la del hombre moderno, quien ante los avatares de la fortuna adversa examina el curso de su acción. En este sentido, la respuesta que da el conde Pedro de Lara a la fortuna en el drama *Saber del mal y del bien* es la del hombre premoderno, cuya moral interior contrastó con el accionar prometeico del hombre renacentista, quien, como el héroe mítico, también se propuso robar el fuego a los dioses.

La tiranía del mal

En el pensamiento de Nicolás Maquiavelo, el accionar del príncipe, el hombre de Estado por excelencia, está más allá de las categorías morales de virtud y vicio. Por eso, sólo puede ser juzgado a partir de un criterio: el éxito, en el que sólo cuenta el resultado. En este *ethos* teleológico sobresale lo que el pensador florentino denominó el buen uso del mal.

En efecto, al estudiar la acción política de Cesar Borgia, señor de la Romaña italiana e hijo del papa Alejandro VI, constata la presencia del mal en la acción de gobierno y, paradójicamente, lo que él denominó el buen uso del mal; es decir, del mal necesario para evitar más daño y conservar el Estado. En este sentido, señala que: “(...) podemos considerar bien empleadas aquellas crueldades que se ejercen de golpe y una sola vez, por la necesidad de asegurar el poder” (MAQUIAVELO, 2008: 115). Por esta razón, el hijo del papa, frente a los abusos acaecidos en sus dominios, puso al frente del gobierno a un hombre cruel y despiadado, Ramiro del Orco, para que reprendiera los delitos y desmanes. Una vez pacificada la región, ejecutó a su lugarteniente en la plaza pública, para indicar el fin del terror y el comienzo de un tiempo de paz. De este modo, César empleó sólo el mal que era necesario. Por el contrario, el filósofo florentino enseña que el gobernante que abuse del mal se convierte en tirano e, inevitablemente, sucumbe ante el pueblo, que se alza en rebelión. Esta

realidad, que el filósofo comprobó en la historia romana y la de los estados italianos del Renacimiento, está presente en la tragedia de Calderón *La Hija del Aire*, donde la heroína, Semíramis, se despeña desde lo más alto del poder, el trono, como consecuencia de su accionar despótico y violento.

Desde una perspectiva estructural, esta tragedia se puede dividir en dos partes: una primera, que nos muestra el ascenso de la heroína al poder, y una segunda, donde se asiste a su trágica caída. Estas partes se encuentran unidas por el hado fatal, que anuncia el infausto destino, pues la heroína: "(...) había de ser horror del mundo, tragedias, muertes, insultos, ira, llanto y confusión" (CALDERÓN, 2009: 174). Sin embargo, ella confía en el poder de la razón:

¡Qué importa que mi ambición
digan que ha de despeñarme
del lugar más superior
si para vencerla a ella
tengo entendimiento yo! (CALDERÓN, 2009: 74).

En este sentido, su derrota nos demuestra la irracionalidad de la pasión por el poder.

Por otra parte, la naturaleza centáurea de la heroína (mitad hombre y mitad bestia) es una alegoría de la esencia del príncipe moderno propuesto por Maquiavelo. Por esta razón, en el texto se alude a ella como "fiera racional". Asimismo, la figura del centauro nos sirve para comprender la naturaleza del nuevo hombre de Estado, el príncipe. En él, esta hibridez se justifica, porque, según el filósofo renacentista, hay dos modos de combatir: "uno con la leyes; otro con la fuerza; el primero es propio de los hombres, el segundo de las bestias" (MAQUIAVELO, 2008: 121). Actuar como hombre quiere decir gobernar según las leyes morales, mientras que, como bestia, designa el accionar que no se basa en la virtud, sino en la violencia.

Semíramis pertenece a la categoría de héroes signados por la violencia desde su nacimiento como Segismundo. En efecto, concebida y nacida en la violencia primeramente, al ser producto de la violación de su padre, quien luego muere asesinado por su madre y posteriormente, al provocar con su nacimiento la muerte de su madre, una ninfa de la diosa Venus. Esta realidad se resume en el mote de "víbora humana". El mal que la acompaña desde su venida al mundo se incrementará en los hechos violentos que signaron su ascenso al poder: el destierro y suicidio de Menón, su primer enamorado, y el posterior asesinato de su esposo, el rey Nino. Sin embargo, pese a ser culpable de estos actos funestos, la heroína cuenta con la protección de los dioses: "Hija soy de Venus, y ella/ mi fortuna favorece" (CALDERÓN, 2011: 187). Amparándose en esta protección sobrenatural, logra ser coronada.

Fundamentalmente, en el plano argumental sobresalen dos juegos de opuestos. En el primero se manifiesta el par fortuna/razón, mientras que en el segundo, fortuna/justicia. Ambos se entrelazan en el trágico sino de Semíramis. Si comenzamos por el primero, observamos que en éste se evidencia un sutil juego de espejos que marca la diferencia entre Liodoro, un rey vasallo leal a su marido y ella. El primero le manifiesta la oposición que hay entre ambos en un desafío abierto:

(...) para que el cielo y la tierra
vean cuanto soy tu opuesto;
pues tú, como fiera ingrata,
quitas la vida a tu dueño,
y yo, como can leal,
le sirvo después de muerto (CALDERÓN, 2009: 208).

Después de la batalla claramente anunciada en este enfrentamiento, se asiste al triunfo de la fortuna sobre la razón; es decir, a la derrota de Liodoro y al triunfo de la reina infiel, quien cobra cruel venganza:

(...) tiranías no serán
que yo en esta parte quiera,
procediendo como fiera,
tratarte a ti como can (CALDERÓN, 2009: 217).

No obstante, pese a su proceder tiránico, la valentía de la reina genera admiración; así, Chato, el bufón testigo de su destino expresó:

¡Con qué grande majestad
vuelve a la ciudad triunfante
esta altiva, esta arrogante
hija de su vanidad! (CALDERÓN, 2009: 221).

Por otra parte, debemos notar que su extraordinaria valentía no logra acallar las protestas del pueblo, que, cansado de la opresión tiránica, desea ser gobernado por Nínias, su hijo y legítimo heredero del rey Nino, quien es su más fiel retrato. Ante la embestida del pueblo, decide dejar el gobierno, pero no el poder. De este modo, manifiesta su decisión de retirarse y expresa que: "(...) el más oculto retiro/ de este palacio será/ desde hoy sepulcro mío" (CALDERÓN, 2009: 226). Esta decisión no es más que un ardid, cuyo objetivo es la detentación del poder por cualquier medio. Por esta razón, decide secuestrar y ocultar a su hijo, "para en su lugar quedando/ yo, desmentido el sexo gobernando"

(CALDERÓN, 2009: 273). Este ardid pone en evidencia el refinamiento de la maldad de la soberana, pues, estratégicamente, suplanta la fuerza del león, el poder militar, por la astucia del zorro, la artimaña. En última instancia, este accionar es, según Maquiavelo, un modo de gobernar del príncipe moderno. En este sentido, L. Althusser (2004), al analizar lo que él denomina la “composición del príncipe moderno”, señala que al comienzo del Capítulo XVIII de la famosa obra del florentino está presente, de un modo flagrante, la antinomia leyes/artimaña. En efecto, de la contraposición del accionar íntegro con la astucia se llega a la conclusión que los príncipes “(...) que han tenido pocos miramientos con sus propias promesas, envuelven con la astucia los cerebros de los hombres y superan finalmente a quienes se basaban en la lealtad” (MAQUIAVELO, 2008: 160). Asimismo, el filósofo francés señala que la artimaña se vale de la apariencia. Esta realidad se manifiesta claramente en la tragedia de Calderón, pues el pueblo no se percata que Semíramis ha usurpado el poder, pues el rey secuestrado y su madre son físicamente idénticos.

Pese a la semejanza física, sus comportamientos políticos son diferentes, lo que es notado desde un primer momento por Licas, el leal cortesano hermano de Frisas, incondicional de la reina, quien se lo señala: “Señor, advierte, / que de un extremo al otro pasas” (CALDERÓN, 2009: 292). No obstante, este proceder, que es propio de un tirano, se sostiene con el apoyo del vulgo, porque, “(...) los hombres, en general juzgan más por las apariencias que por la realidad; que a todos es dado ver, pero a pocos tocar”. Si bien el cortesano palpó el embuste, no puede hacer nada, porque como señala el célebre texto del florentino: “(...) pocos sienten lo que eres y esos pocos no se atreven a oponerse a la opinión de la mayoría” (MAQUIAVELO, 2008: 123).

El segundo par de opuestos, fortuna/justicia, se manifiesta en la caída de Semíramis tras ser derrotada por Irán, el hijo de su mortal enemigo, Liodoro, quien comandó una expedición para liberar a su padre. En el texto, la caída de la soberana es interpretada como el resultado de una puja sobrenatural:

(...) en fin, Diana, has podido
 más que la deidad de Venus,
 pues sólo me diste vida
 hasta cumplir los severos
 hados (CALDERÓN, 2009: 319).

En el plano terrenal, esta derrota trajo dos consecuencias importantes: por un lado, la muerte de Semíramis acosada por sus fantasmas, lo que genera un sentimiento de compasión y temor, tal como lo enseña Aristóteles (2003) en su *Poética*, y por el otro, la reposición de Nínias en el trono. De este modo, la justicia triunfó sobre la fortuna.

En un plano filosófico-político, la reposición del hijo de la heroína en el trono significó el triunfo del modelo de rey justo, tal como lo esbozaron los *Espejos de Príncipes* de la Edad Media y la presencia de las ideas políticas del jesuita Francisco Suárez (1967), quien, en su conocido tratado jurídico político titulado *Defensa Fidei*, sostuvo, en pleno auge del absolutismo monárquico, que el pueblo es el legítimo destinatario del poder.

Conclusión

Conjuntamente con el advenimiento del Estado moderno surgió una nueva concepción filosófica sustentada por Nicolás Maquiavelo, cuyo principal presupuesto fue el de la autonomía de lo político; es decir, la emancipación de este fenómeno tanto de la moral como de la religión. Por esta razón, en la España del Siglo de Oro la interpretación de la obra del pensador italiano produjo encendidas polémicas. El teatro barroco fue el medio más adecuado para mostrar cosmovisiones antagónicas, pues a diferencia de los tratados filosóficos o teológicos que demandaban exposiciones rigurosas y sistemáticas subordinadas a la ortodoxia imperante, la escena, si bien no escapó de la vigilancia de la censura, no estuvo sujeta a estas exigencias. De este modo, fue un espacio privilegiado para el debate. En este sentido, en la obra dramática de Pedro Calderón de la Barca podemos observar las tensiones producidas por la convergencia de sistemas opuestos. Sin embargo, estas tensiones fueron propias de la modernidad naciente, la que el crítico norteamericano Marshall Berman sitúa a principio del siglo XVI, época donde se pusieron en crisis los presupuestos ideológicos heredados de la tradición medieval.

Referencias bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Maquiavelo y nosotros*. Madrid: Akal, 2004. [Original de 1994].
- ARISTÓTELES. *Poética*. Eilhard Schlesinger (Trad.). Buenos Aires: Losada, 2003.
- BERMAN, Marshall. *Todo lo sólido se desvanece en el aire. La experiencia de la modernidad*. Andrea Morales Vidal (Trad.). Madrid: Siglo Veintiuno, 2008. [Original de 1982].
- BODIN, Jean. *Los seis libros de la República*. Pedro Bravo Gala (Trad.). Madrid: Tecnos, 1997. [Original de 1576].
- BURKE, Peter. *La fabricación de Luis XIV*. Manuel Sáenz de Heredia (Trad.). Nerea, 2003. [Original de 1992].

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *El gran teatro del mundo*. Madrid: Cátedra, 2009. [Original de 1649].

_____. *La hija del aire*. Madrid: Cátedra, 2009. [Original de 1664].

_____. *Saber del mal y del bien*. In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1969. [Original de 1636].

FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Tomo I. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1976.

HABERMAS, Jürgen. *Historia y crítica de la opinión pública*. Antonio Domenech (Trad.). Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981. [Original de 1962]

MAQUIAVELO, Nicolás. *El príncipe*. Roberto Raschella (Trad.). Buenos Aires: Losada, 2008. [Original de 1513].

REGALADO, Antonio. *Calderón. Los orígenes de la modernidad en la España del Siglo de Oro*. Barcelona: Destino, 1995. 2 v.

RODRÍGUEZ CUADROS, Evangelina. *Calderón*. Madrid: Editorial Síntesis, 2002.

SÉNECA, Lucio A. *Cartas a Lucilio*. Vicente López Soto (Trad.). Barcelona: Editorial Juventud, 2006.

_____. *De la brevedad de la vida*. Agustín Serrano (Trad.). Buenos Aires: Aguilar, 1961.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Rolando Costa Picazo (Trad.). Buenos Aires: Ediciones Colihue. [Original de 1605].

SUÁREZ, Francisco. *Defensio fidei*. Luciano Pereña (Trad.). Buenos Aires: Editorial De Palma, 1966. [Original de 1619].

El *software* libre en el sector de la traducción

José Manuel Manteca Merino¹

Resumen: Con el paso del tiempo, el *software* libre ha ido ganando peso poco a poco entre los usuarios de equipos informáticos en comparación con los programas comerciales, hasta el punto de que, en algunos casos, ha llegado a la altura de programas de pago. Mediante este artículo, pretendemos realizar una introducción a este tipo de *software* orientada a traductores. En él, se describirán diferentes programas empleados para llevar a cabo tareas que van, desde la propia traducción y localización hasta la revisión, pasando por la gestión de proyectos de traducción. Asimismo, se reflexionará sobre la cuestión de si esta clase de programas puede sustituir a las alternativas de pago.

Palabras clave: *software* libre; herramientas TAO; localización.

Abstract: Free software has been increasingly employed by computer users in comparison with commercial software. In some cases, freeware programs have the same quality as the commercial software used for the same purposes. In this article we intend to introduce translators to free software by describing different applications used for translation-related purposes, from translation itself to localization (L10N), including reviewing and translation project management. Moreover, we will discuss whether this type of software can replace commercial software.

Keyword: free software; CAT tools; L10N.

¹ Traductor y localizador autónomo EN > ES:
jose.manuel.manteca@gmail.com

Aclaraciones previas

Como bien sabrán nuestros compañeros traductores que trabajen con la lengua inglesa, el concepto *free software* en inglés engloba los dos significados del adjetivo *free*: el hecho de ser gratuito (en oposición al *software* de pago o comercial) y la libertad que se da a los usuarios para que modifiquen y adapten el código del programa según sus necesidades.

Sin embargo, en la lengua española, al haberse perdido tal pluralidad de significados, se diferencia el *software* libre del *software* gratuito. Por lo tanto, se entiende que todo *software* libre es gratuito y que, por el contrario, no todo el *software* gratuito es libre, ya que algunos desarrolladores, por cualesquiera razones, prefieren no optar por liberar el código fuente de la aplicación.

Así pues, en el presente artículo, siempre que se haga alusión al *software* libre, se debe entender que nos referimos al *software* que es tanto abierto en su código como gratuito. En aquellos casos en que mencionemos ciertas aplicaciones gratuitas pero cuyo código no ha sido liberado, emplearemos la denominación *software* gratuito.

Introducción

Nadie puede negar los grandes cambios, en ocasiones demasiado drásticos, que la globalización de Internet y de la informática ha ocasionado en las vidas de los seres humanos y en los métodos de trabajo de algunas profesiones.

La traducción y la interpretación no han escapado a tales influencias: en los entornos de trabajo de traductores e intérpretes, los diccionarios y enciclopedias en papel se ven cada vez más desplazados por sus equivalentes en versión electrónica. Si bien es cierto que algunos materiales de consulta, por su antigüedad u otras causas, no cuentan con una versión para ordenador, la comodidad de disponer de todos los diccionarios, enciclopedias, glosarios, *corpus*, memorias de traducción y demás en un mismo lugar resulta incuestionable.

Por otro lado, el auge del *software* libre y gratuito, opciones por las que se decanta un número cada vez mayor de usuarios, también cuenta con su reflejo en el sector de la traducción y la interpretación, con la aparición de alternativas libres o gratuitas que nos permiten llevar a cabo tareas relacionadas con nuestra profesión. Gracias a este tipo de programas, podemos no solamente traducir un texto, sino, además, realizar una revisión y un control de calidad exhaustivos, alinear el texto original y su traducción para crear memorias de traducción, convertir los archivos de trabajo a otros formatos compatibles con nuestra herramienta TAO (siglas de traducción asistida por ordenador, en inglés, *CAT tool*), etc.

A lo largo del presente artículo mencionaremos y describiremos las características más destacadas de aplicaciones informáticas empleadas para cada uno de los propósitos mencionados con anterioridad. En el caso de las herramientas TAO, dada la variedad de opciones existentes, así como las diferencias entre ellas, dedicamos dicha sección a tres programas de *software* libre diferentes.

No obstante, dadas las limitaciones de espacio del artículo, no nos será posible describir absolutamente todas las funciones de cada aplicación, por lo que recomendamos a los traductores interesados que las descarguen y las prueben para descubrir si se adaptan a sus necesidades.

Herramientas TAO

Sin ningún atisbo de duda, los traductores – aunque se trate de una verdad de Perogrullo – dedican la mayor parte de su trabajo a la tarea de traducción propiamente dicha. Por esta razón, resulta fundamental contar con una herramienta TAO que permita trabajar con la máxima fluidez posible y que satisfaga las necesidades de los profesionales.

Dentro de la gran variedad de herramientas TAO gratuitas y libres a las que podemos acceder, nos centraremos en las tres siguientes: OmegaT, Qt Linguist y Anaphraseus. Como veremos a continuación, a pesar de que sirvan para la misma tarea, las tres herramientas son empleadas en situaciones diferentes.

OmegaT

OmegaT, según la descripción que figura en su página *web*, es «una aplicación libre de memoria de traducción escrita en Java» que se puede instalar en Windows, Mac y varias distribuciones de Linux. Entre sus principales ventajas se encuentra la compatibilidad con varios de los formatos de archivo de texto más utilizados, como HTML y XML y, en especial, con archivos XLIFF (XML Localization Interchange File Format). Pese a no ser compatible con el formato DOC de Microsoft Word, ampliamente utilizado, OmegaT suple dicha carencia al aceptar su versión más moderna (instaurada a partir de Microsoft Office 2007), el DOCX.

Asimismo, dado que OmegaT es compatible con TMX (*Translation Memory Exchange*), el estándar de memorias de traducción, los traductores pueden trabajar en proyectos con memorias de traducción que, a su vez, pueden emplear en otras aplicaciones similares o de gestión de memorias de traducción.

Una de las características más destacadas de OmegaT es el hecho de contar con una guía rápida de gran utilidad que permite al traductor familiarizarse con el programa en cuestión de unos pocos minutos. Aunque su interfaz a priori no resulte tan «moderna» como en el caso de otras aplicaciones informáticas, la curva de aprendizaje es reducida, lo cual es una ayuda para el traductor.

A diferencia de otras herramientas TAO clásicas (como WordfastClassic o las versiones de SDLTrados previas a Trados Studio), OmegaT no precisa del procesador de textos de Microsoft Word. Sí es necesario, por el contrario, crear un proyecto de traducción, que se guarda en la carpeta deseada, y al que se deben asignar un glosario, una memoria de traducción y un diccionario.

Este sistema, por complicado que pueda parecer y, aunque parezca que resta agilidad al traductor – que puede preferir simplemente, en especial en los casos en que deba traducir un único archivo, abrirlo y comenzar su tarea, sin mayores complicaciones – permite organizar los archivos de origen y destino, las memorias de traducción y los glosarios de forma más lógica, lo que resulta fundamental si entre su cartera de clientes se encuentran varios que le envían encargos de forma constante.

Una vez creado el proyecto e importados los archivos que se deben traducir (recuérdese la limitación en cuanto al formato DOC mencionada anteriormente), se puede observar que la ventana principal de OmegaT se divide en dos mitades: en la mitad izquierda, figura el archivo original dividido en segmentos o unidades de traducción y, en la derecha, las coincidencias de la memoria de traducción y de los glosarios.

Para poder avanzar hasta el siguiente segmento sin traducir, se debe pulsar la combinación de teclas Ctrl + U. En cambio, si nuestra intención es pasar al siguiente segmento, ya esté traducido o no, también se puede pulsar la combinación de teclas Ctrl + N. Otra opción para elegir el segmento que se quiere traducir consiste en hacer doble clic sobre él. Como en tantas otras aplicaciones informáticas, se puede guardar el trabajo con la combinación de teclas Ctrl + S. Sin embargo, no debe ser motivo de preocupación el guardar el documento, pues OmegaT guarda nuestros progresos de manera automática cada cierto tiempo.

A medida que avance la traducción, en la mitad derecha de la ventana aparecerán coincidencias resaltadas en diferentes colores si se da el caso de que en la memoria de traducción haya un segmento traducido idéntico o muy similar al segmento en que nos encontremos en ese instante.

Las combinaciones de teclas Ctrl + R o Ctrl + I permiten emplear una coincidencia en la memoria de traducción para sustituir el texto por dicha coincidencia o para insertarla en el segmento abierto, respectivamente. Si existe más de una entrada en la memoria, se deberá pulsar Ctrl junto con el número

de la coincidencia para elegirla y, a continuación, insertarla o sustituir el texto original directamente.

En OmegaT destaca su control de etiquetas, al cual se accede mediante la combinación de teclas Ctrl + T, que resulta fundamental en los proyectos en que se trabaja con archivos de etiquetas, tales como el formato HTML. Gracias a dicho control, el traductor puede comprobar rápidamente si ha borrado o cambiado etiquetas por error.

Tras terminar la traducción y haber llevado a cabo la posterior revisión y los controles de ortografía y de etiquetas, el último paso consiste en crear los archivos de destino, objetivo para el cual solamente se precisa pulsar la combinación de teclas Ctrl + D. Los archivos finales son guardados en carpeta designada a tal efecto durante la creación del proyecto (en caso de olvido, la combinación de teclas Ctrl + E lleva a las propiedades del proyecto, donde se muestran todas las carpetas que lo componen).

Qt Linguist

Qt Linguist es un conjunto de herramientas para la localización de aplicaciones. Se puede instalar en distribuciones de Linux, como Ubuntu, junto con el resto de herramientas que programación Qt. También existe una versión independiente de Qt Linguist para el sistema operativo Windows. Como nota negativa, este programa no ha sido localizado todavía en ningún otro idioma aparte del inglés, incluido el español.

Este programa se emplea para la localización de archivos utilizados en las aplicaciones de *software* libre. Uno de los formatos más habituales en este contexto es el PO (*Portable Object*, objeto portátil), que supone el resultado de la extracción de textos de aplicaciones de base GetText, un sistema de internacionalización (normalmente abreviado como i18n) con el cual se obtienen programas localizados en varios idiomas.

La interfaz de Qt Linguist, que se divide en varias secciones (llamadas *views* en inglés) y barras de herramientas, se puede personalizar a gusto del traductor en el menú *View>Toolbars / Views* añadiendo o eliminando barras de herramientas y secciones, respectivamente.

Se pueden observar el número de segmentos traducidos y el total de segmentos de los que se compone el archivo en la esquina inferior derecha. Asimismo, en el menú *View >Statistics* (Ver > Estadísticas) figuran el número total de palabras, caracteres y caracteres con espacios, tanto del original como de la traducción.

A continuación, describiremos brevemente las diferentes secciones presentes en Qt Linguist. En primer lugar, se puede observar una columna llamada

Context (Contexto) en la que se muestra en qué lugar del programa en cuestión se encuentra cada segmento, al igual que el número de segmentos de los que se compone cada sección. A su derecha figuran la columna *Strings* (Cadenas de texto), donde se incluyen los segmentos de origen, y otra, llamada *Sources and forms* (Fuentes y formas), donde aparecen otros archivos vinculados a cada segmento en concreto.

Debajo de estas columnas se halla la sección donde se realiza la traducción propiamente dicha. En el primer cuadro de texto se puede ver el texto de origen y debajo, el cuadro dedicado a la traducción. Asimismo, el traductor cuenta con un tercer cuadro de texto en el que puede insertar comentarios, dudas o sugerencias. En nuestra opinión, esta posibilidad que ofrece Qt Linguist es extremadamente útil, pues permite una comunicación más fluida entre el traductor, el revisor y el jefe o gestor de proyectos.

Otra función de Qt Linguist que consideramos de gran utilidad es la sección de avisos, que ocupa parte de la sección inferior de la ventana, que alerta al traductor si detecta un error o problema en la traducción. No obstante, puede darse el caso de que se produzca un falso positivo, un supuesto error que, a juicio del traductor, no sea tal. El traductor puede ignorar dicho aviso solo con validar el segmento pulsando Ctrl+ Retroceso.

Anaphraseus

Anaphraseus, a diferencia de Qt Linguist y OmegaT, no es una aplicación que funcione de forma independiente, sino que es un complemento que se añade a la suite ofimática Open Office, o a su variante, LibreOffice. Imitando el modo de trabajar de WordfastClassic, Anaphraseus se añade a estas suites como una barra de herramientas que nos permite traducir utilizando memorias de traducción. Así pues, representa una alternativa a las herramientas TAO mencionadas con anterioridad en esta misma sección si el traductor está más acostumbrado a trabajar dentro de una suite ofimática, como ocurre con WordfastClassic, por ejemplo.

Anaphraseus se instala como cualquier otro complemento de Open Office. Para activarlo, es necesario reiniciar la computadora. A continuación, aparecerá un botón con el texto Crear menú y barra de herramientas Anaphraseus. Al pulsarlo se crea un nuevo menú desplegable con el nombre de Anaphraseus y una barra de herramientas, que se muestra en su totalidad si pinchamos en el icono con la imagen de un sol.

Tras desplegar la barra de herramientas o el menú, se puede acceder a las funciones típicas de un programa de traducción asistida por ordenador, como abrir o cerrar segmento, añadir términos, fusionar o separar segmentos y recuperar el segmento original, entre otras. Quizás la más interesante en estos mo-

mentos sea la función *Configure* (Configuración), a la que se puede acceder mediante la combinación de teclas Alt + F9.

En este apartado el traductor puede configurar la memoria del proyecto, importar una memoria en formato TMX (que podemos exportar de otras herramientas TAO, como la propia OmegaT) o TXT, reorganizarla, invertir los idiomas de origen y destino, añadir glosarios etc.

Para comenzar a traducir un texto, se puede elegir entre pulsar el botón correspondiente de la barra de herramientas o la misma función en el menú Anaphraseus, o bien podemos utilizar el atajo de teclado correspondiente, Alt + tecla abajo.

Una vez traducido el segmento, quedará guardado en la memoria y, en caso de volver a aparecer en ese u otro documento, aparecerá con un fondo de color verde, lo que indica que existe un 100 %, o coincidencia total, en la memoria para ese segmento. Si existe una correspondencia parcial en la memoria, se mostrará con un fondo de color amarillo.

Al igual que en otras herramientas TAO similares, como Trados o Wordfast, al terminar la traducción se debe limpiar el documento o, dicho de otro modo, eliminar el formato oculto que utiliza Anaphraseus para segmentar el texto. Tan sencillo como elegir la función *Clean up* (Limpiar).

Alineación de archivos

Los alineadores de archivos, herramientas a menudo desconocidas en el sector de la traducción, permiten a los traductores crear memorias de traducción a partir de traducciones previas o a partir de *corpus* de textos formados por documentos originales y sus traducciones, gracias a lo cual reaprovechan su propio trabajo con el fin de obtener memorias de traducción que puede emplear para agilizar y mejorar su tarea, así como para garantizar la coherencia entre traducciones, en especial si el *corpus* está formado por un gran número de documentos.

Para tal propósito, los alineadores de archivos recurren a una serie de reglas, normalmente los signos de puntuación, para separar el texto en segmentos que después alinea con los segmentos de la traducción correspondiente, de igual forma a como son almacenados en una memoria de traducción mientras se trabaja. Según el formato de los archivos y el algoritmo de segmentación del programa, el traductor debe intervenir en menor o mayor medida para ajustar la alineación donde sea preciso.

De manera reciente han aparecido varios alineadores libres, entre los cuales se encuentra LF Aligner, creado por un traductor húngaro interesado en la programación. En un principio consistía únicamente en una consola de co-

mandos, aunque en versiones recientes se ha añadido una interfaz gráfica de usuario que permite trabajar de forma más cómoda a un mayor número de usuarios. Cabe destacar que el programa no precisa de instalación: basta con hacer doble clic en el archivo ejecutable obtenido al descomprimir el programa para comenzar a trabajar con LF Aligner.

Al abrir el programa, aparecerá una ventana en que se deberá elegir el formato en que se encuentran los archivos de destino. LF Aligner acepta los tipos de archivos editables más frecuentes. Asimismo, el traductor cuenta con la opción de añadir documentos en PDF (aunque el autor del programa recomienda exportar el texto a un archivo TXT con la codificación UTF-8), HTML, páginas *web*; también se pueden descargar y alinear documentos procedentes de diversos órganos pertenecientes a la Unión Europea.

Según la *home page* del proyecto, LF Aligner es capaz de alinear documentos en hasta cien idiomas e incorpora un diccionario que mejora la alineación automática en más de ochocientas combinaciones de idiomas. Estos resultados se obtienen gracias a que funciona mediante el algoritmo Hunalign, que se encarga de alinear las fuentes de datos multilingües de forma automática.

Una vez elegido el formato de los archivos de trabajo, aparecerá una serie de ventanas en las que se debe indicar el idioma del archivo original y del de destino (en caso de proyectos multilingües, se puede cambiar el número de idiomas en la misma ventana), su ubicación o la referencia del documento de la Unión Europea que se quiera descargar, en su caso. Acto seguido, LF Aligner se encargará de alinear los archivos de forma automática.

En el paso siguiente paso, el traductor debe decidir si desea respetar o rechazar la segmentación de LF Aligner. Salvo en contadas ocasiones, es recomendable dejar marcada la opción que figura de forma predeterminada. En el penúltimo paso, el traductor puede optar por que el programa cree un archivo XLS gracias al cual sea posible revisar la alineación en busca de errores. Tras corregirlos, y siempre sin cerrar LF Aligner, basta con guardar el archivo XLS y el programa llegará al último paso, la creación, en la ubicación elegida por el traductor, de un archivo TMX cuyos campos podrá modificar si así lo considere oportuno y que podrá utilizar en multitud de herramientas TAO que trabajen con este estándar o permitan importar memorias en este formato, como es el caso de SDLTrados.

LF Aligner es, en pocas palabras, un programa bajo cuya apariencia sencilla reside un potente alineador de archivos. Asimismo, incluye otras herramientas de gran utilidad, entre ellas, herramientas de gestión de bases terminológicas y de memorias de traducción y de conversión de archivos. En el archivo *readme.txt* incluido con este programa figura toda la información detallada acerca de las características de este potente alineador de archivos.

Control de calidad y revisión

El control de calidad (donde se incluye la revisión de traducciones), a pesar de ocupar menos tiempo en las tareas de un traductor, es tanto o más importante que la traducción propiamente dicha. Si un traductor no es meticuloso a la hora de realizar el control de calidad, es probable que en la traducción final permanezcan errores localizables a simple vista que afectan tanto a la calidad de dicha traducción como al prestigio del traductor de cara al cliente.

Para que el control de calidad se pueda llevar a cabo a la perfección, se deduce que el traductor debe contar con una herramienta apropiada. En este contexto encontramos varias herramientas gratuitas, tanto libres como de código cerrado. Dentro de este último grupo se encuentra el programa que nos ocupa en esta sección, el cual ha irrumpido con gran fuerza en el sector de la traducción en los últimos años. Esta herramienta – desarrollada por la empresa española ApSIC, recibe el nombre de ApsicXbench (de ahora en adelante, Xbench) – permite llevar a cabo el control de calidad mediante la creación de proyectos en los que se pueden importar diferentes tipos de archivos:

- Archivos bilingües de diversas herramientas TAO comerciales (SDLTrados, SDLTradosStudio, Wordfast, SDLX etc.) así como de formatos como PO (que hemos descrito en la sección sobre Qt Linguist) o XLIFF. Estos archivos bilingües contienen el texto original y la traducción sobre la que se debe realizar el control de calidad.
- Archivos de memorias de traducción de programas como Wordfast, Deja Vu X, SDLTrados o SDLX, así como otras memorias en el formato de archivo estándar TMX o en el clásico TXT. Este conjunto de archivos se emplea como referencia, con el fin de poder encontrar posibles incoherencias en nuestras traducciones, segmentos sin traducir, cifras traducidas de forma incorrecta, etc. Más adelante nos adentraremos en los tipos de errores que puede encontrar Xbench.
- Glosarios de diferentes sistemas operativos – por ejemplo, glosarios de Microsoft y Mac OS X –, herramientas TAO, como Wordfast, y de gestores de terminología, como Multiterm; sin olvidar los clásicos glosarios en formato TXT y el estándar de bases de datos terminológicas TBX/MARTIF.

Si se utilizan a modo de referencia, el traductor podrá comprobar si ha traducido correctamente ciertos términos incluidos en un glosario, bien de creación propia – en el Bloc de notas se logran escribiendo en cada línea el término original y la traducción separadas mediante una tabulación – o facilita-

do por el cliente. Asimismo, podrá aprovechar, crear listas de palabras prohibidas (también denominada lista de control o «checklist» en inglés) que el traductor no debe emplear bajo ningún concepto.

Para poder trabajar con Xbench, es necesario crear un proyecto (o abrir uno anterior) mediante la combinación de teclas Ctrl + N. A continuación, se abrirá una ventana en la que se deberán cargar los archivos enumerados anteriormente, según sea el caso del traductor. En esta ventana es posible arrastrar y soltar los archivos desde la carpeta en que se encuentren.

Asimismo, Xbench detectará el formato de archivo en que se encuentran los documentos que se quieran añadir al proyecto y, lo que es más, identificará los archivos bilingües al instante (quedará marcada la casilla «Ongoingtranslation», o traducción en curso). En el raro caso de que no fuera así, podemos elegir de manera manual el archivo bilingüe y marcar esa casilla.

En esta misma ventana, el traductor puede elegir la prioridad de los archivos, lo cual es tremendamente útil si trabaja con varias memorias de traducción o glosarios, o con varios de ellos combinados, con distintos grados de preferencia. Por poner un ejemplo, suponemos que el traductor dispone de una memoria de traducción y de un glosario, ambos proporcionados por el cliente. Si el glosario es actualizado con mayor frecuencia que la memoria, donde es posible que existan segmentos desactualizados, se concluye que el traductor deberá dotar al glosario de mayor preferencia con respecto a la memoria.

Llegados a este punto, con solo pulsar el botón OK, Xbench cargará los archivos seleccionados y se llegará el siguiente paso: el control de calidad propiamente dicho, al que se accede haciendo clic sobre la pestaña QA.

El control de calidad de Xbench abarca tres grupos de campos, que resumimos a continuación, donde buscar errores, los cuales incluyen a su vez diversas cuestiones que se deben comprobar. Cabe mencionar que el traductor puede elegir qué opciones serán analizadas en el control de calidad marcando las casillas correspondientes.

- Basic (Básico): como su nombre indica, en este grupo se pueden comprobar cuestiones básicas. El traductor puede buscar si hay segmentos sin traducir, segmentos iguales con traducción incoherente, segmentos con la misma traducción pero origen incoherente o segmentos idénticos en el texto original y su traducción.
- Content (Contenido): en este grupo no se analizan las diferencias en el conjunto del segmento, sino en su contenido. Así pues, Xbench puede buscar diferencias entre el original y la traducción en cuanto a las etiquetas y las cifras, dobles espacios en blanco, palabras repetidas o divergencias en los términos clave (o «keyterms», en inglés). Para po-

der comprobar esta última cuestión, es necesario haber marcado un archivo como «keyterms» en el primer paso.

- Checklist (Lista de control): en este apartado el traductor cuenta con la opción de elegir si Xbench debe comprobar una lista de control que haya incluido entre los archivos del proyecto.

Aparte de las anteriores, es posible elegir entre una serie de opciones, englobadas dentro del apartado «Options», que, de arriba abajo, permite analizar solo los segmentos nuevos, excluir los segmentos marcados como concordancias perfectas (o «ICE matches», en inglés), detectar incoherencias relacionadas con el uso de mayúsculas o minúsculas o ignorar las etiquetas de los segmentos.

Una vez elegidas las opciones que se revisarán, se debe comenzar el control de calidad pulsando el botón «Checkongoingtranslation» (Comprobar traducción en curso). Pasados unos instantes, Xbench mostrará en pantalla los resultados del control de calidad en función de las opciones escogidas. En este informe aparecen el tipo de error, el archivo donde tiene lugar y los segmentos de origen y de destino.

Llegado este punto, el traductor podrá descubrir una de las funciones, a nuestro juicio, más logradas y útiles de Xbench: si debe corregir algún segmento, en vez de tener que buscar el archivo bilingüe, abrirlo con el programa correspondiente, encontrar el segmento, modificarlo y guardarlo; el traductor puede seleccionar el segmento que quiera corregir, hacer clic con el botón derecho y elegir la opción «Editsource» (Editar documento fuente), mediante la cual se abrirá el archivo bilingüe con el programa correspondiente y con el segmento en cuestión marcado. La gran cantidad de tiempo que esta función ahorra al traductor es evidente. En nuestra opinión, son detalles como el anterior los que demuestran la gran calidad y la buena y merecida fama de Xbench.

Una vez corregidos los segmentos que así lo precisen y guardados los documentos, se debe actualizar el proyecto pulsando la tecla F5 y volver a llevar a cabo el control de calidad para comprobar que el traductor no se ha olvidado de solucionar ningún error.

Como último paso, el traductor puede decidir si quiere exportar los resultados del informe del control de calidad. Para tal fin, deberá pulsar la combinación de teclas Ctrl + E y elegir el formato de dicho informe (HTML, XLS o XML). De esta manera, el traductor dispondrá de un informe mediante el cual demostrar la presencia de falsos positivos o de errores causados por el formato del archivo, de su segmentación etc.

Para concluir con Xbench, resulta oportuno añadir que no solamente sirve como herramienta de control de calidad, sino que también es posible realizar

búsquedas terminológicas, convertir archivos a otros formatos, crear listas de control etc. Todas ellas son funciones muy útiles para traductores, por lo que sugerimos que se investiguen y aprovechen con el objetivo de mejorar las traducciones y el modo de trabajar.

Discusión

A lo largo de las páginas anteriores hemos visto algunos ejemplos de programas pertenecientes al *software* libre de gran utilidad en diversas etapas, todas de suma importancia, del proceso de traducción: la alineación de archivos, la traducción propiamente dicha y el control de calidad. Dicho de otra forma, estas herramientas, si son combinadas, abarcan desde los pasos previos de la traducción a su revisión final.

Llegados a este punto, trataremos las ventajas e inconvenientes del *software* libre en conjunto para después argumentar, citando los factores negativos y positivos, tanto de las herramientas TAO como de LF Aligner y Xbench, si se las puede considerar como serias alternativas a sus competidores de pago.

Resulta tremendamente fácil descubrir las ventajas del *software* libre. En primer lugar, es gratuito: los usuarios – y en el caso que nos concierne, los traductores e intérpretes – no se ven obligados a invertir dinero en un programa que es posible que a *posteriori* no se ajuste a sus necesidades o que utilicen en menor medida de lo esperado, lo cual significaría que no han rentabilizado su inversión.

Otra de las ventajas del *software* libre es la capacidad del usuario, gracias a que el código es de libre acceso, para participar en el equipo de programadores de ese *software* o bien para guardar el código y mejorarlo o adaptarlo a sus necesidades. Si el usuario quiere aprender a desarrollar aplicaciones o quiere mejorar sus conocimientos en esa materia, el *software* libre es un buen medio para tal fin.

Como última ventaja, mencionaremos que, como su nombre indica, representan la libertad del usuario para decidir con qué programa llevar a cabo las tareas que desee. Sin pretender criticar a ningún fabricante en concreto, el precio del *software* comercial resulta muchas veces inalcanzable y, en unos pocos casos, es estratosférico, en especial para profesionales en sus primeros años de carrera profesional o los estudiantes.

Asimismo, existe la posibilidad de que el usuario no se acostumbre a trabajar con un programa que ha adquirido legalmente o que simplemente considere que no se ajuste a lo que necesita. Las versiones de prueba, con límite ya de sea de tiempo o de funciones activas, no permiten que el usuario decida sobre la utilidad del programa.

Como desventajas del *software* libre cabe citar los abundantes casos de *software* que le abandona el desarrollador, que detiene su desarrollo por la falta de apoyo económico, lo que obliga al usuario a encontrar una alternativa con la que poder trabajar.

Además, debido al gran número de usuarios y a que los desarrolladores suelen invertir su tiempo libre en este *software* y se deben primero a otras obligaciones, no siempre está garantizada la asistencia técnica.

Por otra parte, el inglés, como lengua franca de la informática, es el idioma en que figura la inmensa mayoría del *software* libre, limitando el acceso a quienes lo desconozcan. No obstante, cada vez más desarrolladores buscan colaboradores que traduzcan su programa a otros idiomas (buena muestra de este hecho es el sitio web Transifex), aunque, por desgracia, muchos de los que se disponen a hacerlo no son traductores profesionales, lo que afecta en gran manera a la calidad final de la traducción.

Volviendo a la traducción y la interpretación, nos queda responder a la siguiente pregunta: ¿Puede sustituir el *software* libre al comercial en nuestro sector? Trataremos de hallar en las siguientes líneas la respuesta para cada etapa de la traducción en que se utilizan programas de *software* libre, al igual que en otras secciones de este mismo artículo.

- Herramientas TAO: a pesar de las bondades de cada uno de los programas analizados, se echan de menos algunas funciones que sí se encuentran en el *software* comercial. Este tipo de *software* debe mejorar su capacidad para ser compatible con un mayor número de formatos de archivo. Asimismo, sería recomendable dotar a estos programas de funciones que permitan integrar la gestión de las memorias de traducción y las bases de datos terminológicas y utilizarlas como ayuda a la traducción en un mismo programa, como ocurre con varias herramientas TAO de pago.
- Alineador de archivos: LF Aligner puede considerarse como una alternativa válida a alineadores de pago, ya que incluye las funciones y realiza los procesos que se espera de este tipo de herramienta sin ningún problema. Cuenta además con características únicas que lo diferencian de otros alineadores, ya sean de pago o de *software* libre: por poner varios ejemplos, el casi inapreciable espacio que ocupan en el disco duro, el hecho de no precisar instalación y la posibilidad de alinear documentación de la Unión Europea.
- Control de calidad: el caso Xbench es de los pocos donde se puede responder a la pregunta anterior con un sí rotundo. Las ventajas de este programa son muchas: la gran cantidad de archivos bilingües, memorias de traducción y glosarios empleados por herramientas TAO

comerciales, así como diversos estándares, que reconoce; la posibilidad de trabajar con listas de control y la opción de modificar los segmentos directamente en los archivos bilingües, entre otras.

Muy pocas herramientas alternativas, por no decir ninguna, llegan a la altura de Xbench. Nos resulta increíble, y muy grato, que una herramienta de este calibre sea gratuita. Se trata, sin duda, de una herramienta de control de calidad (entre otras opciones, como se ha mencionado anteriormente) con una fama merecida y que, a este ritmo, pronto estará instalada en los ordenadores de la gran mayoría de traductores.

Conclusión

En el sector de la traducción, existe un gran abanico de opciones de *software* libre para llevar a cabo tareas diferentes dentro del proceso de traducción. Aunque no se pueda considerar a todas como alternativas a la mayoría de los competidores de pago, encontramos programas que pueden satisfacer las necesidades de grupos de traductores según las circunstancias en que trabajan. Además, Xbench debería figurar entre los programas indispensables de todo traductor por su gran calidad y su coste gratuito.

Sin duda, si el *software* libre en la traducción progresa a buen ritmo, dentro de poco tiempo podría remplazar a sus alternativas comerciales sin ningún problema, o podría provocar que los desarrolladores de programas comerciales los mejoraran ante la amenaza del *software* libre. Todo ello beneficiaría a la misma persona: el traductor.

Referencias bibliográficas

ANAPHRASEUS. Disponible en: <<http://anaphraseus.sourceforge.net/>>. Accedido el: 12 sept. 2012.

APSIC XBENCH. Disponible en: <http://www.apsic.com/es/products_xbench.html>. Accedido el: 12 sept. 2012.

LF ALIGNER. Disponible en: <<http://sourceforge.net/projects/aligner/>>. Accedido el: 12 sept. 2012.

OMEGAT. Disponible en: <<http://omegat.org/>>. Accedido el: 12 sept. 2012.

QT LINGUIST. <http://bit.ly/7NEMDS> Accedido el: 12 sept. 2012.

Tecnologias da tradução no trabalho de tradutores jurídicos/juramentados: estudo de caso

Bruna Macedo de Oliveira¹

Resumo: Considerando o destacado lugar da tradução no contexto atual, com o intenso fluxo de relações culturais e financeiras entre os povos, não seria exatamente inesperado que a demanda tradutória tendesse a aumentar, principalmente nos países em evidência econômica, como é o caso do Brasil. Nesse sentido, a necessidade de atender os clientes, em prazos cada vez mais reduzidos, funciona não só como uma boa justificativa, mas também como mola propulsora, para a criação e utilização de ferramentas e recursos tecnológicos que agilizem e facilitem o trabalho do tradutor. Entretanto, para algumas áreas, como a jurídica/juramentada, determinadas tecnologias que favorecem trabalhos com considerável grau de automatismo, como as ferramentas CAT, nem sempre poderão ser aplicadas. Com base numa entrevista cedida por uma tradutora juramentada das línguas portuguesa e espanhola com mais de trinta anos de experiência, discutimos no presente trabalho o papel e o espaço das diversas tecnologias na especialidade jurídica. Buscamos ainda, a partir das respostas da entrevistada, situar as tecnologias utilizadas por essa profissional, especialmente com base na classificação entre recursos e ferramentas tecnológicas proposta por Alcina (2008).

Palavras-chave: tradução jurídica/juramentada, tecnologias da tradução, recursos e ferramentas de tradução, par português-espanhol.

Abstract: Considering the central position occupied by translation today, due to the intense flow of cultural and financial exchange between peoples, it is no wonder we are experiencing an increase in the demand for translation, mainly in countries with a growing economy, such as Brazil. Therefore, the need to meet client's demands in terms of increasingly stricter deadlines is not only a good reason, but also the driving force behind the creation and adoption of technological tools and resources that speed up and facilitate the work of translators. However, to some fields, such as legal/certified translation, certain

¹ Mestranda do Programa de "Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana", FFLCH/USP. e-mail: brunamace@gmail.com. Bolsita FAPESP.

technologies that promote a higher degree of automatism, such as CAT tools, cannot always be applied. Based on an interview answered by a certified translator, who has worked translating from and into Brazilian Portuguese and Spanish for more than thirty years, this study discusses the role and scope of technologies in legal translation. Based on the subject's responses, this study also aims at situating the technology used by this professional, especially based on the typology of resources and tools proposed by Alcina (2008).

Keywords: legal/certified translation, translation technology, translation resources and tools, Portuguese-Spanish pair.

1 Introdução

No contexto que nos circunscreve, com a globalização, as novas demandas mercadológicas, os acordos internacionais e as relações econômicas, científicas e culturais entre diversos países, tornou-se cada vez mais urgente que um texto ou material produzido numa determinada parte do mundo seja dado a conhecer em outras, de línguas e culturas diferentes, o mais rapidamente possível. Nesse sentido, ocorrem simultaneamente dois movimentos importantes no campo da tradução: um deles corresponde à visibilidade dada a esse ramo de atividade e o outro, a que junto a esse destaque sobrevenha a necessidade de que o tradutor seja suficientemente capaz de efetuar seu trabalho num período curtíssimo e, ao mesmo tempo, com a máxima eficácia.

Como consequência das tecnologias e das exigências de prazos cada vez mais reduzidos, o profissional de tradução acabará dando lugar às máquinas na execução da atividade de traduzir? Se assim fosse, nosso trabalho estaria aqui terminado. Embora tenhamos que reconhecer que hoje muito possa ser feito por meio da tradução automática, há ainda inúmeros tipos de trabalho de tradução para os quais a figura humana do tradutor será a peça fundamental de interlocução entre línguas e culturas. Esse parece ser exatamente o caso da tradução jurídica/juramentada, da qual se ocupa o presente artigo.

Segundo Hurtado Albir (2001: 60), as linguagens especializadas², como a jurídica, *“tienen una temática especializada en el sentido en que han sido objeto de un aprendizaje especializado, que los usuarios son especialistas y que las*

² Preferimos neste estudo a expressão “linguagem especializada” a “tradução especializada”, pois como assinala Hurtado Albir (2001: 59), *“toda traducción es especializada en el sentido de que requiere unos conocimientos y habilidades especiales”*.

situaciones de comunicación son de tipo formal, reguladas normalmente por criterios profesionales o científicos". Nessa mesma linha, Borja Albi (2002: 44) assinala que *"la traducción jurídica exige la adquisición de habilidades relativas a la práctica profesional, al desarrollo de un método de trabajo sistemático y a la adquisición de práctica en la traducción de los distintos géneros jurídicos"*.

Concordamos com as autoras no que diz respeito ao desejável conhecimento especializado, embora esse conhecimento talvez não seja totalmente estável. É preciso ressaltar que, mesmo no caso dos textos jurídicos, fortemente marcados por fórmulas e convenções, os gêneros não permanecem inalterados. Basta pensar nas mudanças sofridas pelos textos jurídicos, tanto aquelas relacionadas à época, como as que têm lugar propriamente no campo do Direito de cada país, produzindo algumas novas áreas do conhecimento jurídico, como o Direito Ambiental, o Direito da Informática e o Direito do Consumidor, todas nascidas no século XX. Para esses casos, a tradição tradutória não será necessariamente suficiente para que o tradutor dê conta das modificações que ocorrem no campo, na velocidade em que este evolui.

Se aceitarmos a instabilidade e a mudança dos gêneros também no campo jurídico, não poderemos nos valer do argumento de que, dada a sua constituição e formas bastante fixas, um tradutor jurídico com longa experiência dispensará o uso de ferramentas e recursos tecnológicos que agilizem buscas terminológicas ou a ampliação de seu conhecimento no campo. O surgimento e desenvolvimento contínuo de novos gêneros jurídicos fará com que o tradutor tenha de preencher as lacunas existentes em sua formação ou conhecimentos já adquiridos com relação ao campo, à terminologia e ao funcionamento desses gêneros e, para essa finalidade, o emprego de tecnologias será muito bem-vindo.

Como aponta Alcina (2008), tanto os tradutores como os professores de tradução foram pioneiros em lançar mão de *ferramentas* (programas de computador que permitem ao tradutor a realização de uma série de funções e a obtenção de determinados resultados) e *recursos tecnológicos* (dados organizados de modo a serem consultados durante alguma fase do processo, tais como *corpora*) em seu processo de trabalho, e esse fenômeno foi marcado principalmente pelo desenvolvimento de dicionários eletrônicos e de bases de dados terminológicas, pelo advento da internet e das ferramentas de tradução assistida por computador, também chamadas **Computer-assisted translation**, *computer-aided translation* ou simplesmente CAT. A utilização das tecnologias aplicadas à tradução encontrou tamanho eco entre os profissionais que não tardaria muito em criar-se um novo ramo dentro dos Estudos da Tradução dedicado quase que exclusivamente à relação entre essas ferramentas e recursos e a tradução. Surgia assim a disciplina denominada Tecnologias da Tradução.

Entretanto, no que se refere ao tipo de tradução realizada, caberia questionar se a adesão às tecnologias por parte de profissionais especializados na

área jurídica realizar-se-ia da mesma forma que no trabalho dos demais tradutores. Dessa forma, com o objetivo de iniciar uma discussão que coadune a prática do tradutor especializado nessa área às tecnologias por ele utilizadas, entrevistamos uma tradutora juramentada, cujas línguas de trabalho são o português e o espanhol, e que se dedica há cerca de trinta anos a essa atividade.

Acreditamos que, entre outras coisas, sua ampla experiência na especialidade poderá fornecer-nos um panorama geral de como se aplicam e quando passaram a ser incluídas as tecnologias de tradução em sua prática profissional. Este estudo de caso, por chamá-lo de alguma maneira, nos proporcionará alguns parâmetros para entender melhor a relação do tradutor da especialidade jurídica com as tecnologias.

2 Da escolha da entrevistada e do par linguístico abordado

A tradutora entrevistada, María del Pilar Sacristán Martín, nasceu na Espanha e veio para o Brasil ainda criança. Tal mudança, no entanto, não implicou que esquecesse os laços que a uniam à língua e à cultura de origem, com as quais continuou cultivando um vínculo estreito, ao mesmo tempo em que começava a fincar raízes e aprendia a amar a língua e cultura do povo que a recebera.

No que se refere à sua formação acadêmica, é bacharel e licenciada em Letras, nos idiomas espanhol, português e francês, e mestre em Linguística Contrastiva, nas línguas portuguesa e espanhola, ambos os títulos obtidos pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Quanto à sua prática profissional, foi professora de língua espanhola em diversos cursos livres e instituições renomadas, dentre elas, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e a Universidade São Judas Tadeu. Atualmente, dedica-se primordialmente a seu trabalho como tradutora pública e intérprete comercial no Brasil, desde sua nomeação no concurso público promovido pela Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP) em 1980. Além disso, desde 2001, atua como tradutora e intérprete juramentada na Espanha, quando foi a única candidata aprovada para a vaga de Língua Portuguesa no concurso promovido pelo Ministério de Assuntos Exteriores daquele país.

Tivemos o prazer de conhecer a tradutora María del Pilar durante um curso de tradução jurídica que ministrou no final de 2008, a convite da Profa. Heloísa Pezza Cintrão, pelo Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) da FFLCH/USP. Depois disso, nos foi brindada a oportunidade de trabalhar com essa profissional e de aprender com ela, tanto sobre tradução como sobre comprometimento e profissionalismo.

Se a escolha da pessoa entrevistada encontrou motivação no âmbito de seu trabalho jurídico e no compromisso com que o realiza, também a escolha das línguas aqui abordadas merece uma breve justificativa. Além de constituírem as línguas de trabalho da tradutora, o par linguístico português-espanhol tem certa peculiaridade. É necessário considerar o reconhecimento que nosso país vem adquirindo nos últimos anos, a sua relevância e visibilidade mundial, notadamente no aspecto econômico³, e a importância que a língua portuguesa tende a ganhar nesse contexto. Sendo assim, o Brasil, país que concentra o maior número de falantes da língua portuguesa no mundo, assume um papel significativo em suas relações culturais, financeiras e comerciais, com o crescimento de diversos tipos de serviços e indústrias, nos mais variados segmentos; um intercâmbio que não poderia excluir os países hispano-falantes, muitos dos quais fazem com ele fronteira.

Essa conjuntura permite prever o aumento da demanda de traduções entre as línguas portuguesa e espanhola. Há alguns anos, Galán Mañas (2007: 28) já apontava a *“la necesidad de preparar a los futuros traductores para esta especialidad, al mismo tiempo que constatamos una escasez de propuestas didácticas dedicadas a la enseñanza de la traducción jurídica del portugués al español”*. Por isso, faz-se necessária não só a realização de estudos no âmbito da tradução entre essas duas línguas, como também o oferecimento de cursos que contemplem as traduções jurídicas e o trabalho de tradutores dessa especialidade entre o par linguístico em questão.

3 O trabalho do tradutor jurídico/juramentado e as tecnologias da tradução

Partindo do pressuposto de que as tecnologias da tradução não se aplicam de maneira uniforme no trabalho de tradutores de diferentes especialidades, acreditamos que o presente estudo poderá trazer contribuições importantes para pensar a aplicação (ou não) de determinados recursos e ferramentas tecnológicas à tradução jurídica.

Antes, porém, será preciso expor as razões que nos levaram a optar neste estudo pela denominação *tradutor jurídico/juramentado*. Entendemos aqui por *tradutor jurídico* aquele que realiza trabalhos no âmbito jurídico e que possui conhecimento específico nessa área (de legislação, por exemplo), mas cujos trabalhos não possuem fé pública (um contrato, por exemplo, pode ser traduzido

³ Quando da primeira versão deste texto, em 2010, o Fundo Monetário Internacional previa que o Brasil alcançaria naquele ano o posto de 7.ª economia mundial. Em 2012, chegou ser a 6ª economia, à frente da Grã-Bretanha.

do por qualquer profissional que conheça a temática, a terminologia e o gênero tratado). O *tradutor juramentado*⁴, por sua vez, é aquele profissional que, no Brasil, foi nomeado mediante concurso público promovido por órgão competente (a Junta Comercial de cada unidade da Federação), para realizar traduções que têm valor oficial e legal perante quaisquer instituições públicas ou privadas, no país e no exterior. Assim, podemos dizer que um tradutor juramentado será também um tradutor jurídico, mas um tradutor jurídico não necessariamente será um tradutor juramentado, dependendo, para tanto, da existência ou não de nomeação para esse efeito. Apesar de nossa entrevistada ser uma tradutora juramentada, preferimos essa dupla denominação a fim de não excluir de nosso debate os tradutores que não sejam concursados.

O campo das tecnologias da tradução, como aponta Alcina (2008), pode ser descrito como aquele que trata não só de definir e adaptar estratégias, ferramentas e recursos tecnológicos que podem auxiliar o tradutor, mas também de facilitar a pesquisa e o ensino relacionado a essas tecnologias. A partir de alguns critérios utilizados pela referida autora, para a divisão de ferramentas e recursos das tecnologias de tradução, elaboramos um questionário que tinha por objetivo, em primeiro lugar, obter uma visão geral da relação entre o trabalho da tradutora entrevistada e o uso de tecnologias. Além disso, pretendíamos verificar quando e quais tecnologias efetivamente se incorporavam a seu trabalho cotidiano, vislumbrar como foi essa incorporação e em que ponto do trabalho ela ocorria. Num segundo momento da entrevista, nossa finalidade era captar dados mais pontuais sobre as tecnologias utilizadas – a denominação desses recursos e ferramentas – e saber se havia alguma motivação para sua escolha.

4 A entrevista

Com base nas respostas dadas pela tradutora na entrevista, organizamos sua visão a respeito do tema das tecnologias da tradução, bem como as informações sobre a aplicação destas em sua atividade. Realizamos, na Parte I, uma divisão em subitens temáticos para facilitar a localização, por parte do leitor, dos assuntos sobre os quais a profissional discorreu ao longo da entrevista. Para a Parte II, partimos do quadro de classificação das tecnologias da tradução em ferramentas e recursos, proposto por Alcina (2008: 97), para situar os itens utilizados pela entrevistada em seu cotidiano.

⁴ A atividade de tradutor público ou juramentado (conhecido como *traductor jurado* na Espanha e como *traductor público* na Argentina) varia bastante de acordo com cada país. Por exemplo, na Espanha, como no Brasil, também é necessária a aprovação por concurso público; já na Argentina, a formação universitária em *Traductorado Público* habilita o graduado ao exercício da profissão sem a necessidade de aprovação em concurso.

4.1 Parte I

4.1.1 A relação entre o trabalho como tradutora e as tecnologias da tradução

Inicialmente, solicitamos à entrevistada que nos dissesse qual tem sido sua relação com as tecnologias da tradução. De seu ponto de vista, o tradutor requer diversas ferramentas para realizar seu trabalho de forma adequada. Por esse motivo, sempre havia procurado estar informada a respeito do que existia nesse âmbito e do que estava sendo utilizado e, de uma forma imparcial, buscava averiguar quais dessas ferramentas se adaptavam às suas necessidades.

4.1.2 As tecnologias da tradução no início de seu trabalho e atualmente

Segundo explicou, no começo de sua prática como tradutora, existiam apenas as máquinas de escrever, logo vieram as máquinas de escrever elétricas e, depois delas, as máquinas de escrever elétricas com corretivo. A próxima tecnologia a entrar em seu trabalho foi o computador, com um editor de texto bastante primitivo, mas que aposentaria de uma vez por todas as máquinas de escrever. Em seguida, surgiu o sistema operacional Windows, depois os sistemas de transferência de arquivos via telefone e, por último, os sistemas de tradução automática. À medida que iam surgindo essas novas tecnologias, a tradutora procurava obter informações sobre elas, tanto na literatura existente, como conversando com colegas e fazendo cursos.

4.1.3 As ferramentas CAT e sua (in)aplicabilidade à tradução jurídica

Questionada sobre a aplicação em seu trabalho de ferramentas de tradução assistida (*computer-assisted translation*), como memórias de tradução, a tradutora explicou que, quando se iniciou nesse ramo, recebia muitas encomendas de traduções livres, de textos de mecânica, de automobilística e de *marketing*. Nesse ínterim, realizou alguns cursos, como o do *Star Transit*⁵ e do *Wordfast*⁶, sempre com o objetivo de adaptá-los às suas necessidades, principalmente em traduções mais técnicas, que aceitavam algum automatismo. À medida que a entrevistada foi se especializando em textos mais jurídicos (principalmente de documentação), que requeriam decisões muito específicas para cada caso, foi prescindindo do uso dessas ferramentas de tradução.

⁵ *Software* de tradução assistida por computador da empresa Star.

⁶ *Software* de tradução assistida desenvolvido por Yves Champollion <<http://www.wordfast.net>>.

4.1.4 Recursos e ferramentas alternativas para a tradução juramentada

Posto que o trabalho com as CATs não se adaptava bem ao tipo de tradução efetuada pela tradutora, foi necessário, como indicou, buscar algumas alternativas. Uma das principais foi a criação de um banco de modelos em formato texto (Word) para cobrir alguns padrões de documentos que funcionam como subgêneros textuais já convencionados na tradução jurídica, como certidões de nascimento, carteiras de motorista, passaportes etc. Para localizá-los, as ferramentas de busca proporcionadas pelo próprio sistema operacional se mostravam fundamentais, assim como sua atualização constante, à medida que surgiam novas versões que incrementavam a agilidade na busca e utilização desses modelos para as novas traduções.

Atualmente, outra ferramenta muito empregada pela tradutora e que se mostra de excelente adaptação às versões feitas para o espanhol⁷ é o programa *Dragon*, um *software* de reconhecimento de voz que transforma um texto ditado pelo profissional em texto escrito. Trata-se de um programa interessante, pois torna o processo consideravelmente mais rápido, reduz muito a necessidade de digitação e, segundo a entrevistada, requer, ao término dessa etapa, apenas uma revisão do documento.

4.1.5 O uso (im)prescindível das tecnologias

A tradutora também foi questionada sobre a possibilidade de realizar seu trabalho, nos dias atuais, sem os recursos tecnológicos. Ela assinalou que, como procede de uma época em que esses recursos não existiam, pessoalmente não teria problemas em traduzir abrindo mão de tais tecnologias. Entretanto, enfatizou que a qualidade das traduções seria inferior e, além disso, o trabalho exigiria um enorme conhecimento pessoal por parte do tradutor e a massiva mobilização de sua própria memória.

Acrescentou ainda que, hoje, o conhecimento exigido do tradutor é muito menor, uma vez que esse profissional dispõe de muitos recursos que o ajudam em seu trabalho, como o Google. Menciona, a título de exemplo, uma publicação recente da revista *Veja*⁸, na qual se evidencia que, pelo fato de disporem de boa parte da informação necessária na internet, atualmente as pessoas não potencializam o uso da própria memória. Tal fenômeno, de acordo com a tradutora, tem um lado negativo, porque faz com que essas pessoas tenham

⁷ E para algumas outras línguas. No entanto, ainda não possui versão disponível para o português.

⁸ Mais especificamente de julho de 2011: 'Efeito Google' reduz a memória, diz estudo. Disponível em versão resumida em <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/efeito-google-reduz-a-memoria>>

uma memória muito reduzida e simplificada. Esses recursos, pondera, auxiliam o tradutor, mas não o eximem de ter uma formação cultural ampla e abrangente, inclusive porque com essa formação poderá munir-se de critérios para realizar uma escolha consciente do que lhe é conveniente e confiável.

4.1.6 O conhecimento requerido do tradutor para o uso das CATs

Sobre a aptidão dos tradutores para o uso das tecnologias, a entrevistada considera ser absolutamente necessário saber como usar as ferramentas e recursos disponíveis e agrega que qualquer profissional deve procurar estar atualizado, independentemente de sua área de atuação. Indica, igualmente, que é fundamental conhecer as ferramentas e recursos existentes e relacionados com a própria área de atuação, mesmo no caso daqueles menos (ou não) utilizados. Isso seria importante não só para que o tradutor lance mão dessas tecnologias num dado momento, quando preciso, mas também porque, ao possuir esse saber, estará mentalmente mais preparado para as tecnologias que ainda venham a surgir, principalmente aquelas que requeiram esse conhecimento prévio, e poderá estabelecer analogias e adaptar uma nova ferramenta, que dependa das anteriores, a seu trabalho.

4.1.7 A utilização de tecnologias e recursos tecnológicos em seu escritório

A tradutora também foi questionada sobre a aplicação de tecnologias, de uma maneira geral, em seu escritório de tradução. Para ela, existem dois casos distintos. O primeiro deles diria respeito ao trabalho de administração do escritório, registro e controle dos clientes, do fluxo de trabalhos, do faturamento etc. O segundo concerniria ao trabalho de tradução em si. Todavia, uma coisa não deveria ser pensada como alheia à outra.

A entrevistada explica que quando um tradutor começa seu trabalho faz um pouco de tudo: é ao mesmo tempo secretário (atende telefone, prepara correspondência), administrador (cuida da parte fiscal, de contas, dos livros) e tradutor. Quando o fluxo de trabalho aumenta, o profissional precisa pensar na melhor maneira de gerenciar seu tempo. Conforme enfatiza, “trata-se de uma questão de competitividade”. Para que o tradutor atenda bem aos seus clientes, no menor tempo possível e, sobretudo, com máxima qualidade, é indispensável contar com computadores, sistemas de fax, com equipamentos para a gestão; além disso, precisa contar com o aspecto humano, com pessoas de caráter, responsáveis e comprometidas que o auxiliem nessas tarefas. Para a tradução, o profissional requer também equipamentos adequados às suas necessidades.

De seu ponto de vista, outro aspecto importante no que diz respeito ao uso de tecnologias é a necessidade de que o tradutor tenha um site próprio, o que consiste, para ela, numa questão fundamental, pois transmite ao cliente confiança e profissionalismo. Nesse sentido, critica a postura de tradutores que consideram essa uma despesa desnecessária e não compreendem que tal postura é contraproducente, porque faz com que os clientes não tenham uma visão correta desse profissional. O mesmo pode ser dito com relação ao domínio⁹: para a tradutora, os profissionais que possuem um domínio próprio também têm sua imagem profissional favorecida junto ao cliente, o que é diferente de um tradutor que só possua um e-mail como fulano@qualquercoisa.com. É, na sua opinião, uma forma mais adequada de apresentação do tradutor, que transmite confiança e transparência com relação a sua pessoa e ao serviço prestado.

4.1.8 O preparo do tradutor

No que tange à formação profissional, a entrevistada assinalou que acredita ser necessário para o preparo do tradutor participar de congressos, fazer parte de associações, ter colegas e estar em dia com as novidades, inclusive aquelas que não sejam de sua área. De seu ponto de vista, professores, tradutores e profissionais de humanidades em geral, muitas vezes acreditam poder ficar restritos a seu próprio trabalho sem precisar saber nada além do que está mais diretamente relacionado a seu âmbito de atuação. Para a entrevistada, o tradutor e o professor, e todas as pessoas, devem buscar saber um pouco de cada assunto, principalmente no caso de alguém que tenha um escritório, como em seu caso. Não é necessário ser um especialista, aponta, mas estar minimamente informado, porque só assim poderá saber cobrar de um profissional que o atenda – um contador, um técnico em informática, por exemplo – que realize seu trabalho adequadamente, além de estar apto para avaliar o serviço que lhe é oferecido.

Esse conhecimento, esclarece, deve ser adquirido por meio de cursos, da troca de informações, de leitura de *sites* e de revistas, da participação em conferências etc. Todas as informações obtidas, mesmo aquelas extraídas de revistas de grande circulação, são importantes para que o tradutor saiba como orientar determinadas práticas. Considera que seria um grande erro por parte dos profissionais da área de tradução pensar que são apenas tradutores. Hoje, conforme afirma, é necessário conhecer um pouco de informática, um pouco de contabilidade, um pouco de administração, um pouco de *marketing* e, no

⁹ *Domínio* é o nome que serve para localizar e identificar conjuntos de computadores na internet (fonte: Wikipédia). Trata-se da marca própria de alguém/de uma empresa na internet, pela qual os consumidores conseguem conhecê-la e/ou contratar seus serviços.

caso do tradutor, muito de e sobre tradução. Isso importa na medida em que o profissional estará capacitado para escolher, por exemplo, uma pessoa para ajudá-lo no seu próprio *marketing* e implica, necessariamente, “não se fechar para o mundo”.

4.1.9 As ferramentas que seriam úteis

A tradutora também foi indagada sobre ferramentas de tradução que, caso existissem, auxiliariam seu trabalho. Respondeu que o programa *Dragon*, se dispusesse de uma versão para a língua portuguesa, ser-lhe-ia muito útil. Também pensa que um sistema de diagramação ou de OCR (Reconhecimento Ótico de Caracteres) mais prático, rápido e amigável que os atuais poderia contribuir com sua prática.

4.2 Parte II

Para organizar as respostas da entrevistada sobre as tecnologias da tradução que utilizava na época da entrevista, tomamos como referência o quadro de recursos e ferramentas proposto por Alcina (2008: 97), por nós traduzido e adaptado abaixo.

| |
|--|
| <p>I. Os equipamentos de computador do tradutor:</p> <p><u>Sistema operacional:</u> Windows (embora o MAC tenha sido indicado como de melhor qualidade); <u>Programas de computador:</u> destaque para LogMeln; <u>antivírus:</u> sempre atualizado e de melhor qualidade (McAfee, por exemplo); <u>(des)compactadores:</u> WinZip; WinRar (entre outros); <u>escâner e impressora:</u> multifuncionais que concentrem esses recursos numa mesma máquina (HP, por exemplo); <u>armazenamento, envio de documentos e backups:</u> discos virtuais e HDs externos; <u>outros equipamentos:</u> roteadores e equipamentos sem fio.</p> <p>II. As ferramentas de comunicação e documentação:</p> <p><u>Bases de dados terminológicas:</u> as disponíveis na Web; <u>enciclopédias:</u> enciclopédias jurídicas de maneira geral, preferentemente as <i>online</i>. A Enciclopédia Jurídica Soleiman e a Enciclopédia Jurídica de Plácido e Silva também foram citadas; <u>grupos de pesquisa:</u> Grupo de Tradutores Juramentados Espanhol-Português e o Grupo dos Tradutores Juramentados da Espanha.</p> <p>III. Editores de texto e <i>desktop publishing</i>:</p> <p><u>Processadores de texto:</u> Word. Para edição de páginas HTML, também o <u>recurso</u> oferecido pelo Word. O formato utilizado, em geral, é o mesmo utilizado ou o solicitado pelo cliente.</p> <p>IV. Ferramentas de linguagem e recursos:</p> <p><u>Dicionários eletrônicos:</u> <i>Diccionario Panhispánico de Dudas</i>, <i>Libro de Estilo de El País</i>, <i>Diccionario de la RAE</i>, <i>Clave</i>, <i>Dicionários Aulete digital e Aurélio</i>, para o português, entre outros disponíveis <i>online</i>.</p> <p>V. Ferramentas de tradução:</p> <p><u>Programas de tradução assistida:</u> OmegaT (utilizado poucas vezes); <u>bases terminológicas:</u> Glossário próprio; <u>outros recursos:</u> Dragon.</p> |
|--|

5 Discussão dos temas da entrevista

Muitos aspectos interessantes do trabalho do tradutor jurídico/juramentado podem ser discutidos a partir da entrevista concedida pela tradutora María del Pilar Sacristán Martín. Como seria de esperar, as tecnologias da tradução estão presentes no trabalho desta profissional praticamente desde o início de sua prática e continuam sendo a ela incorporadas, conforme novas ferramentas e recursos chegam ao seu conhecimento, após comprovada sua eficácia para o tipo de trabalho que realiza.

No que se refere às ferramentas de tradução assistida, comprovou-se a nossa hipótese de que, dadas as características de alguns tipos de linguagem especializada, como a jurídica, nem sempre vale a pena para o tradutor lançar mão de toda a tecnologia existente e disponível. Para a tradução jurídica, embora seja clara a existência de padronização em boa parte dos textos pertencentes ao campo, o grau de individualidade e cuidado em cada caso fará com que determinadas tecnologias que favoreçam trabalhos com considerável grau de automatismo, como as ferramentas CAT, não venham a ser aplicadas. Isso se torna ainda mais patente quando, no caso de traduções juramentadas, se apresentam documentos extremamente sigilosos e que envolvem interesses muito particulares (como uma sentença de divórcio litigioso), afetivos (como um termo de guarda de filhos) ou financeiros (como uma proposta de negócio ou uma procuração *ad judicium*).

Outro aspecto que desfavorece o uso de programas de tradução assistida nas traduções juramentadas é que a maior parte do trabalho recebido pelo tradutor é entregue pelo cliente em suporte físico, mais especificamente em papel, devido à exigência de sua formalização nesse suporte e das correspondentes legalizações. Isso torna pouco interessante, quando não inviabiliza, o emprego de tecnologias da tradução que requereriam a passagem de todo o material a ser traduzido para um suporte eletrônico. O tempo utilizado para escanear os documentos e corrigir as falhas de digitalização (que acontecem mesmo com um escâner avançado) tornaria o processo muito mais moroso.

Mas a pouca utilidade que algumas ferramentas e recursos têm para o tradutor jurídico/juramentado não se estende às tecnologias da tradução em geral: outras permitem atuar de forma mais eficiente em termos de velocidade e qualidade, como é o caso dos “modelos” de documentos criados pela tradutora entrevistada e do programa *Dragon*, que utiliza.

Os “modelos” de textos funcionam para ela como uma espécie de memória de tradução: após a primeira tradução de um dado documento, este é salvo e denominado de forma a facilitar sua futura localização para que, quando necessário, possa ser rapidamente acessado e utilizado como base para novos trabalhos. Esse modelo permite poupar um tempo precioso que seria gasto

com a redigitação integral de um texto (ou parte dele) bastante próximo a outro já traduzido.

No caso do programa de reconhecimento de voz usado durante a tradução, ele apresenta a enorme vantagem de permitir maior concentração de esforços na etapa de revisão e controle da qualidade do produto final¹⁰. O *Dragon*, no entanto, traz duas desvantagens, de nosso ponto de vista. A primeira, apontada também pela entrevistada, é a não existência de uma versão para a língua portuguesa até o momento. A segunda diz respeito à necessidade de que o tradutor conheça bem o gênero a ser traduzido ou que, antes de realizar a tradução, faça uma análise e pesquisa da terminologia a ser utilizada. Sem suficiente familiaridade com o gênero ou, alternativamente, uma boa preparação prévia da terminologia a ser utilizada, o tradutor terá que fazer muitas pausas durante o trabalho de tradução à primeira vista, o que pode anular a vantagem de não ter que digitar ele mesmo o texto.

A importância de conhecer outras tecnologias será evidente quando formos chamados a opinar sobre o seu uso, sua eficácia e sobre as melhorias que possam ser nelas realizadas. Será necessário conhecer antes o seu funcionamento, como bem destacou a entrevistada, e precisaremos estabelecer relações entre o que nos é oferecido e logo pensar no que poderia ser criado ou melhorado para nos auxiliar em nossa prática enquanto tradutores.

Acreditamos que o conhecimento das tecnologias não deveria fazer do tradutor um refém ou dependente delas. Sua disponibilidade deveria produzir nesse profissional exatamente o efeito contrário, ou seja, levá-lo a se aprimorar nos conhecimentos específicos de sua área, a familiarizar-se mesmo com recursos e ferramentas não usados exaustivamente em seu cotidiano, e também a enveredar por outros caminhos que não os da tradução jurídica.

No que diz respeito às ferramentas e recursos, com base na proposta de classificação de tecnologias de Alcina (2008), destacaremos, para cada um dos itens indicados pela tradutora María del Pilar, apenas aqueles que, a nosso ver, merecem comentários mais específicos.

Para os *equipamentos do tradutor*, foi destacado o uso do sistema operacional Windows e a escolha desse sistema foi justificada por seu fácil manejo e compatibilidade com o sistema utilizado pela maior parte dos clien-

¹⁰ A etapa de revisão cuidadosa é fundamental porque, como toda tecnologia, o programa de reconhecimento de voz também apresenta falhas. Um exemplo dado pela entrevistada de como nem sempre o *Dragon* reconhece o que se diz foi o da palavra “simultaneamente” em espanhol, interpretada pelo programa, em certa ocasião, como “Simón Tania mente”.

tes da tradutora. Além disso, ela assinalou que a migração para um sistema diferente exigiria o treinamento de sua equipe, o que pressuporia não apenas um custo adicional, mas também um considerável tempo despendido. Esses aspectos, contudo, não fizeram com que a tradutora deixasse de destacar que, no que tange à qualidade operacional e à segurança, não considera esse o sistema melhor ou mais indicado.

No caso das *ferramentas de comunicação e documentação*, merece destaque a participação em grupos e fóruns de tradutores. Segundo a tradutora, esses grupos são muito úteis quando tratam temas relativos à terminologia nova, pois ajudam os tradutores na solução de problemas comuns a grande parte dos profissionais.

No terceiro item, *editores de texto* e desktop publishing, poderíamos enfatizar a não utilização de *software* de tradução de páginas web, posto que esse tipo de trabalho não se enquadra nas atuais demandas de mercado da tradutora. Por outro lado, a disponibilidade em adotar, de acordo com a necessidade do cliente, o mesmo formato enviado ou aquele por ele solicitado mostra flexibilidade e atenção por parte da profissional.

Os dois últimos itens, referentes às *ferramentas linguísticas e de tradução*, foram aqui agrupados por acreditarmos não existir uma linha nítida e definitiva que separe as ferramentas de língua e as de tradução das quais faz uso o tradutor. Salientamos, principalmente, o glossário construído pela tradutora que constitui o trabalho de toda uma carreira e que engloba a terminologia de áreas muito diversas, desde medicina e educação a indústria têxtil e direito. Esse glossário concentra numa mesma ferramenta o resultado das soluções tradutórias (definitivas ou não) encontradas para os problemas enfrentados ao longo de seus vários anos de prática profissional. Além disso, tem a vantagem de ser uma ferramenta aberta a atualizações feitas pela própria tradutora, podendo ser modificado e ampliado quando se julgue necessário, e também lhe permite o acesso *online*. Destacamos igualmente o emprego de programas como *Dragon*, que vem se mostrando de grande eficácia em seu trabalho.

6. Considerações finais

O levantamento de informações e a discussão de caso traçada neste texto sugerem que atualmente o tradutor se vê cada vez mais impelido, independentemente de sua especialidade, a desenvolver conhecimentos tecnológicos, informáticos e de documentação adequados à sua função. Esse conhecimento é sem dúvida desejável para o profissional que pretenda realizar seu trabalho com prazos competitivos e bom controle de qualidade, adequando-se às demandas de mercado e condições de trabalho atuais.

Embora possa haver profissionais que não façam uso de tecnologias da tradução por desconhecer sua amplitude e possibilidades, é importante levar em conta também aqueles cujo trabalho efetivamente não se veria beneficiado, pelo menos não o bastante, por muitos dos recursos e ferramentas disponíveis, como parece ser o caso dos tradutores jurídicos e, talvez principalmente, dos juramentados.

Dadas as especificidades do trabalho com esse tipo de tradução, o profissional deve abordar cada situação de forma bastante individualizada, já que cada caso terá uma finalidade que deverá ser muito bem observada, antes de que qualquer decisão seja tomada, com relação às técnicas e aos métodos de tradução empregados.

Se, por um lado, esse individualismo pareceria ir na contramão de um mercado em que cada vez se torna mais frequente a execução de projetos de tradução em equipes de vários tradutores, envolvendo diversas línguas, por outro lado, abre a possibilidade de refletir sobre as vantagens de o tradutor se tornar mais independente, consciente e criterioso, compreendendo que a tecnologia está a seu serviço, mas não em seu lugar pois, de fato, ela não substitui o profissional no seu *quehacer*. O tradutor continua tendo o protagonismo, devendo estar preparado para saber lidar com o que lhe proporciona as novas ferramentas e recursos disponíveis, observar seus pontos positivos, os negativos e inclusive criar alternativas quando o que existe não lhe favoreça.

De acordo com Valderrey¹¹ (apud GALÁN MAÑAS, 2007: 31), “*el traductor debe tener la habilidad para compensar los vacíos existentes con respecto al saber de la comunidad especializada, convirtiéndose así en un gestor competente de la información documental y terminológica propia del campo jurídico*”. Assim, será fundamental que o tradutor dessa especialidade esteja apto não só a realizar determinadas pesquisas, para solucionar um problema tradutório, mas para saber lançar mão dos recursos disponíveis e “*todo ello guarda una estrecha relación con el mundo de la informática y los nuevos recursos de documentación que aparecen casi cada día*” (VALERO GARCÉS; TERCEDOR SÁNCHEZ, 2003: 42).

Certamente o grau de conhecimento de tecnologias da tradução pelo tradutor jurídico requereria muito menos aprofundamento se o compararmos, por exemplo, com o daqueles que trabalham no campo da localização¹². Por

¹¹ VALDERREY REÑONES, Cristina. *Análisis descriptivo de la traducción jurídica (francés-español)*: aportes para una mayor sistematización de su enseñanza. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2004, p. 393.

¹² Para um melhor entendimento do processo de localização, veja o artigo de Oscar Diaz Fouces, “Alguns elementos para uma didática da tradução de conteúdos para a internet”, nesta edição da revista *abehache*.

outro lado, esse profissional não parece estar isento da responsabilidade de conhecer o suficiente para poder tomar decisões acertadas sobre quando compensa ou não usar as diversas tecnologias disponíveis, de acordo com diferentes situações.

Vale ainda lembrar, por fim, a importância do fator humano, que a tecnologia não supre, como aponta Pym (2007: 2), em seu questionamento sobre como o tradutor pode atuar hoje com algum humanismo, sem que isso pressuponha negar as tecnologias, “*part of the answer must come from training people how to work with the technologies, without throwing out the communication and the ethics*”. Talvez a outra parte da resposta esteja no não encerramento do tradutor em seu próprio fazer, mas em sua abertura a conhecimentos variados. Sem perder isso de vista, o tradutor jurídico também pode se beneficiar significativamente integrando aos conhecimentos especializados da área os conhecimentos tecnológicos.

Referências bibliográficas

ALCINA, Amparo. Translation Technologies Scope, Tools and Resources. *Target: International Journal on Translation Studies*, n. 20 (1), p. 79-102, 2008. Disponível em: <<http://www.benjamins.com/jbp/series/Target/20-1/art/05alc.pdf>>. Acesso em ago. 2011.

BORJA ALBI, Anabel. La enseñanza de la traducción jurídica y las nuevas tecnologías. *Discursos. Estudos de tradução*, n. 2, p. 37-48, 2002. Disponível em: <<http://www.gentt.uji.es/Publicacions/BorjaDiscursosLisboa%5B1%5D.pdf>>. Acesso em ago. 2011.

GALÁN MAÑAS, Anabel. La enseñanza por competencias, por tareas y por objetivos de aprendizaje: el caso de la traducción jurídica portugués-español. *Íkala Revista de Lenguaje y Cultura*, v. 12, n. 18, p. 27-57, 2007. Disponível em: <<http://quimbaya.udea.edu.co/ikala/images/PDFs/Vol.%2012%20articulo%202.pdf>>. Acesso em ago. 2011.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología*. Madrid: Cátedra, 2001.

PYM, Anthony. Translation technology and training for intercultural dialogue: What to do when your translation memory won't talk with you. In: ECOLOTRAIN WORKSHOP, 2007, Ljubljana. Disponível em <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/training/2007_tm_talk_to_me.pdf> Acesso em ago. 2011.

VALERO GARCÉS, Carmen; TERCEDOR SÁNCHEZ, Maribel. El traductor informatizado ¿Una nueva profesión o una necesidad? *Hieronymus Complutensis*, n. 9-10, p. 41-52, 2003. Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/lengua/hieronymus/default.html>>. Acesso em ago. 2011.



Resenhas

DÍAZ FOUCES, Oscar (Ed.). *Olhares & Miradas: reflexiones sobre la traducción portugués-español y su didáctica*. Granada: Editorial Atrio, 2012.

Paulo Antonio Pinheiro Correa¹

Que saberes são necessários na formação de professores de espanhol no Brasil? Que temas devem ser contemplados ao longo do curso de Licenciatura/bacharelado em Letras, tendo em conta a especificidade do Brasil e sua relação com o mundo hispânico? Mesmo sem a intenção de ser um livro dirigido à formação de professores de língua, e sim, de tradutores, *Olhares & Miradas* se insere nessa discussão, tão contemporânea, num momento em que os saberes ligados à tradução e seu ensino mostram sua importância e ganham uma crescente visibilidade nos cursos de Letras no Brasil.

Com seu provocador e híbrido título, o livro se dedica especificamente à tradução português-espanhol e abarca diversos âmbitos dessa atividade nesse par lingüístico que costuma ser pouco valorizado nos estudos tradutórios, como comenta o próprio Días Fouces. O livro apresenta diferentes objetivos: trata dos saberes envolvidos na formação de tradutores; discute os dicionários de tradução, a tradumática e a análise contrastiva aplicada à tradução; e ainda trata da didática da interpretação, da tradução audiovisual e da tradução literária.

Ainda que não seja um livro necessariamente destinado aos cursos de formação de professores, o volume oferece um exemplar e atualizado recorte do que se faz atualmente (sem deixar de mostrar as inúmeras pesquisas que podem ser feitas) em uma área pouco conhecida e que durante muito tempo teve que brigar por sua legitimidade. Desta maneira, devido ao seu viés pedagógico, oferece temas de leitura imprescindíveis na formação ampla de bacha-

¹ Professor Adjunto de Língua Espanhola da Universidade Federal Fluminense.

réis e licenciados em Letras Português-Espanhol, além de atender perfeitamente ao público de formação mais especializada como é o da formação de tradutores.

Professor da Universidade de Vigo, Galícia, região privilegiada para se observar a dinâmica lingüística desses dois mundos, o do português e o do espanhol – já que nessa região se entrecruzam questões sociais, políticas e culturais provenientes desses dois universos lingüísticos –, Díaz Fouces tem se dedicado a pesquisar e difundir a importância do estudo da tradução no contexto dessas duas línguas. O discurso da suposta proximidade entre elas, que tão bem conhecemos no Brasil, se repete nas relações Portugal-Espanha e vice-versa, como observa o autor em outros trabalhos, o que, conforme relata, faz com que a tradução voltada a esse par lingüístico não tenha a atenção que outras línguas menos aparentadas tipologicamente recebem.

O volume, de 172 páginas, apresenta oito capítulos que seguem à introdução e os autores provêm de diferentes universidades de diversos países: Universidad de Vigo, Universidad de Salamanca e Universidad de Extremadura (Espanha); Universidade de São Paulo e Universidade de Brasília (Brasil) e Universidade do Minho (Portugal).

O livro começa com dois generosos aportes onde dois professores, entre outras coisas, relatam as suas práticas de sala de aula e com isso expõem as suas concepções sobre programas e conteúdos de disciplinas de tradução. No primeiro, em um extenso artigo, Cintrão (USP) localiza o ensino de tradução no contexto brasileiro, mapeia os centros onde existe esse curso, fala do lugar que a tradução ocupa na Universidade de São Paulo e apresenta, de maneira criteriosa e com riqueza de informações, os programas e a bibliografia das disciplinas de tradução oferecidas no curso de Letras Português-Espanhol. A autora discute a bibliografia e justifica suas escolhas em um claro gesto de intervenção na discussão sobre os saberes legítimos envolvidos nessa formação.

No segundo, Montero Domínguez (Universidad de Vigo), discute a sua experiência na docência de uma cadeira de interpretação dentro do âmbito português-espanhol. O autor nota que se a literatura científica pertinente à tradução sobre esse par lingüístico é “praticamente inexistente”, aquela sobre a sua didática é ainda mais difícil de encontrar. Com este propósito, o autor, a exemplo de Cintrão, apresenta o contexto em que a disciplina se insere, a metodologia e o conteúdo. No que se refere ao contexto, informa que o par lingüístico em questão tem uma das maiores demandas de interpretação e tradução na Galícia e conta com poucos profissionais especializados, a diferença de outros pares lingüísticos, como Inglês/Francês–Espanhol. Também discute o que chamou de “interferências” do Galego na formação dos alunos. No que se refere à metodologia e aos conteúdos, apresenta a indicação dos textos que utiliza em seu curso eminentemente prático, bem como uma minuciosa descri-

ção da forma de proceder com vistas a informar sobre o que fazem os profissionais que se dedicam à docência na área.

O terceiro artigo, de Lerma Sanchís (Universidade do Minho) é sobre análise da legendagem de filmes espanhóis em Portugal. A autora apresenta, de maneira breve, o perfil de um curso dado sobre tradução audiovisual, levando em conta a especificidade desse tipo de tradução e discute a análise realizada, em sala de aula, da legendagem portuguesa do filme *Todo sobre Mi Madre*, de Pedro Almodóvar. Dentre as possibilidades de trabalho, a autora se concentra na análise do registro, observando as variáveis *campo*, *modo* e *teor*. Chega à conclusão de que, na variável *campo*, o texto traduzido mantém-se fiel aos termos coloquiais ou vulgares do texto original. Na análise do *modo*, coteja omissões da legendagem com o fato de a informação ser veiculada também pelo canal sonoro, o que faz com que tais omissões sejam compensadas e se chegue a uma equivalência. No que diz respeito ao *teor*, noção fortemente ligada à pragmática intercultural, a autora conclui que a legenda, ao mesmo tempo em que respeita as normas vigentes da cultura receptora, observa as nuances de proximidade/distância enunciativa entre os interlocutores nos momentos adequados, oferecendo um claro exemplo de análise da legendagem.

No quarto trabalho, Hernández (Universidad de Salamanca) discute a prática tradutória na especificidade dos textos pós-coloniais plurilíngües, dada a sua riqueza criativa e léxica e sua subversão em relação à norma monolíngue da língua de chegada, com a preocupação de que nesse caminho não se percam importantes traços que caracterizam a hibridização da escrita pós-colonial. Contra uma possível prática tradutória assimilacionista e homogeneizante, a autora defende o uso de modelos teóricos que se centrem no plurilinguismo original e traz a discussão para as literaturas pós-coloniais de língua portuguesa. Discute e coteja propostas, problematiza marcas de hibridização em textos pós-coloniais e termina analisando exemplos de uma tradução acorde com a discussão apresentada.

Calvo Capilla (Universidade de Brasília), no quinto artigo, mostra sua preocupação com as interferências no par lingüístico em questão, caracterizado por envolver línguas tipologicamente próximas, e defende duas noções: a conscientização e o contraste como “as melhores armas” para enfrentar questões lingüísticas que, a exemplo de Montero Domínguez, chama de “interferências”. A autora salienta que a prática tradutora é um procedimento que, além de desenvolver a competência tradutora, desenvolve o domínio de língua estrangeira dos alunos. Ela baseia sua ideia de *contraste* nos desdobramentos recentes da versão fraca da Análise Contrastiva, originalmente proposta por Lado (1957) e defende o foco na forma, com reflexão metalingüística como uma maneira de despertar nos alunos a *conscientização* das diferenças apagadas pela semelhança entre as línguas em jogo.

Díaz Fouces (Universidad de Vigo), no sexto artigo do livro, procura mostrar que o par linguístico Português-Espanhol para os estudos de tradução não é uma “combinação fraquinha” – nem linguística, nem socialmente –, opinião que relata ter escutado de outros colegas e que afirma não ser estranha entre os estudantes. Mostra, por meio de reflexões sobre o fazer tradutório e sobre a formação de tradutores, que a proximidade tipológica não garante a habilidade automática em traduzir, mas, ao contrário, com uma metodologia adequada, a proximidade entre L1 e a LE permite otimizar a aprendizagem. Isso pode levar à formação de um tradutor de perfil mais rico que o de outras línguas, uma vez que, ao não precisar despender atenção e tempo a questões facilmente superáveis, pode se dedicar a questões mais específicas. Além disso, o autor cita o valor econômico desse par de línguas, a crescente importância dos países envolvidos e analisa os fluxos comerciais entre a Espanha e os países lusófonos, para mostrar que há um grande mercado potencial para serviços de tradução, em vários âmbitos, que vão da tradução juramentada à comercial e literária.

No sétimo artigo, Iriarte Sanromán (Universidade do Minho) constrói sua argumentação em torno da necessidade de elaborar dicionários que tenham em conta as combinações lexicais, entre as quais se encontram as *colocações*, as *sequências memorizadas*, as *estruturas de frases lexicalizadas* entre outras coocorrências lexicais não livres. Como observa o autor, essas combinações estão situadas além do domínio da palavra e antes do domínio do texto e compõem unidades que são semanticamente especializadas, sancionadas pelo uso e frequentemente empregadas. O autor ainda problematiza a identificação dessas unidades e a forma como poderiam ser recolhidas em um dicionário.

No último artigo do volume, García Benito (Universidad de Extremadura) narra a experiência de desenvolver um *software* de tradução automática de espanhol para o português europeu. Trata-se de um projeto conjunto entre o Grupo Editorial Zeta, de Barcelona, e a Universidad de Extremadura, de desenvolvimento de um tradutor automático que permita a essa empresa editar o jornal *El Periódico de Extremadura* em espanhol e em português quase ao mesmo tempo. Contam com o aporte da experiência em tradumática que essa empresa já tem na Catalunha, que lhe permite editar atualmente o jornal *El periódico de Catalunya* em espanhol e catalão com diferença máxima de apenas meia hora entre as duas edições. A autora descreve os procedimentos, problemas e soluções desenvolvidos no processo de elaboração do *software*, fase em que ainda se encontra o trabalho de sua equipe.

Ao final da leitura do livro pode-se perceber, ao longo da maioria dos artigos, um interesse didático e formador, o que dá ao volume uma forte noção de conjunto, mesmo diante de um escopo tão amplo de interesses. Se o objetivo do livro era esse, o de intervir em um campo pouco explorado, como são todos os meandros da tradução em um par linguístico do qual se tem poucos

estudos, então a iniciativa tem êxito. O conjunto de textos/olhares apresentados consegue mostrar a vitalidade e a seriedade desse campo de estudos e ainda serve de convite a jovens pesquisadores, tanto de tradução quanto de Língua Espanhola, ao fazer enxergar um mundo de possibilidades a ser desvendadas no interstício compreendido pelos universos culturais de fala portuguesa e espanhola.

**GIARDINELLI, Mempo. *Voltar a ler: propostas para ser uma nação de leitores.*
Víctor Barrionuevo (Trad.) São Paulo:
Companhia Editora Nacional, 2010**

Flavia Krauss ¹

Este é um livro que materializa um grande desejo de desestabilizar o caráter elitizante que reveste a leitura ainda hoje em nossa sociedade. É uma obra que, ao divulgar os resultados de uma prática, primeiramente desenvolvida em experiências pessoais, vai se estendendo aos poucos e tentando estabelecer (muito mais por conhecimento de uma causa concreta que por ginásticas conceituais) uma teoria sobre a formação de leitores: todas as conclusões às quais se chega neste livro partem de uma experiência palpável e não de malabarismos filosóficos.

Giardinelli se deixa entrever através de sua escritura em uma posição muito próxima à figura do intelectual orgânico desenhada por Gramsci, já que não fala desde uma casta separada do restante da sociedade, mas, sim, desde seu interior, entrelaçando-se às suas vicissitudes e assumindo seu papel como o resultado da interpenetração entre conhecimento científico, filosofia e ação política. *Voltar a ler...* é um livro que, consciente das condições de produção de seu tempo (tanto no âmbito econômico quanto no terreno do simbólico e do cultural), alinhava estrutura e superestrutura na construção de propostas para nos tornarmos uma nação de leitores. Usamos aqui uma primeira pessoa do plural (nos tornarmos uma nação de leitores) por acreditarmos que, ainda que o livro tenha sido escrito na Argentina, suas constatações e propostas descrevem com precisão e se ajustam com poesia a nossos Brasis.

Vivendo em Resistência (no Chaco argentino), o autor sabe que a leitura é uma forma imprescindível de resistência e consegue contagiar aos que estão

¹ Professora de Língua Espanhola e Estágio Supervisionado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana na Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Tangará da Serra e doutoranda do Programa de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo.

à sua volta em prol da causa por ele defendida: “na fundação que presido (...) temos um voluntariado ativo de mais de 3 mil ‘avós contadoras de contos’, que todas as semanas visitam escolas em mais de setenta cidades do país, levando leituras a dezenas de milhares de crianças. Uma tarefa que, sustentada há já dez anos, vem dando frutos notáveis” (p. 10).

Sabendo que o conhecimento acadêmico não é o suficiente para mudarmos a relação de nossa sociedade com a leitura, a obra não se propõe somente a uma análise cognitiva ou sociológica dos motivos pelos quais não se é uma nação de leitores. Este é um livro de um autor que se coloca muito mais como uma figura que consegue mobilizar e movimentar os que estão ao seu redor, do que como um teórico tradicional a serviço do *status quo*, conforme ele mesmo afirma já na introdução (p.15): “As reflexões contidas neste livro são resultado de mais de vinte anos de trabalho e da consciência da importância e necessidade de uma política de leitura que a Argentina – como tantos outros países – necessita”. Entretanto, é de suma importância destacarmos que esse engajamento não escorrega em nenhum momento na prática irreflexiva, já que, o livro aqui em pauta trata justamente de uma reelaboração teórica de tudo o que o autor vem desenvolvendo nestas últimas duas décadas, oferecendo força à interpretação de que estas são palavras que se propõem a interferir na realidade circundante. Inclusive, no prólogo à versão brasileira, o autor nos aponta o caráter hegemônico alcançado por suas propostas: alguns dos planos de ação elencados na obra em questão já são adotados como políticas de Estado em seu país.

Ao fazer um resgate histórico sobre a importância da leitura, em um percurso diacrônico, localiza em Cervantes, ainda no princípio da modernidade, o movimento fundador da percepção do poder da leitura, já que foi o pioneiro a exortar que “ler abre os olhos” (p. 22). Desde então, a leitura seria uma prática, senão intrínseca, ao menos desejável na constituição de subjetividades e, posteriormente, no conceito de nação, categoria que reverbera no próprio título da obra aqui resenhada. Nesta linha de raciocínio, acaba por argumentar que a própria construção da tão mentada democracia dependeria de uma política de leitura séria e persistente (p. 154).

Em um tom que se assemelha ao da conversa (o que nos faz estabelecer certo paralelismo com sua defesa da leitura em voz alta como uma das principais práticas de estímulo à leitura), defende uma política leitora que seja levada a cabo por diferentes agentes (mães, pais, bibliotecárias, professores e voluntários), mas sem sua desescolarização: “a leitura deve voltar ao terreno do curricular, com tempo e espaço específicos e pautados dentro do horário escolar” (p.95), já que a entrada de diversos objetos de ensino nesse âmbito acabou, como bem sabemos, por obliterar o papel da leitura na escolarização das novas gerações. Para reescolarizar a leitura, deveríamos também “conseguir que

as estratégias sejam sustentáveis com o passar do tempo” (p. 223). Para tanto, observa “são necessárias decisão, constância e paciência” (id.). Por ser a leitura, conforme também se evidencia neste livro, um tema de tamanha importância em nossa sociedade, acreditamos que estas letras giardinellianas, cheias de paixão e mobilização, sejam de conhecimento indispensável, sobretudo em tempos de indecisão, inconstância e, como diz Coracini em *A Celebração do Outro* (Campinas: Mercado de Letras, 2007), de crise do desejo.

Ao percorrermos as 228 páginas desta obra com tradução de Víctor Barriounuevo, somos interpelados pelo convite não explicitamente formulado (pois não é verdade que o mais importante se diz entre uma linha e outra?), mas sugerido na totalidade da obra: o de nos tornarmos operários para a constante construção de uma espécie de paraíso terrenal pensado como uma biblioteca (não era assim que Borges o idealizava?), mas com a convicção certa de que, se não for para todos, não será para ninguém.

**HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología.*
Madrid: Cátedra, 2001. 695p.
(ISBN: 84-376-1941-6)**

Leila Cristina de Melo Darin¹

Publicar hoje uma resenha do livro *Traducción y Traductología*, lançado em 2001, se justifica em função da grande contribuição que a obra representa para a área de conhecimento à qual se vincula. O livro (ainda sem tradução no Brasil) surpreende pela abrangência e riqueza de informações que o tornam uma referência indiscutível para estudantes, professores, pesquisadores, profissionais e intelectuais que desejam conhecer os conceitos fundantes da disciplina, ampliar a percepção sobre o fenômeno tradutório ou aprofundar seus conhecimentos a respeito dos vários enfoques teóricos que abordam o produto, o processo e a função da tradução. Sua extensa bibliografia inclui não só títulos consagrados no Brasil, como também inúmeras outras referências de origem hispânica que convidam à leitura e introduzem novos ângulos de análise, intensificando o debate multidisciplinar. Exemplo disso são as contribuições de estudiosos como Santoyo, Rabadán, Mayoral, García Toro, Mateo e Vidal Claramonte.

O título da obra traduz uma das grandes preocupações da contemporaneidade: o diálogo entre a teoria e a prática; o termo *Traductología*, adotado na Espanha, corresponde, nos meios científicos e acadêmicos brasileiros, a Estudos da Tradução.

Como pesquisadora e docente de tradução da Universidade Autônoma de Barcelona, a autora tem, em sua prática pedagógica, a fonte que lhe inspira inúmeras indagações e que a impulsiona a sistematizar o conhecimento de maneira clara e didática. O ensino parece ser, de fato, a chama que a instiga a investigar e a propor questões para o grupo PACTE (Processos de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação) do qual é a principal pesquisadora. Assim,

¹ Doutora. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. ldarin@uol.com.br

Traducción y Traductología é fruto do profícuo relacionamento entre ensino e pesquisa e ilustra a articulada produtividade entre aplicado, descrito e teorizado. Nesse sentido, é coerente com a visão da autora, que defende veementemente a integração dos diversos componentes da disciplina que Holmes (1972) nomeou e mapeou como *Translation Studies*.

Com o objetivo de apresentar “los conceptos básicos que explican la traducción y que configuran la Traductología” (Introdução), Hurtado Albir organiza os oito capítulos que constituem a obra em três blocos. O primeiro aborda o conceito de tradução a partir da definição da própria autora e sugere diferentes formas de classificação; o segundo bloco discorre sobre o trajeto histórico das reflexões sobre tradução, discute a caracterização da *Traductologia* como disciplina e apresenta as noções básicas que norteiam o debate teórico. A ênfase do último bloco, que representa 50% do total do livro, encontra-se na integração dos enfoques que, segundo a pesquisadora, dão sustentação ao conceito de tradução como operação textual, ato comunicativo e atividade cognitiva. Ao término de cada capítulo há um resumo prático e didático das ideias centrais apresentadas. E, ao final do livro, encontramos um glossário dos termos técnicos mencionados ao longo do texto o qual, sem dúvida, é uma excelente fonte de consulta para estudantes que desenvolvem monografias e outras pesquisas de natureza acadêmica.

A estrutura em blocos e capítulos favorece o estudo de temas específicos; porém, tal recurso, que poderia sugerir fragmentação ou disjunção, não compromete absolutamente a organicidade da obra, uma vez que as partes se articulam de forma dinâmica e “espiralada”: as ideias esboçadas nos capítulos iniciais são retrabalhadas mais adiante e ganham maior densidade ao serem relacionadas a outros conceitos. Fio condutor de todo argumento, a noção de tradução que a autora defende no primeiro bloco é retomada e adensada no terceiro, no qual são abordados em detalhe os princípios a ela subjacentes e as concepções que a fundamentam; o segundo bloco, por sua vez, pavimenta a visão integradora da tradução, na medida em que sintetiza o percurso histórico das reflexões teóricas, até chegar à classificação de James Holmes (1972), cujo modelo, enfatiza a pesquisadora, se rege pela reciprocidade e dinamicidade, e não pela hierarquia e compartimentalização (p. 141).

Embora o livro seja útil para consulta de tópicos relativos à tradução, é a leitura de seu conjunto que nos permite compreender que Hurtado Albir não oferece apenas uma compilação ou uma síntese, mas propõe, em todos os aspectos tratados, sua própria perspectiva, com base em critérios coerentes com a visão de tradução “como un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada” (p 41). Ao enfatizar os aspectos comunicativos e interpretativos, essa definição solicita da tradução

que responda às seguintes questões viscerais: “por quê?”, “para quê?” e “para quem se traduz?”.

Como fenômeno de natureza essencialmente interpretativa, cujas raízes se encontram no solo fértil de (pelo menos) duas línguas-culturas que clamam por contato e diálogo, a tradução se define como operação intertextual, um saber-fazer que requer conhecimentos de ordem operacional e procedimental. Aí está, possivelmente, a grande contribuição da teorização de Hurtado Albir: acoplar à percepção de tradução como ato comunicativo e textual o processo cognitivo pelo qual o sujeito-tradutor passa quando compreende e recria sentidos. Os processos mentais, enfatizados e devidamente descritos no Modelo da Competência Tradutória, são, portanto, parte inerente do esforço interpretativo gerador de linguagem que confere ao tradutor a especificidade (e a riqueza) de seu ofício.

Inserido no ramo Descritivo do mapa de Holmes, e com uma clara vocação didática, o conceito de Competência Tradutória disponibiliza à pesquisa aplicada dados cruciais para o exame das diferentes etapas que constituem o trajeto da profissionalização, do aprendiz ao tradutor experiente. Desde a publicação de *Traducción y Tradutología*, o PACTE – por meio da metodologia empírico-experimental, auxiliada por ferramentas cada vez mais sofisticadas, projetadas para registrar e acompanhar os movimentos do tradutor – tem chegado a constatações significativas sobre a forma como tradutores dispõem de recursos internos e externos ao traduzir. Ainda que o foco de Hurtado Albir não seja o ramo Teórico dos Estudos da Tradução, acredito que seu texto é uma declaração eloquente sobre a importância da reflexão teórica e de sua articulação com os demais ramos.

Ao oferecer um panorama bastante completo de seu objeto de pesquisa, Hurtado Albir põe ao alcance dos leitores uma obra que – tal como um leque espanhol – quando se abre, deixa entrever múltiplas figuras, os muitos perfis que conferem identidade ao tradutor em sua busca incansável por recontar, recontextualizar, ressignificar o outro.

ENCINAS, Elisa Calvo; ARANDA, María Mercedes Enríquez; CARRA, Nieves Jiménez et al. (Ed.). *La traductología actual: nuevas vías de investigación en la disciplina*. Granada: Editorial Comares, 2011. 166p. (ISBN 9788498368628)

Érika Nogueira de Andrade Stupiello¹

A prática e o ensino de Tradução têm experimentado mudanças, resultantes especialmente das novas tecnologias de comunicação disponibilizadas nas últimas duas décadas. O livro *La traductología actual: nuevas vías de investigación en la disciplina* reúne trabalhos de pesquisadores da área de Tradução, reunidos por seis professoras de universidades da Andaluzia. Dividido em três seções, o livro orienta-se pelo propósito de apresentar alguns dos novos rumos das investigações nas áreas de ensino e tecnologias de tradução, localização e tradução literária.

O primeiro capítulo, “Nuevas herramientas metodológicas basadas en Web 2.0 para la enseñanza de la Traducción en el marco del EEES. El caso concreto de las WebQuests”, defende a necessidade de renovação dos currículos dos cursos superiores espanhóis de Tradução e Interpretação para incorporar o ensino de tecnologias de informação e comunicação exigidas pelo mercado de trabalho atual. Com esse fim, as autoras apresentam um projeto piloto em que analisaram *blogs*, as wikis (*sites* colaborativos de pesquisa) e as metodologias de pesquisa Webquests. Com base em questionários elaborados para medir a satisfação dos alunos e sua opinião sobre a utilidade das ferramentas no aprendizado,

¹ Doutora em Estudos Linguísticos (Estudos da Tradução) pela Unesp de São José do Rio Preto e tradutora pública e intérprete de conferências.
erika@traducao-interpretacao.com.br.

as autoras concluem que o principal ganho nos trabalhos desenvolvidos com aplicação de ferramentas da web estaria no fato de o aluno deixar de ser um mero “receptor” de conteúdos e assumir um papel ativo em seu aprendizado.

O papel das novas tecnologias na comunicação multilíngue é tratado no segundo capítulo, denominado “Herramientas de colaboración para la formación en Traducción e Interpretación: servicios de videoconferencia”, que enfoca como as estações de trabalho, definidas como um conjunto de ferramentas desenvolvidas para aumentar a produtividade tradutória, têm influenciado o modo como o tradutor trabalha e se comunica com clientes e outros profissionais de tradução. Esses ambientes incluem recursos de plataformas de ensino, como o Moodle e o WebCT, de programas de gestão de tradução, como o SDL Trados e o Projetex, e de serviços de videoconferência, como o Camtasia Studio e o Adobe Connect, que possibilitam o ensino presencial e à distância. Em sua conclusão, a autora reitera a importância das universidades em aplicar as novas tecnologias na formação do aluno, ampliando o acesso ao ensino à distância e tornando as aulas mais interativas.

Na sequência, o capítulo três, intitulado “Investigación terminográfica basada en corpus como propuesta metodológica: binomio alemán-español”, é dedicado a desenvolver um modelo metodológico que atenda às necessidades de formação discente para alunos do curso de Tradução e Interpretação que tenham o alemão como segunda língua. Sua proposta foi implementada, em um primeiro momento, pela pesquisa de quais ferramentas serviriam de apoio ao aluno para pesquisa terminológica, como motores de busca como o Google ou outros meios de pesquisa bibliográfica e documental. Concluída essa etapa, os novos conteúdos terminológicos foram organizados com o uso de ferramentas como o WordSmith Tools. Para o autor, aprender a compilar e gerenciar conteúdos terminológicos com o uso de ferramentas facilitaria a realização de trabalhos repetitivos e conferiria mais segurança à tomada de decisões pelo tradutor.

O capítulo quatro, “El texto multimodal audiodescrito como herramienta didáctica: el autoaprendizaje del léxico en una segunda lengua en traducción”, a autora explora o uso da audiodescrição – tradução audiovisual destinada a pessoas com deficiência visual – como ferramenta de trabalho para tradutores e instrumento didático para aprendizado de línguas estrangeiras em cursos de tradução. Por meio de exercícios temáticos de filmes, a autora conclui que a combinação texto e imagem é uma das formas mais fáceis de consolidação do aprendizado de uma língua estrangeira.

O último capítulo da primeira seção tem por título “El papel de la traducción en el proceso de enseñanza/aprendizaje de una lengua extranjera”. Esse trabalho busca resgatar o lugar que a tradução deveria ocupar, de acordo com o autor, na literatura de ensino de línguas estrangeiras, considerando-se

as frequentes referências que aprendizes fazem às suas línguas maternas. Os resultados de questionários apresentados a alunos de inglês como língua estrangeira indicam a preferência que esses têm pelo uso da tradução na dedução dos significados das palavras na língua estrangeira, o que, segundo o autor, sugere que a tradução pode constituir mais um instrumento para facilitar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

A segunda seção da obra apresenta quatro trabalhos que têm por tema a localização, uma indústria que, dado o seu crescimento exponencial nas últimas décadas, tem atraído o foco de pesquisas em tradução. O primeiro artigo, intitulado “Nuevos recursos de investigación en torno a traducción, tecnología informática y español: de ventanas, arañas y ratones”, comenta a presença maciça da internet nas sociedades modernas e chama a atenção para o poder desse meio de comunicação para a difusão da língua inglesa, considerada a língua-fonte da inovação tecnológica.

O capítulo sete, “Evaluación del modelo de *crowdsourcing* aplicado a la traducción de contenidos en redes sociales: Facebook”, discute a estratégia adotada por muitas empresas virtuais de aproveitar o potencial de usuários da internet para desenvolver projetos de diversas naturezas (*crowdsourcing*), em especial, traduções. Os autores analisam o trabalho de tradução do Facebook, uma das mais utilizadas redes sociais do mundo, que utiliza o modelo de *crowdsourcing* e oferece a seus usuários a oportunidade de traduzir seus conteúdos. O trabalho de tradução, nesse âmbito, é uma forma de entretenimento dos usuários embora, paralelamente, marginalize o trabalho de tradução, tanto no que se refere à baixa qualidade de produção quanto à inexistência de qualquer remuneração pelos serviços prestados.

No capítulo oito, denominado “Análisis de los recursos lingüísticos utilizados en los Sistemas Multilingües de Búsqueda de Respuestas”, os pesquisadores analisam os principais recursos e ferramentas úteis para o trabalho de recuperação de informações multilíngues. A tradução automática foi constatada como uma das ferramentas mais utilizadas. O aumento de sua adoção é justificado pelo fato de motores de busca, como o Google, por exemplo, preocuparem-se cada vez mais em criar páginas disponíveis nas línguas de seus usuários.

O último capítulo da seção relata o crescimento da comercialização internacional de videogames que, segundo os autores do trabalho “Investigar en localización de videojuegos: una realidad presente y una apuesta de futuro”, deve-se especialmente à tradução desses jogos para as línguas de seus mercados consumidores. Conforme relatado, os tradutores desses materiais contariam com total liberdade para realizar a adaptação linguístico-cultural dos jogos. O sucesso de vendas, assim, seria resultado do esforço em tornar a experiência do jogo compatível com as diferentes realidades culturais dos jogadores.

A terceira seção reserva espaço à pesquisa em tradução literária. Em “Jaime Clark’s Shakespearean translations: a comparative study of *La noche de Reyes*”, a autora apresenta uma análise preliminar das traduções de Shakespeare de Jaime Clark, um dos primeiros tradutores a traduzir do inglês para o espanhol a obra do Bardo. O olhar da pesquisadora volta-se para a amplificação dos versos traduzidos, uma das características mais marcantes do trabalho de Clark. Essa estratégia seria, na conclusão da pesquisadora, responsável por intensificar a dramaticidade e a tensão do texto, assim tornando-o mais atraente à cultura de chegada.

Lançando diferentes olhares na atividade tradutória – seja na formação de tradutores, na prática de localização ou na produção de tradução literária – os trabalhos reunidos nesta obra contribuem, em última análise, para o avanço das discussões na área, ao mesmo tempo em que abrem novas vias de investigação em uma disciplina em constante transformação.

GONZÁLEZ, Covadonga Fouces. *La traducción literaria y la globalización de los mercados culturales*. Granada: Editorial Comares, 2011. 209 p. (ISBN 978-84-9836-848-2)

Lauro Maia Amorim¹

O livro *La traducción literaria y la globalización de los mercados culturales* é uma proposta de análise do papel da tradução literária no crescente processo de internacionalização dos mercados culturais em todo o mundo, e, em especial, no continente europeu. González sustenta que, no contexto da globalização, assistimos ao avanço do mercado mundial de bens culturais, no qual a tradução funciona como mediadora da circulação dos saberes. Na obra, destaca-se a importância de se avaliar a assimetria do fluxo de livros traduzidos entre as diversas línguas, e se explicar os papéis desempenhados pelas traduções literárias nesse processo. É exemplar o caso da tradução para a língua inglesa, que envolve, segundo González, uma forma de transferência simbólica de poder, pois quando um livro escrito em uma língua periférica é traduzido para uma língua central, ocorre uma transferência de legitimidade na medida em que a obra passa a adquirir importância em um nível internacional. A transferência simbólica, no entanto, pressupõe uma transferência econômica, geralmente priorizada pelas editoras em detrimento da valorização da diversidade cultural e literária. A pesquisa desenvolvida por González, voltada para a análise do fluxo de traduções literárias no continente europeu, tem como fundamentação teórica a reflexão desenvolvida pelos Estudos da Tradução (*Translation Studies*) em torno da teoria dos polissistemas literários e das relações entre literatura, poder e tradução que se efetivam com a influência do mecenato e das hierarquias de poder existentes no espaço da produção e da circulação de traduções literárias no contexto globalizado.

¹ Professor Assistente Doutor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São José do Rio Preto. Endereço eletrônico: lauromar@ibilce.unesp.br

González sublinha que na primeira fase dos Estudos da Tradução, situada nos anos setenta e marcada pela influência dos formalistas russos, buscou-se estudar o modo como a tradução poderia representar as condições que propiciavam a manutenção da literariedade do texto original, preservando, por exemplo, o seu “estranhamento” no texto traduzido. Na segunda fase, porém, teria ocorrido uma mudança de foco, com a união entre os Estudos da Tradução e a teoria dos polissistemas: enquanto aqueles enfatizavam a capacidade do tradutor em produzir um texto capaz de exercer influência nas convenções literárias de uma determinada sociedade, os proponentes da teoria dos polissistemas supunham que as normas e convenções literárias da cultura receptora informam as decisões do tradutor. Com isso, passou-se a dar importância ao fato de que os tradutores não trabalham em uma situação idealizada, sendo marcados por interesses culturais, literários e econômicos. Nesse sentido, aspiram que seu trabalho seja aceito na cultura de chegada, manipulando, assim, o texto original para adequá-lo a esse objetivo.

A busca pela aceitação da tradução corresponde à adequação às condições de legitimidade geradas pelas instituições ligadas ao mercado. Essas condições se relacionam com o mecenato (*patronage*), termo concebido por André Lefevere para definir as pressões exercidas por forças institucionais, como as editoras e o sistema educacional, capazes de influir na promoção das obras literárias ao definirem certos textos como canônicos em detrimento de outros. A promoção das obras literárias também está condicionada pelo trabalho de divulgação dos profissionais da literatura, tais como críticos, resenhistas, tradutores e professores. De acordo com González, o sistema econômico caracterizado pelo capital transnacional é tomado por um sistema cultural dominado por um mecenato pós-capitalista, em que a concentração editorial ameaça a existência da diversidade cultural em nome da uniformização comercial. O sistema cultural, nesse caso, não seria empobrecido por uma censura ideológica oriunda de governos totalitários, mas pela censura do dinheiro.

González ressalta a noção, proposta pelo sociólogo Bourdieu, de mercado simbólico, com o qual os grupos de poder constroem estratégias persuasivas com o intuito de organizar um consenso sobre seus produtos, promovendo seus próprios modelos culturais por meio do discurso da publicidade. No contexto do mundo literário, a tradução se converte em uma importante instituição de consagração, de modo que, para as línguas de chegada não hegemônicas, ela se torna o que González denomina *intradução*, já que importa grandes textos universais permitindo o acesso a modernidade atribuída às culturas dominantes. Por outro lado, pela perspectiva das línguas-fonte hegemônicas, efetiva-se a *extradução*, que supõe a difusão internacional do capital simbólico central. Uma vez que a tradução de escritores de línguas não hegemônicas para línguas centrais pressupõe um processo de consagração, a passagem de uma língua para outra se converte em um movimento de *literarização*, que, segundo Pascale

Casanova, ao representar uma operação de tradução para uma língua dominante, um texto procedente de uma região sem tradição literária busca se impor como produto literário junto às instituições legitimadoras. González salienta que, apesar dos benefícios que a tradução proporciona aos autores das periferias, a atividade das instituições consagradoras é ambígua, tanto positiva quanto negativa, porque os grandes consagradores reduzem as obras de outras culturas a suas categorias de percepção, elevadas a normas universais, mitigando, assim, todo contexto histórico, cultural e literário. Desse modo, González considera a categoria “universal” como uma das invenções mais diabólicas do sistema cultural hegemônico, pois em nome da negação de uma estrutura conflituosa e hierárquica, ostenta-se o monopólio do universal, supostamente acessível a todos desde que possa ser regulado por normas estipuladas pelos centros culturais. Como consequência, textos traduzidos para o francês, por exemplo, pressupõem a autoridade cultural de Paris como a capital desnacionalizada da literatura, na medida em que ela desnacionalizaria os textos para adequá-los a sua própria concepção de arte literária universal. González argumenta, por exemplo, que para os escritores hispano-americanos, a França é a porta de entrada para a Europa. Primeiro são traduzidos para o francês, e, após terem alcançado Paris, são traduzidos para o alemão e para o inglês. Entre os autores espanhóis, os mais antigos seguem o modelo francês, enquanto os escritores mais jovens, que começaram a publicar a partir dos anos 90, se enquadram no modelo alemão, sendo primeiramente traduzidos para essa língua antes de serem vertidos para o francês, e, em seguida, para o inglês.

Após refletir sobre os dados relativos ao fluxo de traduções na Europa, González considera que o mercado linguístico mais aberto à tradução de obras estrangeiras é o francês, e o mais fechado, o inglês, enquanto o alemão ocupa uma posição intermediária. O mercado alemão passa a ter um papel importante a partir do início da década de 1990, quando se transforma em motor cultural da Europa. O número de obras literárias que são traduzidas primeiramente para o alemão e a presença em seu território da Feira do Livro de Frankfurt, em que editoras internacionais negociam a compra/venda de direitos autorais, confirmam a vitalidade cultural do país. O autor conclui chamando a atenção para o papel central dos meios de comunicação na indústria editorial e para a necessidade de que eles sejam levados em consideração no momento de se criarem políticas de tradução que possibilitem a promoção das literaturas minoritárias.

Embora em vários momentos do livro o autor retome aspectos teóricos, como aqueles relacionados à teoria dos polissistemas, e reafirme posições de um modo um tanto repetitivo, o livro é uma iniciativa relevante no sentido de explorar os bastidores da produção editorial da literatura internacional traduzida e o papel crucial que a tradução desempenha em um mercado literário globalizado, no qual se travam disputas acirradas pela visibilidade autoral e comercial nos centros hegemônicos de produção cultural.

BARROS, Luizete Guimarães; DIAS, Eva Christina Orzechowski. *Língua Espanhola V: Fonética e fonologia. Curso de Letras Espanhol na Modalidade a Distância. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2010, 272 p.*

BARROS, Luizete Guimarães et al. *Língua Espanhola VI. Curso de Letras Espanhol na Modalidade a Distância. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011, 228 p.*

Mônica Ferreira Mayrink O’Kuinghttons¹

O avanço no uso de tecnologias no ensino de línguas e o aumento de propostas de cursos na modalidade a distância têm sido constatados nos últimos anos não somente como uma resposta às novas tendências da sociedade contemporânea, mas também, de forma mais particular, como um modo de atender às orientações dispostas em documentos oficiais, dentre os quais destaco as *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Letras*. O documento salienta o papel da Universidade como uma “instância voltada para atender às necessidades educativas e tecnológicas da sociedade” (BRASIL, 2001: 1). Nessa perspectiva, observou-se, nos últimos anos, uma tendência à inovação das propostas curriculares dos cursos de Letras, que procuraram desenvolver diferentes abordagens e modalidades pedagógicas com o objetivo de abrir espaço para um exercício de reflexão sobre diferentes temas, tais como as novas formas de aprender e os materiais de ensino apropriados para elas, o papel do professor e do aluno no processo de ensino/aprendizagem à luz da diferentes metodologias,

¹ Doutora. Universidade de São Paulo. momayrink@usp.br.

os instrumentos de avaliação e autoavaliação ou, ainda, as mudanças no âmbito das novas tecnologias da comunicação e da informação (NTIC).

Os livros que tenho em mãos são resultado da iniciativa de uma equipe de docentes-pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que, diante do desafio de desenvolver propostas inovadoras para a formação de professores, elaboraram um material didático para seus cursos de Letras - Espanhol a distância. Trata-se de dois volumes de uso exclusivo e gratuito dos alunos de EaD dessa instituição, infelizmente não disponíveis no mercado. Cada um dos volumes se destina a um trabalho no período de um semestre, seguindo a mesma estrutura curricular do curso presencial da UFSC, e correspondem a uma reflexão de natureza prioritariamente teórica que se instala a partir do quarto semestre de curso assim organizado: Espanhol 4 (Morfologia), Espanhol 5 (Fonética e Fonologia), Espanhol 6 (Sintaxe da Oração), Espanhol 7 (Sintaxe do Período) e Espanhol 8 (Tradução). O material aqui referido – *Espanhol V (Fonética e Fonologia)* e *Espanhol VI (Sintaxe da Oração)* – corresponde somente a um dos recursos oferecidos ao aluno durante seu *Curso de Licenciatura de Letras Espanhol na Modalidade a Distância*, uma vez que ele tem, também, acesso à Plataforma Moodle, ambiente virtual de aprendizagem em que estão alocadas as disciplinas, e que permite que os estudantes desenvolvam atividades a distância e realizem leituras complementares àquelas disponibilizadas nos livros de referência teórica. Além disso, é por meio da plataforma que os alunos recebem orientações dos tutores quanto às tarefas a serem realizadas e aos prazos para sua elaboração.

Os volumes aqui apresentados constituem o eixo sobre o qual todo o trabalho pedagógico é articulado no curso a distância. Têm como objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma postura autônoma por parte do estudante, e, nesse sentido, a linguagem utilizada, embora predominantemente marcada pela abordagem teórica dos conteúdos linguísticos de que trata o material, abre espaço para o tom de diálogo que aproxima o leitor-aluno do autor-professor. Desse modo, o estudante é motivado a refletir sobre os conteúdos apresentados e a ampliar seus estudos por meio da consulta a outras referências bibliográficas pertinentes indicadas pelas autoras ao longo das unidades. No entanto, esse diálogo não termina aí, uma vez que o curso a distância ao qual se vincula o material prevê, também, a realização de videoconferências – aulas virtuais mensais – em que tutores e professores atendem às dúvidas dos estudantes. A fim de ampliar os espaços de interação face a face entre professores e alunos, realizam-se, ainda, uma vez por semestre, aulas presenciais ministradas pelos professores das diferentes disciplinas que compõem o curso.

No que tange à sua organização, o volume *Língua Espanhola V* está dividido em sete unidades (Unidad A a H). Na primeira, as autoras abordam o tema geral do livro – Fonética e Fonologia – definindo ambos conceitos e apresentan-

do outros a eles associados. Na Unidad B, tratam das propriedades do som no âmbito da fonologia suprasegmental, estabelecendo uma relação entre a fonética, a música e a poesia. Na Unidad C, descrevem as características do aparelho fonador e apresentam ao aluno a classificação dos sons quanto ao modo e ponto de articulação. Na Unidad D, o estudante encontra uma descrição dos sons vocálicos, seguindo uma abordagem comparativa entre o espanhol e o português. Os fonemas consonantais são apresentados e descritos na Unidad E. Desse ponto, passa-se, na Unidad F, ao estudo da sílaba, que já abre espaço para o trabalho com a acentuação fonética e ortográfica (Unidad G). Finalmente, a última unidade do livro aborda o tema da variação dialetal no mundo hispânico, tratando do *seseo*, *ceceo* e *yeísmo*.

O livro *Língua Espanhola VI*, por sua vez, tem como foco a Sintaxe da Oração e se divide em oito capítulos. A Unidad A define sintaxe e o conceito de oração. A Unidad B trata sobre o sujeito, e as unidades seguintes, C e D, abordam o tema do predicado verbal e nominal, respectivamente. A Unidad E discute os *verbos de cambio*, e o complemento circunstancial é tratado na Unidad F. As duas últimas unidades, G e H, enfocam, respectivamente, as perífrases verbais e o complemento verbal. Diferentemente do livro anterior, este apresenta ainda uma seção específica com as respostas aos exercícios das unidades.

Conforme já se mencionou, os livros apresentam propostas de atividades que são complementadas por outras oferecidas na Plataforma Moodle. As atividades orais são realizadas via Skype, e os alunos participam também de *chats*, gravam diálogos e leitura de textos para apresentar aos seus tutores e aos professores, filmam cenas em duplas ou em grupo e compartilham seus trabalhos com os colegas nos encontros presenciais.

Desse modo, o material didático aqui apresentado, inserido no contexto particular que o caracteriza, abre espaço para que os estudantes vivenciem não somente a experiência de construir novos conhecimentos linguísticos, mas também atitudes, modelos didáticos e modos de organização que poderão interferir positivamente na sua futura prática pedagógica (cf. BARROS; BRIGHENTI, 2004). Nesse sentido, afirma-se a relevância de se propiciar ao estudante de Letras, futuro professor de línguas, a oportunidade de vivenciar o uso das NTIC em seu processo de aprendizagem, uma vez que essa experiência poderá colaborar positivamente na sua formação docente para o uso da tecnologia.

Referências Bibliográficas

BARROS, D. M. V.; BRIGHENTI, M. J. L. Tecnologias da informação e comunicação & formação de professores: tecendo algumas redes de conexão. In RIVERO, C. M. L.; GALLO, S. (Org.). *A formação de professores na sociedade do conhecimento*. Santa Catarina: EDUSC, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto; Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Letras*. Brasília, DF: 2001. (Parecer CNE/CES 492/2001 de 3 de abril de 2001).

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
—que é uma questão
de vida ou morte—
será arte?

Traducirse

Una parte de mí
es todo el mundo;
otra parte es nadie:
fondo sin fondo.

Una parte de mí
es multitud;
otra parte extrañeza
y soledad.

Una parte de mí
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Una parte de mí
almuerza y cena;
outra parte
se aterrera.

Una parte de mí
es permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Una parte de mí
es vértigo apenas;
outra parte,
lenguaje.

Traducir una parte
en otra parte
—que es una cuestión
de vida o muerte—
¿será arte?